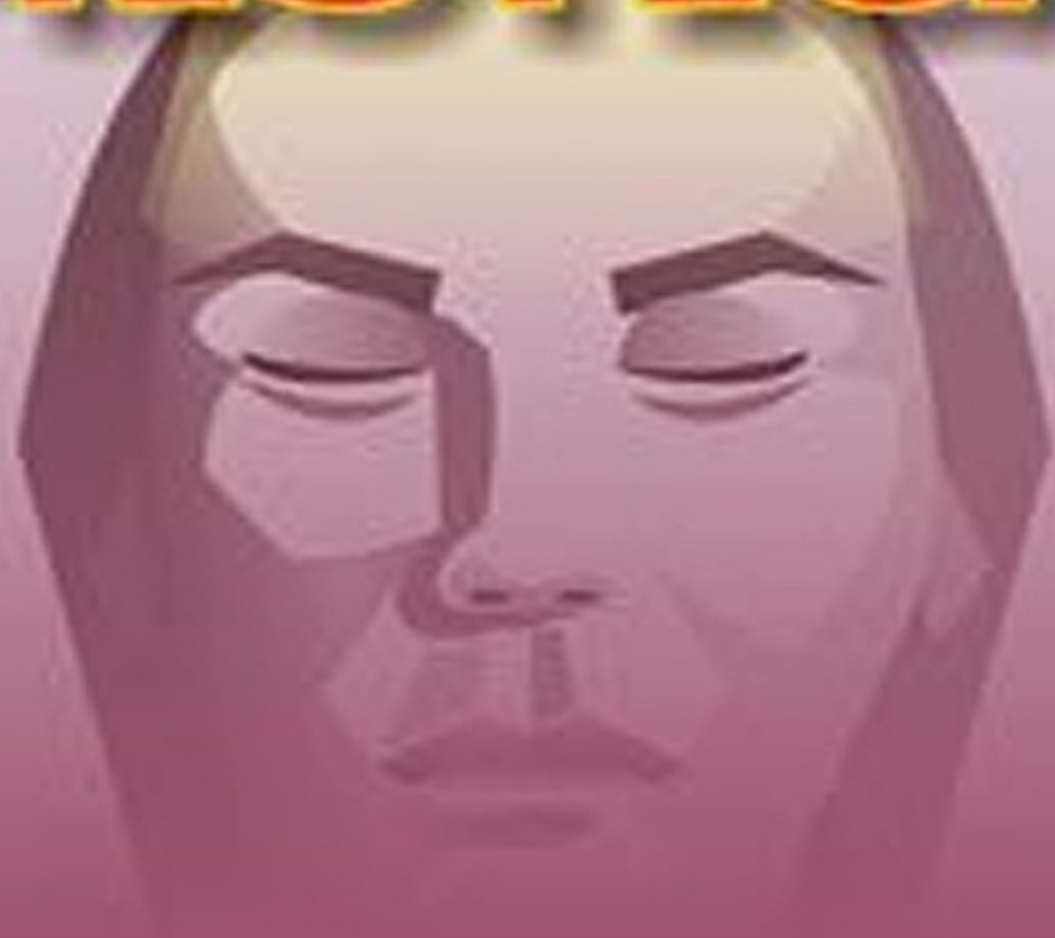


ASCESE MÍSTICA



PIETRO UBALDI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ASCESE MÍSTICA

Autor: PIETRO UBALDI

Tradução: Rubens C. Romanelli

Clóvis Tavares

Jerônimo Monteiro

ÍNDICE

Primeira Parte - O FENÔMENO

- I — Situação do Problema
- II — Evolução da Mediunidade
- III — Mediunidade - Metafania - Misticismo
- IV — A Catarse Mística e o Problema do Conhecimento
- V — Objetivismo e Subjetivismo
- VI — O Método da Unificação
- VII — Estrutura do Fenômeno Místico
- VIII — Corolários — Fé e Razão
- IX — Diagrama da Ascensão Espiritual
- X — Primeiro Aspecto — Planos de Consciência
- XI — Segundo Aspecto - Expansão de Consciência
- XII — Terceiro Aspecto - Consciências Coletivas
- XIII — Ego Sum Qui Sum
- XIV — Da Terra ao Céu
- XV — Metodologia Mística
- XVI — A Noite dos Sentidos
- XVII — A Unificação
- XVIII — Incompreensão Moderna
- XIX — O Subconsciente
- XX — O Superconsciente

Segunda Parte - A EXPERIÊNCIA

- I — Em Marcha
- II — Nas Profundezas
- III — Dor
- IV — Ressurreição

- V — A Expansão
- VI — A Harmonização
- VII — A Unificação
- VIII — A Sensação de Deus
- IX — Cristo
- X — Amor
- XI — A Redenção
- XII — Ascese da Alma
- XIII — Minha Posição
- XIV — Momentos Psicológicos
- XV — Irmão Francisco
- XVI — Visão da Catedral Gótica
- XVII — Profetismo
- XVIII — Os Assaltos
- XIX — Tentação
- XX — Inferno
- XXI — Queda da Alma
- XXII — Mea Culpa
- XXIII — Cântico da Unificação
- XXIV — Bem-Aventuranças
- XXV — Cântico da Morte e do Amor
- XXVI — Paixão

Primeira Parte

O FENÔMENO

I

SITUAÇÃO DO PROBLEMA

Analisarei neste volume o fenômeno da ascese mística. Dispensar-me de novamente situá-lo no campo cultural e no momento psicológico moderno, visto como o apresento em seu duplo aspecto de fenômeno científico e de fenômeno espiritual, como seqüência lógica e vivida do fenômeno inspirativo, já amplamente analisado no precedente volume¹. Quem o tiver lido, nele terá encontrado o duplo pretexto desta continuação, seja no campo científico, seja no campo

¹ As Noúres, obra do mesmo Autor já publicada em português por esta Editora. (N. do T.)

espiritual. E para responder objetivamente, ou por outra, quase fotograficamente, à realidade do fenômeno, tal qual foi por mim vivido, aqui o analisarei e aprofundarei, sob dois aspectos decorrentes de duas psicologias diversas, que, embora hoje consideradas opostas, são para mim equivalentes: a ciência e a fé.

Servirá isto para demonstrar sua identidade substancial em todos os campos e, principalmente, em face deste tão discutido e controverso fenômeno místico; servirá igualmente para evidenciar que já devem ser tidos por superados certos antagonismos ultimamente tão agudos e transformados em sementes de dolorosas cisões da unidade do pensamento e da fé. E, quando eu tiver feito convergir para as mesmas conclusões as extremas e opostas atitudes do pensamento humano, minha concepção interpretativa, baseada na realidade por mim muito intensamente sentida, terá solidez de verdade universal e poderá ser considerada novo fundamento que, no meu permanente anseio de realizar o bem, terei conseguido lançar para a construção do edifício do conhecimento. Ouso esperar isso, não somente como fruto do imenso trabalho interior em que me tenho amadurecido, por fatalidade da lei de evolução, superior aos méritos meus e à minha própria vontade, senão também porque este mesmo estudo constitui, para mim, tão alto coroamento de minhas precedentes sínteses, que as posso resumir e levantar todas para aquilo que eu poderia chamar minha mais alta síntese conceptual, de paixão e de vida. O fenômeno místico é, de fato, animado por um dinamismo tão potente e profundo, feito de maturações e superamentos interiores tão substanciais e anelante de ímpetos tão excelsos, que deve ser necessariamente considerado no vértice das aspirações da inteligência e do coração.

O precedente estudo, a que já me reportei, conquanto seja aparentemente exaustivo e definitivo, mais não é do que a preparação deste, assim como o fenômeno da mediunidade inspirativa, nele descrito, não foi, para mim, mais do que uma fase de vida. Nesta nova fase, parecem levantar-se, como num turbilhão, todas as potências da alma humana, e eu, através de minha exposição, guiarei o leitor, que me seguiu até aqui, ainda além da sensação viva da vertigem arrebatadora que me tem golpeado nos meus estados supranormais de visão e de êxtase. Afirmei que isso é **continuação** de precedentes fases do fenômeno, razão pela qual neste escrito devo referir-me necessariamente ao volume em que estas são descritas. Declarei que se trata de fenômenos por mim vividos, pelo que sou compelido a falar ainda de mim. Se isso é deselegante, é todavia garantia de objetividade, porque minha análise toca, também aqui, assim como nas fases já examinadas, uma realidade que, embora interior, me é perfeitamente acessível. Conquanto pessoal e objetiva, dela pude abstrair-me nitidamente, submetendo-a a estudo metódico, analítico e científico.

Somente numa segunda parte o fenômeno místico é apresentado em seu aspecto espiritual, religioso e ideal, tal qual o foi, de modo quase sempre exclusivo². Ele se distingue, pois, dessa comum nomenclatura, vaga e imprecisa, e é definido em suas linhas fundamentais de fenômeno de evolução biológica, levada até o campo do mais alto psiquismo. Encarado assim, sob a forma de caso vivido, o fenômeno, conquanto pareça circunscrito ao subjetivismo de minha consciência individual, apresenta-se, sem dúvida, não somente na solidez de uma realidade experimental, senão também nos limites de uma verdade universal, porquanto eu o concebo e encaro, em concordância com minha orientação filosófica e científica, constantemente seguida, como fase da humana e normal evolução biológica, embora seja aqui continuada e projetada até os superiores

² Segunda parte do presente volume - "A Experiência". (N. do T).

níveis da ascensão espiritual. Verdades, pois, universais estas de que trataremos, linhas fundamentais do desenvolvimento fenomênico, que é lei das coisas, realidade objetiva situada além do relativo, no absoluto, realidade profundamente humana, tecida de lutas, de dores e de conquistas.

Grande vantagem esta de poder operar sobre uma realidade psicológica, para mim experimental, e sobre uma verdade que é universal: são estas duas bases de nosso estudo, bastante sólidas, que compensam quanto poderiam opor-me como defeito, isto é a contínua necessidade de falar de mim, assim como de minha precedente produção literária. A esta devo, contudo, indispensavelmente reportar-me, porquanto dela resultam as primeiras fases da maturação do fenômeno espiritual por mim vivido. É imprescindível, para compreendê-lo no caso concreto em que o analiso e apresento, recorrer, como preparação e explicação, ao meu passado, que o contém, em germe, e do qual ele se desenvolveu. Não saberia estabelecer diversamente os termos deste estudo, até porque somente quem tem experimentado determinadas sensações e emoções possui a palavra suficientemente vibrante para exprimir o inefável.

Perdoem-me semelhante ostentação, forçoso como é reconhecer quanto é ela inevitável. Perdoem-me se ela parece chegar até uma confissão desapiedada de todo o meu ser, até a intimidade mais recôndita, confissão que proporcionará ao leitor aquela mesma sensação que provo, feita de sacrifício e de holocausto, ao invés de vão exibicionismo. Doação de mim mesmo, para o conhecimento e solução dos mais árduos problemas da ciência e da fé, implícitos no espírito, problemas do mundo, não somente em sentido evolutivo, mas também histórico, porque místicos sempre os houve, em todos os tempos e em todos os países. A ressonância que minha alma encontra na de tantos místicos e aquela que a deles encontra na minha, a comunhão de fé, de experiências e de metas espirituais, a universalidade histórica de fatos e fenômenos vividos ampliam meu pobre caso para além dos limites de um subjetivismo que, evidentemente, já não se acha circunscrito em mim, mas transborda para além das fronteiras de minha personalidade

Espero haver, assim, justificado a posição em que situo o problema místico, que aqui se compensa com dois sólidos pontos de apoio e, todavia dois pontos de relativa debilidade.

II

EVOLUÇÃO DA MEDIUNIDADE

Coloco, assim, o fenômeno místico na seqüência evolutiva do fenômeno inspirativo. Precisemos, pois, com maior exatidão.

Em meu livro precedente, classifiquei em várias fases a mediunidade que tenho considerado um fenômeno em evolução, momento e expoente da maior evolução biológico-humana, a qual, superadas as formas orgânicas se aventura hoje, desmaterializando-se progressivamente, nas

formas psíquicas. Aqui não demonstro, mas apenas relembro esta evolução biológico-psíquica, alhures já por mim exaustivamente tratada³.

Em seu primeiro nível inferior, o fenômeno mediúnico manifesta-se em forma física, de efeitos materiais. Em plano mais alto, aparece uma mediunidade superior, mais evolvida, de efeitos mentais. Formas demasiado conhecidas, para que nelas eu insista. Se, em seu primeiro nível, a mediunidade intelectual é simples mediunidade passiva e inconsciente, em que vontade e consciência do médium se afastam do fenômeno, como elementos estranhos e inúteis, chegando por evolução a nível mais elevado, transforma-se em sentido ativo e consciente, no qual, como tenho demonstrado, a consciência do médium está desperta e do qual é parte integrante. Em verdade, ocupei-me longamente dessa mediunidade inspirativa, isto é, mediunidade intelectual ativa e consciente, limpidamente operante na viva personalidade do sujeito. Delineei a lei de ressonância do fenômeno, pela qual, entre o centro de emanção, transmissor, individualizável como **noúres** ou correntes de pensamento, e a consciência desperta do médium, pode estabelecer-se, pela sintonia de vibrações, uma comunicação, que é base da recepção inspirativa.

E, neste ponto, havia-me detido, porque ontem este constituía o último termo de minha realização; mas, já não o é hoje. Aquelas afirmações continham, porém, as razões para esta continuação.

A mediunidade inspirativa⁴ já é imensamente superior à comum mediunidade passiva e inconsciente, porque vem a ser ativa e tende a fixar-se na personalidade do médium, como sua normal emanção. Mas, não pode o fenômeno interromper aqui o seu desenvolvimento. Certo, ele nos levará para altitudes vertiginosas, sobretudo para a ciência que não está acostumada a tratar de fenômenos cuja progressão evolutiva os leva a uma normal desmaterialização, que os subtrai à comum percepção sensorial e psíquica; progressão que os leva a desvanecer-se aparentemente num mundo que, por imponderável, é contestado pela ciência. Mas, esta não constitui razão bastante para que eu deva deter-me, máxime quando em mim encontro o guia de uma experiência vivida. Prossigamos, portanto, ainda, como durante um ano prosseguiu em mim o fenômeno; releguemos ao passado aquela fase conhecida e superada e aventuremo-nos na zona superior de evolução do fenômeno mediúnico inspirativo.

Temos visto que os dois termos do fenômeno inspirativo, à semelhança de uma transmissão-recepção radiofônica, representam o centro emanador e a consciência do médium, receptora e registradora. Os dois termos são distintos, embora comunicantes, isto é, ligados por fenômeno de ressonância. A captação nouírica baseia-se nesse princípio, ou seja, no estado de sintonia ou harmonização vibratória, que se alcança mediante duas recíprocas aproximações: primeiro, a entrada na fase de superconsciência por parte do eu do médium que se põe em tensão; em outros termos deslocamento ascensional de seu centro, ao longo da escala evolutiva das dimensões, até a mais alta fase psíquica e superconsciência; segundo, descida ao longo da mesma escala evolutiva, isto é, involução de dimensão conceptual por parte do centro emanador e de sua

³ Em A Grande Síntese (passim) e As Noúres (N. do T.)

⁴ Os que estiverem habituados a denominar estes fenômenos com outra nomenclatura, a menos que substituam a palavra pelo conceito e a forma pela substância, saberão igualmente, estou certo, compreender, ainda que as expressões por mim adotadas sejam insólitas para eles. (N. do A.)

irradiação, de modo que, através de recíproca propensão de um para outro, seja possível o encontro e o amplexo dos dois termos.

Tendem essas faculdades mediante contínuo exercícios a estabilizar-se, desde a zona instável de fadiga e de conquista, até a zona de assimilação, completada na personalidade do médium, isto é, até a zona de instinto e qualidade normal (automatismo).

Forma-se um hábito da consciência, através da respiração sutil nas zonas rarefeitas dessa estratosfera do pensamento. A aproximação dos dois termos tende assim a tornar-se cada vez mais estreita, mais constante, mais normal. Com o andar do tempo, a sintonização vibratória estabiliza, por constante repetição, aquele estado de afinidade entre transmissor e receptor, que é simpatia e atração, estado reconhecidamente básico, sobre o qual tanto insisti no estudo do fenômeno da recepção nouírica.

Evidente é o resultado deste processo. Contém ele um campo de forças convergentes para o mesmo ponto que deverá necessariamente, ser tocado, ou antes, ou depois. A comunicação anormal do pensamento tornar-se-á na consciência do **metafânico** uma espécie de educação e, conseqüentemente, de hábito para viver em superior zona espiritual, onde tenderá a normalizar-se, em forma cada vez mais estável, o equilíbrio de seu novo **peso específico** psíquico. E a comunhão não lhe estabilizará somente as vias, mas dilatar-lhe-á as fronteiras; se antes invadia somente as zonas da inteligência e era somente luz resplandecente, porém fria, inundara agora as zonas do coração e será também calor que inflama de paixão.

Extremamente férvido de maturações é, pois o fenômeno e intensamente ativo é o Alto na transfusão de forças para a transumanização do ser. Tende pois para uma gradual, progressiva e total elevação, de si para si da consciência receptora, de todo o eu humano do sensitivo, com todos os seus recursos e potencialidades. Daí resulta um como incêndio que reduz a cinzas o homem velho e o faz ressurgir em forma completamente nova, em que se apresentam totalmente renovadas a concepção, a orientação psicológica e a visão do fenômeno e de suas leis.

Vemos, assim, o fenômeno da mediunidade inspirativa amadurecer e transformar-se, naturalmente, por lógico desenvolvimento, naquilo que se pode chamar, em seu primeiro tempo, **metafania** mística, no sentido de recepção cada vez mais total, isto é, de emanações, não mais exclusivamente conceptuais, mas também afetivas etc. A medida, porém, que esse fenômeno se encaminha para sua maturação, transcende de tal modo o simples fenômeno inspirativo, num arrebatamento de todo o ser, que acaba por se encontrar diante deste, como a luz solar diante da luz lunar.

Tal é o fenômeno místico de que agora nos ocupamos.

III

MEDIUNIDADE - METAFANIA - MISTICISMO

Entraremos, mais adiante, nos pormenores deste desenvolvimento. Basta-nos, por agora, traçar as linhas de orientação. A sucessão destas fases não a apreendi de livros, que não leio, ou de textos, que não consulto, mas de minha experiência direta. Quis conservar aqui minha virgindade de pensamento, permanecendo em contato direto e exclusivo com o fenômeno, da maneira que depois a eventual coincidência com os resultados de outros estudos e de outras experiências se tornasse, para mim e para os outros, mais surpreendente e comprobatória.

Fica assim definida a amplitude do fenômeno da ascese mística, objeto deste estudo, que pode ser expressa nestes termos e ser compreendida dentro destes limites: por ascese mística entendo o desenvolvimento do fenômeno psíquico, desde a fase de metafania lúcida ou de inspiração consciente, até a sua fase de misticismo que se consuma com a unificação integral entre receptor e transmissor. O presente estudo, assim como minha experiência, que lhe serve de guia, move-se entre esses confins.

A essência do fenômeno consiste sempre na universal e insuprimível evolução do espírito. Mas, certo é que nesses níveis o simples fenômeno mediúnico se espalha sobre tal mar de conquistas e de grandiosas afirmações, que aquele fio de revelação supranormal e primeiro lampejo de transparências transcendentais, que é a simples metafania, se perde na vertigem de luz, que é o estado místico, de tal modo que, longe de diminuir a personalidade na inconsciência, a arrebatada consciente até o superconcebível. Ouço a voz interior exprimir-se num cântico de harmonias universais: — “Contempla, — diz-me a voz, — a substância espiritual das formas do ser. O todo é um turbilhonar de esferas. Este movimento representa a mais doce música, a mais maravilhosa harmonia de luzes, a mais gigantesca construção, na mais ampla exatidão de relações, e é também cântico de conceitos e sentimentos. Observa e, na harmonia deste amor infinitamente múltiplo, esquece a dissonância de tua dor que se encontra fechada no tempo. Deixa teu espírito explodir, além de todas as medidas, no incomensurável, além de todos os limites, no infinito, além de todos os ritmos menores, no ritmo divino do todo. Verás e ouvirás. Toda alma é feita para ver e ouvir.”

“Repara. Os seres dividem-se e reúnem-se, segundo hierarquias. Cada qual se põe, por virtude de seu peso específico, em seu nível natural, inviolavelmente. Eles se vêem e se falam e se escutam. Vozes e luzes, de plano a plano, descem e sobem: porque o Alto tem sede de se dar, como o plano inferior tem sede de ajuda. Esta é a Lei, imperante em toda parte e em todo nível. Assim, tudo se distingue por individualizações inconfundíveis e tudo volta a reunir-se e irmanar-se na mesma luz e no mesmo cântico. Ao apelo do fraco responde um eco bondoso; graças à bondade do Alto, há sempre uma dádiva por fazer. Auxiliar-se reciprocamente, eis a lei.”

“A luz irradia do Centro e transparece de esfera a esfera, através dos seres que a compõem. O metafânico é alma desperta à escuta e ouve aquilo que para os outros é silêncio. Conceito, harmonia e potência consubstanciam aquela luz; ela é sinfonia do pensamentos e ações, é também corrente de amor e de força a enxertar-se no espírito, que é a causa única da vida. E reforça as motivações e fecunda vossas obras.”

A percepção nouírica é um contato com a irradiação divina, que é a linfa vital do universo.

“Por isso, digo-vos: Escutai e purificai-vos, para que tudo seja ascensão. Não ausculteis vãmente, por simples curiosidade, porque sagrada é a voz do Alto. Não dissipéis a potência substancial da vida. Sirva-vos tudo isso para subir. Jamais atendais às tristes vozes dos planos inferiores, a não ser para ajudar a sofrer e a subir.”

“A lei de ascensão moral, conduzida através da bondade e do amor, é a lei do centro, que por ela sustém o universo.”

Relembro aqui as palavras de Goethe a Eckermann: “Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção jamais procedeu do homem, mas emanou de uma fonte ultraterrena. Portanto, o homem deveria considerá-la um dom inesperado do Alto e aceitá-la com gratidão e veneração. Nestas circunstâncias, o homem é somente o instrumento de uma Potência superior, semelhante a um vaso julgado digno de receber um conteúdo divino.”

* * *

Sentiremos, depois, mais de perto, o incêndio daquelas sublimações de espírito, pelas quais se passa da fase de inspiração consciente à de unificação mística. Mas é necessário, antes, compreender e explicar racional e cientificamente o fenômeno. Antes de abandonar-se ao impetuoso lirismo da visão, é necessário seguir o fenômeno em cada uma de suas manifestações, apreendê-lo, em sua realidade nua, com as tenazes do analista. Cumpre, antes de tudo, dar completa satisfação à razão.

Na evolução do fenômeno mediúnico, do plano físico ao plano psíquico inconsciente, depois consciente, até a unificação mística com a fonte, é nota fundamental a progressão de consciência, de intervenção da vontade e, ao mesmo tempo, de desmaterialização. E nela se encontra uma progressiva conquista do fator moral, uma ascendente realização de acrisolamento espiritual, uma transformação em peso específico, cada vez mais livre e mais leve. Todo o vasto fenômeno da evolução da mediunidade se conjuga, assim, em suas zonas de desenvolvimento, através de características constantes. Enquanto a mediunidade de efeitos físicos se move prevalentemente por força de causas barônticas⁵ e com técnica ectoplasmática, e a mediunidade intelectual inconsciente pode abrir-se por todas as portas e fazer-se órgão de recepção de todo pensamento, desde o mais nobre até o mais vil, assistimos aqui a um processo de progressiva purificação do fenômeno e do médium. Na recepção inspirativa consciente, o fator moral, como tantas vezes tenho insistido, ocupa o primeiro plano e no misticismo não constitui somente condição prevalente, mas absoluta e irrevogável, tanto que ele representa o vértice da perfectibilidade moral e religiosa. O fenômeno transborda, pois, em suas mais altas maturações, além dos limites das possibilidades e da competência da ciência, no campo da fé e da religião. Para mim, todavia, não existe antagonismo, a não ser de relatividade de perspectivas e de unilateralidade de pontos de vista. Devemos, contudo, elevar a ciência ao nível da fé e empreender, sem transviar-nos, a penetração nos domínios do supersensório. É chegada a hora de estes antagonismos entre ciência e fé, hoje destituídos de sentido, porque filhos de visões unilaterais e de momentos históricos superados, caírem para sempre, relegados ao passado, assim como caem todas as coisas superadas.

⁵ Neologismo formado de elementos gregos: "baros (gr. báros, ous) - pesado, denso, e "ontos" (gr. òn, òntos) - ser, entidade. Barônticas: provenientes de Espíritos de constituição densa (Entidades inferiores) Esse problema de correntes barônticas é amplamente explanado no livro *As Nôures*, do mesmo Autor e já republicado por esta Editora. (N. do T.)

O fenômeno místico deixa assim para trás, na via das ascensões humanas, os fenômenos mediúnicos e, conquanto se origine destes, é de se ver que destes se liberta completamente. Ingressamos, assim, em um campo supermediúnico, resultante, embora, do mediúnico. Chegamos às superiores fases, a que ascende o fenômeno e nas quais ele se intensifica e liberta, e ingressamos nesta zona, que é de suprema purificação.

Ainda não pude elevar a níveis mais altos, hoje pelo menos, minha capacidade de penetração. Parece-me haver tocado o vértice de minhas possibilidades e do meu sonho de realizações humanas.

IV

A CATARSE MÍSTICA E O PROBLEMA DO CONHECIMENTO

O fenômeno místico pode ser também concebido, na mais ampla acepção, qual momento das ascensões espirituais humanas. Inclui, pois, o problema do conhecimento e pode ser considerado, como o considero, uma verdadeira técnica do pensamento e método particular de indagação, de superlativo rendimento. Alhures, já insisti nestes conceitos, quando do estudo do fenômeno inspirativo. Prosseguindo a análise do mesmo fenômeno, em suas fases superiores, é natural que aqueles conceitos também encontrem aqui seu ulterior desenvolvimento.

É a evolução do espírito que traça e supera os limites do conhecimento, que diversamente o situa no seu progredir, até o ponto em que a unificação com a fonte de emanação, que encontramos no vértice do fenômeno místico, se torna também unificação dos divergentes aspectos, sob que se contempla o relativo, numa única verdade humanamente absoluta. Assim, às diferentes fases da evolução espiritual correspondem diversos graus de conhecimento e diferentes aproximações de revelação da verdade.

Nos albores de sua vida espiritual, o homem não sabe elevar-se além das imediatas conseqüências de suas impressões sensórias. Seu julgamento detém-se, pois, na superfície dos fenômenos, limitando-se a uma interpretação empírica e desconexa, pura projeção, no cosmo, das reações de seu pequeno mundo interior.

Em mais avançado momento, a consciência, mais amadurecida, qual tem acontecido até hoje, no seio da civilização, quer dar-se conta do valor das próprias reações, procura e exige uma verdade menos aparente e mais substancial e vai ao encontro dos fenômenos, não mais exclusivamente com a fantasia do primitivo, mas com o olhar objetivo do observador. Tem, assim, aprendido a catalogar fatos, coordena-los segundo planos hipotéticos, e tenta compenetrar-se da lógica e fixar a lei de progressão dos fenômenos, para chegar a estabelecer gradualmente os princípios, cada vez mais abstratos e gerais, que regem o funcionamento

orgânico do universo. Tal é a presente fase científica. O homem moderno sente, justamente, a sua superioridade diante do homem supersticioso, que se impressiona antes de saber observar, e sente-se orgulhoso de não se deixar invadir por vãos temores, diante de fenômenos cuja causa pode surpreender com seu poder de análise. E isto já é muito. O homem tem conseguido a racionalidade, esta potência arquetônica, que permite as construções ideológicas; ele é poder de escolha e de coordenação, é visão de relações e unificação; é indução, dedução, sistematização, que guiam para a reconstrução do pensamento originário da criação.

A ciência tem recolhido todas as pedrinhas do grande mosaico, tem procurado reconstruir o grandioso painel, sem todavia lograr outra coisa que delinear alguma figura. Mas, ai de mim! — longo é o caminho, extremamente prolixo é o método, tanto que pode ser considerado inadequado à consecução da síntese máxima. Evidencia-se, dessarte, a inépcia da ciência, conseqüentemente uma fundamental questão de método; este, tal qual é concebido, nada mais pode ser que um eterno caminhar, incapaz de síntese.

Da maturação evolutiva da consciência humana decorre, porém, uma fundamental mutação. Sinto por experiência pessoal, por observação de tipos históricos do movimento das leis biológicas, a verdade desta afirmação. O fenômeno da catarse mística representa uma tão completa elevação da consciência, que se lhe escancaram as vias do conhecimento. É este um importante aspecto do fenômeno místico, que aqui estamos estudando. Antes de lhe enfrentarmos os maiores aspectos psicológicos, éticos e religiosos, examinemo-lhe o científico e gnoseológico.

Os três graus do conhecimento, isto é, a fase sensória, a fase racional-analítica e a fase intuitivo-sintética, correspondem aos três tipos de homem e de consciência por mim descritos noutra obra⁶, a saber: o homem vegetativo, físico, sensório, de ideação concreta, movido pelos instintos primordiais da vida; o homem racional, submetido à educação, psíquico, nervoso, utilitário; enfim, o super-homem, dono de si, das forças da vida, do conhecimento. O fenômeno da ascese mística representa a maturação biológica deste novo tipo de homem.

Acontece agora, neste momento da evolução humana, uma renovação tal da consciência que seus efeitos são incalculáveis no campo psicológico e merecem, pois, particular exame. Trata-se de nova e autêntica técnica de pensamento, de completa reconstrução dos métodos de pesquisa e de orientação científicas. Devo, por isso, retornar a esses conceitos, já precedentemente esboçados⁷, para aqui levá-los mais além, na continuação lógica de seu desenvolvimento. Devo retornar a eles porque, se naqueles escritos o método da intuição começa a revelar-se na fase de mediunidade inspirativa consciente, aqui ele se manifesta plenamente, na fase mística que lhe constitui a continuação. Neste nível de evolução, completa é a maturação daquele método, cujo rendimento se nos apresenta com plena eficiência.

V

⁶ Em *A Grande Síntese*, cap. 78 (*As vias da Evolução Humana*). V. também cap. 37 (*consciência e Superconsciência. Sucessão dos Sistemas Tridimensionais*) (N. do T.)

⁷ v. *As Noúres*, do mesmo Autor, particularmente os capítulos V (*Técnica das Noúres*) e VI (*Conclusões*). (N. do T.)

OBJETIVISMO E SUBJETIVISMO

Ao enfrentar o problema gnoseológico, partimos de princípios decisivamente novos no pensamento moderno. O conhecimento, creio, não se alcança com os métodos chamados objetivos de projeção para o exterior, mecânicos, iguais para todos e acessíveis a todos, mas por métodos subjetivos, de introspeção, peculiares somente a determinados tipos de superconsciência. Creio que os limites do conhecimento sejam dados e medidos prevalentemente segundo o grau atingido pela consciência humana na escala da evolução psíquica, o que quer dizer que a amplitude do campo fenomênico dominado é condicionada à extensão conseguida pelo **eu**, em sua evolução, que é sua potenciação e dilatação. Eis porque o fenômeno místico, que é a fase superior de evolução do espírito, se apresenta conexo com o problema do conhecimento e coincide com sua solução.

Coloco-me, assim, como antípoda da hodierna forma mental adotada pela ciência, ao mesmo tempo que, sobrepondo-me à psicologia objetiva, elevo para os primeiros planos o subjetivismo.

Indiquei, no princípio, o caráter subjetivo deste escrito, que é também o de toda a minha orientação psicológica. Poderão argüir-me de subjetivismo, qual se fora isso um defeito. A objeção, que pode ser global e insurgir-se contra a minha personalidade e o valor que atribuo ao método da intuição, parece grave, mas não o é.

Como pode a ciência racional opor-me, como defeito, a arbitrariedade do subjetivismo e suas bases intuitivas, quando ela mesma se funda sobre bases axiomáticas, igualmente intuitivas e arbitrarias, porque ainda passíveis de demonstração? Os fundamentos daquele organismo conceptual, de que pode provir esta acusação, considerados embora absolutamente seguros, são axiomas gratuitos, de valor transitório é extremamente relativo. Isto pode dar a alguns espíritos autônomos a sensação de que o pensamento humano, em toda a sua esmagadora congêrie de construções ideológicas, filosóficas e científicas, se agite sobre bases convencionais. **Ignora a ciência o que sejam, substancialmente, os fenômenos sobre os quais opera.** Averigua e combina os efeitos, porque tem experimentado que as coisas ocorrem deste e daquele modo. Mas, por que causas e de que maneira isto ocorre, não o sabe. No campo abstrato, se penetrarmos até os bastidores desataviados da construção ideológica e pusermos a nu o jogo com que se tece e desenvolve a cadeia da silogização humana, verificaremos, subindo de concatenação para concatenação e de relação para relação, que se deve necessariamente chegar ao ponto fixo de partida, à pedra basilar de todo o edifício. Ora, esse ponto fixo, que é precisamente o que rege a construção e por cuja falta toda ela se esboroa, é simplesmente um axioma do qual não se sabe dizer outra coisa além de que é assim porque é assim, axioma cuja demonstração se reputa supérflua, pela simples razão de o declararem evidente; e enquanto, para aceitação de um pormenor, se exigem mil provas, para aceitação do princípio-base nada se requer, somente porque ele já existe na qualidade de aceitação indiscutida na grande maioria humana. E então a garantia dessa verdade fundamental é confiada única e exclusivamente a um fundo de intuição coletiva que instintivamente apoia um mínimo de verdade. **Instintivamente**, isto é, além de todo o controle racional. Deixada à parte a ciência utilitária, a verdadeira ciência, abstrata, filosófica, matemática, de conteúdo conceptual, volve e revolve, reincide e apoia-se toda sobre rudimentos

de intuição. Intuições mínimas, mas seguras, somente porque garantidas pelo estender-se a grande número de pessoas. Ou intuições maiores, de gênios, videntes insulados, posteriormente desenvolvidas, analítica e racionalmente, pela cadeia do raciocínio.

Há, pois, nas raízes do pensamento moderno, uma zona daquela arbitrariedade e daquela intuição que viriam exatamente inquirir meu subjetivismo. O método da intuição consiste apenas numa extensão do mesmo sistema a todo desdobramento ideológico; significa estender o mesmo contato intuitivo a todo desenvolvimento e manter-se constantemente no sistema axiomático, sem pedir apoio racional. Se **“o axioma é o contato intuitivo com o absoluto”**, estendo esse contato e o torno contínuo e universal. Não condeno, pois, a ciência; considero-a, antes, centelha de pensamento, até onde não está demonstrada e onde não chega sua atividade racional. Amplifico, antes, seus fundamentos num método que, embora acessível somente a quem, por evolução, ali chegou, é o único que verdadeiramente pode atingir o conhecimento.

O método da intuição não é aceito pela ciência positiva moderna, porque é antiobjetivo. Não é aceito porque, enquanto o mundo fenomênico, segundo o método da observação e da experimentação, é aproximadamente igual para todos e é suscetível de ser entendido e construído, o método intuitivo, sendo extremamente pessoal e subjetivo, não possui força para subir e elevar-se a altura maior do que a de uma interpretação pessoal.

Existe aí uma idéia preconcebida e esta consiste em o número, isto é, em admitir que a extensão numérica do juízo seja garantia de verdade. Dá-me isto a idéia de cegos que se dão a mão para guiar-se reciprocamente. Ora, o resultado da observação exterior é, se não total, pelo menos parcialmente igual para todos, somente porque é exterior, ou por outra, é conjugado à forma mais simples de percepção sensorial, a mais rudimentar e também a mais difusa e fundamental no mundo biológico. O valor da objetividade apoia-se, portanto, somente na, extensão de uma identidade de juízo, que é, por sua vez, filha de uma identidade de construção fisiológica, nervosa e psíquica. A objetividade, então, revela-se tanto mais evidente, quanto mais depende da estruturação sensorial mais primitiva, qual é primeiramente o tato (sabemos quão ilusória é esta indiscutível realidade sensorial em face da constituição cinética da matéria), e depois a vista, o ouvido etc.. Eu estaria em dizer que é função direta da inferioridade do nível evolutivo, **pois quanto mais evolui o ser, necessariamente tanto mais penetra, graças à lei de diferenciação, no subjetivismo**

Ora, o método objetivo, embora apresente a vantagem de chegar a conclusões e interpretações mais universais, parece construído, por sua natureza, precisamente para permanecer aderente, sem poder superá-las, às aparências mais exteriores, às estruturas e interpretações fenomênicas mais rudimentares e superficiais. Esta unidade de juízo é vantagem aparente, porque nos deixa na superfície, tende a reconduzir-nos sempre para o relativo, o particular, e não constitui, absolutamente, unidade de orientações e de conclusões, universalidade de concepções que alcancem a substância das coisas. O objetivismo nasceu fatalmente sem asas. Efetivamente, a ciência hodierna é incapaz de construir um sistema que contenha a explicação de todos os fenômenos e evidencie, por meio deles, o funcionamento da lei universal.

O método objetivo é, em suma, a negação do método da penetração na profundidade e na substância das coisas; parece-me quase um lastro que se detém em baixo e intercepta, automaticamente, as vias do conhecimento, capaz de resultados utilitários, mas impotente em

face de resultados mais profundos. O valor da objetividade reside inteiramente nesse consenso humano que certamente não contém a chave do absoluto, nem pode ser tomado como medida das coisas. O verdadeiro consenso pode consistir apenas na voz dos fenômenos, que somente o subjetivismo intuitivo sabe ouvir e fazer ouvir, fazendo-a emergir do silêncio do mistério. Não pode deixar de nascer, no ânimo de quantos hajam ouvido esta voz, uma confiança em provas outras, que não são as dos sentidos e dos instrumentos, nem as fornecidas pela aceitação da normal psicologia humana.

Mas, não é tudo. O método objetivo baseia-se totalmente sobre um erro fundamental de situação, que lhe impede a penetração conceptual dos fenômenos. Esse erro consiste na distinção entre o eu e o não-eu, entre o sujeito e o objeto, entre a consciência e o mundo exterior. Sobre esse individualismo, filho do egoísmo, baseia-se toda a psicologia científica hodierna. Ora, faz-se mister admitir que as duras necessidades da psicologia de luta, que a vida impõe não podem ser definitivamente superadas. Enquanto no método intuitivo, a consciência, fazendo-se humilde, mas sensível, logra transportar-se, por vias interiores, do seu íntimo à íntima essência dos fenômenos, com o método objetivo, a consciência, permanecendo autônoma e volitiva, suprime sua sensibilidade e sufoca a voz dos fenômenos, choca-se contra eles, sem neles penetrar, detendo-se à sua superfície, por forma que não toca senão aparências e ilusões. O pensamento de DEUS, que está no íntimo das coisas, se retrai, se enfrentando com uma psicologia de dúvida e de violência, ao passo que se revela espontaneamente aos que se aproximam com amor e fé. Tal é a lei da vida.

O objetivismo é, pois, filho de um preconceito: um fundamental instinto humano. Que valor terá ele quando transportado para a atmosfera rarefeita da concepção? É daí que procede essa orientação psicológica de destruição. A distinção entre sujeito e objeto não é somente separatismo que distancia e cava insuperável abismo de incompreensão entre observador e fenômeno, mas, em rigor, é também antagonismo, porque a observação parte, precisamente, da negação e da dúvida e, como garantia de verdade, toma precisamente a desconfiança, opondo-se à confiança e à fé, isto é, assume-se uma atitude mental que fecha, a **priori**, todas as vias de comunicação. Com essa psicologia de agressão e negação, apenas se podem obter destruição conceptual e, diante do mistério, trevas e silêncio.

Oposto é o método do subjetivismo e da intuição. Enquanto o objetivismo distancia, este aproxima; enquanto o objetivismo diverge e separa, o subjetivismo converge e unifica. Este é verdadeiramente o método da unificação conceptual na demolição absoluta do dualismo do método objetivo.

VI

O MÉTODO DA UNIFICAÇÃO

Como, então, resolveremos o problema do conhecimento?

É neste ponto que de novo ele se conjuga e funde com o da ascese mística, porque o método da unificação pode manifestar-se apenas quando a evolução da consciência atinge a fase mística. Nesse plano ocorre o grande fenômeno da unificação, que a seguir aprofundaremos. Isto não podia deixar de ter reflexos e repercussões também no campo gnoseológico. A evolução altera os métodos e dilata a consciência. E, como havia anulado a psicologia racional na psicologia da intuição, passando da fase lógico-científica à fase que poderemos chamar inspirativa, assim a intuição continua e completa-se na unificação conceptual, do mesmo modo que a recepção inspirativa continua e completa-se, como veremos, na fusão unitária na dos dois termos daquela recepção.

Atingido esse plano, desaparece na consciência o dualismo do método objetivo. Aproximam-se os dois termos —sujeito e fenômeno — reabsorvida é a distância, até desvanecer-se, soldada é a cisão, sanado o dissídio entre os dois antagonismos e aberta a compreensão. Aqui não nos ocupamos deste fenômeno da unificação, a não ser pelo que dele se reflete no problema do conhecimento. Quando a consciência, na catarse mística, não só se comunica, quase radiofonicamente, com a fonte nouírica, como na mediunidade inspirativa, mas tende, por um processo que examinaremos, a sobrepor-se e identificar-se com a fonte mesma, então o contato é tão íntimo e integral, que se adquire espontaneamente o conhecimento, mediante novo sentido de visão, e a verdade transborda de todas as categorias da razão, reduzem-se os esquemas racionais a prisões insuficientes para conter os conceitos. A consciência transcende os confins da lógica e, com um senso de imensa dilatação, o pensamento humano é abalado desde os fundamentos, numa revolução e renovação tão completas, que permanecem incompreensíveis e inadmissíveis para quem não os tenha experimentado. A compreensão existe, efetivamente, em função da amplitude e profundidade do campo de consciência e de seu grau de sensibilização.

Para resolver o problema do conhecimento é necessário atingir a universalidade do eu. Faz-se mister escancarar, mediante um ato de fé e de amor, mediante um senso de completa submissão, as portas da alma, para projetar-se fora de si e para que o infinito nela penetre. Certamente, é este um novo comportamento na hodierna psicologia; contudo, é ele necessário a consecução de resultados novos. Somente a identificação do eu com o fenômeno pode permitir a dilatação do primeiro até os limites do segundo; e, quando o fenômeno se tornar o universo, sua expansão não terá limites, como não os tem a DIVINDADE. Abrangerá o infinito o amplexo de almas. Atiram-se fora, então, as velhas muletas da observação e voa-se. É somente através da evolução do sujeito, através de renovações de consciência, que se podem obter superamentos tão substanciais. Resolve-se então o problema do conhecimento. Em o novo modo de ser está implícito o conhecimento; a verdade revela-se automaticamente, por visão, e atinge-se uma síntese espontânea, simples, completa. Deixa-se, para trás, a observação sensória, a presumida segurança objetiva, como método rasteiro, inadequado, incapaz de verdadeira síntese; abandonam-se as tortuosas vias da razão pela nova sensação do verdadeiro, direta, imediata, exauriente. Verdadeira e palpitante é a visão; já não é a fatigante conclusão oriunda de uma destilação cerebral, mas conclusão vivente; nela o universo vibra e exulta de pensamento e de ação.

Como o dissolver-se o separatismo da fase egoística na unificação da fase altruística, caem as barreiras do dualismo do método objetivo. A verdadeira única e radical solução do problema do conhecimento só pode ser obtida mediante a transferência da consciência para um plano superior de evolução. O problema filosófico não pode ser insulado, nem resolvido

independentemente da realidade biológica e psíquica. Ele reside na personalidade humana e com ela adianta-se; seu progresso não pode ser mais que um momento do progresso desta. É necessário romper o círculo dos impulsos instintivos, como os vínculos da psicologia racional e das concepções habituais. Assim como o mistério da unificação, na ascese mística, é fenômeno natural que se desenvolve segundo urna técnica própria de desenvolvimento, assim também é a conquista do conhecimento.

Aparece, então, um dualismo psicológico entre as duas formas de pensamento — a racional e a intuitiva — ao surgir a visão. Diferentes são as duas visões: a maior compreende a menor, mas a menor não compreende a maior. Quem estiver fora desta mais alta realidade tomá-la-á seguramente por ilusão, até que a conquiste por evolução. Considera-se irreal o que está fora da própria experiência. Os dois olhares atingem profundidades diversas e, conseqüentemente, vêem na mesma verdade aspectos diferentes. Discriminar-se-ão necessariamente, os dois pontos de vista, sob o pretexto de incompreensão, porque as duas consciências são diversas e a extensão das recíprocas sensibilidades é a única medida do respectivo cognoscível. Todavia, se a psicologia superior pode penetrar a inferior, e não inversamente, esta última, ainda que a negue, não pode deixar de voltar em torno da outra, por um vago pressentimento da verdade, por um desejo que, incessante, clama na alma por descobrir o mistério. Pois que a treva não satisfaz à vista nem o silêncio ao ouvido, nem a ignorância ao intelecto, e ninguém pode estar satisfeito com sua negação, nem sentir-se contente com a realidade que possui, sem jamais desejar mais amplas realizações, também a incompreensão do ignoto constitui vago tormento que estimula a sair dele.

O método da unificação contém em si os elementos aptos a compensar aquilo que pode parecer um ponto fraco, isto é, o subjetivismo. Como poderemos compensar a pluralidade das concepções e a dissonância das contradições que derivam daquele subjetivismo? A filosofia, precisamente aí onde o pensamento, elevando-se e abstraindo da simples averiguação objetiva, chega a ser necessariamente subjetivo, é um mar de inconciliáveis divergências que desorientam o espírito, dando sensação de ser absurda a pesquisa da verdade. E, contudo, una é a verdade. Será, então, incapaz de atingi-la o subjetivismo divergente?

Foi exatamente, como reação a tudo isso, que a ciência se mutilou na objetividade de compreensão, com o fim de alcançar uma verdade igual para todos. Mas, é evidente que o conhecimento ganha em profundidade e potencialidade, à medida que passamos do mundo exterior ao interior. Não é baixando-se ao primeiro, mas elevando-se ao segundo, que se ganha em verdade. É precisamente aí, quando mal nos separamos da superfície sensória e progressivamente nos aproximamos da íntima substância, que começa o subjetivismo, isto é, a variedade e a divergência das expressões individuais: as vias do conhecimento estão na subjetividade e as vias da subjetividade constituem as vias do separatismo intelectual que parece distanciar-se da unidade do conhecimento. A conquista da verdade deve, portanto, passar através desta contradição e saber conciliá-la. Uma verdade igual para todos não pode ser senão uma verdade de superfície. A procura de uma realidade mais profunda conduz à divergência. Pois bem. Importa, então, saber compreender antes, e depois coordenar e reorganizar aquela divergência.

É natural que as apreciações mudem, à medida que subimos, porque tanto mais, então, se desperta e movimenta o **eu pessoal**, isto é, o múltiplo individualismo em que se reflete a unidade

do absoluto. Este permanece simples e monista e nada perde de seu caráter unitário, exprimindo-se na infinita variedade do relativo. Devemos recordar que o eu que concebe é um relativo e está em evolução.

Preciso, então, se faz que superemos essa divergência e reconstruamos a unidade da substância. É necessário que não nos intimidemos em face dessa aparente inconciliabilidade, dessa dissonância de interpretações; devemos empenhar-nos, através da coordenação das expressões do relativo, em reconstruir a trama unitária do absoluto. A cisão está na manifestação humana, não na substância. Reorganizemos os reflexos particulares e reconstruiremos os aspectos da única luz. Da fusão das visões unilaterais sairá um mosaico que nos fornecerá os delineamentos do modelo divino. E as variadas intuições do subjetivismo escalonar-se-ão, por amplitude e profundidade; as verdades relativas coordenar-se-ão, as menores atrás das maiores, até às mais compreensivas e mais puras — aquelas que mais tiverem podido avizinhar-se da substância e houverem conseguido torná-la de maior transparência. Serão consideradas como tantos jatos de luz, cada um dos quais representa o sinal de uma linguagem eterna e infinita, a palavra de um sermão divino. Serão consideradas sucessivas aproximações da alma humana, que ascende entre trevas e lutas ao longo do mesmo caminho da verdade, do relativo para o absoluto, da análise para a síntese, galgando, por seu próprio esforço, as vias da unificação. E, por unidades de medida e índice de verdade, tomar-se-á, não a objetividade ou o juízo do número, mas o grau de purificação do ser que, em sua evolução, se aproxima de Deus.

Deixe-se também florescer em mil formas o jardim da intuição. Cada flor diversa será igualmente bela e exprimirá uma revelação. Ver-se-á, então, que, em essência, cada flor, em sua variedade, traduz a mesma eterna beleza e canta a mesma infinita sapiência. A flor mais perfeita e mais pura falar-nos-á docemente, com transparência mais evidente; a mais rude e primitiva mal saberá balbuciar. Una, porém, é a palavra, porque unos são o plano da criação e o pensamento de Deus. E, então, através da multiplicidade, bela, porque rica, do subjetivismo, espontaneamente se volverá à unidade, em que o separatismo de novo se unifica e o eu se funde no Todo, sem se destruir, como colaborador que se deu a si mesmo para a reconstrução do grande edifício do conhecimento. Nessa altura, ver-se-ão coincidir na profundidade, no mesmo cântico, que é a voz de Deus, as cindidas intuições pessoais.

Então, a multiplicidade e diversidade dos juízos mais não são que o índice assinalador da distância entre a intuição e a única fonte central. Quanto mais se aperfeiçoa o ser, tanto mais sensível e potente se torna o instrumento consciência e tanto mais evidente se torna a unidade conceptual do verdadeiro. A dissonância das contradições é, pois, devida unicamente ao embaçamento do espelho refletor e é dada pelo grau de impureza do meio receptivo; as cisões nas conclusões indicam o grau de corrupção do pensamento e a distância que aquela cava entre este e Deus. A harmonia, que é perfeita no Centro, corrompe-se à medida que se afasta na imperfeição de ressonância da periferia. E a ignorância humana que irradia desordem, é a involução que gera o caos.

Existe, portanto, solução para o problema: basta que progridamos, que superemos a zona das primeiras desordenadas aproximações da intuição. Encontraremos, então, espontânea e automaticamente, a unidade do verdadeiro. A evolução e somente a evolução pode dar-nos e dar-nos-á, necessariamente, a unificação. Somente pela evolução se pode passar da ignorância ao conhecimento, da separatividade à unidade. A involução é treva que divide, a evolução é luz que

unifica. Na involução, emudece-se a verdade, sufocada no meio denso, que não permite transparências. A evolução coordena, reorganiza, harmoniza e com isto reabsorve as divergências e torna mais evidente a realidade do verdadeiro.

Não se deve, pois, condenar e abandonar o subjetivismo intuitivo, mas fazê-lo evolver, purificá-lo, conduzi-lo sempre mais para o alto, até reencontrar nele a unidade. Assim, ele permanecerá sempre a via mestra do conhecimento. Coordenar, pois, as atuais intuições para reconstruir a verdade, mas, acima de tudo, subir, fazendo evolver a consciência, para aproximar-se da verdade. É necessário subir, também por humildade de coração, por pureza de intenções, por sublimação de paixão. É necessário, para fazer evolver a consciência, atravessar a catarse mística, que está no centro deste estudo. Num coração corrompido não pode nascer outra coisa além de soberba linguagem de vã sabedoria, além de dissídio, confusão, incompreensão. Eis as estéreis logomaquias de alguns filósofos.

Una e simples é a verdade. Mas, para vê-la toda, em sua unidade e simplicidade, importa saber alcançar-lhe a altura; não se pode pretender trazê-la para baixo, para nosso nível humano, sem inquiná-la e falsificá-la. A verdade, a solução dos mistérios, a visão do pensamento de Deus não se conseguem mediante poderosas argumentações, por laboriosas pesquisas ou através de prepotência de lógica e de razão, mas seguindo as vias das ascensões do espírito, que são as da catarse mística.

VII

ESTRUTURA DO FENÔMENO MÍSTICO

Falei de mediunidade, de metafania. Falo, agora, de misticismo, considerando, em suas formas, os índices e os expoentes mais ostensivos desta evolução espiritual, que é o problema central de todo o meu estudo, como o é de minha vida. Diante destas conseqüências levadas até o campo dos métodos para a conquista do conhecimento, pode ser evidenciada e averiguada a importância de tais questões, uma vez que tão gigantescas repercussões se projetam até no campo prático de problemas de orientação conceptual, tão graves, tormentosos e ainda hoje insolvidos.

Superados esses corolários de índole filosófica, nos quais me tenho detido, não só por sua importância intrínseca, mas sobretudo para melhor enquadrar o fenômeno místico no conhecimento moderno e justificar-lhe a técnica de pensamento em face da psicologia racional, retomemos agora mais particularmente a análise de seu desenvolvimento e metas conclusivas, dentro do âmbito traçado na definição de ascese mística, dada no princípio do Cap. III.

A solução do problema do conhecimento mais não é do que um aspecto da transumanização que se realiza na ascese mística, a qual consubstancia tão profunda transformação do ser, que chega a mudar e resolver todos os problemas humanos. Quando o espírito chega a esse nível,

desaparece o simples fenômeno da unificação que aqui não é somente uma técnica de pensamento, método para atingir o conhecimento, mas constitui uma transumanização de personalidade, reabsorção do distinto no todo, da consciência na Divindade. Então, a simples recepção nouírica torna-se visão e êxtase, isto é, já não será apenas uma comunicação de pensamento, mas uma expansão total do ser em todas as suas capacidades. Para muitas psicologias, esse campo estará situado na zona do superconcebível.

Para compreender o fenômeno místico, necessário é reconstitui-lo desde o princípio, orientando-o, antes de tudo, no seio da fenomenologia universal. E ele fenômeno psicológico, fenômeno de evolução biológica que, partida das superadas fases orgânicas prossegue nas superiores fases de evolução espiritual. É, pois, fenômeno universal, logicamente situado no desenvolvimento da lei de evolução, natural, necessário, insuprimível. É supranormal somente em sentido relativo, isto é, em relação com a atual posição evolutiva da consciência humana. É, como o são todas as culminâncias, pouco comum, pouco visível e dificilmente concebível para os que se encontram nos baixos planos da medíocre normalidade atual. Vemo-lo, com efeito, surgir em todos os tempos e em todos os lugares, de um a outro extremo da História e do mundo. Cada tipo intelectual lhe imprime, segundo sua específica diferenciação, a nota particular de sua personalidade e o plasma, transforma e adapta a si, à sua raça, ao seu tempo. Mas, o fenômeno subsiste, como momento integrante das leis da vida. Parece fatal que, no limiar desta, deva apresentar-se, como numa grande curva de sua trajetória, a evolução humana, chegada ao momento de sua mais alta maturação. Nada, pois, de miraculoso, de excepcional, de gratuita e arbitrariamente concedido pelo céu. Em todos os fenômenos e sobretudo naqueles que se elevam para Deus, sentimos cada vez mais a presença de urna ordem, de uma justiça, de uma harmonia divina. Isto não significa falta de fé e de religião, mas simplesmente seriedade, positividade, conformidade com a justiça.

Expliquei cientificamente em *A Grande Síntese*⁸, na teoria da evolução das dimensões⁸, como o espírito humano, por evolução, ascende da atual fase de consciência para a fase de superconsciência, que é a primeira dimensão do sucessivo universo trifásico, em que evolue o atual, trino em seus planos de desenvolvimento: matéria, energia, espírito. Certamente, o ingresso da psique humana nesta nova dimensão do ser, aqui já absolutamente supermaterial ou supersensória, é para ela um fato tão novo e grandioso, que a simples apresentação no limiar da nova dimensão e do novíssimo modo de ser basta para dar-lhe profunda sensação de vertigem, como sucede a quem se debruça sobre o abismo do mistério. Este parece feito de trevas, mas não passa de inexplorado mar de novas sensações.

Mais adiante, exporei o fenômeno em termos de sensação, qual o viveram tantos místicos, em concordância com as linhas fundamentais, como eu mesmo o tenho vivido e qual objetivamente o descreverei. Como tenho dito, opero a análise de realidades para mim experimentais, deduzidas não apenas de outrem, mas sobretudo de minha observação.

Antes, porém, de abandonar-me ao ímpeto lírico do momento místico, devo expressar-me aqui em termos de ciência e de razão, expor a possibilidade lógica do fenômeno, de modo que ele se torne racionalmente admissível, até para os que não o sintam, nem o tenham tocado por evolução e, portanto, não estejam aptos para entendê-lo, a não ser nos termos de sua psicologia

⁸ *A Grande Síntese*, cap. XXXIV a XXXVII. (N. do T.)

racional. Poderemos, assim, analisar e compreender com a moderna forma mental da ciência um fenômeno que parece relegado às mais altas e inacessíveis zonas do espiritualismo e das religiões. Ele aparecerá, assim, em sua realidade nua, não qual um privilégio ou concessão do Alto, nem como um monopólio privado, porém, mais exatamente, como via aberta a todos os homens de boa vontade. Aparecerá, qual é, ou seja, como fenômeno exato, objetivo, cuja lei é possível traçar, como faremos, e cuja verificação se pode fazer espontaneamente, todas as vezes que dele se apresentem as condições determinantes. Ele não ocorre por intervenção de caprichosas vontades extracósmicas, antes representa o normal desenvolvimento funcional do universo, em seus mais elevados planos. Reconstruamos, pois, através da observação, a lei do fenômeno.

Para assim proceder, reduzamo-lo à sua mais simples expressão, à sua esquelética estrutura vibratória. Vibração significa, no mundo hiperfísico em que ora ingressamos, o verdadeiro modo de ser, fundamental qualidade, capaz de individuar a forma em tipos específicos nitidamente definidos. Vemo-lo, por exemplo, nas ondas hertzianas. Os seres situados no plano físico, isto é, na forma orgânica de um como material, distinguem-se, uns dos outros, pelas qualidades deste invólucro, pelos limites da dimensão espacial em que ele está situado, pela sua impenetrabilidade, pelas suas características sensórias. Mas, há, indubitavelmente, formas de existência hiperfísicas, de consciência supersensória, livre do invólucro orgânico. Quando passamos do organismo físico, regido por um princípio dinâmico, ao organismo de estrutura exclusivamente dinâmica, quando o corpo já não é constituído de matéria, mas só de energia, então a individuação específica pessoal, aquela que distingue, não pode ser dada pelo corpo e por suas características físicas. Então, o que individua é o tipo de vibração que constitui a manifestação de vida do ser, é a peculiar forma de energia, segundo a qual ele se agita, são as características da onda, pelas quais se define essa vibração.

Em tais formas de vida está situado, quer o espírito desencarnado (e tanto mais quanto, por evolução, estiver liberto de seus invólucros mais densos), quer aquela parte do homem que é pura consciência ou espírito, e esta igualmente tanto mais quanto melhor logra superar a zona barôntica das mais baixas paixões e atingir os mais altos planos de evolução, ainda que seja em especiais estados metafânicos. Então, o eu somente existe na forma deste dinamismo que tem superado as dimensões espaço e tempo.

Já explicamos, na "Técnica das Noúres"⁹, como pode ocorrer a comunicação entre puros centros psíquicos (naquele caso: corrente de pensamento e consciência do médium). Isto se dá graças ao fenômeno da ressonância, que é lei universal de repercussões até no campo acústico. Já vimos que esse fenômeno é a base da transmissão e recepção nouírica e, para que ele se verifique, devem os dois termos — transmissor e receptor — entrar em sintonia, isto é, harmonizar-se segundo o mesmo ritmo vibratório. Vimos que é necessária uma comunhão de vibração. Se esta for semelhante, poderá coincidir e sobrepor-se; se for dissemelhante, nenhuma ressonância haverá e, portanto, nem sintonia, nem comunicação será possível. Efetivamente, havemos tomado a afinidade como condição necessária da transmissão e captação nouírica.

As consciências ou espíritos são, pois, semelhantes ou dissemelhantes, pelas características vibratórias. No nível físico, dois ou mais seres que vibram perfeitamente, em uníssono, e se

⁹ No volume *As Noúres*, do mesmo Autor, cap. V. (N. do T.)

sentem um só, por instintos, sentimentos, pensamentos, permanecem todavia inexoravelmente distintos por sua aparência humana, sem possibilidade de se sobrepor e coincidirem. Se lhes suprimirmos o invólucro, eles parecerão e se tornarão o que realmente são como consciência, isto é, um ser único, sem possibilidade de distinção. Se os situarmos em sua posição de espíritos, eles se confundirão no mesmo tipo de vibração, assim como duas notas idênticas, emanadas de duas fontes diversas, formam o mesmo som. Eis por que, muitas vezes, se torna difícil a chamada identificação espiritual, precisamente porque já não tem significação, em mais altos planos, o conceito de personalidade. em sentido humano. Naquelas zonas de evolução espiritual, os seres se ligam por ressonância, em forma de existência coletiva, isto é, existem em forma de correntes de pensamento. Por isso, mal imergimos nessa atmosfera conceptual da evolução, encontramos núres e não separadas individualidades, como nos induziria a supor a analogia com o mundo humano.

Na descrição da técnica da recepção nouírica, já se continham os germes deste desenvolvimento. E, como o fenômeno inspirativo evolui e se completa no fenômeno místico, assim a simples comunicação nouírica aqui se completa na identificação de consciência que é unificação de personalidade. No campo acústico, o fenômeno de ressonância, que havíamos tomado como ponto de partida daquela técnica, é precisamente uma afinidade dinâmica, uma identificação de modo de ser, uma superposição de individualidades. A sintonia é sempre a base do mesmo fenômeno em continuação, pois harmonizar-se é a sua lei, para, primeiro, chegar à comunicação, que é o centro do fenômeno nouírico, e, depois, à unificação, que é o centro do fenômeno místico. Então, as duas consciências, vibrando em uníssono, isto é, existindo em idêntica forma, perdem toda nota distintiva, adquirem-na como identificação e fundem-se na mesma unidade.

Todo fenômeno místico se realiza, pois, mediante um processo de atração tendente a encurtar as distâncias dadas pela diversidade, isto é, a suprimir as diferenças e contém um método para a conquista da afinidade, para chegar à unificação. É este um processo de amor, a grande mola da ascese mística, como é a coluna central do edifício da evolução. No mundo espiritual, os seres que entoam a mesma nota e emitem a mesma luz tornam-se a mesma música e o mesmo esplendor; os seres que se movem segundo o mesmo tipo dinâmico fundem o seu movimento, unificam-se, isto é, são a mesma consciência.

VIII

COROLÁRIOS — FÉ E RAZÃO

Estas simples afirmações nos oferecem a chave do fenômeno da ascese mística e dos respectivos corolários espirituais. **Vibração, ressonância, sintonização, afinidade, unificação** são-lhe as fases lógicas e evidentes. Mais no alto teremos, como já disse na "Técnica das Núres", equivalências superiores da vibração, embora seja idêntico o princípio. Quando se pensa que, na ascese mística, o segundo termo é verdadeiramente a Divindade, pode imaginar-se

desde já que vertigem da exaltação de consciência pode aquela ascese representar para a personalidade humana que a empreende. Segue-se imediatamente daí que a ascese está nas vias do aperfeiçoamento espiritual, segundo o modo mais elevado, e que os vórtices das conquistas morais lhe são a meta natural e necessária.

Os místicos falam sempre de Deus e de amor, de união, de núpcias espirituais da alma com Deus. Cumpre-nos chegar, racionalmente, a explicação dessa nomenclatura e psicologia que eles não explicam. Aí vemos funcionar todo o mecanismo vibratório do pensamento, dos sentimentos, das paixões.

Através de sinais positivos e negativos, vemos formarem-se simpatias e antipatias, harmonias e dissonâncias, atrações e repulsões. Aí estão as grandes forças do amor e do ódio, que se encontram nas bases da vida.

Mas, a ascese é fenômeno de evolução e, portanto, de harmonização e unificação; é sobretudo amor. Na ascese mística, estabelece-se esta corrente de atração entre o alto e o baixo e entre o baixo e o alto e, com isso, revela-se, em termos de razão, o maior mistério, que é a descida, até o homem, do amor de Deus. Veremos que maravilhoso jogo de luzes espirituais nascera desses fenômenos. O princípio de sintonização e de afinidade impõe o processo de purificação, a necessidade de fazer o vácuo em baixo, no mundo da matéria, que se relega ao passado, a fim de que em nível mais alto haja espaço por ceder à vida. Nasce então a luta interior da renúncia, a fadiga da virtude, a dor que dilacera os vínculos do espírito, o superamento das paixões, a destruição do **eu** humano e a ressurreição em Deus do **eu** super-humano.

O princípio vibratório em que se baseia o fenômeno induz-nos a compreender as vias da liberação, a compreender porque se devem guiar e não destruir as paixões, porque seja necessário alcançar-lhes o domínio e não esterilizar-se na sua simples destruição. É necessário reconstruir a vibração que se detém, reconstruí-la em um movimento mais intenso, para que seja vida e não morte. É necessário transformar, reedificar, renascer continuamente, afirmar vigorosamente e, direi mais, gozar, viver, amar no alto e não apenas sofrer e morrer em baixo. O meu misticismo é alegre, construtivo, dinâmico. É absurdo certo misticismo conventual, feito só de árida renúncia, que nega, mata, destrói e nada mais deixa além do vazio. É absurda certa contemplação, que às vezes encontramos no Oriente, que insula o homem no seu egoísmo de espírito e o segrega do mundo, sem torná-lo ativo, agente do bem na vida de todos.

Compreendemos, assim, o mecanismo da renúncia e da conquista. Cada um se torna escravo daquilo que ama e, quando se trata de coisas materiais, o coração se liga ao caduco e ao ilusório, condena-se a novos dilaceramentos, até compreender, a fim de dirigir-se a metas mais seguras. É o princípio vibratório, pelo qual se estabelece uma corrente de atrações entre os dois termos, o eu e o objeto de seu amor, que nos explica a gênese da ligação. São potências sutis e, todavia, reais que depois se faz preciso demolir. Real também é a dor. O homem é vinculado, arrastado de todos os lados, tormentosamente, por esses liames imponderáveis criados por ele mesmo. Também aqui se nos deparam os mesmos termos do fenômeno, isto é: vibração, sintonização, afinidade, unificação. E o nosso coração experimentará a sorte do objeto de sua unificação. A comunhão de vibrações nos torna semelhantes ao que amamos: põe-se no Alto o objeto e a alma o serve. Eis a razão mecânica pela qual se faz preciso desprender-se da terra, que nos faz

compreender como os sentimentos, as paixões, as atrações geram fusões que podem, segundo a natureza do objeto, tornar-se vínculos de alegria e de dor.

Compreendemos, assim, o fenômeno e o significado da fé. Concebo a consciência como unidade radiante, o **eu** envolvido como noíre que tende perenemente à difusão, à dilatação de si mesma, que é centro de emanções contínuas. Como, pois, se rompe o círculo fechado da razão e se penetra no céu da intuição e da visão? Como se conquista, com os limitados meios de uma dimensão conceptual inferior, o domínio da dimensão superior? Com a fé. A técnica vibratória nos dá a chave do mistério.

A razão é objetiva. Quer, antes de crer, assegurar-se e, só debaixo de seu controle, confiar. Mas, o método da prudência e da segurança não é o método do vôo. E aqui ressurgem o incessante antagonismo entre minha forma de pensamento e do racionalismo científico, em contínuo, estridente e inconciliável contraste. E, todavia, o primeiro é o sistema dos místicos, dos gênios do Evangelho, das grandes criações de espírito, é o método que se baseia no aperfeiçoamento do órgão central da concepção, a consciência, fato fundamental, de que a ciência se afasta. Se não rompermos, por evolução, o círculo em que se fechou a razão, esta jamais sairá dele e dentro dele, impedida de evadir-se, retorna sempre sobre si mesma. E é impossível rompê-lo por evolução, a não ser mediante a introdução na consciência de fatores novos, capazes de lhe dilatarem a potencialidade. Fé é como se designa o ato psicológico com que se introduzem esses fatores novos.

Para que serve permanecer no campo da positividade e da segurança, se este é tão limitado e não oferece possibilidade de expansão? A verdade universal já está totalmente pronta e presente, escancarada diante de nossos olhos. Criá-la não é o que nos compete fazer, mas sim desenvolver a vista para vê-la. Retoma-se, pois, todo o problema, mediante uma transformação de consciência. Esta chegará somente até aquela zona em que será capaz de existir. Aí encontra uma barreira pacífica, mas inviolável, que detém os imaturos, os indignos. A lei põe-lhes um véu diante dos olhos e sua violência permanece impotente; a verdade permanece fora do campo de sua consciência.

“**Cumpra-me saber subir qualitativamente**”, cada qual deve dizê-lo, porque o conhecimento é um estado vibratório de sintonização que se alcança harmonizando-se pelas vias da bondade, da ascensão espiritual. Ora, aquele que, em vez de seguir estas vias e pôr-se em estado positivo de confiança que estabelece ressonância, se põe no estado vibratório negativo de dúvida e de desconfiança, que se afasta na dissonância, a si mesmo fechará automaticamente as portas do conhecimento.

Apliquemos sempre os mesmos conceitos: **vibração, ressonância, sintonização, afinidade, unificação**. Por essas vias, o espírito consegue fundir-se tranqüilamente na verdade. Ora, pode compreender-se que o problema do conhecimento na sua essência e integridade consiste num problema de unificação entre o eu humano e a Divindade, representa um problema de ascese mística, de revelação, porque em nossa consciência aquela Divindade é limitada somente por nossa capacidade de conceber e se entrega à nossa alma em relação à sua potência de harmonização. Mas, quando é atingida a sintonização e completada a unificação, a verdade então se torna um cântico divino, uma harmonia suprema, um incêndio de amor em que a alma já não se sente a si mesma como coisa distinta.

Esta concepção vibratória nos revela mecanicamente que no amor de Cristo reside a grande via das ascensões humanas. O Evangelho é o método da harmonização universal; nele, como em nenhuma outra parte, transparece a Divindade, na poesia sublime do Seu Amor. Trata-se precisamente de transparência e esta se conquista na ascese mística.

Se nos pusermos em posição de resistência, em estado vibratório fechado, qual se nos recusássemos a subir, então nós mesmos nos deteremos e nos privaremos da recepção amplificadora que desce das correntes vivificantes difusas no todo. A razão é um círculo de forças fechadas, é um egoísmo conceptual que a si mesmo não sabe ultrapassar, não se dá por simpatia e não conhece as vias vibratórias da atração que levam à fusão com o não-eu e, portanto à sua dilatação até ele. Necessário se faz subjugar este equilíbrio e reconstruí-lo em mais alta e completa forma, embora seja mais instável e, não obstante, mais dinâmica. E a fé é o primeiro salto para a frente.

No duvidoso tormento, tenho interrogado o mais profundo de mim mesmo, dizendo-me: "como posso eu confiar-me a um imponderável que em mim ainda não existe e ao qual devo eu mesmo criar?" E o profundo me tem respondido: crê, porque só a tua fé, base de impulsos ascensionais, tornará objetivas e tangíveis aquelas realidades mais altas que hoje te escapam".

Não se trata de fé louca, do **credo quia absurdum**¹⁰, desesperada capitulação da razão que, sem embaraço, pretende ser sempre a única a falar, até fora de seu campo. Que esta se extinga para sempre, dobre-se em suas expressões caricatas e permaneça fechada em seu âmbito, como rainha, mas sem pretender outros reinos. A fé não é uma renúncia às faculdades de pensar, como pode parecer a quem seja incapaz de atingir esse nível; ela é antes um estado de graça que vê e conhece por outras vias e conserva em si a sua alegria infinita; é uma doação em que nada se perde, porque àquele amor e àquela confiança responde o Universo, retribuindo com novas doações; não é cegueira senão para os cegos, porque naquela cegueira se abre a visão e se revelam os céus e aparece fulgurante o pensamento de Deus.

A fé é, pois, ato criativo por excelência que acompanha a realidade em formação, que voluntariamente pode e sabe antecipar os futuros estados da evolução. Dentro de nós, em nossa profundidade, já reside o germe dos infinitos desenvolvimentos do divino. Faz-se mister alimentá-lo em nosso íntimo e nossa deve ser a primeira impulsão. Há no eu a potência de levantar esses eixos dinâmicos, de ampliá-los como turbilhões de forças, atraindo e assimilando infinitas correntes universais. Com a fé, podemos crer antes de sentir, afirmar antes de conhecer, querer antes de ser. Absurdo, dirão. Assim é, no entanto, que sentimos, conhecemos e existimos; com antecipação, voamos onde outros caminham. Daí emerge uma criação, impossível de outra forma. Dessarte, forma-se, com antecipação, o estado vibratório, e excita-se-lhe a ressonância que, amplificando-se em contínua vibração, nos transportará àquele modo e àquele plano de vida, aonde queremos subir, e nele nos transformará.

¹⁰ "Creio porque é absurdo". Frase de origem desconhecida, diz Paulo Rónai. Possivelmente adaptação de palavras de Tertuliano. ImproPRIAMENTE atribuída a Santo Agostinho, essa expressão define a fé, em oposição à razão, conforme conceito generalizado na Idade Média. (N. do T.)

Assim como o Sol é uma torrente de luz e força, que se irradia por toda parte, mas que só se utiliza e valoriza quando incide sobre um germe receptivo, assim também Deus é torrente de pensamento e de energias que frutifica somente quando vem recolhido pela ressonância de uma alma preparada. A fonte é um todo e dela fluem, não só conhecimento, mas bondade, ação, poder. Mas, é o **eu** que, mediante um ato de fé, deve abrir os braços, escancarar as vias da absorção conceptual e dinâmica em todas as suas modulações, executar o trabalho de projetar-se para aprender, cingir e assimilar. Fecundado assim pela divina ressonância, nutrido dessas respostas, o estado vibratório estabilizar-se-á e formará a aptidão, a qualidade, o modo espiritual de ser, que depois se fixará com a repetição, se tornará hábito, instinto, necessidade. Assim, o influxo divino representa uma potência eternamente ativa na obra da criação.

IX

DIAGRAMA DA ASCENSÃO ESPIRITUAL

Para penetrar mais profundamente no problema da ascese mística, retomemos os conceitos já expostos, fixando-os tanto quanto possível, em um diagrama. Dessarte, poremos em evidência, graficamente, o fenômeno, em suas linhas mais expressivas, e obteremos sua definição em forma mais sintética e intuitiva — uma estrutura gráfica que nos dará a sua técnica funcional. Temos colocado o fenômeno da ascese mística no seio do fenômeno da evolução, como sua parte integrante e central.

Assim, a ascese mística se projeta sobre o fundo grandioso do maior fenômeno do universo. Temos visto como o princípio vibratório, individuando o espírito, permite, por ressonância, a sintonização e como, pela estabilidade desta em um estado de afinidade, guia o ser ao último termo da ascensão — a unificação com Deus. Portanto, no seio da evolução, chegada à sua superior fase espiritual, a ascese mística é o fenômeno em marcha progressiva para a unificação. Procuro, assim, guiar gradativamente o leitor à compreensão racional, depois à sensação deste supremo vórtice de ascensões a que esta presa minha alma. Nesta concepção atinjo o conhecimento por sintonia com correntes nouíricas, operando com o método da intuição.

Observemos o diagrama anexo e expliquemo-lhe o significado e o desenvolvimento, imaginando construí-lo qual efetivamente ele surgiu em minha mente (fig. 1).

O diagrama exprime, por coordenadas ortogonais, a lei de variação da evolução em função do tempo. Mais exatamente, temos gradações de evolução sobre o eixo vertical das ordenadas e gradações de tempo sobre o eixo horizontal das abscissas. Por tempo, entendo, não a dimensão temporal, que nas superiores zonas de evolução é superada, mas o ritmo do transformismo fenomênico, que é fato universal e subsiste por toda parte, qual passo assinalador do caminho do eterno vir-a-ser. Especificaremos mais adiante quais são os graus de evolução.

Dai resulta um V de progressiva abertura, cujos ramos são tangentes aos círculos sobrepostos. Supondo a coordenada vertical, indicadora da evolução, repetida mais à direita e elevada, ao contrário, ao longo dos centros dos círculos, teremos um diagrama simétrico, isto é, um diagrama cuja metade direita se repete na metade esquerda, nos lados da referida linha, aparecendo na forma muito mais expressiva de um V que se abre para o alto.

A série dos círculos e tangentes que se repetem lateralmente exprime a repetição do fenômeno no seu andamento em individuações idênticas e contemporâneas, isto é, expressas no mesmo âmbito de desenvolvimento. Esta repetição do diagrama em casos colaterais é necessária para estabelecer as relações entre as várias individuações do fenômeno.

(Veja figura 1 na próxima página)

Ascese

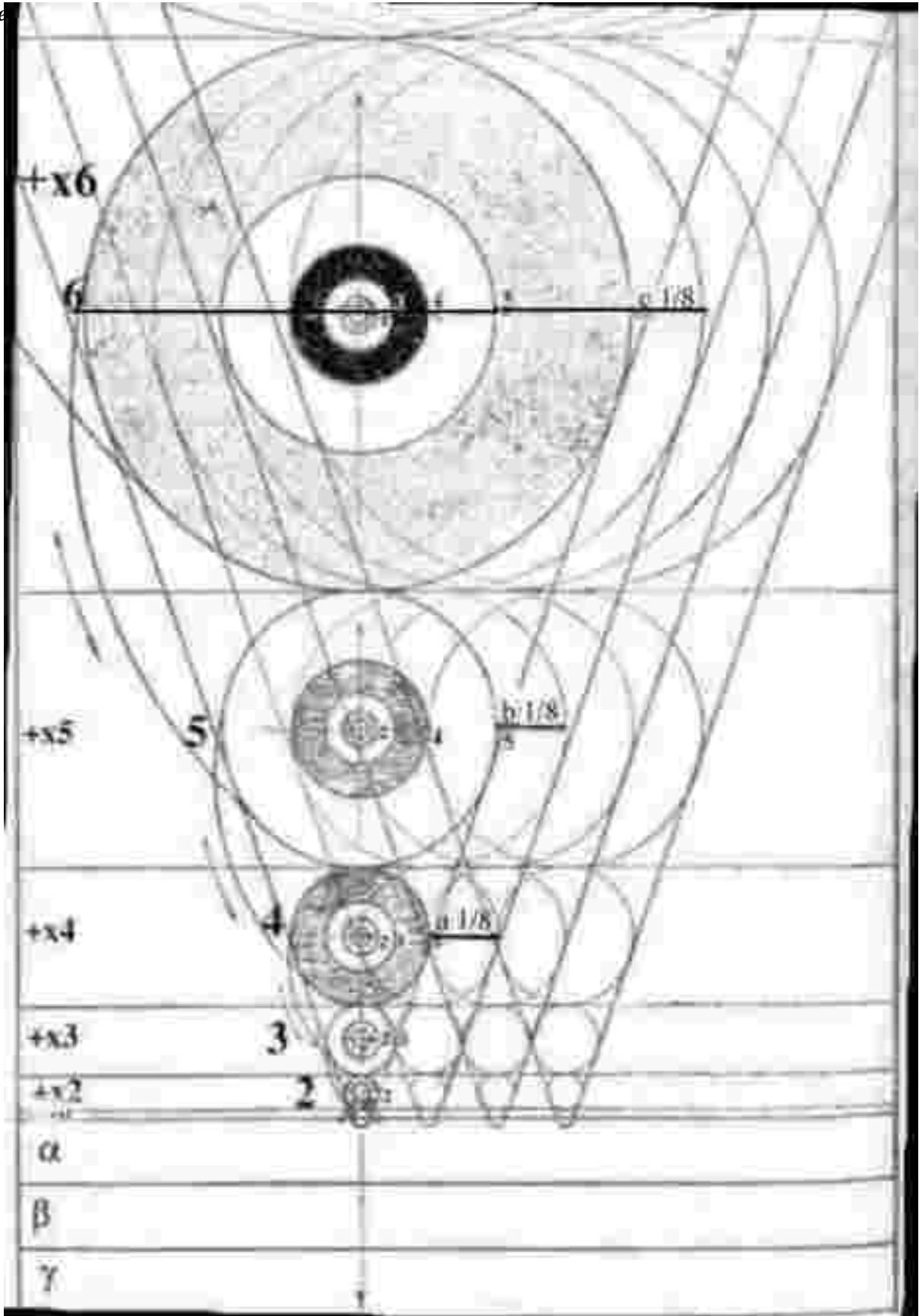
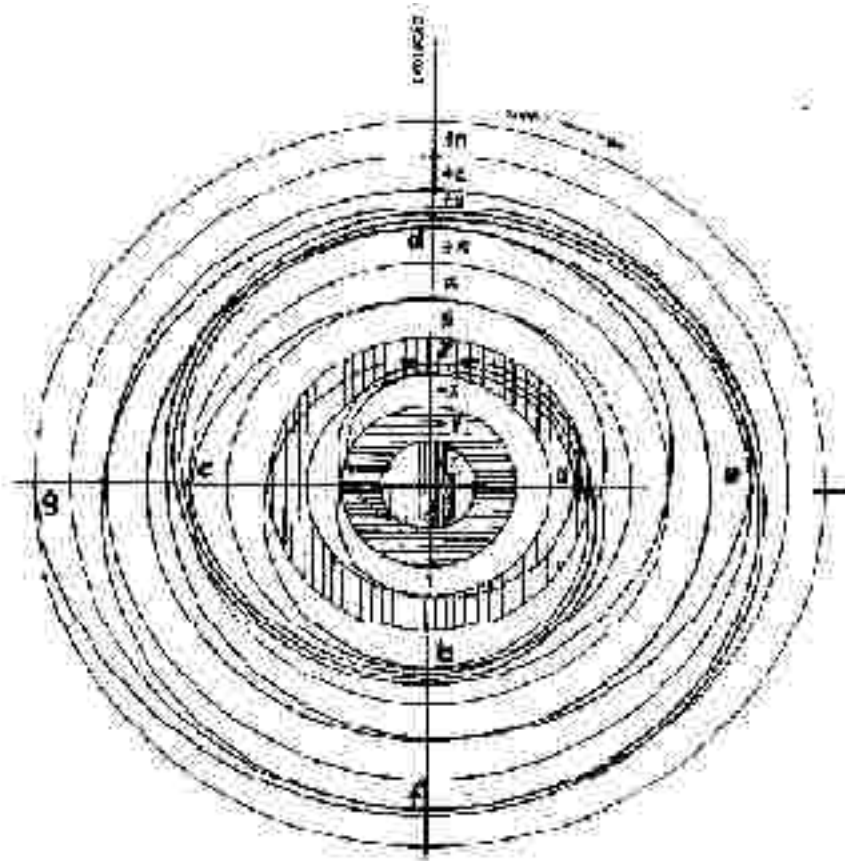


Figura 1

A progressão ascendente dos círculos não passa de um diagrama inserto no precedente, segundo os mesmos eixos de desenvolvimento e cujas mesmas coordenadas poderiam repetir-se, partindo do centro de cada uma das sucessivas circunferências. Obtemos, assim, a expressão do desenvolvimento interno do fenômeno, qual é compreendido na abertura coniforme das duas tangentes divergentes, e a expressão da causa determinante desta abertura, à proporção que se ascende para as mais altas zonas da evolução. Compreender-se-á este diagrama interno, observando-se que ele nada mais exprime que o progressivo abrir-se de uma espiral, cujo centro, por comodidade de observação e de evidência de expressão, se desloca progressivamente para o alto ao longo do mesmo eixo, e recordando que este diagrama mais não é que o desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomênicos (**fig. 2**)¹¹ aplicado e repetido neste caso particular, com o supracitado deslocamento de centros. É evidente, com efeito, que também este particular fenômeno da evolução de consciência ou ascese espiritual, que aqui estamos estudando, deva exprimir-se na mesma linha espiritual que é a trajetória típica tomada como expressa o abstrata e universal do andamento de todo fenômeno. Assim, o diagrama da figura 1 indica a mesma progressiva cobertura de zonas (tracejadas), como no diagrama da figura 2 (nesta é, ao contrário, concêntrica), cobertura que indica, num como noutro desenho, as zonas sucessivas de expansão do fenômeno.

(Veja na próxima página a figura 2)

¹¹ Confronte A Grande Síntese, cap. XXVI (A trajetória típica dos motos fenomênicos) e fig. nº 1 de As Noúres (N. do A.)
Veja-se ainda o cap. II de As Noúres (O Fenômeno). (N do T.)

**Figura 2**

Esta a explicação analítica que, no entanto, em sua originária fase intuitiva, foi em mim instantânea. Vejamos agora o significado destes sinais. Temos, pois, três diagramas fundidos conjuntamente: o primeiro é dado pelas duas linhas divergentes em forma de V que se abre para o alto; o segundo é dado pela abertura da espiral com cobertura de sucessivas zonas, o que exprime a expansão do fenômeno (seu aspecto dinâmico) permitindo a um tempo fechar-lhe e insular-lhe as várias fases (aspecto estático); o terceiro é dado pela repetição lateral dos dois diagramas precedentes, o que permite estabelecer as relações entre os vários casos e transforma o simples fenômeno individual em fenômeno coletivo. Tríplex é pois o significado do diagrama: primeiramente, exprime ascensão do ser ao longo dos vários planos de evolução; em seguida, traduz a correspondente dilatação (espiritual) de consciência (zonas tracejadas); enfim, significa progressiva superposição de individuações e fusão de consciência em forma de existência coletiva. Assim, a música das ascensões dilata progressivamente as suas ressonâncias, estende-as na complexa sinfonia das harmonizações coletivas. A harmonia gráfica do diagrama mais não é que a expressão ótica de um ritmo musical de conceito em que está divinamente contido um desenvolvimento lógico de forças.

X**PRIMEIRO ASPECTO - PLANOS DE CONSCIÊNCIA**

Desenvolvamos agora o íntimo significado do diagrama, principiando por seu primeiro aspecto. Podemos explicar aqui o que entendemos por gradações de evolução, quais são assinaladas ao longo do eixo vertical das ordenadas. Já estabelecemos alhures¹² a constituição trifásica do universo abrangido pelo cognoscível humano, isto é, constituído de três planos de existência: Matéria (γ), Energia (β), e espírito (α) (fig. 2), situados nas relativas dimensões de espaço, tempo e consciência. E demonstramos que essa trindade una, tridimensória e trifásica, que é a forma típica dos infinitos universos fenomênicos, que se transformam uns nos outros, é também o eixo interno de evolução do nosso. No seio do fenômeno da evolução, o ser esta pois continuamente em marcha, da fase matéria para a fase energia e desta para a fase espírito. Ao que já expliquei, dispense-me de retornar.

Somente aquela demonstração se detém no vértice da fase espírito e da dimensão consciência, precisamente porque, ultrapassando este ponto, saímos de nosso universo e da fase humana, qual é corretamente concebida. Mas, não podemos deter-nos aí. Precisamente onde acaba aquela demonstração começa este estudo. Através dos estados místicos que tenho percorrido e vivido, sinto haver podido emergir do nível humano, normalmente concebível, avançando maravilhosamente como nova forma de consciência, nas primeiras zonas da primeira fase **x** do universo trifásico evolutivamente superior (+**x**, +**y**, +**z**) (fig. 2). Neste estudo, que poderia definir-se também como uma incursão no inconcebível desço de novo da dimensão superconceptual do êxtase e da visão, à dimensão racional corrente, para expor analiticamente a lei e o conteúdo do fenômeno. Espero com isso fazer-me compreendido. Completaremos assim a análise do fenômeno místico, o qual permanece desse modo perfeitamente enquadrado e orientado na fenomenologia universal, como uma forma de superconsciência evolutivamente situada nas primeiras zonas do superconcebível. Só agora poderíamos dar mais exatamente esta definição, que não era possível em princípio (cap. III).

Deixemos, por assim dizer, no subsolo da evolução as fases γ , β , α , já atravessadas e superadas, e iniciemos o diagrama (fig. 1)¹³ por uma linha horizontal que tomaremos graficamente como ponto de partida de nosso exame de detalhe da primeira zona do superconcebível. Aqui a evolução orgânica da espécie é superada e só o homem sobrevive como psiquismo. A unidade individual emergente e a um tempo remanescente de todo o anterior processo evolutivo é a consciência. Deste ponto para cima não podemos operar senão sobre unidades imateriais. A presença inegável do fenômeno psíquico e sua derivação das zonas orgânicas mostram à evidencia que a evolução tende para a desmaterialização, razão pela qual não poderemos avançar senão no imponderável.

¹² Cfr. **A Grande Síntese**, cap. VII, VIII e IX. (N. do T.)

¹³ **O diagrama fig. 1 não passa de um estudo de detalhe da zona +x do diagrama fig. 2. (N. do A.)**

Adiante, insularemos, no segundo aspecto do diagrama, o estudo do desenvolvimento de uma simples consciência. Observemos agora, ao contrário, no prosseguimento da evolução físico-dinamo-psíquica, estas primeiras zonas da dimensão superconsciência. Nestas zonas irromperá, assim, distinto e insulado em seu próprio plano, o fenômeno, no seio da evolução e de suas fases. Tomada como ponto de partida a fase neutra de transição $+x^1$ que cobre a horizontal de base, ingressemos na primeira zona ou plano de consciência, $+x^2$. Teremos assim uma sucessão de planos, $+x^2$, $+x^3$, $+x^4$, $+x^4$ etc., ao longo dos quais ascende a consciência. Mais exatamente teremos a seguinte progressão:

- $+x^2$ = plano de consciência sensória.
- $+x^3$ = plano de consciência racional-analítica.
- $+x^4$ = plano de consciência intuitivo-sintética.
- $+x^5$ = plano de consciência místico-unitária.
- $+x^6$ = plano inexplorado etc...

O plano de consciência sensória assinala o plano físico da consciência que começa a despontar, como síntese puramente sensória. Fase de consciência mecânica, que ignora qualquer interpretação positiva do universo. Psique de superfície, que ignora toda tentativa de indagação, organismo de reações mecânicas. (Veia cap. IV). É o primeiro nível humano do bruto, apenas emerso da besta, ainda animal e vegetativo.

O plano de consciência racional-analítica representa uma primeira tentativa de ascensão, de desmaterialização, de formação e de desprendimento de um psiquismo espiritual; como psiquismo, puro meio de funcionamento orgânico. É a fase da ciência, da observação, do relativo, da hipótese, da razão e da análise, mas não ainda da síntese. Começa-se a encarar seriamente o mundo exterior, mas sempre com meios de superfície. Na consciência, que permanece sensória como método de indagação, acende-se uma chama interior que anseia e pergunta, mas que ainda não sabe. É o período da pesquisa e, todavia, da ignorância ainda.

O plano da consciência intuitivo-sintética é uma zona evolutiva já supranormal e excepcional para a média humana atual que repousa na fase $+x^3$. Aqui, a gênese de um psiquismo espiritual independente é completa e a desmaterialização realizada lhe permite, em dados estados e momentos, perceber por ressonância as emanações de zonas de consciência ou planos psíquicos evolutivamente mais altos. É a fase metafísica, consciente e inspirativa, não mais da ignorância, mas do conhecimento, não mais da análise, mas da síntese. Chega-se a esse plano com o método da intuição. Contemplam-se os fenômenos por vias interiores, pesquisa-se e atinge-se a verdade por introspecção, no íntimo, onde realmente esta. Aí, o ser já não toca apenas o relativo, nem esta imerso na ilusão, mas toca o absoluto, possui a verdade. Não opera com o instrumento da lógica, da indução, da hipótese, mas por sintonização vibratória com zonas de consciência onde registrada já está a verdade. Já não é sensória a consciência. Arde a chama interior, que não só pergunta, mas sabe. Atravessei, por experiência, essa zona¹⁴ e dela extrai *A Grande Síntese*, “que é averiguação da realidade ultra-sensória da verdade fenomênica, por sintonização e visão interior”.

¹⁴ Descrita no citado volume: *As Noures*. (N. do A.)

O plano de consciência místico-unitária é aquele em que atualmente vivo minha nova experiência, do que, aliás, já eu tivera pressentimento. Tenho definido esses planos em relação com o conhecimento, porque este lhe é o índice prevalecente, como é o mais evidente e significativo Se, até agora, temos tratado de fria ascensão intelectual, que não tem outra meta e saciedade além da compreensão, vamos ver que neste novo plano de consciência mística a ascensão é integral. A sintonização com as superiores zonas de evolução não é só conceptual, mas, ao contrário, investe todas as qualidades da personalidade. Coração, sentimentos e paixões despertam e o ser já não ascende só por intelecto, mas por amor. Então a comunicação se converte em comunhão, a simples ressonância se torna fusão e unificação por identificação de estrutura vibratória, que naquele plano de existência é a forma distintiva do ser. Como no plano precedente se havia despertado, pela visão conceptual, uma ressonância na consciência, que nesta ressonância se tinha dilatado (como esta graficamente expresso no diagrama), assim, neste plano, desperta-se o êxtase místico em que canta uma voz nova, na qual vibra o amor, que é uma dilatação de consciência, tão vasta, que, como descreverei, sente-se humanamente perdido o ser, mas divinamente resurrecto. Não são hipóteses ou fantásticas lucubrações estas; são estupefacientes realidades nas quais estive presa minha alma, como em um turbilhão, e que, todavia, aqui demonstro predominar analiticamente, na forma mental hoje normal. E completo o trabalho de tal redução racional, para que esses altos fenômenos sejam admitidos e compreendidos, porque sei que pouquíssimos poderiam assim explicá-los por experiência e porque sei que neles estão o futuro e o progresso do espírito humano.

O plano $+x^5$ exprime e compreende, em seu âmbito, o fenômeno da ascese mística. Ignoro quanto se passa no plano $+x^6$, o qual exorbita de minha atual experiência; se não sobrevierem novos fenômenos evolutivos, ele se perderá, para mim também, no inconcebível. Talvez esteja isto acima das possibilidades humanas. E naturalmente infinita é a escola de ascensão no subsequente e, em seguida, nos sucessivos universos trifásicos.

XI

SEGUNDO ASPECTO — EXPANSÃO DE CONSCIÊNCIA

Analisemos agora o segundo aspecto do diagrama, dado, não mais pela abertura das diagonais para o alto, fato que exprime a ascensão do ser através dos vários planos de evolução, mas pela abertura da espiral com a cobertura de círculos cada vez mais extensos, os quais exprimem zonas de dilatação de consciência correspondentes aos vários planos agora descritos.

Já fizemos a conexão deste segundo aspecto do fenômeno com o primeiro, porque eles são ligados por correspondência, razão pela qual se estende, no âmbito de cada zona de evolução, a amplitude de uma dada fase de consciência. Do diagrama resulta, assim, graficamente, com toda evidência, esta dilatação expressa pelos campos tracejados, cada vez mais extensos. No diagrama, os espaços, as linhas e os seus movimentos e relações representam diferenças, movimentos e relações de conceitos, alto e baixo têm um sentido evolutivo, a extensão de consciência é figurativamente espacial, a repetição rítmica de linhas significa afinidade de características vibratórias individuantes. Dessarte, cada círculo contém todas as zonas precedentes conquistadas nos níveis mais baixos da evolução. Vemos, assim no diagrama não só que à zona $+x^2$ corresponde a amplitude de consciência do círculo **2**, a zona $+x^3$ corresponde a do círculo **3**, à zona $+x^4$, a do círculo **4**, à zona $+x^5$, a do círculo **5** e assim por diante, mas também que cada círculo compreende dentro de si todos os círculos menores. Assim, por exemplo, o **5** contém o **4**, o **3**, o **2**, o **1**. Isso significa que cada dimensão conquistada, ao tocar o correspondente plano de evolução, contém todas as dimensões precedentes, cada nível compreende os inferiores sobre os quais se eleva e abaixa; significa também que cada forma de consciência domina o âmbito de cada consciência assimilada e superada. Em seus círculos maiores, o gráfico dá a impressão intuitiva deste acréscimo espacial de consciência em torno de seu núcleo, por estratificações sucessivas e superpostas, o que responde a realidade, porque o acréscimo é devido verdadeiramente a uma descida de experiência.

Enquanto constitui tudo isso a expressão do aspecto estático do fenômeno, imobilizado, por comodidade de estudo, nas suas várias fases de desenvolvimento, a linha do dinamismo do fenômeno, isto é, da progressão de seu andamento, é dada pelo desenvolver-se da espiral que, em seu caminho, sucessivamente abrange campos de consciência cada vez mais extensa. Aqui reencontramos a mesma espiral do desenvolvimento fenomênico universal (fig. 2), embora seja, por seu deslocamento do centro, aparentemente diversa, conforme já notei.

Por dilatação de consciência devemos entender potenciação de todas as suas qualidades. Assim, em cada plano, se junta as precedentes uma qualidade nova. Eis que cada fase completa uma criação sua, segundo esta ordem:

- $+x^2$ = **consciência sensória = sensibilidade.**
- $+x^3$ = **consciência racional-analítica = razão.**
- $+x^4$ = **consciência intuitivo-sintética = síntese (verdade).**
- $+x^5$ = **consciência místico-unitária = amor (união com Deus).**

Quanto ao que se passa mais no alto, nada sei: mas, a cada degrau corresponde um salto para a frente, uma nova conquista que se soma às precedentes. Tal é a evolução, essência da vida. Amor, sentimento de que me deixarei inflamar mais adiante, é pois minha hodierna conquista e o conteúdo e a essência do fenômeno da ascese mística que aqui estamos estudando. **Amor é unificação com Deus.**

No âmbito do círculo **5**, que exprime precisamente a fase mística, encontramos, pois, todos os menores círculos concêntricos, isto é, a sensibilidade que desenvolve a razão, a razão que gera a intuição, conducente a síntese, a intuição que, por sintonia, se transmuda em amor, conducente à unificação com o Todo. E cada qualidade compreende em si a precedente, sobre a qual se

construiu.

XII

TERCEIRO ASPECTO — CONSCIÊNCIAS COLETIVAS

Observemos agora o terceiro aspecto do diagrama. O desenvolvimento do fenômeno espiritual já está exhaustivamente analisado sob todos os seus aspectos, como caso avulso. Neste último momento, vem ele repetido (no gráfico, lateralmente) em outras individuações suas, com o escopo de estabelecer as relações entre vários casos, estudar-lhe as recíprocas repercussões e finalmente sua dilatação com o fenômeno coletivo. Seguí-lo-emos aqui, em sua nova complexidade, para deduzir-lhe importantes e inesperados corolários, porquanto a ascese consiste nestas ressonâncias coletivas que multiplicam e transformam o fenômeno. O gráfico nos revelará a gênese de superposições e fusões de consciências, de que nascerão novas formas de existência coletiva.

A dilatação de consciência proveniente da ascese espiritual não é só conquista de conhecimento, mas também expansão cada vez mais integral do ser em todas as suas qualidades, despertadas e potenciadas sucessivamente, fora do germe (forma universal da expansão fenomênica, ou criação, ou manifestação do divino), que esperava potencialmente em o núcleo da fase precedente. O ser assim muda de consciência, dimensão conceptual, modo de perceber e sentir, muda a própria natureza e, deslocando-se ao longo dos diversos planos de existência, mudam igualmente as leis de vida. O superamento contínuo da evolução transforma-o e purifica, deixando em baixo as escórias. Pode assim acontecer o que verificamos alhures, isto é, que na fase de transição, qual é a atual fase humana, no período de novas formações, duas leis de duas altitudes diversas, disputem o campo: a lei biológica da luta pela vida e o amor evangélico.

Hoje, que o homem médio está situado na fase $+x^2$, de consciência sensória, e na fase $+x^3$, de consciência racional, e se encontra exatamente absorto no labor das primeiras criações do pensamento, vê agigantada, ante os próprios olhos, a importância destas e é levado a considerá-las precíua e talvez única criação do espírito. Ele ainda não sabe conceber as manifestações que aparecerão no plano intuitivo e no plano místico. Mas, o espírito é um exército de qualidades em marcha. As criações da bondade e do amor equivalem às da sensibilidade, da razão e da intuição e já se preparam em baixo, no primeiro núcleo de consciência.

Neste sentido, pode-se, igualmente, ler o nosso diagrama. Na horizontal de base, são traçados, equidistantes, muitos pontos que representam centros de consciência. O círculo fechado, traçado em torno de cada ponto, além de indicar o âmbito da consciência, correspondente ao plano em que está situado pode exprimir um campo de forças ou ciclo de vibrações, fechado em si mesmo, isto é, que retorna, sem vias de saída, perenemente sobre a própria trajetória. Esta é a fase de egoísmo necessária, em seu plano, à proteção da primeira formação do **eu**. Se este campo de forças se acha de tal forma determinado por necessidades protetoras, em princípio, e representa sólida crosta de defesa contra todos os agentes de

destruição, ele não permite abertura de circuito, nem contém possibilidades de expansão. Não permite contatos e comunicações, como todos os circuitos fechados, e os centros equidistantes sobre a horizontal de base se ignoram uns aos outros. Esta recorda a correspondente fase de cinética atômica de ciclo fechado, o equilíbrio estável, mas imóvel, da matéria (química inorgânica).

O despontar e destacar-se da espiral, ao lado do círculo, dirigida para traçar a circunferência superior, representam o despontar de novo equilíbrio de forças instáveis, porém mais vasto, o altruísmo. A trajetória, por impulso de maturações interiores (manifestação, exteriorização de divindade), em um dado instante se desprende do circuito fechado e já não retorna sobre si mesma; rompe-se o equilíbrio, abre-se o ciclo de forças em um novo equilíbrio de consciência altruísta. Sobe-se assim a uma nova fase que recorda o correspondente equilíbrio instável, porém móvel, da energia, a correspondente cinética atômica de ciclo aberto da vida (química orgânica). Assim, o ritmo dos planos inferiores repete-se mais no alto, porém, mais transparente de divindade.

Rota é a capa protetora e o ser parece abandonar loucamente suas defesas, parece em poder de todos, porque toda força, demolidas as barreiras, pode penetrar em campo aberto. Desponta o Evangelho, que parece utopia. Mas, também o circuito, que antes fechava, está aberto e nasce a possibilidade de todas as expansões e todo assalto é um contato; todo contato, uma absorção e uma dilatação de consciência, que assim inicia o seu caminho de expansão para Deus.

O diagrama é a expressão desta expansão, cujas conseqüências, de caráter coletivo, ele indica. Pois que também graficamente os pequenos círculos distanciados, na base, em seu insulamento egoístico, se avizinham em sua expansão, subindo até se tocarem até iniciarem uma progressão de superposições que se torna cada vez mais intensa. Antes de estudar-lhe o significado, observemos como este processo de superposição se manifesta no desenvolvimento gráfico. Demonstra o diagrama, com unidades espaciais, que a zona de superposição dos círculos que exprimem os campos de consciência os vários planos está em progressivo aumento e que a zona de não-coincidência dos referidos campos é inversamente progressiva e isso mediante relações que exprimem uma lei de aproximação infinitesimal constante. Observemos esta lei de progressiva coincidência e suas conseqüências.

Enquanto, no plano **2**, se acham ainda distantes as duas circunferências, no plano **3** elas são tangentes, no plano **4** superpõem-se por $\frac{1}{2}$ de diâmetro (tomado o diâmetro como unidade de coincidência). Temos ainda $\frac{1}{2}$ diâmetro de não-coincidência (v. linha **a** = $\frac{1}{2}$). No plano **5**, a zona de não-coincidência é reduzida a $\frac{1}{4}$ de diâmetro (v. linha **b** = $\frac{1}{4}$), e proporcionalmente aumentada a zona de superposição. No plano **6**, a zona de não-coincidência é reduzida a $\frac{1}{8}$ de diâmetro (v. linha **c** = $\frac{1}{8}$); e assim sucessivamente. Isso basta para traçar a progressão $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{8}$ de não-coincidência que exprime a correspondente relação de superposição.

A mecânica do gráfico permite-nos, pois, calcular **a lei de atenuação do separatismo ou distanciamento entre unidades de consciência e a correspondente lei de fusão de individualizações**. E mostra-nos, com a expressão tangível das suas progressivas superposições espaciais, que a tendência da lei é a unificação, isto é, identificação por coincidência, tendência expressa por uma relação constante de aproximação. Mudando-se as distâncias de base entre os centros, mudar-se-ão as relações, mas a lei e a tendência permanecem. A um diagrama

necessariamente bidimensional não podemos exigir mais como representação de uma realidade pluridimensional e abstrata.

Que significa isso? A Expansão leva, pois, a uma interpenetração de campos de forças, o desenvolvimento da ascese espiritual assume aqui um mais vasto aspecto coletivo de harmonização de consciência. A evolução, portanto, leva a uma fusão mais estreita sem jamais, porém tornar-se identidade, porque a zona de não-coincidência é tal ($1/2$, $1/4$, $1/8$, $1/16$, $1/32$, $1/64$ etc.), que jamais se anula. Embora permaneça espacialmente idêntica, porque são paralelas ao infinito, as diagonais de ascensão, aquela zona se adelgaça com a aproximação constante (permitindo o fenômeno inverso da progressiva superposição), porque em todo plano muda a relação com os diâmetros, que redobram continuamente. Assim, enquanto sempre aumenta a zona de identidade, a zona de distanciamento esta em contínua diminuição, precisamente porque o progressivo aumento da relação entre os diâmetros de extensão das consciências tende para a anulação da distância, embora jamais o atinja absolutamente. Seja qual for a extensão que se atribua às distâncias de deslocamento na base do diagrama, já o disse, esta lei permanece constante.

Cada plano tende, assim, quanto mais alto, a ser tanto menos uma série de consciências distintas e tanto mais uma zona unitária de consciências harmonizadas e fundidas na mesma natureza. Outrossim, no diagrama, a vizinhança entre os centros é de fato progressiva, em relação aos diâmetros. A superposição dos campos de forças atenua sempre a distinção e opera a assimilação entre os vários tipos de consciência que tendem a tornar-se um modo único de ser. Assim, abre-se sempre mais a comunicação interior, escancaram-se as vias da ressonância: no nível espírito, já o dissemos, a individuação já não tem a força corpórea espacial do plano físico, e é definida pelo tipo de vibração, por um próprio timbre de emanção. Então a zona sintoniza-se segundo uma única nota e é toda, como cada consciência componente, a mesma a única nota. A comunicação torna-se comunhão; a comunhão, unidade.

Vejo então animarem-se as consecutivas circunferências do diagrama e revelarem-se na sua real essência de espíritos fraternos, harmonizados na mesma nota de amor. E cada plano de evolução é uma esfera celeste que modula uma diversa e cada vez mais intensa e pura nota de amor. Vejo um fantástico turbilhão de luzes ao redor de um enceguedente esplendor, centro de sapiência e de amor, que é Deus.

Esta unificação por estados vibratórios, esta sempre mais íntima interpenetração de consciências, este ritmo de aproximação colateral, resultante de todo o movimento do diagrama, nos dizem que, à proporção que galgamos os planos espirituais de evolução, não podemos encontrar, e aqui explicamos como efetivamente não encontramos, individuações pessoais de consciência no sentido humano, tipos de **eu** separado, à nossa semelhança, nas zonas de consciências ligadas na mesma sintonia. Isso explica racionalmente a dificuldade de identificação espiritual no caso de elevadas Entidades, que jamais se definem em sentido humano, e o fato por mim averiguado de que, ascendendo evolutivamente, não tenho encontrado centros individuais de pensamento, mas núcles, isto é, correntes de pensamento. E é lógico, ademais, que a evolução, sendo um renovamento tão substancial, conduza quase à vaporização daquela distinção, que é a nota necessária e fundamental desse núcleo denso que em nosso nível é ainda a personalidade humana. É lógico que a expansão desse núcleo em formas imateriais conduza à interpenetração e, portanto, à comunhão de personalidades. Conceitos, para nós,

apocalípticos, bem o sei, mas esta é a realidade. Lá em cima, no Alto, a consciência já não aparece com as características unitárias e distintivas de nosso plano, mas torna-se um fato coletivo. Não se pode negar que isso desorienta todas as nossas concepções; nem por isso, contudo, se torna menos verdadeiro. Nada pode alterar-se ante a obstinação com que, em nossa incompreensão, negamos. Encontraremos noures, sempre noures, correntes não só de pensamento, mas de atração, de simpatia, de amor, através das quais os Espíritos se ligam em forma de existência coletiva. Pode verificar-se um início do fenômeno também em nosso plano, no caso da consciência coletiva, no qual se tem exatamente um princípio de existência psíquica por correntes. Isso também poderia ser expresso em nosso diagrama, enquanto há também em tal fenômeno uma dilatação e interpenetração de consciência individual na compreensão sempre menos egoística do bem de todos.

XIII

EGO SUM QUI SUM¹⁵

Nosso diagrama já nos ofereceu, em seus aspectos maiores e menores e em seus corolários, matéria para muitos ensinamentos e conceitos. Afastemo-nos agora das minúcias e observemo-lo em seu conjunto, qual uma sinfonia única. Distanciamo-nos da representação gráfica e ascendamos em abstração, avizinhandos assim da realidade.

Até aonde vai esse ilimitado caminho evolutivo?

Ocorre, sob nossos olhos, o fenômeno da transformação de consciência que, intensificando-se, parece evanescer em nossa percepção. E, todavia, repete-se em planos imateriais o mesmo fenômeno da evolução orgânica darwiniana, regido pelo mesmo princípio. Há em todo o processo um ritmo grandioso e implacável, pelo qual o universo avança para zonas em que se desmaterializa e parece perder-se no inconcebível. Nossa vista, conquanto aguda, não pode hoje ultrapassar uma dada ordem de planos. E depois? Depois há uma só direção e esta direção é Deus.

Do grande caminho mais não vemos do que um pequeno trecho, que parte da matéria; nem lhe conhecemos os antecedentes evolutivos. Ele termina nestas superiores fases espirituais que estou descrevendo, além das quais lava um tal incêndio, que nosso eu não pode resistir. Este incêndio é Deus.

¹⁵ "Eu sou Quem Sou" Palavras do Senhor a Moisés, na tradução latina da Bíblia (Êxodo, 3:14). Em hebraico, significa "Eu Sou Aquele que É", no sentido de transcendência divina — O Ser Supremo. (N. do T.)

Já foi muito o ter descoberto a evolução biológica; é já muito o tê-la aqui continuado em suas superiores fases psíquicas. Mas, depois, além, ainda mais além, permanece o mistério. E, contudo, o homem evolve. A mesma lei que, mais no alto, nos embarga a visão, para esse alto nos arrebatava, perseguindo progressivamente o mistério. A consciência dilata-se em todas as suas qualidades e a luz divina pode descer em sua cada vez maior transparência de espírito.

Vimos que a evolução consiste num processo de harmonização vibratória e que, quanto mais se ascende, tanto mais se manifesta em forma de ressonâncias musicais; A evolução de um a outro plano de consciência pode assim dar-nos a revelação das mais inimagináveis realidades. Em cada nível, os seres respondem cada vez mais, por clareza e por força, à nota divina que, qual uma luz, chove do alto e penetra as várias zonas, mais ou menos, segundo sua densidade. Tudo é, pois, uma projeção, mais ou menos densa de sombras, do pensamento de Deus. As vias da ascensão espiritual, que estamos estudando e das quais o fenômeno místico é, para nós, um momento tão grande, são as vias que convergem para o centro, guiando para Deus, último termo de todas as ressonâncias.

Deus é, pois, a meta para a qual se dirige a evolução universal, em marcha. Esta é uma ascensão orgânica de todos os seres. A proporção que sobem, eles se coordenam, harmonizam progressivamente suas dissonâncias, eliminam seus antagonismos e reaproximam suas cisões. A Ascensão é um amplexo cada vez mais estreito que consolida as conquistas e unifica a expansão. De baixo para cima, a evolução é um processo de progressiva unificação e o último termo desta unificação é Deus. Deus é o ponto para o qual tendem todos os seres. Para Ele tudo converge e n'Ele tudo se unifica.

"Ego sum qui sum". Deus não pode ser definido. Definir significa limitar e aqui se fala do ilimitável. Toda definição será uma redução, uma mutilação. Não pode ser definido, porque não se pode projetar no finito o infinito, no relativo o absoluto, não se pode representar no ilusório da forma a realidade da substância, sem ocultá-la. Não se podem conjugar os conceitos de Deus e de pessoa, de vez que este é circunscrição de individualidade e o infinito não pode *ser* circunscrito. Não se pode chegar a Deus por argumentações, porque Ele está acima de todo raciocínio. Deus não se demonstra: sente-se. Não se pode chegar a Deus mediante pura multiplicação de atributos humanos. Para superar o conceito de direção a que devemos limitar-nos, seria necessário um salto no inconcebível. Quem, com efeito, se avizinha verdadeiramente de Deus experimenta uma sensação de imenso esmorecimento. Só então se olha verdadeiramente para o Alto. Subindo de plano para plano, a fusão dos espíritos se faz cada vez mais íntima e completa. Ao longo desta harmonização está o caminho que conduz a Deus. Ele é unidade global que, em si, harmoniza e funde todas as consciências e criaturas.

As superiores zonas de evolução são níveis de espírito e estão dentro de nós. Deus, supremo termo, não está fora, mas dentro de nós, nas profundezas de um abismo sobre o qual, trêmulos, apenas ousamos debruçar-nos. E o **eu** de todos os fenômenos que Ele cria eternamente em Sua manifestação. Não podemos orar senão imergindo-nos neste centro interior. onde se confundem altura e profundidade e já não têm sentido nossas medidas. A ascese mística é um trecho do caminho que nos conduz a Deus. A. evolução espiritual é o aprofundamento de nossa consciência em nosso próprio íntimo; sua dilatação é uma estranha dilatação superespacial para o interior, que pode comunicar-nos também a sensação de uma expansão para fora de nós. Mas, não há sensações comunicantes que permitam estabelecer termos de comparação com as novas

dimensões. As fulgurações de consciência, que estão na inspiração, na revelação, no êxtase, são bem fulgurações de Divindade Ouvir-lhe-emos o eco imenso, auscultando a voz do espírito; ver-lhe-emos os lampejos olhando na profundidade de nós mesmos, porque Deus está no fundo do coração humano, como pressentimento de todas as ascensões, insuprimível como o instinto fundamental da vida.

A ascensão espiritual é um processo de penetração do eu consciente em seus cada vez mais íntimos e profundos estratos, que são planos de consciência sempre mais elevados. Esta marcha em profundidade é uma liberação do invólucro denso da matéria e de sua ilusão sensória, é um desnudamento de pesadas escórias, é uma progressão para a realidade, a verdade, o bem, o Absoluto. É uma ascensão para o interior. **O futuro está dentro de nós.** A manifestação rumo a realidade exterior dos sentidos e da matéria é descida involutiva, é, perdoem-me o termo, descentração de Divindade. A evolução procede em direção inversa, porque é o movimento centrípeto do retorno da alma a Deus. O centro de consciência, para evoluir, não se projeta para o exterior, mas desloca-se para a realidade interior, hiperfísica e supersensória. Isso é uma reabsorção do espírito em Deus, que após haver projetado, fora de Si, o processo criativo, em sua primeira fase involutiva, o inverte e o reconcentra em Si, em sua fase evolutiva. Processo concêntrico de síntese, de atração e de amor, oposto ao precedente, de dispersão.

A grande força que impele a evolução é amor. Ela é a radiação que desce do Alto e atrai a Si. Ela reconstrói, reúne, rearmoniza, reconduz à unidade. A luta entre o bem e o mal é a luta entre estas impulsões reconstrutoras, que afirmam, e as impulsões negativas, destruidoras e dispersivas da involução. Esforça-se, mas conquista-se. O egoísta que acredita vencer a vida, fazendo-se centro de tudo e de tudo senhoreando-se, a fim de acumular para si, ao contrário, a si mesmo se fecha as portas daquela, porque se insula do grande movimento de unificação, segrega-se das fontes da vida e esteriliza-se. Ele inverte as vias da expansão do eu, acorrenta-se às coisas precípeis e fecha-se à expansão no coração do semelhante e das criaturas. Para nutrir-se somente a si mesmo em detrimento dos outros, subtrai-se toda nutrição. Assim é vencido e não vencedor. Disso nos tem advertido a suprema sabedoria do Evangelho. O egoísta vive a expensas do todo. Quem ama vive em contínua comunicação com o todo, inexaurível manancial de riquezas. Quem dá parece perder, mas com esse ato identifica o bem próprio com o de seu semelhante e, multiplicando-se no semelhante, nele revive. Assim, o altruísmo dilata a consciência e, se perde utilitariamente, perde unicamente segundo a mais limitada psicologia racional; mas, em compensação, ganha muito espiritualmente. O ato de egoísmo, ao contrário, constitui uma contração e leva à asfixia; a sensação de expansão e aumento que decorre do ato de altruísmo explica a alegria de dar, de outro modo absurda. Assim se explica, e somente assim, como para o espírito o dar-se em sacrifício não seja, como é para o corpo, uma penosa mutilação de vida, mas uma alegre forma de expansão.

Por amor, entendo o amor de espírito, que unifica, não o amor carnal, egoísta, que deixa sempre profundos resíduos de separatismo; entendo por amor a vibração de circuito aberto, não a vibração de circuito fechado, que retorna sobre si mesma. Entendo a vibração expansiva do verdadeiro altruísmo evangélico, a vibração da expansão mística que representa uma ordem de ondas mais curtas, rápidas e dinâmicas e, por isso, mais penetrantes, cujo ritmo mais intenso e veloz permite que elas se elevem além da atmosfera terrestre e atravessem os superiores planos de evolução, para aproximar-se muito mais da fonte, sentir-lhe a atração e, com ela alcançar uma sintonia mais perfeita. O amor é a estrada mestra para chegar a Deus. Assim é que em baixo

todas as criaturas são inimigas, no alto todas as criaturas são irmãs. Eis como o Evangelho transforma o inimigo em amigo e, chegados a um dado nível, toda a fenomenologia universal aparece qual imensa música de toda criação e a voz das coisas muda-se e torna-se um cântico. E a ascese que opera este milagre, revelando à alma o segredo da harmonização, que no amor opera a reabsorção do mal, das trevas, da luta, da dor, para o equilíbrio, a ordem, a felicidade.

XIV

DA TERRA AO CÉU

O fenômeno da ascensão espiritual permanece situado no seio da fenomenologia universal como fase de evolução, como fato insuprimível e necessário. Ele está enxertado na técnica do funcionamento orgânico do todo. Se aqui chegamos à verificação experimental, em forma científica, todo o nosso mundo não podia deixar de defrontar-se com um fato tão fundamental. E ele se repete em todos os tempos e em todos os lugares. e, do Bramanismo ao Budismo, do Islamismo ao Cristianismo, se reencontra em todas as religiões.

O processo de ascese mística, objeto deste estudo, poderia repetir-se. como método de Ioga, com nomenclatura equivalente, porquanto o iogue tende igualmente à libertação e unificação. Mas, esquivo-me de tudo isso que cheira a negativismo, porque o insulamento do mundo e dos semelhantes constitui sempre um pouco de insulamento de Deus. Esquivo-me desse método, porque ele é supressão de realidade exterior, antes que expansão de realidades interiores; fujo de tudo isso a que não se chega por harmonização, esse dulçoroso canto que faz da vida e da dor uma alegria, como o canto do Irmão Francisco no cântico das Criaturas. Eu, que sou latino, não posso sentir a ascensão de espírito senão na forma ardente, passional dos latinos, na forma de um misticismo vibrante e ativo, não posso abstrair-me no insulamento socialmente passivo da pura concentração; mas tenho necessidade, mal haja atingido um novo elemento na concentração, de novamente descer entre meus semelhantes para doar-me; tenho necessidade de dizer e de realizar, não de concentrar em mim, mas de expandir, mediante uma harmonização de almas, o fruto de minha ascensão. Minha concepção de ocidental, mais exteriormente dinâmica, me impõe como dever narrar tudo isso, para que tudo venha à luz e ressoe no coração dos outros.

O mundo não me aparece exclusivamente como a vã dança de sombras, qual grande Mâyâ, mas como um campo de lutas, onde sangra a alma de meu irmão, a quem me cumpre ajudar. Através desta unificação com ele, consolida-se minha unificação com o alto. Desta base de amor humano, inicio o processo de minha harmonização no amor divino. A ascese mística, entendendo-a latinamente, vale dizer cristãmente, não como estéril concentração meditativa que rouba à sociedade uma alma e uma atividade, mas como fecundação operada pelo divino no humano, a fim de que no humano se expanda e multiplique para sua ascensão; entendendo-a não

qual uma força que se ausenta da terra, mas uma força que a ela retorna e sobre ela é ativa e presente, agindo potentemente cada dia. Entendo a ascese mística como ajuda à vida, não como agressão à vida; como expansão, não como compressão. Estou, pois, imensamente longe de certo estéril ascetismo conventual, que oprime sem ter em si paixão de ressurreição. Não matemos o amor, refiro-me ao amor de espírito, de outro modo matar-nos-emos a nós mesmos; não o matemos, mas enxertemo-lo na dor. Passara a dor e o amor sobreviverá; fecundado pela dor, crescerá e nos levará para mais alto.

Minha concepção baseada em sólidos fundamentos científicos e experimentais deve passar muito distinta e distante de todos os escolhos, entre todas as falsificações de uma vida sadia e positiva da vida. Só transitoriamente aceito a treva, o tormento, a mutilação da renúncia, e o mais brevemente possível e só para reviver mais intensamente e mais no alto. Viver, viver, viver sempre mais. Minha ascese é um vórtice de paixão, não um adormecimento no nada, nem uma escola de perseguição ascética e, muito menos, uma acomodação de conveniências: é maturação lógica, natural e irrefreável, que aparece quando a alma tem atras de si um acúmulo tal de forças, que os equilíbrios se precipitam para mais altas formas de vida. Na ascese, vejo a sã metodologia mística, isto é, o processo natural de desenvolvimento de consciência. É assim como a fase racional nos deu o método analítico, e a fase inspirativa nos deu o método da intuição e me levou à construção de uma síntese universal, assim também a fase mística nos dá o método da expansão integral e leva à construção de uma consciência unitária. A unificação do saber completa-se e eleva-se até a unificação no sentir.

A expansão dos ciclos expressa no diagrama e um agigantamento de consciência que cobre campos de sensação cada vez mais vastos, abrange na mais intensa capacidade vibratória uma gama de notas cada vez mais extensa e pode responder cada vez mais a vozes no grande cântico do universo. A superposição dos planos no diagrama acarreta realmente uma descida de luz, de força e de amor do Alto e estabelece incessante comunhão entre os vários planos, que é um maravilhoso concerto de almas. E quanto mais subo, tanto mais me identifico neste canto; e quanto mais recebo e me fundo, tanto mais me nutro dele, mais devo dar o que me foi doado, mais devo abaixar-me e difundir-me nas menores criaturas irmãs. Há realmente no universo, de plano a plano, esta maravilhosa circulação de linfa vital, a derramar-se em abundância, limitada tão só pela capacidade receptiva do ser, pela sua potência de ressonância. Deus é um centro de energias ao vitais, afetivas e intelectivas, que qualquer ser ficaria reduzido a cinzas se as vias de penetração não fossem automaticamente limitadas em proporção à sensibilidade.

Tratei racionalmente do assunto, cujas bases científicas já estabeleci. Mas, agora, o passo tardo da razão irresistivelmente se acelera e se subtiliza em expressões excelsas; pois que o argumento insta e meu espírito tem pressa de abrir as asas e mostrar-se em vôo, tal qual ele verdadeiramente é, não mais constrangido entre aquelas peias. É hora de despojar-se dos invólucros da representação racional e de avizinhar-se da visão. Dela me aproximarei paulatinamente, neste escrito, até penetrar nela, até imergir-me e perder-me no êxtase e arder no amor divino.

Declarei, no princípio, que haveria de tratar do argumento da ascese mística, não só como razão, mas também como sensação e fé, não só em seu aspecto científico e objetivo, senão também em seu aspecto místico e espiritual. Esta sua diversa projeção não cindirá a realidade do fenômeno, mas reforçá-la-á, confirmando-a; nada a subtrairá à sua basilar solidez racional, à qual

é sempre possível descer, porquanto já não pode ser perdida de vista, ainda que se queira, salvo quando se saiba traduzir os termos de fé em termos de ciência. O aspecto científico que antepus no princípio para, sobre a terra, estabelecer solidamente as bases do fenômeno, não se desmente, precisamente agora que observamos a continuação desse fenômeno no céu.

Nos meus trabalhos precedentes narrei desapiedadamente, depois de vencer a vergonha das íntimas coisas da alma, meu sofrimento, minha fraqueza, minha fadiga. É hora de relatar o fruto de tudo isso — a conquista — de entrar na fase das realizações. No fim do volume precedente¹⁶ fiz afirmações graves. É chegado o momento de consolidá-las com afirmações ainda mais graves. Não posso renegar o passado, devo continua-lo com novas ascensões. Neste novo testemunho, que dou com a alma nua diante de Deus, ainda me empenho e irei até o fundo. Apertam-se os primeiros liames, reforçam-se os compromissos; por certas vias, já não é possível deter-nos. Este testemunho dirão que é *A Grande Síntese*, revelará hoje nova zona de seu significado, ainda mais profunda, confirmará e ampliará as minhas já tão graves afirmações a respeito. Falarei de Cristo, porque Cristo se aproximou e sinto que se aproxima cada dia mais, numa luz resplandecente. Pois que Ele é o centro de que nascem e em que se fundem toda a minha obra e toda a minha personalidade.

Assim, farei melhor compreender, neste mundo de cegos, quais são as verdadeiras metas da vida. Muitos compreendem tardiamente, já no termo do caminho, que nada de substancial foi construído, nada que resiste à morte e sobreviva à destruição e não se possa subtrair à própria personalidade. Compreendem então que riqueza, honras, amor sexual representam vã ilusão. Que tédio na alma! Depois, será necessário recomeçar desde o princípio, repetir o curso das provas. A luz só se faz no final, na orla do túmulo. Primeiro, sempre uma agressão sem tréguas, para se tornarem grandes já onde nada resiste e o tempo tudo destrói. Sempre assim; de outro modo, que se haveria de fazer? Parece que outra coisa não sabem os homens fazer. Parece que se acabasse esta rivalidade, esta ferocidade de luta, ficariam espantados, a olhar-se, bocejando, como quem nada mais tem por fazer, ou já não sabe o que fazer. Ou então se fartariam de bens e de gozos, até arrebentar-se, até morrer. Esta tremenda paixão que agito parece, pois, propriamente fora do normal concebível. Cada qual desce pelo declive e arrasta consigo os outros e todos se arrastam conjuntamente; é uma competição para aquele que mais velozmente se precipita, uma compressão a que mais ninguém resiste e em que se calca aos pés a alma humana, centelha de Deus.

Farei compreender as mais profundas realidades da vida, que escapam ao olhar cúvido e pressuroso do homem hodierno. Crê ele ser o próprio corpo nada mais que o corpo, e com ele consumir-se. Não quer envelhecer, nem morrer com ele. Que tremenda mutilação da consciência infinita identificar-se assim exclusivamente com a própria limitação, enclausurar-se nas trevas, sem esperança de luz, encarcerar o espírito livre no invólucro da matéria e sofrer as vicissitudes instáveis desta, o seu afanoso transformismo, para, ao fim, putrefazer-se com ela! Cristo veio para anunciar-nos: "**Eu sou a Ressurreição e a Vida:**", e não O temos compreendido. O homem de hoje, na pretensa civilização moderna, perseguindo laboriosamente um ideal de bem-estar material, fechou-se as vias da expansão espiritual, às vias do desenvolvimento de consciência; encerrou-se numa crosta de egoísmo e sua alma asfixia-se e sofre. Ela desejaria explodir em seu livre elemento, mas, sente-se, ao contrário, morrer na matéria.

¹⁶ **As Noúres. (N. do A.)**

Assim enclausurado, o espírito sente a pressa o das estreitas paredes que tenta erguer e não compreende que elas não são, nem podem ser sua habitação. O presumido dinamismo de nosso tempo mais não é do que a agitação desordenada desta angústia que busca evasão. Domínio de velocidade, de tempo e de espaço parece uma fuga, uma liberação, um superamento, e, contudo, mais não é do que o respiro mais curto e afanoso de quem corre mais velozmente no mesmo círculo de coisas vãs. Não se imagina como toda a vida humana se apoia sobre estes sutis jogos psicológicos, sobre estas leis profundas da evolução do espírito.

A ciência utilitária pretendeu abrir passagem através dos círculos férreos das necessidades materiais e as massas humanas foram lançadas nessas ondulações de esperanças, caindo, entretanto, em precipícios tais que o mundo ainda ficou mais insatisfeito do que antes. Mui diversa é a expansão de que necessita a pressão interior. O espírito não pode saciar-se com estes acréscimos na matéria, novas estratificações exteriores que tornam espesso o invólucro e encadeiam o espírito ao lastro terreno, que é feito de dor.

Para quem vê e compreende, é espantoso esse espetáculo. Seria ridículo, se não fosse mortificante. É uma corrida dilacerante para o inútil. Tal é o mundo a que falo, eu o sei. Falo de elevações de espírito as mais rarefeitas atmosferas da inteligência e do amor Pretendo arrebatá-lo leitor ainda para mais além, em arroubos divinos. Levá-lo-ei, plenamente, à sensação do êxtase místico, porque esta é a substância do fenômeno. Serei compreendido? Sei bem que se trata muitas vezes de almas de idades diferentes, de diversa e menos profunda maturação interior, para cuja insensibilidade são necessários certos abalos brutais. Mas, a dor delas é real e me dilacera. Sinto-as chamar de muito longe. Conquanto não a entendam, nem a admitam, ela implica para mim o tremendo dever de dar-me para o bem delas. Vejo-as sufocar, imersas até a garganta, na treva e no tormento; vejo iminentes os perigos de agora, que elas ignoram. Para que, pois, deveria eu viver, a não ser para ajudar. Não tenho eu o dever de restabelecer, onde há mais necessidade, aquela luz que do alto chove em torrentes, gratuitamente, sobre mim?

A organização unitária e compacta do universo impõe uma solidariedade entre o alto e o baixo, no labor de ascender. Quem mais tem mais deve dar. E por esta razão de equilíbrio e de amor que o extremo da grandeza de Cristo se casou com o extremo oposto de sua cruenta paixão. Através de meu espírito movem-se forças que, na harmonização destes planos, são de todos. Não posso insular-me. O universo é agora para mim um concerto; é necessário viver, harmonizando-se. Sinto-me enlevado no caminho do retorno e sobe comigo para Deus o cântico de todas as criaturas. As dissonâncias humanas do egoísmo, da avidez, da violência não lograrão fazer calar este cântico imenso que é a alma da criação. Abandonei tudo ao longo do caminho da dor. Ressurgi, nu, das lacerações oriundas da separação. Mas, agora, na expansão de meu espírito, vem ao meu encontro, sem mais limites, o universo. Doar-me, eis o meu trabalho; imergir-me no ritmo do todo, eis minha nutrição.

Tais doações, normalmente consideradas absurdas e muito menos necessárias, são dever absoluto para a alma que, nua, transpôs o umbral. Se se sobe em conquista de conhecimento e de amor é para executar um trabalho mais árdua, é para cumprir mais árduos deveres. Pois que devera nascer uma nova civilização e é necessário o sacrifício para prepará-la; será um novo ciclo histórico que formará nova raça em que a fraternidade já não será vã palavra, mas nova fase evolutiva de mais perfeita harmonização espiritual.

XV**METODOLOGIA MÍSTICA**

Viver e amar, tal é a substância do meu misticismo, qual aparecerá nesta sua expressão de fenômeno vivido. A proporção que caem os véus e a fonte se aproxima e transparece, ascende-se e lavra o incêndio. Dentro dele se ouvirá cantar a música do divino, o amor das criaturas, o amor de Deus. Diante de nós, veremos ressurgir a figura de Cristo que nos precede e avança pelos séculos. Veremos aparecer gradativamente, numa sucessão de quadros, esta visão e nela a transformação de uma alma. Mas, retardemos ainda a marcha, antes de aventurar-nos no grande vôo. Avancemos por um gradual crescimento de tensão. Tratamos suficientemente do aspecto técnico da questão. Deixemos atras este superado labor. Estamos ainda no vestíbulo, diante do portal. Nossa psicologia deve avançar através de progressiva desmaterialização e as precedentes afirmações teóricas devera o converter-se em sensível forma de vida. Para tornar possível a compreensão, devemos separar-nos gradualmente da psicologia corrente e gradualmente despojar-nos do invólucro analítico racional, liberar-nos e elevar-nos da forma mental de nosso tempo. O precedente estudo técnico nos fez compreender racionalmente a ascese mística; agora, devemos compreendê-la espiritualmente. Aquela primeira orientação esta na base e por isso nos ajuda e nos ajudará, mas agora é necessário atingir a superelevação do edifício. É necessário elevar-se na nova forma de pensamento e mover-se nela; devemos rasgar o véu e encarar a luz.

Aqui a ascese mística superou, em nosso exame, a fase teórica da compreensão e ingressa no campo pratico de sua realização. Emerge da exposição racional com uma palpitação de vida, não mais ilustração explicativa, mas norma de atuação. Quem ainda duvida verá que a ascese se torna um método e que há uma metodologia para chegar a Deus e realizar a unificação. Isto faz igualmente parte de minha experiência. Esta exposição nos encaminhará à compreensão da última parte e dos quadros psicológicos que a completam. Veremos assim nascer aqui, como conseqüência lógica de nossas promessas, uma **metodologia mística**. É a mesma dos grandes místicos, da qual porém não deram explicação racional e científica necessária á hodierna compreensão. Essencialmente, ela é a metodologia da evolução na fase espírito, decorre de cada palavra minha em meus escritos passados, neles esta contida, em suas linhas gerais, e continua aqui em um seu mais alto desenvolvimento.

O campo experimental de minhas observações se estende, assim, às experiências dos místicos que viveram o fenômeno e deram o seu testemunho, confirmando-o. Há uma ciência mística, cujos autores se dão as mãos. Embrionária nos primeiros tempos do Cristianismo, desenvolve-se depois, alcançando muitas vezes alturas inauditas. S. Dioniso Areopagita enuncia as leis gerais da teologia mística, lançando-lhe as bases; João Ruysbroech (nascido na Bélgica, em 1293) assimilou-lhe o pensamento e sobretudo o viveu. No **Ornamento das Núpcias Espirituais**, ele verdadeiramente arde como um incêndio e voa como águia; seu espírito solta um grito imenso e se abisma na vertigem dos mais altos estados místicos. E quem não conhece Eckart, Tauler e ainda a Beata Angela de Foligno, S. Boaventura, S. Teresa, alma vibrante

inigualada, e o santo da mística Assis, S. Francisco, sombra de Cristo? Máximo doutor em teologia mística, da grandeza de S. Tomás em dogmática, é S. João da Cruz (nascido na Espanha, em 1542). Suas obras: *Subida do Monte Carmelo*, a *Noite Escura da Alma*, o *Cântico Espiritual* e a *Chama Viva do Amor* descrevem as vias da ascese espiritual até a unificação da alma com Deus.

Há, pois, um método para chegar a Deus, com características que se repetem, demonstrando que atrás das realizações pessoais há um fenômeno geral. Nisso são concordes, numa nota dominante, os místicos teóricos e os místicos experimentais. Que fazem, que querem todos esses homens? São almas atormentadas por estranha necessidade: têm pressa de chegar a Deus, são impulsionados por um desejo vertiginoso, o desejo da unificação. Ardem todos de íntima efervescência de amor. Vivem com os braços abertos para Deus e para as criaturas, sofrendo antes de chegar e, depois, cantando e amando. Inflamam-se no incêndio do êxtase, em fontes inimagináveis, para, em seguida, derramar torrentes de luz e de paixão. Ouvimos clamores que em nosso mundo não são compreendidos, por isso não são admitidos. Que ocorre então?

Ocorre o fenômeno da absorção do eu inferior no eu superior, através da noite escura dos sentidos. Desloca-se o centro da gravidade da vida para um mundo hiperbiológico, situado além de nossa capacidade de conceber. Se, teórica e tecnicamente, é isso concebível, conforme veremos, coisa mui diversa é viver o fenômeno e experimentar a sensação de seu amadurecimento. Quem ainda está evolutivamente distante, observa e não entende; mas, quem chegou e vive o fenômeno atravessa uma revolução de pensamento e de sensações. O sorriso de quem nega não pode destruir esta realidade; tampouco suas pseudo-explicações patológicas podem deter o desenvolvimento das leis da vida. Sobrevêm o fenômeno da transumanização em Deus e a alma, embora coberta de ridículo, se encontra em face de tão estupendas realizações, que não pode calar o seu arrebatamento.

O fenômeno revela-se logo como decisivamente super-racional, precisamente porque é transformação de consciência; em seu primeiro passo, supera e anula a razão. Como primeira ocorrência, vem pois a falta do ponto de contato com a psicologia inferior. É lógico, todavia, que quem voa abandone a terra. A razão pode classificar o fenômeno, não, porém, senti-lo. Transponhamos o portal; a razão não entra. É natural que permaneça fora e, não encontrando repercussão alguma na extensão da própria consciência, negue. Surgem, então, as acusações de histerismo e de neurose, porque de cada boca não pode sair mais que a voz da própria compreensão.

Ingressemos no supersensório e no super-racional, que é uma dimensão completamente diversa da normal dimensão humana. Esta bitola não se presta a medir tais dimensões. Os próprios místicos não encontram palavras na linguagem de todos. A profunda essência do fenômeno permanece inadmissível para a razão e esta, vendo-se negada, nega por sua vez. Assim se excluem reciprocamente. Não sendo o fenômeno sentido como realidade entre as realidades e considerando que todo **eu** se faz invariavelmente medida das coisas, é ele então definido por incompreensão como um nada que, todavia, para quem sente, contém o infinito, um nada vibrante de paixão e fecundo de esplêndida atividade, sobre-humanamente altruística e benéfica. Eis o que contém o **repouso sem principio nem fim** de Boëhme, o **eterno silêncio** de Eckart, o **tranqüilidade e o silêncio da noite** de S. João da Cruz. E assim parece absurdo criar uma doutrina sobre um sistema de negação sistemática dos meios dos sentidos e da mente e que se

possa conquistar uma visão a força de trevas. Em verdade, há uma primeira fase de negação e de treva, mas é um início apenas; depois, vem a ressurreição. Para voar é contudo necessário deixar as pernas, pois enquanto quisermos caminhar, jamais voaremos. Já não se trata de correr a largos passos de razão, mas de voar em intuição e visão. Ora, isso é coisa mui diversa. E os dois mundos se defrontarão, acusando-se reciprocamente de ilusão. Se se não abre uma passagem, eles jamais se compreenderão. Mas, poderiam perguntar-me, se o homem esta fechado na razão, qual o está em sua pele, como logrará um dia sair? Como se pode sair da própria consciência? Evidentemente que é por força de evolução. Não é esta uma continua emersão de sob os envoltórios da própria semente? Há esta imensa impulsão interior que contém todos os desenvolvimentos e é um impulso de Deus para a sua manifestação.

O místico exclui a razão. Não a mata, supera-a; não a perde, transmuda-a. A alma encaminha-se para Deus; para que mais podem servir os raciocínios do intelecto? Como se podem avaliar certas altitudes espirituais com os meios feitos pelas pequenas distâncias psicológicas da terra? As demonstrações racionais, as argumentações filosóficas podem constituir uma aproximação, aliás, muito imperfeita da idéia de Deus, mas em sua essência, não comporta imagem, assim também não comporta demonstração. Pretender demonstrar-Lhe a existência equivale a negar a sensação direta d'Ele e fechar as grandes vias de comunicação com Ele, que são as vias da fé. Satisfeito, o intelecto então se cega, porque se sente muito melhor com os outros meios. Outra coisa é o conhecimento de Deus: é mais um deixar-se levar do que uma laboriosa pesquisa; é o assomar da alma acima do plano da razão, em uma visão nua, que já não comporta imagem, já não encadeia, nem reduz o divino na representação. A consciência deve ressurgir em uma luminosidade tão clara, vasta e imediata, que nela não podem insinuar-se estas densas e opacas vibrações inferiores, como os sentidos, a razão, a observação, a distinção, a lógica. A visão torna-se pura, simples, unitária.

XVI

A NOITE DOS SENTIDOS

Insistem muito os místicos neste superamento sensório que eles alcançam mediante um processo de progressiva purificação. Bastante árduo é o início. Não são, pois, somente negação de razão, treva de intelecto e renúncia de compreensão lógica, mas também negação de sentidos, cerramento das portas da alma, ávida de projetar-se para o exterior, mas repelida para o interior, cerramento das portas de satisfação as paixões, comprimidas assim para sublimar-se. Começam aqui as angústias do místico, cuja alma se lhe dilacera, fibra por fibra. Para chegar a dilatação faz-se mister atravessar esta zona de compreensão. O desenvolvimento do fenômeno é dado por toda esta mutação de equilíbrios, através da qual se desloca o centro de gravidade da consciência. O fenômeno é essencialmente dinâmico e em seu movimento há dois momentos: atrofia do eu inferior e sua reconstituição em um plano superior de consciência. A primeira fase é, pois, a morte. Isso, porém, se torna necessário. Unicamente sob a condição de uma inversa o do processo vital de expansão, na zona humana, pode iniciar-se um processo de expansão muito mais potente na zona super-humana. Aquele sofrimento de renúncia, que parece absurdo, mais

não é, todavia, que uma potenciação de ímpeto para uma vida nova, muito mais intensa e mais vasta. A ressurreição no divino deve ser, pois, paralela, próxima a morte no humano. Só este misticismo é sadio, ativo, criador, porque se dirige para a vida. Ai de quem se detiver só na primeira fase e demolir a consciência, sem reconstruí-la Isto é suicídio, não misticismo. Este deve avançar através das amplas vias da evolução, conducentes a luz e a alegria, nunca porém recuar sobre as vias estreitas da involução, que se fecham na cegueira e na dor.

Esta primeira fase de trabalho e de treva foi expressa pelos místicos como sendo a **noite dos sentidos**. Quero reproduzir, nesta altura, uma página de conhecido cientista, Carrel, que em seu volume — **O Homem, Esse Desconhecido**, conduz a ciência a confissões jamais ousadas, que pareciam eternamente fora de sua competência. Se bem que Carrel nada tenha podido entender de alguns problemas, porque ciência e razão não são suficientes para resolvê-los, pois seria necessário possuir outros meios e fontes de orientação, é muito interessante, contudo, verificar como certos altos fenômenos místicos possam ser suficientemente compreendidos e classificados pela ciência, quando é consciente, alada e genial. Escreve Carrel¹⁷:

"A iniciação ao ascetismo é árdua e poucos têm a coragem de enveredar por esta via. Aquele que deseja empreender esta penosa viagem deve renunciar-se a si mesmo e as coisas do mundo. Em seguida, permanece nas trevas da noite escura, experimenta os sofrimentos da vida purgatória e, deplorando sua fraqueza e indignidade, suplica a graça de Deus. A pouco e pouco, ele se desprende de si mesmo. Sua prece se tornará contemplação. Ele ingressa na vida iluminativa. já não pode descrever o que vê (...) Seu espírito transcende o espaço e o tempo, entra em contato com algo inefável e atinge a vida unitária, contempla Deus e com Ele age. (...) Devemos aceitar sua experiência, tal qual nos é dada. Somente aqueles que têm vivido em prece podem julgá-la. A busca de Deus é, com efeito, um empreendimento muito pessoal. Mercê de certa atividade de sua consciência, o místico tende para uma realidade invisível, que reside no mundo material e se estende além dele. Ele se lança na mais temerária aventura suscetível de ser tentada, razão pela qual pode ser considerado um herói ou um louco".

Mais adiante, continua o mesmo autor, sob outro aspecto: "Os homens mais felizes e mais úteis compõem um conjunto harmonioso de atividades intelectuais e morais. (...) Existe, ao demais, uma classe de homens, que embora tão desajustados quanto os criminosos e os loucos, são indispensáveis a sociedade moderna: são os gênios, caracterizados pela monstruosa hipertrofia de algumas de suas atividades psicológicas. Os grandes artistas, os grandes cientistas ou filósofos são geralmente homens comuns, cuja função se hipertrofiou. Podem comparar-se também a um tumor que se desenvolvesse em um organismo normal. São em geral infelizes essas criaturas não equilibradas e, contudo, elas produzem grandes obras que beneficiam a sociedade inteira. Seu desajustamento engendra o progresso da civilização. Jamais a humanidade foi propelida pelo esforço da multidão, mas pela paixão de alguns indivíduos, pela flama de sua inteligência, por seu ideal de ciência, de caridade ou de beleza".

Tal é Carrel. Tem ele o mérito de encaminhar a ciência a aceitação de duas grandes verdades: o valor do fator moral, em face do problema do conhecimento e a possibilidade de superamento do plano racional-analítico em dimensões conceptuais e planos superiores de

¹⁷ As citações que se seguem traduzimo-las diretamente do original francês: *L'Homme Cet Inconnu*, Cap. IV e VIII, Librairie Plon, Paris, 1936 (N. do T.)

consciência. A ciência avança e chegará através de longo caminho. Mas, temos pressa, o trabalho é vasto, não podemos perder tempo nas hesitações das hipóteses, nem no tardio controle da análise. Mal tocamos um fenômeno, é necessário concluir logo, ir ao fundo, dar-lhe uma explicação exaustiva.

Continua ainda Carrel: "Desde muitos anos assistimos ao progresso dos eugenistas, geneticistas, biometristas, estatísticos, behavioristas, fisiologistas, anatomistas, químicos orgânicos, bioquímicos, psicólogos, médicos, endocrinologistas, higienistas, psiquiatras, criminologistas, educadores, pastores, economistas, sociólogos etc., e sabemos quão insignificantes são os resultados práticos de suas pesquisas. Esta imensa congêrie de conhecimentos se encontra disseminada e difundida nas revistas técnicas, nos tratados, no cérebro dos homens de ciência, de modo que cada um possui um fragmento dela. Agora urge reunir essas parcelas em um todo e fazê-lo viver no espírito de alguns indivíduos. Só então se tornará fecunda a ciência do homem. Difícil é este empreendimento. Como construir uma síntese?"

Não podemos contentar-nos com um ponto de interrogação. Nossas almas têm pressa de saber e têm a necessidade e o direito de saber, imediatamente. Por que não compreende a ciência esta síntese? Por que não sabe criar neste sentido? Por que estaciona, encalhada, em sua segurança objetiva? Por que ninguém ousa e arrisca, sem se preocupar com o sacrifício de reputação e posição, jogando embora tudo por tudo, realizar através de uma paixão arrebatadora um sonho imenso?

Mas, voltemos ao nosso fenômeno, para nele penetrarmos totalmente, até o âmago. Aquela primeira fase do fenômeno místico, feita de purificação e de treva, qualificada pelos místicos como a **noite dos sentidos**, não é ilógica mutilação de vida, mas concentrado labor de evolução. Têm aquelas angústias a mais ampla justificação racional e experimental. Parece absurdo possuir olhos e recusar-se a ver, possuir ouvidos e recusar-se a ouvir, possuir sentidos e recusar-se a sentir, o amor e recusar-se a amar, a vida e recusar-se a viver. A consciência humana, assombrada, interroga-se acerca do porquê daquelas vicissitudes. Mas, recusa-se a ver, ouvir, sentir, amar, viver, só para ver, ouvir, sentir, amar e viver mais e melhor, sempre mais e melhor. Eis para que serve a **noite escura dos sentidos**: deixa-se de raciocinar, para intuir, de amar a criatura, para amar o Criador. Certamente esta primeira fase de compressão é dor, mas a imediata, de expansão, é incomparável alegria. É justo, ao demais, que todo progresso evolutivo seja conquistado através de um esforço e um trabalho: isso é quanto impõe o equilíbrio da Lei¹⁸. E de dor este primeiro movimento, porque reprime e inverte o ímpeto da alma que é expansão (evolução). Mas, bem analisada, esta inversão está igualmente, ou melhor, mais potentemente nas vias da expansão e da evolução. Detendo-se junto ao quadro de vida puro e humano, a razão incorre facilmente em erro. Que são, com efeito, dor e prazer senão a voz indiscutível do instinto ciente do que lhe é necessário? A necessidade da vida, necessidade fundamental e universal em todos os níveis, é expansão; sua satisfação é alegria e sua limitação, sofrimento. Mal uma resistência cede e permite a expansão do **eu**, este é invadido por indizível satisfação. E o eu, interiormente, está exercendo continua pressão porque é, por sua natureza, ilimitado e, como tal, não admite confins. Esta é a lei universal e, em qualquer plano, constante, ainda que seja sob

¹⁸ V. fig. 2: "**Desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomênicos**". Todo fenômeno, antes de iniciar o arremesso de seu maior desenvolvimento, dobra-se sobre si mesmo em uma fase de contração. (N. do A.)

formas diversas. O prazer é crescimento; a dor, diminuição. Então, a consciência não sabe, em um primeiro momento, a causa desse processo de diminuição que tanto lhe repugna e porque deva substituí-lo por aquele de aumento que tanto a atrai. Mas, apenas supere o primeiro momento e prove as novas realizações, e ela se lançará na ascese mística com o impulso incontido que teria dado as paixões humanas. Porque se trata sempre de aumento, que é prazer.

Se, todavia, é necessário morrer, o misticismo se baseia inteiramente na fase reconstrutiva e não aceita a primeira negação de vida senão como treva transitória, condição de luz permanente. O fenômeno equilibra-se consoante uma perfeita lógica. Trata-se de remodelar a consciência segundo uma natureza mais potente. As paixões humanas representam uma ordem de vibrações pesadas que, recaindo na terra, são incapazes de elevar-se na estratosfera do espírito e engolfar-se nos planos superiores para neles penetrar e fixar-se. O desprendimento é uma inaptidão da consciência para responder a certas vibrações estabilizadas em vastíssimos períodos de evolução biológica e um adestramento para responder a vibrações mais sutis e mais elevadas. Afirmei que as vibrações representam uma ordem de ondas mais curtas, rápidas e dinâmicas, mais penetrantes e, por seu ritmo mais intenso e veloz, capaz de elevar-se. Aqui se trata de passar de uma ordem de vibrações densas e pesadas a uma ordem de vibrações ágeis e sutis. Cientificamente, pode definir-se a ascética como a ciência das ondas-pensamento e bem assim o método de sua transformação em tipos cada vez mais imateriais, elevados, penetrantes, velozes e potentes; é o organismo de normas modeladoras dessa ressonância. Os estados de alma, o comportamento do espírito, contêm o método de operar a transmissão e de captar tais ondas, método pelo qual se chega a pôr o espírito no estado e sintonia **permanente** com centros de consciência e de emanção situados em mais altos planos.

Na ascese, avança-se gradativamente. Uma primeira vibração liga o espírito, por ressonância, com um plano mais alto. A repetição consolida a ligação, de modo que se torna possível adaptar paulatinamente o ser, até que logre estabilizar-se em novo equilíbrio e transferir-se definitivamente para novo modo de ser. Por isso, justamente, insisti muito sobre a afinidade com a transmissora na técnica das noúres, porque aí se iniciava este processo de sintonização que aqui se completa. Na ascese mística tende-se para a unificação; a sintonização, portanto, deve ser integral, de toda a alma e com todo o universo e não mais parcial apenas, localizada em uma dada ressonância conceptual.

Então, a evolução, após haver invertido, por um momento, sua direção, retifica-a e retoma-a para ascender vertiginosamente. O ser supera a fase de negação e torna-se a afirmar com centuplicada potência. Cambiado o centro, a vida então muda de significado e valor; contém realizações diversas das humanas, para as quais tende. O organismo físico já não é um meio de expressão e expansão, mas um cárcere, um meio de compressão. A morte torna-se vida e a vida se converte num processo da negação no humano e de afirmação no divino. É um desnudamento de alma, porquanto a certos níveis não pode chegar e neles ingressar senão a alma nua. Depois das primeiras vicissitudes, o espírito retoma a direção e verifica-se o fenômeno maravilhoso da inversão da dor, isto é, de sua anulação. Conquista-se, então, a libertação. Superada a dissonância, o espírito harmoniza-se no grande concerto do universo, a dor humana separa-se cada vez mais dele e permanece cá em baixo, como coisa morta, entre as mortas escórias da vida. A dor é reabsorvida no amor, a vibração dissonante é submersa no oceano de harmonias da Divindade. Ocorre, então, o que ocorre na morte: o sofrimento, que deveria aumentar, é

progressivamente reabsorvido na insensibilidade. Na luta entre a dor e o amor, vence o amor; morre a dor, triunfa o amor. Em meio dos tormentos, a alma canta.

Assim, emerge o espírito em um novo mundo. Isso, porém, se realiza gradualmente. O sofrimento decorrente da mutilação de consciência no plano humano é compensado pela alegria da expansão no plano sobre-humano. A proporção que ocorre, no nível inferior, o sufocamento da vida, desdobra-se o campo coberto pela nova consciência; a proporção que se torna iminente o desprendimento, encurtam-se as distâncias e a alma aproxima-se da meta e exulta com seu triunfo. A vida dos místicos é o percurso desse trajeto.

Ascetas existem duros e insensíveis que nada mais sabem dizer além de renúncia, em que tudo está ainda imerso na noite da separação humana; e ascetas há que, chegados a nível mais alto, cantam o amor. Há os que semeiam e os que colhem, os que se martirizam e os que triunfam, mas todos percorrem as diversas fases de idêntico ciclo. No princípio, o caminho é inçado de dificuldades e resistências. O **eu** inferior não depõe facilmente as armas e, quando voluntariamente o faz, organiza uma defesa inconsciente em que reafioram os impulsos milenários, indomados, do pretérito biológico. Então, na profundidade da carne e da paixão, ressoam sussurros ameaçadores e a fera se revela, olhos sangrentos, ferozes, para dilacerar. Estão precisamente unidos, um ao outro, os dois tremendos inimigos — espírito e matéria — e a luta é atroz, interior, sem tréguas. Não raro, vence a besta.

XVII

A UNIFICAÇÃO

Já está iniciada a cisão, traçado esta o antagonismo, cada vez mais larga se torna a brecha. Por entre as fendas do invólucro ia penetrou algo e possível já se tornou alguma fuga. Vivida foi uma nova experiência e já não pode esquecer-la o espírito, que torna a investir contra as paredes para sua libertação. Momentos emocionantes, de trepidante expectativa em que se debate tenazmente a alma e, de sua prisão, clama apaixonadamente e cada vez mais comprime e intensifica seu esforço de libertação, porque ouviu através das espessas paredes a primeira ressonância, provou a primeira embriaguez do vôo, sente ruírem nas trevas uma a uma as últimas barreiras, além das quais explodirá a luz. Rasgam-se, a pouco e pouco, os véus e ocorrem os primeiros contatos. Sons divinos descem até o espírito. Aberta esta a passagem e por ela jorra agora a fonte divina. A alma estará além de toda a sua ânsia, inundada.

Chega então o espírito de Deus, qual a irrupção de um incêndio que passa por sobre tudo, para incinerar totalmente os resíduos das paixões humanas. Inicia-se, nessa altura, o processo da unificação. Mas, este, tampouco, advém sem luta. A alma esta agora nua e é percutida até a profundidade. A subversão dos equilíbrios ocasiona inauditas tempestades de sensações; no campo de forças da consciência, a superveniência das potentíssimas radiações provoca fulgurações e incêndios. A alma deve arder e abrasar-se para surgir renovada das cinzas de seu passado. A suprema força divina atraiu e cingiu em sua órbita aquela alma que, presa se põe a gravitar-lhe

em derredor, cada vez mais vertiginosamente: e, quanto mais se constringem as órbitas, tanto mais violenta é a atração, mais ativa a absorção, mais próxima a unificação. Nesta unificação, a consciência sente perder-se como individuação distinta, já não sabe quem seja e luta contra o seu dulcíssimo aniquilamento, feito de amor. Mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de expandir-se, porquanto aquela atração é também sua atração e os dois termos, unificando-se, não podem deixar de incidir fatalmente um sobre o outro. A alma experimenta vacilações: sente expandir-se ilimitadamente e isso é alegria suprema, porém, já, não se identifica, já não se reconhece como eu distinto e isso a entristece. Afigura-se-lhe que já não é possível existir sem representar um tal **eu**; nessa imensa expansão, parece-lhe consumir-se e recua apavorada. Abre-se-lhe aos pés a voragem do infinito e não sabe medi-la sua pequena consciência de antes. Esta experimenta a vertigem das grandes altitudes e volve a prender-se àquela força de atração divina que a leva sempre mais além e acaba por consumi-la como coisa humana, para fazê-la ressurgir, integralmente e só, como coisa divina.

Luta, sempre luta, mas agora dulcíssima luta. O combate, nos primeiros planos da ascese mística, se travará entre a besta e o anjo que ainda se conserva exausto e dilacerado pelos ferimentos recebidos, mas agora a luta se desencadeia entre o divino e o humano. Diz Ruysbroeck, em sua obra, **O Ornamento das Núpcias Espirituais**, no capítulo — "O Combate": "Os assaltos do amor colocam, frente a frente, dois espíritos: o Espírito de Deus e o nosso. Começa, então, a luta. Nosso espírito inclina-se para Deus e quer possui-Lo. O impulso do amor tem por cúmplice o ato secreto de Deus, ardentemente buscado. O duelo ocorre na profundidade. São de espantosa intimidade os ferimentos recebidos pelos combatentes; eles se atiram raios que lhes abrasam a força ardente e o ardor do combate aumenta a ansiedade do amor entre eles. Assim, ambos se fundem. O espírito de Deus agracia-nos e o nosso retribui e, desse duplo impulso, nasce a força do amor. Esses fluxos e refluxos fazem multiplicar-se a fonte do amor. Dessarte, o contato de Deus e o furor de nosso desejo conjugam-se na mais inefável simplicidade. Invaso e possuído do amor, o espírito, por incríveis esquecimentos, chega a não recordar-se mais senão de seu possuidor. Sente-se abrasado e, ao engolfar-se no abismo daquele a quem agora toca, vendo superados, pela realidade que ele vive, o próprio desejo e a própria avidez, assiste, estupefato, ao próprio desfalecimento. Mas, reunindo, num supremo esforço, todas as suas forças, encontra na profundidade de sua atividade a energia necessária para mudar-se a si mesmo em amor. Então, o santuário íntimo de sua essência criada, em que principia e acaba sua atividade terrestre, está em suas mãos. E domina, com suas virtudes e seus poderes, a multiplicidade do mundo".

É através destas sensações, confirmadas pelos místicos, que age o processo progressivo que vimos: **vibração, ressonância, sintonia, desprendimento, purificação, afinidade, atração, amor, unificação**. No ápice do desenvolvimento do fenômeno esta a unificação. Trata-se de um procedimento de amor, base da vida. Parece que o estado mais perfeito e completo do ser, que é o da unidade em Deus, tenha sido outrora, como que precipitado, por involução, no cindido dualismo do amor sexual, em que o ser, dolorosamente desdobrado em dois, deva percorrer ansiosamente, cada dia, o trabalho de reconstrução da unidade através das vias imperfeitas, instáveis e insidiosas do amor humano. O misticismo remonta as vias da evolução que levam à liberação de tais limitações, de todas as cisões e separatismo que são a característica dos planos inferiores, em que a unidade se fragmenta e se pulveriza no múltiplo e no relativo. Trata-se de um grande esforço de reabilitação do ser involuído, de reconstrução da integridade e imensidade do **eu**, hoje perdida como se fora punição. Trata-se de reconquistar, em Deus, o verdadeiro amor,

universal para todos os seres¹⁹. Em baixo, ele se manifesta humanamente semelhante a uma chuva de doações, que o espírito difunde totalmente em torno de si, isto é, semelhante a uma forma de sacrifício e de amor por todos os homens e todas as criaturas, na qual se exprime claramente o seu caráter universal. Estes seres representam sobre a terra, canais de expansão divina.

Se o aspecto racional do fenômeno, como já foi exposto, é intelectualmente compreensível, o seu aspecto sensitivo é absolutamente inimaginável e incomunicável a quem não sente e, portanto, não pode provar. Faltam palavras e expressões na linguagem, falta sobretudo no coração humano a capacidade de vibrar e de responder a tais emoções. Como se pode explicar a perda de individuação distinta de consciência, a identificação por reabsorção no princípio do universo, a transumanização da dor por harmonização, se tais estados não existem no plano de consciência normal? Eis onde chega quem logrou romper o invólucro: um contato realmente contínuo, interno e profundo, que é unidade. Os amores humanos têm a mesma tendência, mas encaixados no invólucro físico, jamais podem chegar a essa identificação completa e deixam sempre uma distância que divide, um resíduo de egoísmo. Mas, este não está entre os amores, tantos entre tantas formas, mas é o Amor. S. Paulo nos disse que o amor é a estrada mestra, ou melhor, a única via do misticismo, a graça mais necessária do que qualquer outra. E ele quem clama: **“Vivo autem iam non ego; vivit vero in me Christus”: já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim**”²⁰. "A razão e a inteligência", acrescenta Ruysbroeck, "detêm-se na porta. Mas, o amor, que é o amor, o amor que recebeu uma ordem quer, se bem que cego como os outros, corajosamente avançar. Ele conservou, na própria cegueira, o instinto da alegria. Assim, quando, ante a porta, a inteligência se prostra e sucumbe, diz o amor: Entrarei". E o amor entra e a morte é vencida neste triunfo.

Diz-se que a maior punição das almas culpadas consiste na privação de contemplarem a Deus, o que é o acantonamento fora das grandes correntes da vida. A maior alegria das almas eleitas reside precisamente neste contato com Deus, nesta suprema embriaguez de harmonização, nesta fusão completa. Mas, é inútil acumular palavras. Aqui me atormento com exprimir o inefável. Esse contato de amor, que em si torna sensível a presença de Deus, é uma sensação tão sutil que só se atinge mediante apuração e aguçamento da própria sensibilidade. É uma nota tão alta e de tal frequência vibratória, que não a percebe o ouvido comum; se a percebesse, ele se arrebataria, tão intenso é o seu potencial. Para atingi-la, é necessário, inclusive para a consciência madura e adestrada, entrar gradativamente em sintonia e elevar-se em tensão. A isso se chega a pouco e pouco e pode ajudar aquele processo de sintonização nouírica, condição de recepção inspirativa, que descrevi em meu precedente volume²¹. A contemplação nos guia na casa de Deus. A auscultação das harmonias do criado é importante via musical de elevação, porque nos faz assistir conscientes ao pensamento de Deus.

Chegada a esse estado, a consciência está, não só metaforicamente, mas também realmente, fora de si, porque esta em novo plano de existência e fora de sua dimensão conceptual. Diz-se então arrebatada em êxtase. O êxtase é um estado tremendamente ativo e supremamente consciente, é o estado de percepção da unificação. Esta pode ser inconsciência,

¹⁹ Esses problemas são amplamente desenvolvidos e elucidados em outras três obras do mesmo Autor, posteriormente escritas: **Deus e Universo, O Sistema e Queda e Salvação. (N. do T.)**

²⁰ **Epístola aos Gálatas, 2:20. (N. do T.)**

²¹ **As Noures, Op. cit. (N. do A.)**

somente para os inconscientes nesse plano. O êxtase é a última fase do fenômeno místico, o coroamento da ascese, o vértice atingido, não racionalmente, como fizéramos em princípio, mas sensitivamente. Aqui não se trata de entender o fenômeno, porém, muito mais do que isso, trata-se de vivê-lo. Tal é a diferença existente entre observar e ser. O êxtase é a revelação consciente da união, é a percepção da realização perfeita da identificação vibratória. A "graça", tão discutida, é um fenômeno real, cientificamente admissível, isto é, uma descida de corrente que eleva para a sintonização e tende para a unificação; e a emanação do Alto, na qual a Divindade se revela ativa e move suas atrações. O estado de graça é o estado de harmonização alcançado.

Eis o glorioso epílogo da via longa e dolorosa que o místico percorreu. O poeta se põe a caminho, mas só o místico chega. O poeta tenta e invoca, o místico realiza e ama. Assim, o místico é o poeta completo, íntegro, que alcançou toda a realidade de seu sonho. O êxtase é a síntese suprema de toda arte, porque o é de toda concepção e de toda beleza. Assim, os místicos são poetas imensos, vertiginosos, maravilhosos. Não se ausentam da vida, mais nela estão mais intensamente presentes. O místico retorna as coisas, mas com visão divina, retorna as criaturas e torna a amá-las, porque nelas esta Deus e nelas reencontra Deus. Todas as coisas não possuem mais do que um significado e um poder: o de elevar seu espírito a Deus. Seu egoísmo se transformou no amor de um **eu** tão vasto que abrange toda a criação e não pode conter senão Deus. já não bastam seus pobres braços humanos para cingir o infinito. O místico, então, parte em dois tempos o ritmo do seu dinamismo: contemplação e ação. E os dois ciclos entrelaçam-se, completam-se, nutrem-se reciprocamente. Primeiro, engolfa-se no abismo divino para alcançar sua luz e energia. Depois, desce novamente entre as misérias humanas para exercer o bem e aliviar a dor. De sua altitude ele se abaixa, de braços abertos. O sulco tangível que deixa atrás de si a ascese do místico é feito de obras de bondade **"O amor de Deus não pode ser ocioso"**. Estas conseqüências práticas, motivo de cisão no nível humano, deve a sociedade compreendê-las. Cito a propósito outras palavras simples e sublimes de Ruysbroeck: "A consolação interior é de ordem menos elevada do que o amor ativo que se põe, espiritualmente ou corporalmente, a serviço dos pobres. Por isso, eu vos digo: ainda que sejais arrebatados em êxtase tão alto quanto S. Pedro ou S. Paulo, ou quaisquer outros que queirais, se ouvirdes de um doente que tenha necessidade de uma sopa quente ou de qualquer outro socorro do mesmo gênero, eu vos aconselho que vos desperteis por um instante de vosso êxtase e façais aquecer a sopa. Abandonai Deus por Deus; buscai-O e servi-O em seus membros: nada perdereis na permuta. O que por caridade abandonardes, Deus vô-lo restituirá com muitas outras perfeições".

XVIII

INCOMPREENSÃO MODERNA

Posta em frente a essa psicologia, a mentalidade moderna não compreende. Contenta-se em tirar vantagens das suas conseqüências utilitárias, inteiramente imersa no eterno jogo da ambição. Despreza quem se recolhe à solidão e o define como ocioso e misantropo; só admite o

trabalho quando rumoroso, porque só compreende o que lhe fere os ouvidos. Aquela solidão, entretanto, parece vazia e encerra uma terrível atividade interior. O místico mantém outras relações vitais, e se foge, por momentos, ao contato humano, é para nutrir-se no contato divino. O centro das suas atrações está colocado além da atmosfera terrestre, sua alma não ama a vida, senão enquanto ela representa uma missão de bem e uma prova para levá-lo a Deus. Para onde quer que o seu olhar se volte, não procura e não ama outra coisa, senão a Deus. Ele o sente identificado na sua própria essência, presente e ativo no mais íntimo de si mesmo. Todas as imagens caíram. Só Deus permanece, tonante voz interior, no silêncio exterior das coisas. A alma do mundo é vazia e se projeta ao exterior, para cobrir o seu vácuo horrendo; a alma do místico é plena e ama a solidão, que lhe permite projetar-se ao interior e sentir a própria plenitude. Ele não precisa aturdir os sentidos para esquivar-se à própria desolação; não teme, como o mundo, os silêncios em que a alma se manifesta. A realidade da vida está nesse recato em que a palavra cessa. Só quando atingimos a profundidade daqueles silêncios, a realidade levanta a fronte e nos encara. A grande claridade se encontra no fundo, além da mais densa treva.

O plano de vida do místico está colocado muito acima da terra. Ele também sofre e goza, teme e espera, lamenta-se e canta e ama, mas tudo isso se passa em outro nível de consciência, através de formas, reações e repercussões diferentes. A orientação conceptual e sensória, a maneira de ver as suas relações com os fenômenos, são completamente diversas. Ele capta, num todo, uma nova ordem de ressonâncias. Conquistou um novo sentido, o sentido místico, que é o sentido da harmonização com o universo. As suas vias são outras. O homem atual avança pelas vias do trabalho, do domínio sobre o mundo, e quer destruir a dor pelo exterior. É a via longa da evolução, que vence os obstáculos, doma as resistências, mas prende o espírito. O místico segue o caminho curto, avança pelas vias da concentração, do domínio de si mesmo, e destrói a dor no íntimo, não aniquilando-lhe as causas, mas superando-as, com uma diferente sensibilidade. Ele não toca e não modela o exterior, mas liberta o espírito, supera tudo, porque se eleva sobre a terra.

Essas duas psicologias são contrárias, e não há possibilidade de se comunicarem. Por isso mesmo me objetarão a não-aplicabilidade de tudo isto, justificando-se a indiferença por certos problemas que **“não servem para nada”**. E então se quererá relegar para o patológico e atirar aos ângulos esquecidos da História certos fenômenos. Não obstante, o problema psicológico é sempre o mais angustiante, e o mistério da personalidade humana é o mais tormentoso enigma. Este é, portanto, o estudo mais moderno, mais profundo, mais original que se possa fazer. A fé nos fala com palavras poderosas, mas vagas, e a ciência apenas balbucia; quando é honesta, confessa a sua ignorância. Contudo, na consciência estão as mais profundas realidades e as mais vastas possibilidades da vida. Ainda não se sabe nada. E, entretanto, a consciência já é o germe de todos os desenvolvimentos. Se qualquer coisa nasce no mundo exterior, em qualquer dos seus campos, desponta sempre daquele mistério interior. Se o divino desce sobre a terra, é por meio daquele trâmite.

O problema é, pois, palpante, atual, e também prático. Não se pode esquecer ou abstrair aquilo que não se vê e não se toca, porque justamente ali se encontram a causa e a origem das coisas. E cada um de nós traz em si essa unidade que se chama **eu**, essa síntese que se chama consciência. Esta é o que de mais vivo temos em nós, e tão vasta é que não lhe conhecemos os limites. Vemo-la abismar-se em camadas profundas, que não sabemos e não ousamos sondar. Ela evolve e se transforma continuamente em nós, mas está sempre presente. Não a vemos, e no

entanto as nossas mais íntimas sensações e emoções, a alegria e a dor, estão nela e não no exterior; a nossa parte mais vital e importante se encontra nesse imponderável. Esse centro estabelece contatos com tudo o que o cerca, e apesar disso permanece sempre distinto, gigantesco e indestrutível.

O homem moderno, que compreendeu as leis mecânicas de tantos fenômenos, zombando assim de tantos terrores, acredita com isso ter destruído o mistério e resolvido o enigma da vida. E num simplismo primário, não vê que o mistério é infinito e nada mais fez do que ampliar os seus limites. Não vê que no mundo sutil do espírito se encontram leis grandiosas e reações tremendas. Por isso, quem tocou e viu, se revolta quando a inconsciência nega e sorri. Por isso me esforço sem tréguas para fazer que se veja e saiba. Nestas questões elevadas e distantes, "que não servem para nada", agita-se o problema das civilizações futuras. Nestas pugnas, não escritas, por certo, para exercício retórico, agita-se uma vida muito mais intensa, movem-se forças titânicas, tomba a semente de novas orientações, que amanhã conquistarão valores imensos.

O espírito humano deve, por irresistível e fatal impulso de evolução, projetar-se além das barreiras que hoje o limitam, além das dimensões do seu atual concebível. Tem-se o dever de arrancá-lo da sua ordem de vibrações voltadas para a terra, e projetá-lo, com toda a sua potencialidade, nesta outra ordem de vibrações, que querem subir, superar e romper os espaços, para a fusão com o ritmo cósmico.

XIX

O SUBCONSCIENTE

Conquanto se insurja em protesto a multidão dos cegos raciocinadores, o homem não pode renegar o indestrutível pressentimento de seus futuros desenvolvimentos de consciência. Tem-se a sensação de que, sob o minúsculo eu normal de superfície, se estende em profundidade um **eu** ilimitado. E o homem inquire de si mesmo: que coisa, pois, sou eu? A ciência percebe que o mundo fenomênico, já imenso em sua superfície, é de uma complexidade, perfeição e sabedoria, que progridem à medida que é observado a maiores profundidades. A ciência é algo que, perpétua e ilimitadamente, evolve na direção dessa profundidade. Ela mesma é constrangida, por leis de evolução, a progredir e a lançar-se nesses novos campos. E já percebeu que a personalidade humana se estende em zonas que estão além dos limites normais da consciência racional e prática; deve ter verificado a existência de um campo subterrâneo de consciência, carregado de motivos, repleto de germes, de que tudo isso se desenvolve e aflora na normal consciência de superfície. Denominou esse campo de subconsciente ou consciência subliminal, ou coisa semelhante.

"Nestes últimos anos", escreve Paolucci em seu opúsculo — Os Problemas do Espírito — "a ciência relativamente nova da psicologia começou a projetar viva luz sobre o mistério da

personalidade humana. Numerosas pesquisas e estudos experimentais do funcionamento normal e anormal do espírito humano conduziram os psicólogos a descobrir que considerável quota de nossa atividade mental se produz sem que o percebamos. **Esta cerebração inconsciente**, como a denominam, parece confirmada por nossos conhecimentos psicológicos. Daí procedem as discussões acerca do **subconsciente**. Segundo aqueles psicólogos, o subconsciente parece ser a sede da inspiração e da intuição. Poetas, pregadores, musicistas disso podem dar testemunho. Os pensamentos de maior apreço são os que nos chegam sem ser invocados e que constituem as fulgurações do gênio. As melhores descobertas científicas realizam-se muitas vezes graças ao que os psicólogos chamam de subconsciente. O investigador sente primeiro uma intuição e, depois, entrega-se ao trabalho e pede à experiência que a justifique. A razão, que nada mais é do que o nome ordinariamente dado por nós ao exercício consciente de nossas faculdades mentais, arrasta-se penosamente sobre quatro pés; a intuição impulsiona-se com um bater de asas". A intuição, pois, que está na profundidade, é um contato mais próximo da realidade do que a razão, que está na superfície. "O método discursivo e dedutivo", diz Jastrow em *A Subconsciência*, "é o caminho penoso da lógica, montada em pernas de pau, enquanto a intuição é o vôo possante do Inconsciente, que num instante se transporta da terra ao céu". Muitos, porém, como Geley, idealista, mas positivista, em seu *De l'Inconscient au Conscient*, não chegaram ao fundo e não compreenderam. O próprio Schopenhauer vê um abismo intransponível que separa o Inconsciente do Consciente, e, em vez de lançar pontes, corta-as. Outros se avizinham, averiguam, sem contudo explicar. Assim o faz Ribot: "L'inspiration révèle une puissance supérieure à l'individu conscient, étrangère a lui quoique agissant par lui: état que tant d'inventeurs ont exprimé en ces termes: Je n'y suis pour rien"²².

Não posso furtar-me a citar, nessa altura, uma página do conhecido volume — **O Homem, Esse Desconhecido** — de Alexis Carrel. Esse livro, que me caiu às mãos por acaso, enquanto corrigia provas tipográficas um ano depois de eu haver concluído este meu trabalho, me surpreende pela identidade de pensamento de seu autor com minha experimentação. Coincidência estranha entre indivíduos tão diversos e de ambientes tão distantes, que não pode deixar de impressionar-nos, pois demonstra que certas idéias, por mim vividas (expressas em *As Noures*) e por outros julgadas absurdas e inadmissíveis, estão ao contrário, no ar, de uma a outra extremidade do mundo, e o espírito dos menos evolidos está já preparado e concorde para apreendê-las.

Escreve o Dr. Carrel, um dos mais eminentes cirurgiões experimentadores do **Rockefeller Institute for Medical Research**:

"É certo que as grandes descobertas científicas não constituem obra exclusiva da inteligência. Os cientistas de gênio possuem, além do poder de observar e compreender, outras qualidades, a intuição, a imaginação criadora. Com a intuição, eles apreendem o que permanece oculto aos outros, percebem relações entre os fenômenos aparentemente insulados, advinham a existência do tesouro ignorado. (...) Sabem, sem raciocínio, sem análise, o que lhes importa saber. É o fenômeno outrora designado pelo nome de inspiração.

²² "A inspiração revela uma potência superior ao indivíduo consciente, que, embora se manifeste por ele, lhe é estranha; é um estado que muitos inventores têm traduzido nestes termos: não tomo absolutamente parte nisso". (N - do T.)

"Encontram-se, entre os homens de ciência, dois tipos de espírito: o lógico e o intuitivo. A ciência deve seu progresso tanto a um quanto a outro desses tipos intelectuais. (...) Somente os grandes homens, ou os puros de coração²³ podem ser transportados pela intuição às culminâncias da vida mental e espiritual.

"É uma faculdade estranha: apreender a realidade, sem o concurso do raciocínio, parece-nos inexplicável. (...) É assim que o conhecimento do mundo exterior nos chega muitas vezes por vias diferentes das dos órgãos sensoriais"²⁴.

Assim é encarado, por necessária consequência de averiguações de fenômenos, o subconsciente; mas não se lhe compreendeu a natureza, a extensão, o conteúdo. Cada autor tem criado um seu diverso subconsciente e nenhum o tem enquadrado na fenomenologia universal, na teoria mais profunda da gênese e do desenvolvimento do espírito e das metas da personalidade humana²⁵.

Para James e para Myers, o subconsciente é o primitivo, o fundamental; o secundário, a derivação é a consciência que é um produto da ambientação. Jastrow acrescenta que "acima da consciência existe uma organização psíquica anterior a ela, a qual é sem dúvida a fonte de que ela se originou". Chegou-se a sentir confusamente a existência desse intelecto profundo, mais vasto do que aquele intelecto de superfície que chamamos razão, a entender que esta síntese da vida não pode sustentar-se por sua força e que, como ilha emergente do oceano, deve apoiar-se, para emergir, em bases tanto mais vastas, quanto mais se desce em profundidade. Para entender e resolver o problema, não basta haver notado tudo isso e permanecer na dimensão racional; mas é necessário sair, uma vez por todas, dessa dimensão e lançar-se naquela profundidade e isso de olhos abertos, isto é, permanecendo consciente em outras dimensões. É necessário possuir em si o fenômeno e sondá-lo por introspecção. É necessário ter a coragem, que a ciência não tem, de concluir por uma concepção única dos fenômenos. É necessário ter anteposto a tudo isso uma orientação completa, intelectual e moral, do próprio eu, no seio do funcionamento orgânico do universo.

XX

O SUPERCONSCIENTE

²³ Quanto não insisti em *As Noúres* e aqui também sobre o valor do fator moral! (N. do A.)

²⁴ Traduzimos diretamente do original francês - *L'Homme Cet Inconnu*, Cap. IV - os trechos citados. (N. do T.)

²⁵ Cfr. **A Grande Síntese**, "Teoria da evolução das dimensões", cap. XXXV; "As origens do psiquismo", cap. LXII; "Técnica evolutiva do psiquismo e gênese do espírito", cap. LXIV; "Instinto e consciência, técnica dos automatismos", cap. - LXV etc. (N. do A.)

Não posso repetir aqui sobre que bases assentou o problema, coisa já feita em outra parte²⁶. Naquela obra desenvolveram-se teorias que atribuem exato valor ao conceito de subconsciente. Resumamos. A psique humana é um organismo em contínuo crescimento (expansão) por descida na profundidade, mediante estratificações, das sínteses das experiências da vida, as quais gravitam para o interior. Essa assimilação contínua, operada em zona de livre arbítrio, se fixa no determinismo das equilíbrios estabilizados na trajetória do destino. O subconsciente é precisamente a zona dos instintos formados, das idéias inatas, dos automatismos criados pela repetição habitual da vida. A lei do meio mínimo²⁷ limita o esforço consciente só no campo ativo da construção nova. O resto, o que foi vivido e constitui síntese completa, vai jazer em repouso (inconsciência) nos estratos do subconsciente, de que tantas qualidades e instintos nossos emergem como produtos completos, cujos termos determinantes nos escapam. A consciência de superfície é, pois, um tentáculo ativo, consciente, porque em fase de trabalho; o subconsciente é um imenso repositório de reservas, de produtos estáveis e fixados depois do período de formação consciente.

Ora, aqui começa a confusão terrível dos psicólogos, quando eles julgam este subconsciente a fonte da inspiração, a sede da intuição, o germe da criação intelectual do gênio. Mas, há uma terceira zona que chamo de superconsciente, a qual, por estar igualmente fora da consciência normal, foi confundida com o subconsciente. E entre os dois há a diferença do dia para a noite. Se o subconsciente pertence ao passado, o superconsciente pertence ao futuro; o primeiro aprofunda-se nos estratos involutivos dos antecedentes biológicos, o segundo emerge nos planos evolutivos dos superamentos espirituais. Estamos nos antípodas. Neste volume, falando de mais altos níveis de consciência, que da razão ascendem à intuição e à visão do êxtase místico, temo-nos movido e avançado sempre e exclusivamente no campo de superconsciência, subindo precisamente ao longo das fases de uma realização sua cada vez mais intensa.

Em todo esse caminho, a consciência é pois, uma pequena zona de luz que, partindo da primeira emersão do psiquismo oriundo das formas dinâmicas, prossegue através da fase biológica e se aventura agora na fase psíquica e no seu superamento na fase hiperpsíquica, em que a consciência se encaminha para tomar-se consciente em dimensões hoje super-rationais para a média normal imersa nas trevas do inconcebível. A consciência racional é um pequeno vagalume, um risco iluminado, porque de trabalho e criação, que se desloca ao longo desse extraordinário trajeto, cujo princípio é abandonado em baixo e cujo fim se perde no alto, além de toda nossa medida. Assim, o subconsciente, conquanto invisível, porque não emerge à luz da consciência, contém as bases do edifício e representa os fundamentos que o sustentam. Embora não apareça no pormenor, ele sobrevive ainda assim completamente como síntese e como tal é suscetível de ser investigado. Se o subconsciente é superado e esquecido, como labor construtivo consciente, todavia nós o possuímos íntegro como resultado: é aquele instinto tão rico de misteriosa sabedoria, que rege tantas ações nossas e é tanto mais sólido quanto mais profundamente radicado nos estratos da evolução biológica.

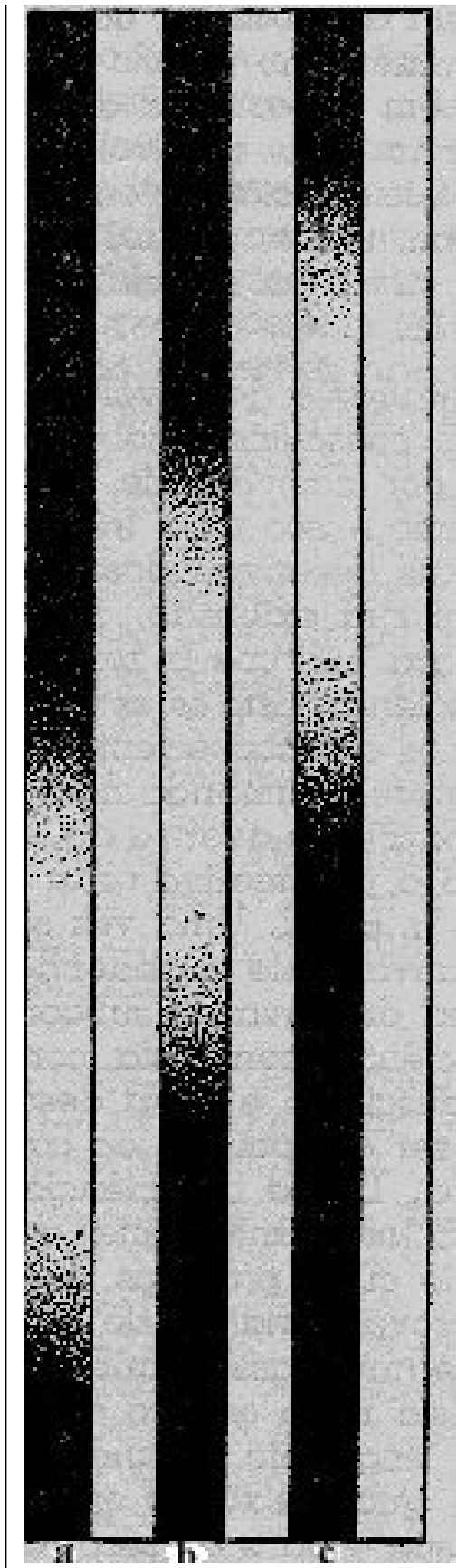
²⁶ V. nota 4, no final do capítulo precedente. (N. do A.)

²⁷ Sobre essa lei ou princípio do meio mínimo, veja A Grande Síntese, cap. XL - "Aspectos Menores da Lei". (N. do T.)

Do outro lado, como um pressentimento, lampeja em jatos o superconsciente. Ora, o gênio se inspira nesse pressentimento e não no subconsciente que contém somente os fundamentos do edifício, e não a sua elevação; o gênio cria só como antecipação de evolução, qual tentáculo lançado no futuro e não por reminiscência de um passado inferior. Nele, a zona de consciência deslocou-se para além do normal, aos planos mais altos da evolução. Nas profundezas do subconsciente se pescará o passado envolvido, nunca o futuro superevolvido, que chega. Assim, o **eu** se desloca do subconsciente ao superconsciente, através da fase presente, chamada consciente. Esta é zona lúcida de consciência racional. O resto nos escapa sob formas de consciências veladas, intermitentes, inimagináveis. Mas, o resto é o nosso maior **eu** da eternidade, que está para lá do nascimento e da morte e com o qual o ser se identifica, reencontrando-se todo a si mesmo e, então, não conhece mais fim.

Ora, se esta zona não-consciente é aquela que nos põe em comunicação com a realidade, na intuição, e com a Divindade, nos estados místicos, é para horrorizar-se quando se ouve dizer que a graça de Deus se manifesta no homem através do subconsciente ou que o homem, para alcançá-la, se transfira ao subconsciente. Mas, a graça é fenômeno evolutivo, não involutivo, de superconsciência e não de subconsciência. A graça é uma elevação ao superconsciente; é através deste que ela se dirige ao homem, e a esse plano que o convida a transferir-se. Por aí se vê como quem não sabe superar a dimensão racional permanecerá impotente em face de tais concepções e tateará constantemente na treva. Só uma tão completa cegueira pode fazer confundir, na mesma forma de não-consciência, dois extremos opostos: o subconsciente e o superconsciente. A concepção nebulosa dos psicólogos modernos apenas tem vislumbrado esta zona de mistério e, sem sondá-la, a ela tem relegado todo o indecifrável do fenômeno psicológico. Ao invés de tentar, pelo menos, uma explicação para o fenômeno, ela se contentou com batizá-lo com uma palavra: neurose. Maravilhoso modo de explicar! Cunha-se uma palavra de origem grega e, com isso, julga-se tudo explicado. E, todavia, a neurose continua sendo para a própria ciência, nos domínios da anatomia patológica, um enigma; fora desses domínios, mais no alto, a ciência é, por método e premissas, incompetente. Certas realidades mais vastas serão eternamente negadas, por que incompreensíveis, se não se sair do campo circunscrito por tal método e por tais premissas.

Resumo, pois, o quadro da estrutura da consciência humana. Ela se divide em duas partes: o consciente e o inconsciente. O primeiro é a consciência conhecida, normal, racional, prática, que todos distinguem. O segundo se compõe de duas zonas: o subconsciente, que pertence ao passado, e o superconsciente, que pertence ao futuro. Seus extremos se perdem no infinito graduar-se da ascensão evolutiva; mas eles se aproximam num ponto que continuamente se desloca do sub ao superconsciente, mas que é sempre o centro consciente em que o mar do inconsciente aflora à superfície da sensação, como da ação construtiva. O subconsciente contém e resume todo o passado e o leva até o limiar da consciência; o superconsciente contém, no estado de embrião, todo o futuro que está em expectativa de desenvolvimento. Segundo o próprio grau de evolução e maturidade, as várias consciências estão diversamente situadas ao longo desta linha, sobre a qual podemos desenhá-las como uma zona em marcha. Observemos a figura 3.



Querendo figurar o desenvolver-se do fenômeno de evolução da consciência sobre uma faixa, isolemos na figura, por comodidade de observação, um trecho do percurso e isso para três tipos de consciências diversamente desenvolvidas: **a**, **b**, **c**. A zona de luz exprime, em sua

extensão, a zona de consciência; a zona negra exprime a zona de não-consciência, ou o inconsciente. Este se estende por dois lados: à esquerda, temos o subconsciente, à direita, o superconsciente. Sempre esfumando nessas duas zonas de treva, a zona consciente avança do sub ao superconsciente, segundo o progressivo grau de evolução das consciências **a, b, c** etc. Uma vez superados, os instintos são gradativamente abandonados fora da consciência, na zona de treva do subconsciente, à medida que a consciência conquista com o seu labor (a vida) o superconsciente e o faz desabrochar em sua luz. Isso pode ser comparado ao caminho do caruncho na madeira. Ele (a consciência) avança (evolução) perfurando incessantemente, através da madeira, um canal de cujos produtos (esforço de vida, assimilação de provas, criação de novos instintos) ele se apropria e se nutre, assimilando-os, ao mesmo tempo que conquista novo espaço que torna seu (o superconsciente), enquanto abandona o velho (subconsciente), no qual deixa os excrementos (instintos superados) de sua vida e de seu trabalho.

Se quiséssemos ser mais precisos, intentando reduzir a termos de espaço o que não é espacial, deveríamos dizer que das duas não-consciências, consideradas em relação com a consciência lúcida de superfície, a superconsciência se estende em profundidade, nas zonas interiores, avança para Deus e tende para a unificação com o todo, a que se chega pois, por introspecção. A subconsciência, ao contrário, estende-se em direção oposta, não sob, mas para o exterior da superfície, é filha das experiências do mundo exterior e nele é abandonada. O **eu** avança entre duas zonas igualmente não lúcidas, mas sua progressão é para o interior, sua evolução o afasta do subconsciente e o leva para o superconsciente. Valores opostos: o primeiro é um resíduo, o segundo, uma conquista; o primeiro é uma zona inferior, de que nos distanciamos, e uma escória que abandonamos; o segundo é uma zona superior, de que nos aproximamos, não contém os remanescentes da vida, ainda que no momento sejam necessários, mas o futuro da vida. A passagem do subconsciente ao superconsciente é uma expansão para o interior, se assim podemos expressar-nos, uma expansão em profundidade, em que o ser, aprofundando-se para o centro, se eleva aos planos mais altos que lhe são a aproximação. Nesse caminho, o **eu** é como um núcleo que se enriquece, dilatando por estratificações suas potencialidades, através das experiências da vida, que são exatamente o agente revelador daquele mistério íntimo em cuja profundeza está Deus (manifestação). Assim, esse mistério é continuamente exteriorizado naquele plano de consciência lúcida que, como se vê, é uma consciência de trabalho e de transição, em marcha do subconsciente ao superconsciente, cuja posição é portanto relativa, assaz diversa de indivíduo para indivíduo, segundo sua história e sua maturidade evolutiva.

Somente em tal enquadramento de conceitos é possível entender o superconsciente, fixar-lhe os limites, o conteúdo, a função. Só assim se pode orientar e definir o fenômeno místico, como naturalmente situado nas superiores zonas do superconsciente. Não se resolve o problema com o mutilá-lo ou negá-lo, de vez que ele é um majestoso fato histórico, responde a um sentimento religioso universal e fundamental, a uma função eterna do espírito humano e, como experiência para quem a alcança, é um fato objetivo indiscutível. Se a forma mental moderna é o que de mais inadequado pode haver para chegar a tais fenômenos, isso nada lhes pode tirar à realidade e à importância. É logicamente absurdo, até para os racionais, que um consenso tão vasto e um tipo de experiência tão unânime qual o é a mística, que repercute de uma a outra extremidade da terra e dos tempos, repouse sobre o erro e a impostura. O fenômeno místico é, ao contrário, o mais imponente fenômeno da vida humana, porque ele assinala uma reaproximação

daquela Divindade que, como centro espiritual do universo, é meta de toda existência, convergência de todas as forças, de todos os movimentos, tendência suprema da evolução.

Segunda Parte

A EXPERIÊNCIA

I

EM MARCHA

Abandonemos os cegos negativistas já é tempo que eu prossiga, embora sozinho, na minha experiência do fenômeno. Expus os fundamentos e agora podemos avançar. Inicialmente, enquadrei o fenômeno místico no mundo dos conceitos modernos; depois expus, no estudo do diagrama da ascensão espiritual, o aspecto teórico e científico, a técnica funcional, e dei a demonstração lógica do fenômeno, nos seus vários momentos e nuances, para que a razão ficasse satisfeita; em seguida explorei o seu aspecto prático, como realização espiritual na metodologia mística e dele ofereci a descrição genérica como uma sensação, referindo-me, especialmente, às experiências dos místicos. Aqui termina minha tarefa de estudioso, de observador racional distinto do fenômeno.

Tudo isto, porém, não é o bastante. Entro no fenômeno, vivo-o e descrevo minha experiência. O que o fenômeno perde, limitando-se como extensão de casos observados, conquista em profundidade de sensação, em vivacidade de expressão, em solidez de experiência. Esta segunda parte é para os que amadureceram. Para aqueles que sentem e podem, por isso, compreender. Esses descobrirão um mundo; os outros não poderão entrar. Alcançamos um campo de misticismo que viverá nestas paginas; um misticismo experimental. Para me ater ao caso visado, deverei assumir a forma pessoal e dizer muitas vezes **eu**: deselegante, mas necessário, embora me desagrade. Perdoarão, quando virem que estes **eus** são para os outros.

Temos, assim, uma progressão de realidade, de precisão interpretativa, de profundidade de sensação: restringir e concentrar-se para ir ao fundo e emergir. Reviverei, nestas paginas, o tormento e a conquista. Ver-se-á numa série contínua de quadros, todo o desencadear da tempestade interior; ver-se-á que tais afirmações não são gratuitas. Ver-me-ão na hora terrível da derrota e do abatimento em que a idéia nos precipita e na hora em que a alma, transposto o limite, consegue ouvir a música divina e canta a glória de Deus. Partirei da minha debilidade e miséria humana, o que me fará mais compreensível. Aparecerá a dolorosa negativa humana antes que apareça a deslumbrante afirmativa divina, a sombra cansada da cruz do caminho que se

projeta sobre a terra antes de sua vitoriosa aparição no céu. Veremos, vivida, a realidade das afirmações racionais até agora expostas. Porque esses fenômenos, que muitos negam, ou falsificam, ou condenam, são feitos de asperezas insuspeitadas, de vida humana desiludida, só mais tarde reabsorvidas no êxtase místico. Esses fenômenos exigem constante fadiga da mente e do coração; nunca se conseguem com facilidade; só se desenvolvem na luta de cada momento, com a alma nua no meio da estrada onde se debate a vida. Alimentam-se com a dor própria e alheia, que se torna comum. É necessária a comunhão de sofrimento com os humildes para se obter a comunhão de sentimentos, para sintonizar com o Alto e obter resposta. É preciso empobrecer e descer para se iniciar a marcha. Só por esse meio desusado, incompreendido e não admitido, se alcança o êxtase no grande amor que é a harmonização suprema do espírito nas palpitações cósmicas.

A consciência dos lineamentos e da orientação do fenômeno é aqui, afinal, conseguida. É resultado da parte científica e técnica, como da parte espiritual e descritiva. Minha poesia poderá, enfim, avançar tranqüila sobre esses duplos trilhos solidamente assentados.

Pelas várias sondagens que realizei para estabelecer as relações entre o fenômeno místico e a psicologia normal; para situá-lo nela e torná-lo compreensível e não apenas admissível — ver-se-á com quanta prudência vou avançando nessa psicologia supernormal. Era necessário fazer ver claramente que a mesma pessoa que aqui possa parecer quase louca, sabe, no entanto, raciocinar friamente e domina todo o fenômeno como domina a psicologia normal de que se faz juiz. Compreendo perfeitamente a enorme dificuldade dos problemas abordados, do risco de tão novas afirmações, da minha responsabilidade moral ante a ciência e a fé. No entanto, num e noutro sentido já falei claro e falarei ainda mais claro. Certas afirmativas enérgicas foram e serão feitas em plena razão e lucidez, com a consciência da responsabilidade e das conseqüências. Minha alma esta amplamente aberta a todos os olhares, nestes meus trabalhos, que têm finalidades bem mais altas que culturais e pessoais; e se ela grita é porque tem coisas graves a dizer.

É indispensável extrema prudência quando nos aventuramos a tais campos inexplorados, sobretudo quando isso é feito em forma tão pessoal. Aqui não afirmo e defendo a mim mesmo, mas afirmo e defendo um princípio. E desta idéia podem nascer, no pensamento humano, muitas outras de repercussão grave. Em certos momentos, estas minhas elucubrações assumem importância universal, abrangendo as religiões, a filosofia, a ética, além da ciência. Em certos momentos o seu desenvolvimento excede os limites da exigência editorial, que jamais poderá ser elemento suficiente para julgamento. Às vezes o quadro assume as proporções de tão violento incêndio que os traços fogem da moldura imposta pela necessidade prática e se revelam em sua verdadeira universalidade. Nesses momentos, o traçado que os caminhos humanos quiseram impor ao meu pensamento, surge destruído e o meu conceito nada mais tem de comum com os campos particulares em que parecia enquadrado. E então, eu sou supermediúnico, supermetapsíquico, superbiosófico etc. Estou sozinho, avanço desacompanhado, porque sozinho vivi o meu fenômeno e sozinho assumo todos os riscos e todas as responsabilidades.

É necessária extrema prudência porque os escolhos são muitos. Todos estão atentos, duramente à espera dos que desejam criar. O pensamento humano, por necessidade de defesa e de sobrevivência, encerrou-se em castelos armados uns contra os outros; não flui livremente, como linfa verdadeira, mas está circunscrito em recintos. Não se admitem idéias que não se

apresentem limitadas, aprisionadas dentro de um desses recintos. Eu vôo alto, por sobre os castelos, vejo-os todos. Desejaria que se identificassem na paz e compreensão recíprocas. Não posso descer, porque descer seria entrar para um recinto e ficar prisioneiro. Teria a defesa e a estabilidade da terra firme, mas perderia, com a prisão, a liberdade do vôo. No entanto, devo descer, entrar nos castelos, mas não me conformar com o encerramento na cômoda segurança da verdade aceita e devo caminhar ainda; e, muitas vezes, ver, saber e calar. Tenha-se em conta, nestes meus trabalhos, sobretudo, as muitas coisas que calo.

No entanto, essa prudência seria covardia se no momento decisivo eu me calasse, ou não revelasse todo o meu pensamento, a qualquer preço. Aqui, minha alma está ofegante de cansaço e paixão, aos pés de uma idéia pela qual tudo darei. Nem mesmo as preocupações humanas importam.

Mas a prudência é necessária, sobretudo porque faço sondagens no mistério que pode conter para mim, para a minha consciência, como razão e como fé, grandes perigos. Não são os riscos da incompreensão humana que me atemorizam; são os riscos no terreno divino que exploro e que às vezes me esmagam. Inúmeros e severos exames de consciência são necessários antes que nos aventuremos em certos campos, e antes de ousarmos certas conclusões. Da calma, objetiva e fria análise com que, no volume precedente²⁸ enfrentei o estudo do meu caso, procurando, eu próprio, até onde me foi possível, esmiuçar o fenômeno julgado, primeiramente, exclusivamente mediúnico, tirando-o daquela atmosfera de fantástico e miraculoso que a tantos satisfaz (outro escolho no meu caminho), percebe-se com quanta ponderação devia eu seguir minha áspera estrada. Impus-me naquele trabalho, eu, o intuitivo, desiludido da razão humana, uma psicologia de desconfiança, racional e científica. Os meus trabalhos se desenvolvem na profundidade do cognoscível e do inconsciente e nascem em estranha lucidez do contato da alma com abissais zonas de mistério. A minha consciência racional normal tem que exercer um severo controle sobre estas para mim estupefacientes imersões. Se aquilo que me distingue e em que talvez consista minha chamada mediunidade é ser consciente no superconsciente, sinto emergir em mim, igualmente, baixas zonas de subconsciente que tenho de reconhecer e dominar. Eis porque não aconselho o abandono do consciente ao inconsciente às pessoas que não tenham o superconsciente largamente desenvolvido, e disso não estejam vasta e claramente seguras. De outro modo, a inspiração não será senão o afloramento das baixas regiões da alma.

II

NAS PROFUNDEZAS

Revivamos agora, em forma pessoal, a teoria exposta nos últimos capítulos. O meu **eu** consciente ouve vozes emersas dos diversos planos do inconsciente: daquelas zonas que são normalmente de trevas, vejo explodirem clarões de luz que me encham de espanto porque me revelam que em tudo existe uma personalidade imensa. A medida que volto a percorrer dentro de

²⁸ **As Noúres**, já citado. (N. do A.)

mim as várias fases da evolução realizada, projeto-me conscientemente em zonas de superconsciência; num plano, ouço uma voz e outra voz noutra plano; cada uma delas tem um timbre, uma pureza e uma força diversa, segundo o seu nível e a minha posição e força de vida em relação a esse nível. Ouço se aproximarem ecos longínquos de formas psíquicas vivas e sepultadas nas mais profundas dobras do **eu**; vejo o passado amorfo e primordial erguer-se do sono dos séculos e voltar a mim (isto é, do subconsciente ao consciente), das profundidades tenebrosas da raça e do sangue, das estratificações fundamentais do instinto, através da incessante recomposição da carne e do espírito de que é feita a vida. Como o passado tarda a morrer! E súbito reaparece a fera bruta e violenta, a baixeza que se condena nos outros — tipos de consciência que existiram e que se negam a morrer. No subconsciente está toda a animalidade do homem-besta, como no superconsciente está a super-humanidade do gênio e do santo. A evolução da consciência do sub ao superconsciente é justamente a ascensão espiritual da besta ao santo — fenômeno imenso e universal.

Existem realmente, para quem pode senti-las, realidades tremendas dentro de nós. As vezes, a unidade do **eu** oscila entre vários planos, a síntese consciente da personalidade não consegue encontrar meios de se fundir numa forma nítida e única. Então, ouvem-se dissonâncias interiores, desencadeiam-se conflitos de íntimas vontades dissidentes que não sabem e não podem fundir-se na alma, que, por estar em fase de rápida transformação evolutiva, contém em si mesma todos os extremos de baixeza e de sublimidade. É justamente as portas dessa superação que todo o passado, sentindo-se subitamente negado, se aferra violentamente ao desejo de não morrer. Então, numa tempestade imensa, erguem-se das profundezas as forças desencadeadas pela turbacão dos equilíbrios que dormiam em paz. E gritam com vozes apavorantes de trovões, para reviver ainda e sempre. E nas profundezas há um medonho redemoinho interior uma batalha de negativas e afirmações que desejam ser absolutas, uma explosão de rebeliões imprevistas, ilógicas, inexplicáveis e que não dão de si outra razão senão a de íntima sensação instintiva de uma verdade indestrutível.

Minha percepção nouírica é imensa, sobretudo dentro de mim; minha sensibilidade psíquica permite-me contato com uma vasta gama de planos de consciência, tanto no alto como no fundo. Posso mirar não apenas os luminosos picos do superconsciente, mas também as tenebrosas profundidades do subconsciente. E devo dizer: o passado é também pavorosamente profundo! Que há lá em baixo? Lá estão as raízes do mal e da dor que o cansaço da vida traz consigo em cada dia e que é preciso vencer. Há todo um mundo naqueles abismos da alma, todo o mistério do ser e do destino, o próprio mistério do universo. Daquele oceano profundo onde mergulharam tantas dores e tantas vitórias, culpas e virtudes — emergem agora inesperadas e insuspeitadas, estas criações da sombra, para nos ajudar ou para nos punir, segundo o que nós fizemos. Dos quadros que se seguirão adiante, poder-se-á ver que infernal, demoníaco passado é capaz de emergir dessas profundezas. Isto, embora se deseje projetar ao exterior em estado físico, está sempre e só dentro de nós, num estado de consciência — quer seja o inferno nos estágios involuídos do subconsciente, com os seus demônios (individualizações de forças pensamentos-vontades) quer seja o paraíso nos estágios evoluídos do superconsciente.

Daquela profundeza fala a voz do nosso destino e são concedidas as dádivas da felicidade que parecem casuais e gratuitas; vêm, enfim, as punições que se crêem imerecidas. E a vida flui como uma torrente, que leva consigo todas as escórias do caminho percorrido e, sempre em marcha, deposita-as e se purifica. E assim como a torrente tem uma vontade própria irrefreável,

de andar, maleável e sujeita aos caminhos que o terreno oferece, adaptando-se ou reagindo — assim o destino tem uma trajetória ampla, impulsionada pelo seu passado, ativa e resolvida e, no entanto, dócil às circunstâncias, que aceita ou às quais reage. Experimente-se, porém, opor um dique a esse doce fluir de onda; a torrente e o destino amontoarão impulsos e massas compactas, até se tornarem ameaçadores e poderão tudo arrastar no seu ímpeto — expressão do domínio absoluto da lei, pela qual aprendemos que é melhor andar de boa vontade já que é impossível parar.

No extremo oposto, minha consciência se defronta com o superconsciente. Embora eu tenha sempre falado e fale neste trabalho do lado positivo do fenômeno, descrevendo as emersões evolutivas da minha consciência não quis, nestas últimas páginas, esquecer o lado negativo, de sombra, descrevendo minhas imersões involutivas. Contraste necessário estas oposições dos aspectos subumano e humano e do aspecto divino do fenômeno; necessária a exposição deste lado de debilidade e fracasso, de quedas e ressurgimentos — porque corresponde à verdade; porque torna o meu caso mais acessível à compreensão, humanizando-o em alguns pontos; porque me reaproxima, me irmana, sob a mesma cruz, ao meu semelhante humilde e desconhecido que luta e sofre sem a alegria das compensações espirituais.

Grande felicidade, mesmo porque duramente merecida, esta emersão no superconsciente. Este confinamento superconceptual é para mim um fato de cotidiana experiência. Dir-se-ia que minha consciência normal, pela contínua pressão que exerce sobre o desconhecido, sofre dilatações imprevistas. Dir-se-ia que às vezes o invólucro que circunda e delimita o âmbito, cede a lacerações súbitas, através das quais penetram relâmpagos de luz ofuscante. Vejo assim aparecer constantemente, na minha consciência racional normal, súbitas concepções, vindas não sei de que ignotas profundidades. Sinto cada dia, com espanto, fazer-se mais viva a presença desta mais vasta consciência intuitiva e mística, onde o racional se perde. Trata-se de uma nova consciência, cuja unidade de medida e pontos de referência são diversos; ela me parece interminável, porque jamais acabo de percorrê-la e de conhecê-la inteira. Talvez alguém queira negá-la: para mim, é uma realidade sensível, evidente. Pode a razão achá-la absurda, porque ela pode perder-se e ser negada; no entanto, para mim ela é repleta de reservas conceptuais inexauríveis, porque dela fluem continuamente idéias que antes eu ignorava. Habitualmente, no meu trabalho de escritor, atinjo o manancial. Ponho-me a escrever, mal conhecendo o assunto, e enquanto escrevo, as idéias brotam daquelas profundezas, e percebo a sua presença sensível na minha consciência. Então, apodero-me delas, vejo-as, são minhas. Não sei onde e como se poderiam procurar de outro modo e muito menos encontrar, idéias que não estivessem em livros, que não fossem a repetição de velhas coisas já ditas.

Mas, onde estão essas, antes que me apareçam? E então, a dúvida: sou eu, ou não sou eu? É fácil um engano, mas, certamente, o **eu** não é tudo na base consciente. Aqui são outros os seus limites — um mundo mais vasto, que se revela aos poucos, por síntese; tão forte que minha razão tem grande trabalho em representá-lo com palavras; um mundo onde a concepção é tão viva, luminosa e espontânea e também tão rebelde a todas as normas do razoável, que me é muito trabalhoso dominá-lo e mantê-lo dócil à forma objetiva do pensamento comum. Este mundo não está fora, mas dentro de mim. Esta grandiosa expansão é interior e se dirige à desmaterialização, ao superconsciente, a Deus. É surpreendente encontrar um **super-eu** ignoto e tão vasto dentro de nós; mas não se pode negar que ele exista e que eu o sinta dentro de mim.

É, então, o meu **eu** uma unidade tão extraordinariamente imensa que contém em si, em sua profundidade, o universo conceptual onde estão os caminhos que conduzem a Deus? Se o meio de comunicação está dentro de mim, eu não sou o meio de comunicação, nem as noures cósmicas com que me identifico. Mas a tudo chego e com tudo isto me unifico, aprofundando-me dentro de mim mesmo. Digo de **mim mesmo**, mas o fenômeno é universal e acessível a todos os que amadureceram. O superconsciente parece, pois, conter tão vasto mundo, porque é a fase de evolução em que o ser retoma contato e comunhão com esse vasto mundo. É uma extensão maior que o espírito faz sua e onde se expande. É uma desmaterialização de substância que lhe permite a identificação de consciência com um campo imenso, antes exclusivo, do **eu**. E então esta nova imensidade conquistada é uma imersão tão íntima, que se torna em realidade.

Justamente aqui, enquanto escrevo, este superconsciente está presente e funciona. Sinto-o fazer pressão, túrgido de concepções, e preciso me conter para não precipitar o concatenamento das idéias e saltar às conclusões. Sem dúvida, em mim o controle é contínuo. Mas às vezes a concepção é tão premente que tenta seguir sozinha e não admite desvios. Eu mesmo, quando começo a escrever, parto de uma idéia simples, já amadurecida, sem me preocupar com o seu desenvolvimento, que ignoro, e deixo-a caminhar espontaneamente. Assim, tão logo me identifico com um conceito, ele se torna meu, porque se grava preciso e a fogo em minha consciência. Deixo-o andar e falar, porque o sinto como força viva, volitiva e autônoma, até que me revele todo o seu íntimo. Eu vivo deste estupendo trabalho agitado que ultrapassa minha consciência, que parece ativa em toda parte, mesmo na profundidade do mistério, onde lança seus tentáculos e segura e traz a si tudo o que encontra em sua sondagem.

Esta sensação de oceânicas profundidades em mim mesmo; a liberdade de atingir o inexaurível, a consciência de possuir uma tal reserva de recursos conceptuais é para mim uma alegria, uma enorme sensação de poder. Parece-me ter atingido as próprias raízes da vida, o princípio das coisas, a essência do absoluto. Escrever passa a ser, então, meditação, prece que me aproxima de Deus. E destes páramos profundos e não da consciência normal, que afloram os pensamentos mais puros e mais belos, tanto mais puros e mais belos, quanto mais profunda é a sua nascente. E eles parecem ofuscar-se quando saem à superfície da consciência, cristalizadas em luzes que bruxuleiam e morrem, aprisionados nas palavras. São tão esplêndidos, fluidos e vivazes que é doloroso paralisá-los em formas imóveis. A palavra escrita é um ataúde ao qual eles não desejam descer. E quando julgo havê-los assim aprisionado, eles já estão mortos e eu apresento apenas cadáveres. E ressurgem outra vez, mais vivos, mais esplêndidos, mais verdadeiros, e tomam a luzir, a brilhar no céu nebuloso do meu superconsciente, inexauríveis palpitações de uma sabedoria imensa que vem de Deus. Se se sabe e se deseja amadurecer, isso pode aparecer na consciência de todos.

Se na minha fase intuitiva a emersão foi apenas conceptual, de orientação e ajuizamento (*A Grande Síntese*), na atual fase mística a emersão é também de sentimentos; a dilatação não se verifica apenas na força do pensamento, mas também na intensidade de sensações e no fervor da paixão. É ainda emersão de forças que me agarram e me engolfam na unificação. O fenômeno se complica com o aparecimento desta força de atração, pela qual não apenas eu me atiro à nascente para possuí-la, mas a nascente se projeta contra mim, para me submergir. Este extravio do ser no infinito é uma tal dilatação de vida que meu espírito ali retorna incansavelmente, agora que a vai conhecendo, voando-lhe em torno, como a falena que se atira à luz cegante e não sossega enquanto não lhe cai em cima e queima.

O meu **eu** é uma escada que se prolonga ao infinito. Quanto mais avanço, mais vejo nas margens da estrada coisas maravilhosas. Cada plano de consciência me dá uma síntese mais forte e mais luminosa do universo. O meu ser se inebria com este avanço progressivo, com esta navegação pelo inexplorado, que revela sempre novos horizontes. O meu eu, indo de uma consciência a outra, no superconsciente desmaterializa-se, se rarefaz, sente diluir-se. É como se eu me evaporasse. No entanto é esta evaporação, na qual já não reconheço o meu velho **eu** concreto, que me leva longe. É uma decomposição, mas no fundo dela Deus se substitui ao meu pequeno **eu**, porque tudo Ele o absorve em Si. Sinto, então, nascer em mim as palavras tremendas da Beata Angela de Foligno: "**Tu és eu e eu sou tu**"; e aquelas de São Paulo: "**Já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim.**"

E isto também pode se passar no coração de todos.

III

DOR

Assim o meu eu desce e vai de uma consciência a outra, do abismo da animalidade aos cumes do espírito; dos vários planos me contemplo, enquanto de síntese em síntese avanço pela estrada da evolução. Exposto assim o meu panorama, observo-me e penetro o mistério da minha alma. Com o superconsciente alimento o consciente. Com este analiso aquele. Retraço, assim, os lineamentos de meu vulto psíquico na eternidade.

A minha exposição se faz cada vez mais pessoal e vivida. O fenômeno, pela lenta deslocação dos panoramas, cada vez se coloca com maior precisão, e, desnudo em sua vibrante realidade, cada vez mais se aproxima do coração do leitor. Um livro diz tudo sem o querer, especialmente o que não se quer dizer, pela preocupação de o calar. A miragem que vibra nos olhos do escritor transfere-se para as suas páginas. Quem sonhou glórias, escreverá glórias; quem egoísmo, egoísmo; quem avidez, avidez; quem sensualidade, sensualidade. Mas também aquele que tudo lutou e sofreu pela elevação do espírito — diga o que disser, só falara sobre elevação do espírito. É como uma música de fundo, uma cor predominante, uma psicologia dominante que não se quer, não se improvisa, não se inventa. Não se pode mentir através de volumes e volumes, diante de argumentos tão medonhamente grandes. Só quem tem para dar um testemunho, que é mais forte que a vida e a morte, pode, a cada passo, pronunciar o nome de Deus.

Já superei a exposição teórica. Devo agora dar, do fenômeno, a impressão sempre mais viva, através da minha sensação. Devo controlar-me e conter-me para avançar gradualmente, para não desorientar o leitor de chofre, com a visão dos últimos planos e para que veja quanto foi contida, controlada e guiada por mim a suprema loucura que está para acontecer. E eu, contra meu próprio ímpeto de paixão, avanço temeroso, porque espero afirmativas cada vez mais altas, deveres sempre mais graves, revelações sempre mais solenes.

Minha alma percorreu o áspero caminho narrado no cap. XXV de **I Fioretti di S. Francesco**,²⁹ a que já me reporteir³⁰. Colhamos os fenômenos da ascese espiritual no ponto mais intenso e central, no momento mais notável, de sua transformação, quando convergem todos os impulsos, coexistem todos os elementos, se juntam e fundem todas as forças e surge a última síntese na qual o fenômeno se precipita em novos equilíbrios e se transmuda em novas orientações. Estamos no centro do drama.

A vida é uma viagem e eu sou um peregrino: serei sempre encontrado a caminhar. O meu último volume viveu e foi superado; minha alma não ficou saciada. Disse: ainda, ainda, quero subir ainda. E andei mais um ano, por um novo sulco, diferente do velho sulco traçado. Alinham-se assim os volumes, seguindo as etapas do meu cansaço. Caminho, caminho pela infinita estrada da vida. Como é grande a dor, como é espantoso o conhecimento e infinito o universo; parece que jamais conseguiremos chegar! E no fim está o abraço da morte irmã. Vai-se exausto de forças, carregado do pó da viagem, pesado de lama, de lágrimas e de sangue. Quanto trabalho para atravessar a vida! Em nenhum ponto se sabe como a alma pôde arrastar-se até lá. A espera do abraço da morte irmã, a dor chama e martela. O leitor não sabe quanto sofrimento humano condiciona certos triunfos do espírito. Estou freqüentemente muito cansado. Sinto-me culpado e abatido... Esta minha pobre irmã carne chora abafada, já sem coragem para protestar. Pobrezinha! Ela sabe, porém, que o seu sacrifício era necessário a estas afirmativas de uma vida mais alta. Ofereceu-se e recua hoje, humanamente doente, sem um lamento. Pobre irmã, obrigado por teu pequeno heroísmo. Ela o compreendeu. Ensinei-lhe, dia a dia, que ela não podia ser um fim, mas apenas um meio. E ela disse ao meu espírito: "Vive tu, então, que vales mais. Há tempos, pedi ao meu corpo que se oferecesse em holocausto e ele me respondeu: Toma-me. E agora, ele é tão distinto e afastado de mim, que o considero como uma outra criatura que amo, porque à sua imolação devo a verdadeira vida. É justo que o menor se sacrifique ao maior. A minha piedade deixa-o morrer tranquilamente.

A dor bate, martela, consome e reedifica. É um martelar rítmico, lacerante, que fere e desperta as profundezas. Esse martelar arranca de minha alma gritos que são a sua voz, uma voz que conta, com lógica e calma, uma história trágica e estranha, profunda e sublime — a história de uma alma que conquista o infinito. É para lançar estes gritos, que são minhas obras, que enfrento e empenho minha vida; é para viver, viver e narrar este fenômeno supremo que suporto, sem auxílio nem piedade, a minha imensa dor interior, diante da qual estou sozinho e não posso estar senão sozinho Com a agonia do humano se resgata o triunfo no divino.

Contei às pedras a minha dor. Contei-a às ondas humildes, às árvores amigas, ao céu e ao vento. Minhas lágrimas ardentes caíram sobre as pedras e elas não se partiram. O homem olhou-

²⁹ A história do áspero caminho e encontrada no cap. XXV de I Fioretti em alguns textos, qual o usado pelo Prof. Ubaldi. Em outras edições a mesma história é narrada no capítulo seguinte. A excelente tradução do padre português Aloysio Gonçalves (Florinhas do Glorioso São Francisco de Assis, Braga, Portugal, 1944), regista-a no cap. XXV, mas "**I Fioretti di San Francesco**" (Rizzoli Edit., Milano, Itália, 1949) traz o mesmo relato no cap. XXVI. Igualmente, as edições da Vozes, — De Durval de Moraes, inclusive em **São Francisco de Assis - Escritos e biografias - Crônicas do 1º Século Franciscano**, Vozes - Cefepal, 1981 - assinalam o cap. XXVI. (N. do T.)

³⁰ **As Noúres**, cap. IV - "Os Grandes Inspirados". (N. do A.)

me rindo e as criaturas irmãs recolheram-se pensativas, em silêncio. A onda humilde e casta vai ainda, murmurando, levar meu pranto de crista em crista, sem compreender. É preciso ter gritado ao mundo, sem resposta, uma grande paixão incompreendida; é preciso arrastar-se, sangrando, sobre espinhos; é preciso ter atravessado o deserto de todas as solidões e de todos os abandonos; é preciso ter perfurado com a cabeça as duras portas do céu para abri-las e, com o último alento, ter atirado para dentro a alma encolhida, para que o infinito se entregue e a visão de Deus apareça em seu deslumbrante esplendor. Aquele que se lança através de certos caminhos deve perder o apoio da compreensão humana. Deve, num certo ponto de seu caminho, encontrar-se só, porque ninguém mais está em seu plano — e só e sem ajuda, tem que avançar por desconhecidas e ásperas estradas. Sobre a terra: indiferença, quando não sorrisos céticos e censuras. Se se tem sede de almas e ninguém sente tal febre espiritual —ninguém compreenderá de que paixão se morre.

Chegam, então, do céu ao qual o espírito se prende como última salvação — as provas maiores. Parece que as forças da vida percebem possibilidade de uma fuga e agarram-nos para impedi-la. Parece desencadear-se, no dinamismo cósmico, uma rebelião contra a nascente exceção, que viola a regra geral, e começa o assalto. Só quem o experimentou pode imaginar que coisa é esta insurreição de forças que exigem o nivelamento na mediocridade.

Trágico e ciclópico destino, de conquista e de aflição, de visões e de trevas, em que me debato, criando no pensamento, enquanto peço um repouso que não existe senão na morte. Só no pensamento reside a minha mais intensa sensação de viver. Nestes contatos super-humanos está, para mim, a razão de tudo, o refúgio, o repouso, a nutrição e o cansaço. Sinto meu organismo estalar sob tamanha tensão. E já estou sobrecarregado com o trabalho normal de todos, necessário para o cumprimento dos deveres e para se ganhar a vida. Mas o espírito está calmo, observa satisfeito e vai espreitando os sintomas do fim, inebriado com a sua criação, triunfante e contente deste lento martírio, sonhando, nele, sua libertação e redenção.

Ofereço, fisicamente, o espetáculo do homem prostrado pelo lento trabalho da exaustão. Tenho a sensação de uma longuíssima agonia em que as forças físicas se diluem. Não é moléstia, nem lesão, ou alteração orgânica. É o extinguir-se, o dar-se de uma forma de vida, enquanto o essencial se coloca mais no alto. Os dois termos, matéria e espírito, são antitéticos. Só em tal estado de prostração física se avizinham as transparências do céu. A ascensão espiritual é feita também desta desmaterialização exterior; tal sublimação da alma implica também estas transformações íntimas da matéria. O corpo se extingue, e vaporiza-se numa dilatação imensa. Só neste estado se pode falar de coisas que já não são da terra. Somente com a alma nua diante de Deus e com o corpo nu diante da morte se assume o dever da sinceridade absoluta e de certos testemunhos supremos; somente sob o martelar tenaz da dor, olhando para a morte e apresentando-se além dela, se tem o direito de levantar a voz e de se falar em nome de Deus.

E eu falarei, pelo direito que me dá o ter sofrido tanto, ter-me oferecido em minha fadiga que foi até à exaustão, e por ter Cristo no coração; pelo direito que me confere o batismo da dor, o espasmo da paixão, o dever, o amor. Uma voz imensa eleva-se de meus laboriosos silêncios; a dor me arrancará novos clamores, a visão me encherá de novos entusiasmos; eu senti algo de inolvidável no tempo, lá longe, nos infinitos espaços do meu espírito e não posso esquecer, não posso calar. E direi, obedecendo a uma ordem que me é superior, que só eu conheço, e que está por sobre todas as ordens humanas. Tenho de dizer toda a minha verdade antes de morrer e, na

morte, dar testemunho de minhas afirmações. Devo deitar a semente, para que um dia germine. Recebi o archote da verdade e devo passá-lo aos que me seguem. Devo, até meu último alento, com a palavra e o exemplo, dar a certeza da idéia que possuo. O que importa é a idéia e não este inútil trapo de minha pessoa. Num exaltamento de todo meu ser, grito com toda a força de minha voz a verdade da vida eterna e da ressurreição no espírito. E digo: vede e tocai, vós que não credes — eu o vivi.

Neste volume chego aos últimos degraus de minha vida. Este é o livro da dor e do amor, o livro da unificação. Já realizei a cansativa obra da condensação (*A Grande Síntese*) e do ajustamento conceptual — o trabalho que faz pensar. Cumpro aqui um momento evolutivo diferente, não em termos de ciência, mas com voz de paixão, a obra jubilosa da expansão, que faz chorar e esperar, o livro do triunfo do sentimento e da fé. Chego, com ele ao último ponto onde Cristo, que já se avizinha, me espera; e além de uma nova grande dor, que me faça digno, abrir-se-á o selo interior da devoção e do amor. Caindo e erguendo-me, andei através da vida. Os meus livros são um longo caminho de esforço e de fé. Superei muitas etapas; meu pensamento desenvolveu-se em muitos conceitos; minha paixão amadureceu graças a muito sofrimento. Ao fim de tanto trabalho de mente e de coração, depois de tanto expor, não restará senão uma única palavra: Cristo. Sobre esta palavra, que é a síntese suprema do conhecimento e do amor, eu me inclinarei, satisfeito e feliz, para morrer. Saciado como quem, além de todas as ilusões humanas, reencontrou a verdade absoluta; feliz como quem, além de todas as dores humanas, reencontrou sua suprema alegria.

IV

RESSURREIÇÃO

É realmente trágico sentir alguém em si mesmo este desfazimento físico, ver diante de si ainda um imenso trabalho e viver ansiosamente, no temor de que lhe venham a faltar as forças. E ter que consumir-se no trabalho humilde e pesado que a vida impõe, e ter que esbanjar-se a mãos-cheias, na luta estúpida a que o constrange a filosofia dos demais. A natureza humana é lenta e preguiçosa; arrasta-se a custo e segue de má vontade. Tem a teimosia do asno, tem todos os vícios, a inércia e a fraqueza da animalidade. A matéria é sombria, não compreende. O inimigo está dentro de mim. O meu corpo é um meu irmão menor que arrasto atrás de mim com coragem e esforço. E, no entanto, tenho de lhe dar o de que ele precisa, para que dê seu rendimento. As vezes lhe digo: "Ponhamo-nos de acordo irmão! Não me dê atribuições inúteis! Vamos! Vença o peso de sua matéria, e caminhemos juntos". Mas ele pára, tropeça, não agüenta. Dorme facilmente, e não sonha senão com curtas e fáceis descidas. Cada vibração de entusiasmo, cada arrepio de alta paixão, todo o incêndio do meu espírito se desfaz rápido nesse meio denso e inerte. Que luta entre o espírito ativo e a carne inimiga e sonolenta, que condena estas relações intolerantes entre ambos! A animalidade pretende impor a todo o ser a sua lei e o espírito se atormenta para impor seu dinamismo. Onde uma é ardente, o outro é glacial. Pobre companheiro

embrutecido! Meu espírito espera tranqüilamente tua aniquilação, para realizar seu sonho de fuga. Pobre corpo! Não és feito para vãos. Corres e ficas verdadeiramente extenuado! Consomes-te nesta marcha absurda que não é feita para ti. Eu bem o sei! O edifício orgânico não suporta tão intensos e rápidos desenvolvimentos dinâmicos, tais tempestades de concepção, tais fulgurações de paixões. Vejo-o as vezes tombar dominado de exaustão dolorosa, mas o espírito é insaciável, sem piedade. Esquece-o, até que ele chegue a extremos intoleráveis e então a alma, também sofrendo, observa a sua dor, acaricia-o e ele se acalma; apanha-o em marcha, coloca-se ao seu flanco e leva-o junto, como um irmão. E a matéria opaca se ilumina de sacrifício, esplende nos reflexos do espírito e se oferece em longa agonia em holocausto ao triunfo do irmão maior, porque sabe que ele é o único e legítimo herdeiro de sua síntese de vida e que a ele pertence o futuro; sabe que esta é a lei: pelo aniquilamento da vida física, nasce e cresce a vida espiritual.

O corpo não pode viver nas altas temperaturas a que o espírito atinge em contato com o divino; naquela altíssima tensão, as fibras humanas se rompem; naquele fogo espiritual o corpo arde e se consome rapidamente; brilha subitamente numa chama violenta e se aniquila. No entanto, é belo, se é vencido ou triunfa; se morre ou revive; se sofre ou é feliz. Ao declinar das forças físicas, o canto sobe do fundo da alma, cada vez mais doce, mais sutil, mais belo. Afina-se pela dor, harmoniza-se com a harmonia do universo, conquistando novas ressonâncias em sintonia com o infinito. É intuitivo que certas elevações espirituais, certas realizações supremas não possam ser alcançadas senão a custa de repercussões no estrato inferior do próprio ser. É lógico que toda a unidade da pessoa seja arrastada no turbilhão da ascese. Só a morte, com sua proximidade, pode dar ao espírito certa luminosidade. Só um corpo quotidianamente açoitado pode facilitar certas transparências próprias da última purificação. Os que lêem não podem saber de que sulcos de tormento desponta esta nova flor de vida; de que destruição humana nasce a amplitude conceptual e passional que alimenta certos trabalhos literários; de que massa de vida se deve dotar a palavra para que seja quente e ativa. Não pode compreender que bases de angústia sustêm o ímpeto festivo e exuberante da criação.

Conheço esse tormento e o aceito. Cada volume me parece o último, mas sei que haverá um outro amanhã embora hoje o ignore. E retomarei o livro de minhas confissões: diante de mim uma resma de folhas em branco, dentro de mim, a minha paixão. Viver, evoluir, escrever. Caminha, caminha! E esta fatal caminhada não cessará senão pela extrema exaustão. O futuro é infinito; diante do eterno amanhã todo o passado é sempre um prelúdio. Conheço o tormento da criação, mas torno a dar-me, torno a abandonar-me aquela febre que me dá a vida e a morte, que me eleva e sustêm na sublime exultação das intensas realizações e que, no entanto, me destrói e me foge do corpo. Este trabalho me despedaça, mas eu abro para o mundo uma nova janela no céu, mas o espírito vence. É a sua hora.

Estou falando de morte e devia falar de vida; continuo olhando a terra enquanto o céu me chama. Este estado não é fim, mas começo; não é poente, mas alvorada; não é derrota, mas triunfo. Esta é a maravilhosa realidade que eu vivo, e hei de gritá-la cada vez mais alto. Ouça-me o leitor. Minha alma já está além da vida. Escrevo diante de Deus e da morte, nu diante de tudo o que foi criado e me vê. Não pode ser mentira. Personifico, neste momento, o fenômeno apocalíptico da minha grande revolução biológica e o apresento no momento decisivo de sua maturação, carregado dos aspectos mais ricos, vivos em mim no mais forte contraste de forças antagônicas. Estamos no centro do drama. A besta e o anjo que vivem em mim empenham-se nos

últimos assaltos. As forças da vida apertam o cerco fatal e todo um processo se fecha; longa travessia de milênios, lentamente, dolorosamente seguida se precipita num instante que tudo refaz, contém e justifica. Aqui está em mim o supremo drama humano de uma vida que se extingue; aqui está em mim o supremo drama divino de uma vida que ressurgue. O sacrifício humano foi imenso, mas o resultado final do meu trabalho superou toda a minha expectativa. Não vem a mim apenas a luz do mistério; vem a meu encontro o amor de Deus.

Tenho a sensação de que profundos abalos se dão em mim, como se planos inteiros da minha consciência se desmoronassem. E no fundo das ruínas encontro ressurreições estupefacientes. Aquelas prostrações são a condição de reações profundas que têm a virtude de trazer a luz o mistério da alma, de fazer penetrar o meu **eu** consciente nas camadas profundas. Procedo por mergulhos no abismo e ressurgimentos, como as ondas do mar, e destas grandes oscilações nasce um poder sempre maior do espírito. Vivo lentamente, saboreando-o e controlando-o, minuto a minuto — o fenômeno da morte orgânica e da ressurreição espiritual. No aniquilamento do corpo, a crosta opaca que me aprisiona o espírito se faz cada vez mais diáfana; na exaustão física me chega então, e ouço, cada vez mais límpido, mais distinto — o cântico que se eleva além das limitações. Insaciável, torno a escutar e a ouvir, para trabalhar e para sacrificar-me ainda, até o último alento de minha paixão Ouço um martelar taciturno e incessante sobre a bigorna da minha dor. Mas, cada golpe acorda nas profundezas uma ressonância nova, como o eco divino. A cada golpe se rasga um pouco a minha alma e das feridas lampeja luz. Ouço um cortejo sempre mais freqüente de golpes e de respostas, com uma fatal aceleração de ritmo — amo e abraço minha dor que me abre as portas. A cada instante, mais me inebrio ao sentir que, além do sensível e concebível, uma pulsação nova e maravilhosa bate e responde. Cada pingo de tempo rasga um véu e destrói um obstáculo. Avanço, mas tenho medo e me angustia este progressivo diminuir da distância. Mas, estou em marcha e não posso deter-me. Não se interrompe um fenômeno desencadeado. Tudo converge para a unificação. Caem, um a um, os últimos diafragmas. Sinto adelgaçar-se a parte sensorial que ainda me detém. Que existirá ainda? Desfazem-se os últimos liames. Darei um salto e cairei nas chamas.

A fonte das emanções nouíricas, da qual captei uma vez os meus registros inspirativos, era uma estrela brilhante e longínqua que me olhava do céu. Mas, o transmissor aproximou-se do receptor que, ao longo daquele raio se encaminhou para o céu. Agora, a estrela, sempre mais próxima, se tornou imensa a ponto de invadir e ocultar todo o meu horizonte. Aquele fio de fria concepção aqueceu-se e tornou-se um incêndio. A luz trêmula de uma estrela longínqua é agora um flamejar de meteoro flamejante que me atrai ao seu campo de ação e me envolve numa tempestade de forças. Sinto-o chegar, raptar-me e me absorver, como uma labareda imensa a qual não posso fugir. Queria, mas é tarde. Queria escapar a este último aniquilamento, e não sei. Sinto-me preso em sua órbita; a minha massa é lançada e a trajetória se restringe. Perder-me-ei naquela luz e nem me reconhecerei a mim mesmo. Aperta-me a alma um abraço imenso, ouço as pulsações de meu coração ecoando pelo universo e em cada ângulo do infinito responde uma palpação fraterna. É um amor novo, inextinguível, sem fronteiras, que se recurva sobre todas as almas irmãs. É uma vida tão vasta que revive na vida de todos os seres.

Fenômeno de força astronômica. Compreendo que é uma enormidade falar de mim mesmo nestes termos. Mas nesse fenômeno me anulo. Eu o sei. Aqui em baixo, sempre se receia que o nosso semelhante seja maior do que nós. Mas não falo de minha grandeza — falo da grandeza de todos. Todos podem subir e subirão, fatalmente. Dos meus conceitos muito pouco atribuo a mim

mesmo — nada mais que o esforço de ir colhê-los. Se assim falo de mim, é porque o meu **eu** é apenas uma centelha de vida no seio de Deus, é uma força que não pode ser separada do universal organismo. Falo, portanto, de mim e de todos, porque neste plano não se fazem distinções. Em suma, o meu novo amor me leva a falar, para guiar a liberação aqueles que sofrem. A minha experiência é perturbadora para mim. E é humano gritar a própria alegria suprema, a vitória do espírito pela qual se lutou e gastou uma vida. É humano, para quem superou o terror dos abismos e a amargura de todas as ilusões, dizer ao irmão ainda inexperiente: "Vê! Esta é a vida! Assim te falo, porque assim vivi. Pode ser que a minha verdade te convenha". E como posso recusar-me a alegria de evitar um perigo aos outros, de poupar uma dor aos demais? Eu também estou ligado a esta lei de coesão universal que traz unidos os mundos quanto as almas; aquele que evolui sente necessidade, para poder gozar de sua evolução, de voltar-se para trás e comunicá-la aos próprios irmãos. Alegria isolada não é jamais alegria: o amor é a grande lei da vida.

V

A EXPANSÃO

Propus-me, nestes capítulos, a dar minha sensação do fenômeno e aqui estou, já bastante atarefado na exposição racional de sua compreensão. É esta minha sensação que para cá devo trazer, aproximando-a dos olhos do leitor. Meu primeiro dever é a espontaneidade, para que tudo seja exposto aqui, fora de mim, tal como em mim foi vivido. Nenhum freio impede, já agora, o ímpeto do meu entusiasmo e da minha paixão. Preocupações de incompreensão mutilariam meu pensamento; já não me posso deter. A psique normal esta habituada ao âmbito fechado de seus limites e não se reencontra neste confinamento de valores. Há necessidade de tatear a solidez de sua prisão, de se identificar no invólucro, para se sentir, viver. É aquela reação de retorno das forças, girando em campo fechado, que dá a sensação do **eu**. Mas quando todas as resistências cedem e as paredes se abatem, não há possibilidades suficientes para que se abranjam os novos horizontes. Trata-se, aqui, de uma explosão da alma, que em sua expansão se vaporiza e não sabe se reencontrar, de improviso, no todo; falta-lhe então a pressão do confinamento na mente (**ignorância**) e no coração (**egoísmo**), que faziam concretamente sensível a identidade. É muito diferente sentir-se o **eu** na identificação da própria mente, no conhecimento universal e do próprio coração, no amor de Deus.

Subindo aos superiores planos da evolução, o **eu** se torna uma unidade completamente distinta. Já vimos, na recepção inspirativa, que a certas altitudes conceptuais, não se encontram entidades pessoais no sentido humano, mas somente núres, ou correntes de pensamento e que, para se conseguir imergir nestas correntes é necessário transformar-se evolutivamente, até esses planos e dimensões. Ora, quando a consciência humana passa da fase intuitiva das simples comunicações à fase mística da identificação, perde permanentemente, e não ocasionalmente, como no período receptivo, suas características de personalidade humana, mudando-se por evolução, até se transformar naquele tipo de consciência que o inspirado encontrara em suas ascensões, isto é, numa núre ou corrente de pensamentos. Em outros termos, transforma-se

numa personalidade radiante. A alma humana já é, inicialmente, um estado vibratório, uma corrente de pensamento e é isto, exatamente, o que sobrevêm na desmaterialização do processo evolutivo. Este tipo de consciência é igualmente identificável, conservando uma individualidade característica, não porém pessoal, no sentido humano. O **eu**, evoluindo, sofreu um processo de expansão já não é mais um campo de forças confinado em si mesmo, como a matéria, mas um sistema cinético radiante, como a energia. A identificação já não é feita, então, no sentido humano da circunscrição e da distinção, mas num outro sentido, o do tipo individual de vibrações que, em uma consciência radiante, dilatada, não pode ser, agora, senão a única forma de identificação. Assim é, e só assim acontece com aquele que constata seu aparecimento, sozinho, no plano nouérico, ou seja, na superposição de consciência, na identificação e na fusão por grupos, dentro do seu tipo de vibrações. É só assim se pode explicar e compreender o fenômeno da unificação, que no plano humano será sempre um mistério.

Estas transformações profundas no modo de existir explicam o esmagamento do espírito que chega a esta fase de evolução. O **eu** não se vê mais em suas vestes de personalidade humana e distinta e não se reconhece nesta sua nova forma radiante, em sistema cinético aberto, como noure ilimitada, livre. A expansão lhe dá o sentido da dispersão. No entanto, é este, para todos, o futuro da evolução biológica em seu plano psíquico superior. Esta é a transformação de dimensões, o ingresso num novo universo, ou seja, em breve explicação, o que nos espera além dos portais. Superando, por evolução, o limiar, a consciência naturalmente muda suas características. Retorna ao nível mais alto o fenômeno da explosão do átomo, que desenvolve reservas inexauríveis de energia radiante. O sistema cinético fechado, de trajetórias em circuito de retorno sobre si mesmo (**átomo, egoísmo**), no qual o existir é justamente este contínuo rodopiar egocêntrico e a sensação do **eu**, pela inexorável pulsação de todas suas forças interiores contra a trajetória limitada do sistema, não superada, se transforma num sistema cinético aberto, de trajetórias impetuosas, radiantes (**energia, onda, personalidade radiante**), onde o existir se identifica com o movimento e a sensação do **eu**: uma expansão que se estende até a identificação com o todo. Fenômeno de libertação, de multiplicação, de superamento. O movimento sucede à estagnação, o vôo ao passo. O existir não esta mais em permanecer, mas em andar. Ao atual tipo humano do **eu estático** sucede o tipo, hoje dificilmente concebível, do **eu dinâmico**.

A sensação de vida é um extravasar ilimitado que a princípio aturde; é um dilatar-se de impulsos, é aquela desmaterialização na qual se traduz, justamente, a evolução. Faltarão consistência a essa sensação; mas, em troca, quanto espaço conquistado! Não nos sentimos mais concretamente como antes: sentimo-nos em tudo! Eis de que técnica fenomênica nascem e como se justificam as minhas sensações. Assim se perde a individualidade humana circunscrita, para se adquirir uma nova e imensa, no seio de Deus. Assim se compreende como eu possa, como afirmo, atingir e possuir o sentido da unificação; compreende-se a origem de muitas das minhas estranhas expressões, e a grande lógica da aparente loucura; compreende-se como a ascensão da alma para Deus, que é a substância da evolução e a razão da vida — seja um processo de harmonização, isto é, de progressiva sintonização na harmonia suprema.

Subindo, tudo se reúne e converge à fonte comum: a verdade una, o amor uno. Aqui em baixo, tudo está dividido: as verdades são diversas, os egoísmos diferentes, o amor limitado e desunido em cada criatura. Nesta transformação de consciência, o esforço da evolução é largamente compensado. A grande aspiração e a maior alegria da vida, que é a expansão, alcança aí sua satisfação mais completa. As pequenas portas humanas se abrem de par em par. O **eu** não

tem mais necessidade de se obstinar e se restringir, porque se unifica no todo e o todo é seu. E cada um sente no seu instinto quanto a alma sofre aqui em baixo, onde a cada passo a sua marcha tropeça num mundo de obstáculos. Todos sentem quanto a terra se opõe a essa ânsia de liberdade. O maior e mais ardente desejo de todos não é esse de fugir ao espaço, ao tempo, superar as formas do pensamento, de conquistar, multiplicar-se em novas forças? Esta superação espacial-temporal não é a base e a essência do nosso progresso mecânico? Só por este motivo, isso é evolução, porque é evasão dos limites e superação das dimensões. Todos desejam riqueza, força, liberdade, amor. Mas esta outra é a verdadeira riqueza, a verdadeira força, a verdadeira liberdade, o verdadeiro amor: porque tudo se amplia no próprio poder de percepção, numa sensação ilimitada, numa consciência onipresente.

Chega-se a unificação com Deus depois de se haver compreendido, numa síntese conceptual, o funcionamento orgânico do universo, fundindo-se e identificando-se com a alma universal. Este é o rumo ao ser, a realização da maior felicidade porque, ao mesmo tempo, da mais vasta expansão. De outro modo, tudo será uma trabalhadeira inútil. O instinto insaciável da alma está manifesto, mas a porta de entrada esta no céu e não na terra. Aqui em baixo, no ambiente fechado, a expansão se reduz a violência recíproca, pela angústia de espaço. Aqui em baixo isto não se obtém senão roubando-o aos semelhantes, senão oprimindo e esmagando — mas não é assim no céu! A que extremos opostos estamos sobre a terra, onde a afirmação do **eu** é a luta de todos contra todos, é a imposição, a extorsão e a coerção do mais forte para com o mais fraco. Que dissonâncias, que atritos, que dispersão de energias, que inferno! No entanto, o universo é ordem, é música, é amor e tal aparecerá, com esmagadora evidência, assim que a alma se curve as realidades mais profundas. Esta é a maravilha que nos espera, transposto o limiar. A verdadeira expansão esta nas dimensões superiores do espírito. Só assim ele, o insaciável, poderá ficar saciado!

Assim nasce, entre o místico e o mundo, um antagonismo irreduzível, um abismo de incompreensão. Tudo, logicamente, depende das diversíssimas colocações do problema, pela diversíssima situação do centro da vida. O grande trespasse não é a morte. Pode-se morrer e renascer em vida, segundo o grau de espiritualidade conseguida. Quando subimos, desaparecem as distinções humanas. A matéria divide, o espírito unifica. Quantos estridores dissonantes em baixo — quantas harmonias paradisíacas em cima! Faz-se tão profunda a harmonização das criaturas, quando sobem para o Centro, que a harmonia adquire uma intensidade inviolável. Faz-se tão poderosa que não há mais dissonâncias que a possam perturbar. Tão forte, que não há vozes maldosas que a possam dominar. Tão doce que nenhuma dor poderá mais poluí-la! E fatalmente, gradativamente, dor e mal são reabsorvidos e anulados nessa suprema harmonia.

VI

A HARMONIZAÇÃO

A lei se cumpre e eu observo o seu fatal avanço. A maturação é um processo tão lógico, um concatenamento de forças tão equilibrado, que me parece natural. Na evolução, alto e baixo são relativos e não vejo em mim nenhuma superioridade excepcional. Eu persigo a minha alegria, como o fazem todos. Apenas, persigo uma alegria mais verdadeira; por meios mais incomuns — e alcanço-a. O universo é harmonia que guia ao supremo amor, que é Deus. Eu, simplesmente, me harmonizo. Isto é tão espontâneo, que qualquer sensação de fadiga desaparece. Não creio que me possa arrogar mérito por isso. Chega-se a isso naturalmente, fora da medida das grandezas humanas. Oferecer-se em sacrifício é a lei natural de coesão, neste plano. E se se ama a dor inimiga, não é por loucura, mas porque já se experimentou que esse é o meio de conquista. Bendiz-se, então, a lei de Deus que fere, porque se sente que por trás da prova está o Seu amor. Falo de forças ativas e sensíveis, de conquistas reais. Não se creia que os estados místicos sejam uma absurda exceção a universal lei utilitária do mínimo meio³¹ e maior rendimento, o qual deve estar sempre em termos de felicidade. A sensação do sublime **paga largamente cada esforço, e aos práticos poderia dizer: “o negócio convém”**.

Esta harmonização progressiva, que através de todos os seres se eleva ao amor de Deus, é uma vibração tão grandiosa, leva a tão grandioso êxtase — que se alcança a suprema felicidade. Que posso desejar mais? Nenhuma insaciabilidade humana poderá jamais ser tão saciada. Caíram, para mim, os véus dos mistérios e minha mente esta satisfeita. Na harmonização, agora, caem as barreiras do amor e o meu coração esta satisfeito. Depois da festa da compreensão, a festa da expansão. Depois da alegria de ver com inteligência — a alegria de apreender com as minhas sensações. A mente fundiu-se na luz divina, alcançando a unidade no conhecimento da verdade. Agora, o coração desperta e se eleva aquela mesma altitude, para alcançar a unidade no amor. O processo de unificação no conhecimento e no amor — meta suprema da vida — é único, para a inteligência e para o coração. Só então estará completo.

Onde esta, agora, minha pobre percepção inspirativa, aquela espiral aberta para o céu — se as portas estão escancaradas e chovem, com a luz, torrentes de sensações? A intuição tornou-se visão, um raptó, um êxtase. Chegou como uma explosão de toda a minha personalidade, um soerguimento total do meu ser, lançado como uma onda para o céu. Todas as potências do meu **eu** projetaram-se para o Alto num ímpeto de paixão. Atônito, assisto a minha dissolução e a minha ressurreição.

O grau de ascensão do ser nos planos espirituais mede-se pelo grau de harmonização conseguido pela consciência no organismo universal, pelo grau de identificação com o todo, de unificação com Deus. E o índice exterior da harmonização, o sentimento pelo qual esta se revela sensível, é o amor. É o grau com que se apazigua a luta, se dilata o altruísmo; o grau com que se sabe ouvir a música da criação e irmanar-se a todas as criaturas; o grau com que se sabe sofrer por amor, pelo bem dos nossos semelhantes. O amor ó a forma com que a personalidade radiante alcança a identificação vibratória com as correntes divinas: o amor o sinal da unificação. Chega-se a Deus, mesmo em meio a dor, com a alma contente, cantando e louvando; subindo de harmonia em harmonia, de amor em amor. O grau de ascese mede-se pelo grau com que a alma venceu a dor com alegria, absorveu no bem o mal, harmonizou na ordem as dissonâncias.

³¹ Veja nota de rodapé - cap. XX, da 1ª parte. (N. do T.)

Este amor é uma palpitação secreta e interior, potente e submissa, violenta e, no entanto, doce; por vias íntimas, ele se propaga em silêncio, de ser a ser, e alcança longe. Tão longe que o coração abraça em si tudo o que foi criado. Amor profundo e amplo, que penetra em tudo e em toda parte encontra seres para amar. Satisfação superior ao desejo. É grande esta maravilha, num mundo onde o desejo é sempre maior que sua satisfação. É uma ebriedade sem limites esta vibração imensa, onipresente, indestrutível; este abrir-se de almas para se derramarem umas nas outras. Já era tão grande a alegria do tímido escapar de um raio de amor humano, de um egoísmo para outro egoísmo! Que paraíso não será então este de poder ouvir, onde quer que seja, para onde quer que a mente se dirija, além de todas as barreiras do espaço e do tempo — ouvir uma palpitação de retorno que diz: "amo-te"! E então, a alma grita; "Descobri o amor! Venham a mim, humanos que o buscais! Não é o vosso, o amor. Descobri o amor! Isto não é loucura, é alegria. Sorria, quem o quiser. Eu canto, eu vivo, eu gozo, eu afirmo! Os que negarem ficarão em suas trevas.

A tremenda luta humana e animal se desarma completamente diante da força luminosa do amor. Amei tanto que também tu, dor inimiga, te tornaste amiga. Doce irmã morte, amei tanto, que tu também me apareces envolta em amor. Então, apenas se pode dizer: "Meu corpo está cansado e eu canto; o meu corpo sofre, e eu canto, o meu corpo morre... e eu canto". Eis o paraíso, fruto, não da morte, mas da maturação íntima, que sempre se pode alcançar.

Então, na própria alma repercutem todos os ecos do universo, em música solene e profunda onde canta a voz de Deus. Esta música embala e adormento a minha dor. Identificando-me aquela vibração, me aligeiro e posso fugir ao peso da matéria. Este amor tornou meus amigos os rochedos, as sarças e as tempestades: irmãos meus o homem e a fera. Tornou minha amiga também tu, irmã morte, que marcarás o último impulso de minha fadiga terrena. O amor vence a dor e a morte. Que transmutação de valores, que maravilhosa libertação! A ferocidade de cada pena é domesticada pela elevação: o irmão lobo faz-me carícias. E então, as ressonâncias da vida mudam ao toque desta força. Acalmam-se todas as rebeliões, adormece o cansaço. De cada ato de bondade emana música tão doce que reabsorve toda a aspereza do sacrifício que o ato impõe. A bondade, aqui, abre a porta de uma lei superior, cujas harmonias são tão fortes que neutralizam o sofrimento e o cansaço da renúncia. Trata-se de uma superior estética do espírito, cuja beleza supera todas as belezas. O sacrifício expande-se por esta ressurreição numa vida maior e conquistada; transforma-se numa limpidez de visão, num amplexo de amor. A perda esta no restrito ângulo visual humano, não no divino, onde existe afirmação, alegria, beleza. Eu ouvi esta música divina; ela canta no sacrifício e estou sedento por ouvi-la de novo. O cansaço se vai e a música fica. Então, a alma não grita somente: "Descobri o amor!", mas grita também: "Venci a dor!"

E tudo adquire um sabor novo; irradia-se uma alegria que se difunde sobre todas as coisas. A alma se torna um canal por onde desce e se difunde o amor divino. Com alegria se retoma, a cada manhã, o fardo da vida. E o trabalho comum de todos; mas um sentido divino que lhe bafeja dentro, torna-o santo e esplendente. Dirão: "Ora, velharias!" Respondemos: "que se dizem, mas não se fazem, não se sentem". Dentro daquela fadiga que é a mesma por fora, arde uma tal luminosidade de bem, uma tal beatitude de espírito, uma tão vivida bênção de Deus, tanta fé e tanto amor, que tudo se transforma, como por toque mágico. Então, e só então, a vida é verdadeiramente bela. Então o homem, curvado ante o caminho, levanta-se a cada manhã com a alegria no coração, porque sabe que é santa a renovada fadiga que o reconduz a Deus; e a noite,

na carne cansada, o espírito exulta, rendendo graças pelo dever cumprido, pelo novo pedaço de caminho percorrido. Sabe que a dor escreve, além do tempo, aquilo que não se apaga mais. O corpo se abate e a alma se abre e cantam dentro dela as harmonias do universo. Aquela alegria é a alegria de toda a criação, e transborda, e volta, e não há força que a amordace.

Então, me vem uma nova coragem de viver, um desejo de dar as minhas forças um maior rendimento de bem, um medo de dispersão humana porque tudo se concentra no divino. E retorno a todos os seres, numa larga multiplicação de amor, olho todas as faces do universo, porque me falam de Deus. E então, tudo é amor em tomo de mim, dentro e fora de mim. Amor, alma dos fenômenos, centelha da vida, grandeza divina. Mas, eu quero esta união profunda e completa, esta compenetração e identificação que o amor humano não dá; quero o amplexo sem fim, imenso, com todo o universo; quero o amor sem egoísmo, perfeito, indivisível, eterno. Quero o verdadeiro amor, mais forte que a morte.

Se eu tudo possuo, que importa se a pesada cruz da vida me faz sangrar ao longo do caminho se eu avanço estreitamente unido, coração a coração, com todas as criaturas irmãs? Se a florzinha que eu colho, me dá o seu perfume e morre, dizendo: "amo-te, irmão"? Se os animais, as rochas, o vento, os espaços, me dizem: "amo-te"? Se as estrelas e as imponderáveis forças giram em torno de mim, em maravilhoso equilíbrio e sinfonia de movimento, para me dizerem: "Amo-te, irmão"?

Então, meu espírito explode na suprema loucura e sou envolvido na esteira luminosa de Cristo e nela me dissolvo. Esqueci o meu **eu**. Não existe, não se reconhece mais. Esta morto. Ressurrecto. Não sou mais **eu**, no entanto, estou vivo e presente, em um novo mundo, mudado, renovado, imenso. Eu sou tudo o que é o meu amor. O meu amor esta em todas criaturas; o meu é o seu eu; o meu canto é o seu canto; a minha alegria é a sua alegria. E que morte pode fechar esta vida universal sem limites de tempo e de espaço?

VII

A UNIFICAÇÃO

Através do amor realiza-se o mistério da unificação. O pensamento comum sobrevoa, não toca a vida, a simples compreensão da verdade não desce à profundidade da alma para convulsioná-la com suas sensações. No plano místico o pensamento é vida, cada conceito que emito é um fato que desceu e se estampou no espírito. A fria concepção transmudou-se aqui em renovação de alma. A suprema abstração do conceito de Deus avizinha-se e se torna sensível descida ao centro da própria consciência. Deus não se aproxima, não se mostra: sente-se. A fria idéia da verdade se aquece, se anima e vibra nas palpitações de todo o universo. A sinfonia da criação não se vê apenas por compreensão: toca-se por percepção. E isto é a sublimidade do êxtase.

Assim, a música das coisas se pôs a cantar dentro de mim; a beleza, a força, o amor do todo revive em mim. Os fenômenos, a vida, o universo, já não estão afastados e no exterior, mas falam, existem em mim. Na unificação perde-se o sentido das distinções. A compreensão é um abraço. Já' não sou apenas um espectador de fora ante o panorama da criação e a arquitetura do universo, para deduzir e subir à Divindade, mas estou em comunhão interior com a Sua vibração. O meu olhar é um gesto que aperta ao meu coração todos os seres que comigo vivem em Deus. E todos cantamos o mesmo canto, vibramos na mesma harmonia, abraçamo-nos com o mesmo amor, vivemos a mesma alegria de viver, sofremos e estamos redimidos pela mesma dor, subimos todos com o mesmo esforço para o mesmo Deus. Da fria análise da mente os conceitos emergem aqui como figuras vivas que falam a realidade da sensação. Tudo se move, os fenômenos vivem, os seres respondem, as almas amam. O pensamento vivifica o espaço. A verdade se torna tangível. O todo toca a minha expansão de consciência. Deus, então, é real, presente, atual e ativo, em mim e em torno de mim. Para onde quer que me volte, esta sensação absoluta emerge de todas as coisas: o universo se ergue e vem ao meu encontro, como uma onda imensa, esmagadora. Morre-se em si mesmo, no próprio egoísmo, para ressurgir em todas as coisas. A palavra **eu** assume um significado diferente. A evolução rompeu os diques e o universo irrompe em mim.

Não são destilações teológicas, nem sublimações passionais, mas estupenda realidade vivida. Esta é a minha alegria, depois de ter deixado para trás as alegrias humanas. Esta é a minha prece. Os lábios estão mudos, a mente está muda e não sabe mais formular pensamentos. O meu **eu** está suspenso, trepidante, sobre as asas desta vibração que enche o universo; ele não sabe, não sabe nada mais que esta sua imensa alegria, demasiado vasta para que se conheça toda. Canta, porque tudo canta. A música não é sua e apenas ecoa, se desenvolve, sai, expande-se dentro dele, até se tornar o seu próprio modo de ser. A vibração autônoma da distinção se perdeu e se anulou na vibração mais ampla.

Chegou a liberdade de todas as compressões humanas, a explosão, a fuga não para o exterior, que é o caminho que restringe, mas para o interior que é o caminho da expansão. Projetando-se sensorialmente ao exterior, o **eu** se engolfa no particular, no relativo, na ilusão. Por aí se adensam os véus, se levantam as barreiras, se desce em dimensão, as idéias se ocultam. Uma espessa névoa obscurece a consciência. É o caminho das trevas. Vejo este abismo, que está sob mim, em sentido involutivo, um abismo de angústia e de desejo, onde o maior mal é a cegueira que impede a visão de Deus. É o inferno. Ele está na impossibilidade de corresponder as vibrações da luz divina. O **eu** destruiu-se num beco estreito e grita, invoca e sofre inutilmente, batendo a todas as portas, que se conservam fechadas a sua expansão. Ouço vozes desesperadas subir daqueles densos invólucros. A pobre alma se debate no seu tormento, na sua sensibilidade, contra as paredes espessas e tenazes. Deve transpô-las com a sua paixão, demoli-las com o gotejar de seu sangue. A cada novo espasmo, uma pedra se move e cai. Que festa a do espírito ao se abrirem as primeiras brechas! Vejo os prisioneiros esgueirarem-se da prisão derruída, emergir dos muros demolidos e, finalmente livres, lançarem-se ao infinito. Vejo a maré dos seres sair das trevas para a luz. Isto é a vida. E é tal aquela treva que, além de um certo grau, minha vista já não a penetra; é tal aquela luz que, além de certo limite, os meus olhos já não suportam. E a treva é também dissonância, como a luz é harmonia. A treva é densidade de matéria, sufocação de espírito, malvez, ira, desespero. A luz é transparência de espírito, felicidade, bondade, amor e bênção.

Sinto a luz mover-se em direção as trevas. E a força de penetração e atração que redime e levanta. As trevas são inércia, resistência, negação. Sinto o choque e a luta entre as duas forças: o bem e o mal. Alcançam-se e se dilaceram. Sinto o entrechoque, que faz tremer o universo. A luz ataca com a violência do amor que conquista os corações; o ódio resiste tenazmente, as trevas gritam o seu terror. E desenvolve-se uma hierarquia de irmanações, uma descida de auxílios, um entrançado de atrações e repulsões. Vejo o turbilhão do amor projetar-se do alto para baixo, lutar para sair. Num momento supremo da história do mundo, vejo o vórtice do amor projetar-se com extrema violência, e a maré de dor crescer até o ponto de tocar o vórtice. E, então, aparece Cristo. Então, a terra chega ao céu e o céu desce a terra e entre os dois extremos do amor e da dor, nasce o milagre da redenção. Sinto ressoar em meu coração a euforia daquela fusão e o cantar da alegria daquela redenção, como coisa minha, porque eu também estou naquela maré de dor que foi apanhada e fundida no incêndio de amor.

É, verdadeiramente, a suprema maturação de uma alma — isto que conto. É coisa que não se pode fingir nem improvisar. Tais palavras não se escrevem a frio, com a satisfação calma de quem se equilibra entre as coisas da terra. Há em mim um espasmo de alma que grita sua alegria e seu cansaço, uma explosão, uma paixão por qualquer coisa de sobre-humano que está para chegar. O sublime quer descer a minha pena, que não resiste e esta para se partir. Eu queimo como uma tocha. No entanto, não sei me atribuir mais nada; porque quanto mais altas são minhas concepções, mais escrevo, abandonando-me a Deus. Sinto-o vizinho. Não sei mais rogar, não sei mais compreender.

Vivo numa atmosfera de incêndio. Parece-me que minha alma ia não pode conter toda a sua alegria, em terrível **crescendo**. Esta exaltação dá fogo a minha palavra e faz com que possa exprimir o inexprimível. E eu obedeco e conto e reconto ainda, para saborear todo o meu êxtase, para compreendê-lo, para senti-lo todo na sua inexaurível luz. Avanço com a alma fremente, apertada, na ânsia de me compreender a mim mesmo, de firmar e registrar estes lampejos do espírito. Só a harpa de um anjo, decerto, poderá narrar tais coisas. Eu aqui deturpo-as e insulto-as. Não disponho de matéria mais diáfana que a palavra para me exprimir, uma imagem menos concreta, um pensamento mais fluido e mais transparente. Queria um meio mais digno, e não o consigo encontrar. O meu ritmo interior sufoca neste marasmo que é a expressão humana, as luzes se extinguem, brilhos se confundem e se perdem. O que escrevo mostra a mancha disforme onde está um quadro sublime. A palavra é impura, sabe a carne e a terra. Assim o belo se deforma, o movimento se cristaliza, o pensamento se mutila, tudo se precipita neste meu miserável balbuciar. Não há, no concebível humano, medida que possa conter o superconcebível. No entanto, esta imensidade é tão simples, tão espontânea, tão natural! E eu procuro ser simples e espontâneo para que as vestes não ofusquem a beleza do corpo. Deixo escapar as palavras como elas querem nascer, saturadas e transparentes, vibrantes e ardentes, como o quer o argumento. Abandono-me ao ímpeto lírico, porque revela o canto interior que me inebria. Não é já possível refletir e raciocinar. Já o fizemos muito. Assim, eu mesmo estou escutando a voz que emerge das profundezas, eu mesmo sou arrastado no seu ímpeto de dizer: “assim nasce um estilo não pensado nem desejado, que tem a força das coisas verdadeiras”. É a vibração interior que o forma, e o sugere, e o leva longe, a ecoar no coração dos homens. Seja a forma a serva da idéia. Tudo brota da ferida profunda de onde a paixão transborda e é feito de pedacinhos da minha alma, das palpitações do meu coração, da febre desta tensão em que vivo. Não obstante os meios inadequados, este é sempre o canto inenarrável da dor e do amor que irrompe da

profundeza do ser. Eis que minha alma não esta mais dentro da casa do corpo. A sensação de Deus passa perto e o meu **eu** se dissolve no seu arrebatamento. O meu dizer vai inconsciente por uma estria luminosa que parece traçada no céu pelo vôo de um anjo. Já não tenho força para ficar no meu posto de análise, porque a sensação brota com método. Minha carne adormece absorvida e ouço-lhe, longe, as lentas palpitações; rompe-se minha alma, no paroxismo de sua tensão. Tenho que comprimir a instantaneidade do pensamento, e calcá-lo em palavras. Estou sedento de Deus. Humilha-me, anula-me e isto me eleva. Queimo-me e me prostro, e isto me alimenta e satisfaz. Esta satisfeita, finalmente, a minha insaciável alma.

Tenho nos olhos uma poeira de ouro; nos ouvidos, música inebriante; em todos os sentidos, uma sublimação suprema. Desejaria abandonar esta pena inerte, que não sabe chorar nem amar comigo. No meu interior se processa a dança soberba e harmoniosa das forças cósmicas, que cantam uma canção profunda e inefável. Penetra-me uma música de movimentos e de ressonâncias tão transcendentais que não as sei exprimir. Deus se reparte no seu esplendor; o mistério se abre como melodia, a idéia é viva e revive das coisas em mim. Aproximo-me do centro onde todas as manifestações se encontram, onde todas as expressões se equivalem, todas as manifestações se unificam. Toco a unidade fundamental do verdadeiro e do belo, o momento em que convergem e se fundem, o ponto de apoio que sustém todas as vibrações do universo. Sinto a unidade que está nas raízes da vida, no profundo da essência das coisas. Além da forma transitória, múltipla e dividida, encontrei a substância una, indivisível, eterna. Atinjo, concentrada numa única palpitação, a síntese máxima do conhecimento e do amor.

Quem esta de fora, não vê, olha e permanece em suas concepções e não percebe que um ser saiu da órbita das atrações humanas. Sou, já agora, um bólido que gira vertiginosamente em torno de seu sol, preso à sua atração, fechado naquele campo de força de onde já não pode escapar. Não me ocorreu, no entusiasmo das realizações, no ímpeto do amor, que a voragem era imensa e que averiguar o sonho era demasiado para a força de um homem. Não me ocorreu que, no processo de progressiva sintonização com a fonte dos meus registros inspirativos, no desejo de perscrutá-la sempre mais de perto, avizinhava-me do foco de um incêndio, de um vórtice que teria tragado minha vontade, minha consciência, todo o meu ser. Lutei tanto para chegar a harmonização e não me ocorreu que me precipitava num turbilhão de forças que teria absorvido a nota distinta de minha personalidade. Já não tenho a minha vibração; perdi-me na vibração do universo. Já não tenho a minha voz, que se perdeu na voz de Deus. Acreditava ouvir a pequena música do meu pensamento e ela se transformou na música da criação. Tinha tanta necessidade de amor no deserto terrestre e me atirara, loucamente, para o centro da minha inspiração. Agora quase me apavora vê-lo vir ao meu encontro como um gigantesco aerólito incendiário. As chamas já se inclinam para a minha alma e algumas línguas de fogo lambem-na, provam-na e se retraem para deixá-la respirar. Habitua-me aos poucos à sua atmosfera de fogo. Retraem-se, abandonando-me no desespero da minha cegueira humana e tornam a beijar-me, para me incendiarem de novo. Nestas alternativas, atraem-me e repelem-me. Aquelas chamas se lançam e se contorcem em torno de meu espírito para chamá-lo a si, no centro do incêndio.

Ardo, mas não me consumo; queimo, mas não me aniquilo. Estruge em torno de mim, pavorosamente o ruído das coisas humanas e eu estou sozinho, pobre alma nua na fulgurante nudez da substância. Esboço ainda o gesto pueril de agarrar, mas não tenho mãos; de fechar os olhos a luz demasiada, mas não tenho olhos; desejo fugir, mas estou fora do espaço e do tempo. Sinto uma tempestade imensa no céu e do seu seio uma voz que me diz: “**Nada receie, sou Eu**”,

"**Ego sum qui sum**". O inexprimível está em mim e eu tenho forças para lhe falar. Deus está em mim, vibrante na minha sensação, e eu tenho forças para não morrer. Estou na Tua órbita, Senhor, e me precipito em Ti. No Teu amor, tem piedade de minha fraqueza.

VIII

A SENSACÃO DE DEUS

Assim aparece Deus na alma. A existência de Deus desponta nela e se fixa como um fato sensível. Aquela idéia central, síntese do universo, é tocada pela consciência, apenas esta alcança o campo místico. Esta é a substância da minha experiência e aqui a descrevo. No plano racional, a razão procura Deus; mas, na análise, não O encontra (ciência). No plano intuitivo (exemplo, *A Grande Síntese*), Deus aparece na mente, mas somente como conceito e permanece como uma visão exterior, distinta do **eu**. No plano místico (exemplo: *Ascese Mística*), Deus aparece na consciência como sensação total interior, una com o **eu** e a síntese da verdade se transforma em amor (**união com Deus**). Neste plano a revelação se torna arrebatamento. Método para conhecimento, também, mas inusitado e mais profundo. A ciência adota o método da observação. Para superá-la, adotei o método da intuição e o descrevi. Este é o método da unificação. Mas, é uma posição tão fora do comum, tão afastada da normal atitude da consciência humana, que neste plano não é compreensível, não atua, nem se pode comunicar. Vêm-se ressurgir aqui, ante a idéia de Deus, vivos na minha experiência, os níveis de consciência expostos no diagrama da ascensão espiritual. E compreende-se que tremenda realização sensorial é para o espírito o alcançar o plano da unificação. Eis como se pode dizer: Deus está em mim, vibrando na minha sensação.

Descrevamo-la ainda, deixem-me dizer assim, esta tão extraordinária forma de consciência. Expando-me na vastidão das minhas sensações. As vias sensoriais se multiplicam ao infinito, à medida que a alma evolui. Quando tudo na ascensão se desmaterializa, a vibração alcança o centro consciente, não apenas pelo canal dos sentidos — única via normalmente aberta — mas por todos os lados, excita ressonâncias de mil formas e cada ressonância é sensação. Como no plano intuitivo foram abertas as portas da compreensão, no plano místico se abrem as portas da sensação. Forma-se uma percepção anímica direta.

Estamos além do espaço e do tempo, no infinito. Medidas humanas não nos servem. O todo é um ponto; a eternidade, um instante. Identificam-se. Tudo é onipresente e contemporâneo. E compreendemos então que espaço e tempo são barreiras existentes apenas para as nossas dimensões do relativo — não passam de aparência: outro modo de existir, para o qual Deus é centro e periferia, conceito e manifestação, absoluto e relativo, princípio e forma. Sem olhos, eu vejo o firmamento interior do universo, onde tudo fala sem haver palavras. A substância vai e vem, da idéia à expressão e da expressão à idéia. Movimento imenso, que é mais uma vibração, tão imóvel está. Cada vida é uma pulsação desta vibração. Não, não me engano. Estou tremendamente presente na minha sensação. Respiro seu ritmo na minha própria vida. Nesta

profundidade de consciência, a vida é una. O universo é um grande organismo do qual eu, como todos, sou uma pequena engrenagem, útil, inconfundível, necessária, eternamente em função.

A verdade está em mim. Nela estou imerso e ela me nutre. Percebo-a por identificação. O mistério é a barreira de trevas que o invólucro da matéria impõe. Superada a matéria, o mistério desaparece. A limitação esta na ilusão do nosso relativo, não na realidade. O todo esta saturado de verdade, grita-a em alta voz e a alma foi feita para ouvir. Basta romper a crosta e emergir da própria surdez.

O todo está saturado de amor; ele é a vibração e une o particular, que parece disperso em pó impalpável, atraí-o, torna-o compacto e devolve-o à unidade. Sinto que em sua diversa multiplicidade, o universo é uno. Ecoa em mim o ruído das forças que tudo coligam, socorrem e guiam. Cada ponto se encontra no todo e o todo se reencontra em cada ponto. Tudo é individualizado, mas comunicante, tudo é distinto, mas indivisível, tudo obedece a uma lei inflexível, mas elástica, de infinitas adaptações e compensações e se elabora na imobilidade de seu íntimo movimento. Assim estou fundido no todo e o todo fundido em mim. Sou, agora, onipresente no espaço, coexistente no tempo, como o é qualquer consciência neste plano. Assim a minha vida esta na vida de todas as criaturas e a minha percepção, a minha consciência está em todo o universo. Eis a sensação da nova dimensão e isto é o superamento e o aniquilamento de todas as medidas precedentes. Onde existir um ser, já estou eu, sentindo, vivendo. Eis a verdadeira sensação interior de Deus. A minha concepção e sensação funde-se na concepção e na sensação em que o Universo concebe e sente, ele próprio. Nenhuma objeção teológica ou científica poderá destruir esta minha forma de consciência universal. A voz de Deus é mais forte que a voz dos homens.

O infinito não é o imenso, o incomensurável, como se costuma pensar. Não é grande nem pequeno. É simples, espontâneo, calmo; não é uma extensão cansativa, uma fantástica multiplicação de medidas. É uma atmosfera natural e tranqüila, na qual caíram os limites, foi superada a negação. Não é um múltiplo do finito, mas uma coisa diferente. A anulação como consciência humana me faz emergir à superfície de um oceano luminoso e tranqüilo, livre e sem tempestades. Espaço e tempo são trevas, cisões, prisão, barreira, negação. O infinito é estado de repouso situado além dos limites que a mente humana, em seu relativo, procura eternamente superar, sem o conseguir jamais. Ali o espírito chegou; ultrapassou seu superamento e seus trabalhos.

É nesta zona de grande calma que o espírito ouve a música profunda que está nos fenômenos. O ritmo estético e lógico de seu desenvolvimento, a harmonia dos equilíbrios e das finalidades. E isto tudo não é mais aquela pequena compreensão da mente, mas avizinha-se à alma, dentro dela ressurge, com ela se funde num canto único e imenso. Este canto prende-a, vence-a, arrasta-a e nela irrompe e se unifica numa exultação potente e estupenda. Dir-se-ia que a alma explode projetando-se no universo e que o universo se condensa para fechar-se nela. Nesta dimensão superespacial, universo e espírito têm a mesma extensão. É tão bela e doce a harmonia da criação que o sintonizar-se com ela, o unificar-se em sua ressonância, constitui uma ventura que em seu grau mais intenso é o êxtase em que se alcança a sensação de Deus. A prece não é senão a harmonização inicial. Harmonizar-se, em toda parte, na majestade do canto gregoriano, no simbolismo litúrgico, nas correntes que emanam das catedrais trecentistas; harmonizar-se ainda com maior presteza diante do divino espetáculo do criado; harmonizar-se na

estética suprema de um ato de bondade e de amor fraternal em Cristo — este é o caminho que conduz à sensação de Deus. Cristo apareceu e não podia deixar de aparecer a São Francisco, no Alverne, senão como o último ponto desta suprema harmonização.

As fibras humanas se partem na tensão destes paroxismos. Eu ouvi a harmonia do criado, fundi-me nela e alcancei a sensação de Deus. O meu coração pulsou com o coração de todas as criaturas irmãs e nestas palpitações percorreu-me o amor de Deus. Todas as vozes falaram em mim e eu respondi a todas as vozes.

Guiou-me ao centro, de esfera em esfera, um cântico de amor. Deslizando ao longo da sinfonia dos fenômenos e da teoria dos seres, o meu espírito subiu a Deus. Mas a última tensão do êxtase é imensa. O espírito não resiste por muito tempo e precipita-se de dimensão em dimensão, para se reencontrar, como consciência normal, no corpo exânime. Ouço então, como um eco, o cântico continuar de esfera em esfera, ascendente e dulcíssima harmonia que se esvai, se dilui nas trevas terrestres. De novo a mentira dos sentidos e revivo apenas para tornar a ouvir as palpitações de meu coração extenuado. Não conservo em mim senão uma recordação e uma saudade; senão uma ânsia amargurada daquele meu longínquo paraíso, que aqui em baixo parece loucura. Que parece nunca mais poder retornar.

IX

CRISTO

Eis a que sensações e a que planos de consciência nos leva a ascese mística. Neste plano alcancei — e só nele se pode alcançar — o conhecimento imediato de Cristo. Sei que tremenda coisa estou dizendo e só agora posso dizê-la — depois de amadurecer através das experiências que descrevi. Até agora, estive calado. Mas o meu trabalho todo se moveu para convergir, fatalmente, para as culminâncias onde aponta a síntese suprema do meu pensamento e da minha vida. A figura em que a concepção abstrata e sublime do êxtase se humaniza, tornando-se ainda mais acessível como presença e assim se avizinha da consciência normal — é Cristo. Sua voz tomou forma e se delineou naquele vulto que contemplo com amor e tremor; definiu-se num Ser que me tornou pela mão e me disse: "Caminhaste e estás cansado, mas não podes parar. Deves ainda avançar e vencer outras lutas e cansaços. Segue-me. Não podes mais parar. Coragem. Estou ao teu lado" Na doçura da carícia, no ímpeto da tempestade, no terror da solidão, ouvi ainda: "Segue-me, segue-me". E essa ordem se gravou em mim. Naquele momento me tornei criança, fechou-se a vista da terra e reabriu-se a visão do céu e o êxtase me retomou em seus tentáculos e me levou para longe.

E a Sua face que me aparece e me atrai no centro do incêndio, o aerólito gigantesco que se avizinha de mim, flamejando. Era uma voz e se tornou uma figura sensível e próxima, completa na sublimação de todos os atributos do concebível. A debilidade de representação humana, ao desejo da matéria, de concretizar, foram concedidas imagens, mas não são Imagens de Cristo.

Certas figuras adocicadas, de uma suavidade mole, exterior, rósea e ovalada — são um véu, não uma expressão, são distância e sofrimento para quem as contempla.

O verdadeiro Cristo é uma realidade e uma sensação imensa que repele imagens. É um infinito que se conquista por sucessivas aproximações. A medida que o espírito sobe, aos vários planos de consciência correspondem vários planos de conhecimento de Cristo, os quais são uma revelação progressiva de sua essência divina. No plano sensorial a consciência não supera a representação concreta do Cristo histórico, do conceito encarnado em forma humana. No plano racional, a consciência crítica procura o divino naquela figura, sem conseguir encontrá-lo. No plano intuitivo a consciência encontra, por inspiração na revelação, o Cristo cósmico e compreende que coincide com a Divindade. No plano místico a consciência sente pelo amor o Cristo místico, e da concepção de Deus passa a unificação com Deus.

Assim a consciência alcança e toca, progressivamente, um Cristo sempre mais interior, penetrando na Sua profundidade; um Cristo sempre mais real e imaterial, dele se avizinando primeiro com os sentidos, depois com a mente e depois com o coração, um Cristo sempre maior, mais potente, mais bondoso, mais unitário, mais transparente na Sua realidade — isto é: sempre mais, para o homem, perfeito modelo de Deus. Nesta progressão de imaterialidade e de interiorização, o espírito avizinha-se de Sua divina realidade, sente mais evidente Sua verdade. Vivi nestas diversas profundidades do real, nos diversos planos de consciência; senti, da vastidão conceptual da revelação mosaica, que se detinha no Deus-criador, somente potência, emergir o Cristo-místico, o Deus-amor que, do mundo cósmico conceitual da mente floresce no íntimo mundo místico do sentimento e do coração. O Cristo que eu sinto e amo é um Cristo imaterial, interior, cuja manifestação terrena representou a mais perfeita expressão de Deus. Ele é um ritmo no qual me harmonizo e em cuja sintonia me dissolvo, uma vibração da qual quero me fazer eu próprio, e que de mim quer se fazer ela própria. Será um Cristo demasiado alto para as necessidades comuns da concepção normal, mas somente Este é o Cristo real; só nesta interioridade e imaterialidade é concebível n'Ele a Divindade, a presença, a unificação.

Os escritores contam as vicissitudes do Cristo histórico; a arte tenta exprimir-Lhe o vulto concreto; o próprio ritual comemora-O baseando-se nos fatos de uma vida vivida aqui em baixo. Os olhos humanos fecham-se às manifestações sensoriais e só através desta, trabalhosamente, pode alcançar a realidade imaterial. Assim a vida de Cristo demora de preferencia no sentido humano, no drama sangrento da cruz, mais que no sentido divino — o triunfo luminoso da ressurreição. Mas aquele é o momento inferior, mais denso e pesado, no qual o espírito se põe em contato com a matéria. É o lado menos divino, menos belo — se em Cristo pode haver menos belo: o momento no qual a luminosidade tem a força de imergir-se, sem se apagar, nas trevas. Este é o Cristo histórico, gênio, reformador, mártir o homem visto por todos. É o fato tangível e inegável, em que o super-sensível se materializou — o fato alcançado mesmo pelos escritores materialistas e difamadores, impotentes para o vôo e que não souberam caminhar além. Neste aspecto de Cristo o infinito fechou-se no ritmo curto da vida de um homem, para que até os cegos o pudessem tocar. E esta é talvez, para quem sente o verdadeiro Cristo — a maior maravilha do amor divino.

O Cristo histórico, realmente, morreu, e parece ter acabado. Mas, existe um Cristo mais profundo e ele continua vivo. É deste que falo. Ele esta vivo na minha sensação e na minha paixão. Presente em nós, fora do espaço e do tempo, eternamente. Só a carne morre, só a matéria

se desfaz, o espírito não. O Cristo real não abandonou jamais a Terra. Não poderia ser prejudicado por aquela pequena vicissitude humana da vida e da morte. Cristo simplesmente mostrou-se, há vinte séculos: mas estava vivo na revelação que o preanunciava. Esta vivo, ainda que possa não parecer, ainda que talvez os homens não o desejassem, esta vivo na Igreja que Lhe professa o ensinamento. E isto, por razões e meios super-humanos. Cristo é — além do passado e do futuro. Não surge e não desaparece, não nasce e não morre. Este Cristo vem, não do exterior, em forma humana; a sua chegada se dá no interior, no espírito. É fato espiritual, é luz de compreensão e de amor. Sua realidade não pode ser procurada nos fenômenos físicos. O preanunciado Reino dos céus está, antes de mais nada, no coração do homem — e este é o campo que tem de ser arado; esta é a criação que deve ser feita. Só um Cristo assim, sentido com ritmo interior, pode ser um vínculo de almas, um princípio de fusão e de unificação no qual todos os filhos de Deus poderão reviver em divina unidade. Cristo, com a Sua paixão, lançou a ponte do amor através dos egoísmos humanos, entre si e eles. Abriu e moveu o vórtice do altruísmo. Deu o primeiro impulso à expansão. Tornou possível a unificação.

O Cristo real é completo na Sua trindade de Cristo histórico, Cristo cósmico e Cristo místico. Esta trindade projeta a sua imagem nas três fases evolutivas ou planos de existência do nosso universo: matéria, energia, espírito. Tem a sua correspondência no microcosmo humano, organismo feito de corpo, mente e coração; de sentidos, de concepções e de sentimentos. O Cristo histórico é a forma, a manifestação no plano físico; o princípio retoma a matéria e a carne para elevá-las a si, através do amor. O mistério da redenção se baseia neste recuo dos vários planos para o plano inferior, por um princípio de equilíbrio e de coesão que o impõe, para que a evolução não se afaste e avance compacta. O Cristo cósmico é conceito-lei, é o princípio de organização que rege e regula o mundo. O Cristo místico é amor — princípio de harmonização, de coesão e de unificação. Assim a Trindade se completa envolvendo-se em si mesma: é ao princípio de coesão do amor que o princípio-lei confia a redenção da carne. E a Trindade é una, presente nos seus três modos de ser. **"Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida"**, disse Ele. O Caminho, isto é, norma de vida prática sobre a Terra, para chegar a Deus; a Verdade, isto é, a síntese do conhecimento, o pensamento de Deus; a Vida, isto é, a força do amor, a unidade das almas em Deus. E na fase que aqui estudo, da ascese mística, que a alma alcança o mais fecundo aspecto da Divindade — o amor. Sem o Cristo, que foi, acima de tudo, manifestação de amor, como poderia o homem acercar-se de Deus? A vinda de Cristo a Terra foi, portanto, a descida do espírito até a carne para um ato que é o terceiro momento, no qual os dois primeiros se completam: amor. **"No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus... O Verbo se fez carne e habitou entre nós"**, (S. João).³²

³² NOTA: - O autor, aqui, não enfrenta explicitamente, por não ser este o lugar próprio, a questão de saber se o Cristo, que nunca chamou a si mesmo de Deus, mas sempre Filho em face do Pai, se identifica com o Deus do Universo, motor supremo do criado e último termo de tudo o que existe. Confrontando estas páginas com os capítulos sobre Deus e Universo no volume — *Problemas do Futuro*, parece que, enquanto nesse o autor fala do Deus universal, único centro do todo, abstração suprema insuscetível de definição e além de toda representação, não só em forma sensória, mas também no concebível humano, neste volume o autor queira falar do Cristo somente como perfeita manifestação ou expressão daquele Deus, numa forma relativa a vida terrestre e ao concebível humano.

De todo modo, não é no presente volume, em que o autor exprime as suas mais violentas sensações, que o feriram profundamente na sua entrada no mundo místico, que ele se podia ocupar de precisar aquilo que, somente depois, em outros estados d'alma, pôde fazer nos volumes sucessivos e em

X**AMOR**

É este Cristo imaterial, interior, vivente e presente que eu sinto, respiro, vivo, que penetra e se identifica comigo. Se a sensação de Deus se alcança essencialmente através da mente, a sensação de Cristo se toca essencialmente através do coração. A síntese de concepção se transforma e completa em uma síntese de sentimento. O aspecto cósmico do Deus-princípio se multiplica e se dá no seu segundo aspecto de Deus-amor, o Cristo místico. Tenho, portanto, que abandonar a linguagem da razão por uma outra muito mais difícil — a linguagem do amor. Só os que amadureceram poderão compreender-me.

E este Cristo a forma em que a Divindade se humaniza para se aproximar de mim. O acesso se faz pelo caminho do amor. E este o incendiado aerólito gigantesco que ia descrevi. E Cristo chega e eu O recebo, não através da razão, da autoridade ou da História, mas Ele desce diretamente na minha sensação, inviolável realidade interior onde a vontade humana não atua. Esta é uma conquista minha, como pode ser de todos, que o mundo exterior não pode desfazer é uma realidade que ele não pode expulsar de minha alma.

Não se pode compreender Cristo, aproximando-se d'Ele com ânimo de historiador, de exegeta, de crítico erudito e sábio. Isto pertence ao exterior e fica de fora. É preciso aproximar-se com ânimo amoroso, porque só a quem ama são concedidas certas compressões íntimas e profundas: **porque o amor é o caminho único da compreensão.** É ele a força tremenda que levou a Divindade à humanização. Realmente, o Evangelho, mais que o livro da sabedoria, quer ser o livro do amor.

Assim me aparece a figura interior de Cristo. Caem os véus do mistério e a Paixão aparece em sua essência. Sob a vida histórica e humana de Cristo surge uma vida mais profunda e real, a qual, e só ela, contém significados interiores e substanciais. Somente revivendo-a assim em profundidade sente-se, a cada passo, o divino irromper, irresistível e cegante através do véu da forma. Tenho agora a sensação do apocalíptico desenvolvimento de forças cósmicas que aquela

outros estados de espírito, especialmente no volume: *Deus e Universo* (cfr. XIV - "A Essência do Cristo"). (N. do A.)

v.. nota de rodapé nº 1, no cap. XVII da I Parte deste volume. (N. do T.)

vida contém, entretecido numa sinfonia grandiosa, na qual ecoa e se completa o desenvolvimento espiritual da humanidade. Somente neste sentido poderei talvez escrever, se tiver forças e se for digno — uma vida de Cristo, primeiramente lida por minha alma na profundidade do coração por força do amor.

Cristo me aparece assim como um trovão que ouço, saindo da noite dos tempos e ecoando de século em século, como uma força progredindo em passo gigantesco através da História do mundo. Cristo é o fulcro do dinamismo das ascensões humanas, é a voz imensa do espírito que tudo arrasta em sua força, é o traçado do cansativo caminho da vida, é a fecundação divina do humano para o divinizar. Através do amor me aparece o vulto divino de Cristo. Sua forma histórica é um átimo, um lampejo, fechado no tempo. Sua realidade é eterna e contém o gesto de Deus que volta as páginas da criação e da evolução do universo. A força deste gesto esta dentro da História; sustém-na, guia-a, eleva-a. O mundo despenca e aquela força toma-o e levanta-o; os destinos dos povos periclitam e aquela força salva-os.

Cristo é o Verbo humanizado que se funde às longas vicissitudes humanas. E o Verbo que o tempo que morre diz ao tempo que nasce, que o ritmo universal transmite e repete, a concepção onde nascem e morrem os milênios, despontam e somem povos e civilizações.

Esta força divina que com tanto ímpeto explodia na Gênese mosaica desce de suas alturas e vem de encontro ao homem. O gesto criador de Deus se adoça em Cristo num amplexo de amor. O mistério da redenção é mistério de amor. A força infinita e trovejante do Deus dos Exércitos assume manifestação mais profunda, se adoça em modulação mais íntima e consegue o milagre inaudito de saber restringir-se na suavidade de um humilde abraço. Em Cristo, Deus deseja descer de Seu trono de glória, alto e longínquo, grande e terrível, e se aproxima para penetrar profundamente no coração do homem. Neste ato sublime esconde e encobre sua força, para se tornar igual ao humilde e ao pobre. Deus se exprime, já não em força, mas em beleza e sentimento. Transmuda o terrificante lampejar do fulgor no doce canto que cinge e arrasta; o gesto armado da justiça no gesto brando que perdoa. Sinto esta mudança interior da divina Trindade para um outro aspecto: este seu remodelamento em expressão mais completa e complexa, para ocorrer às necessidades do tempo, para se unificar com a alma humana, para alcançar nela sua mais viva expressão.

Sinto Cristo como uma força irradiante, tal como luz do Sol, saturando de si a nossa atmosfera espiritual, para que cada alma a atinja, como cada planta ao Sol, segundo a sua capacidade de receber. É uma luz que desce, generosa e imparcial, mesmo no lodo, e não se mancha; conduz pureza sempre renovada. É uma potência indestrutível apesar dos assaltos do tempo, a caducidade das formas, os obstáculos do mal. Vejo-a presente em cada momento, em cada ser, em cada povo, em cada civilização: a sua história é a História do mundo; vejo-a mudar e avançar com o homem, seguindo-o passo a passo, alma de sua alma; sinto-a adoçar-se à medida que as escórias do invólucro caem e a natureza humana, mais sensível, tem menor necessidade de empurrões violentos. Até que Cristo se torna na alma unida, num canto que tem a magia de anular a dor e realizar a redenção. Torna-se um cântico imenso e estupendo ecoando por todo o universo. Ouço-o agora como uma voz que vai de forma em forma e se repete de criatura em criatura. Que nos humildes canta a mesma música dos grandes; que não tem mais limite nem medida; é a sinfonia da unidade do universo. É a voz das almas grandes, é a voz das almas simples; é a voz do espírito abatido que na dor expia e se eleva; é o trovejar das convulsões

sociais que submergem e criam as civilizações; é o grito de triunfo dos mártires, é o tímido sorriso da florzinha humilde e inconsciente; é o primeiro vagido de uma vida e de um destino — é o reclinar-se esgotado na morte, alvorada de ressurreição.

Cristo! Tu és a bondade que acaricia, o amor que inflama, a luz que guia. Es também a prova que me cabe, para meu bem, a dor que me liberta, a morte que me restitui a vida. Tudo Tu és, ó Deus! Seja por meio da alegria, do amor, da dor — é sempre a Tua mão que me guia para a única meta, que és Tu. Que animes ou castigues, que acaricies ou punas, sempre atrais tudo a Ti, como suprema razão de vida. Agora cheguei à suprema violência, que supera os raios do Sinai, a violência do amor. Ela me busca o coração, para arrancá-lo e ficar em seu lugar. Então, a alma chegou ao porto, atingiu a meta. Na fuga dos tempos, Cristo venceu.

Antes da vinda de Cristo, Deus era uma lei justa e severa que o homem adorava de longe; era o comando que exigia obediência, incutindo temor. Expressava-se como força que não pede compreensão, que não se unifica no amor, que permanece distinta no coração do homem. Com Cristo, a manifestação divina chega a uma nova dimensão, aproxima-se mais um grau da vida e da sensação do homem, inicia um lento processo de atração e de absorção, culminando na unificação. É um tipo de ação completamente novo, que deseja arrancar o espírito da natureza humana, deseja levar a evolução além da órbita animal. Deus era lei fechada ao contato do homem. Agora, se abre e se projeta, se dá e se comunica, atrai e unifica. Com a chegada de Cristo, o divino escancara as portas e se despeja em jorro pela terra, os diques ruem e a inundação começa. Será contínua. Os opostos, terra e céu, se atraem, são campos de forças contrárias que têm necessidade de se equilibrar, compensando-se e fundindo-se. A maré da dor humana saía de baixo, prostrada e invocante, alta e terrível, devorando distâncias, destruindo obstáculos interpostos sobre a rota. A dor eleva o destino dos povos e os torna mais dignos. O amor divino sentiu este levantamento do desejo, este intumescer de aspirações e o vórtice celeste se projetou, ansioso pelo contato; as duas espirais tocaram-se e Cristo apareceu como um raio a vibrar entre o céu e a terra; o divino desceu no homem, para que o humano fosse arrebatado ao divino

Assim Cristo se enxerta, como força cósmica, no centro da evolução humana, influi decisivamente sobre o desenvolvimento do fenômeno espiritual — e se inicia uma fase de ascensão que se dirige ao divino. Um mundo novo, feito de sentimentos e de aspirações, antes ignorados, começa a revelar-se, saindo da profundidade da alma. É manifestação divina à qual Cristo dera o impulso inicial. A Sua vinda representa, no campo das forças da vida, mudança substancial, deslocamento fundamental de equilíbrio cujo centro gravitara, agora, da matéria ao espírito. A trajetória da evolução, engolfada na mais desastrosa descida, teve um sobressalto e retomou sua marcha ascensional. A vinda de Cristo é o impulso do céu que desce para realizar a nova obra da ascensão do homem no sentido de todos os superamentos de sua animalidade. E Cristo, que tem nas mãos a força da renovação, se coloca no momento central da evolução do homem, entre o extremo limite da descida (materialismo helênico-romano) e o pressentimento da ascensão, para desintrincar as leis de uma vida superada e reconstruí-la na forma de vida nova, mais digna e mais alta. Cristo é o primeiro momento, o sinal sensível, do nascimento desta força que jamais deixará de agir para o futuro, presente no infinito das coisas, no profundo das almas, na forma da vida, nas obras do homem. E a ação será constante, a presença tenaz, a ascensão lenta e contínua, a elevação será progressiva até à realização do Reino dos Céus. A verdade se fará estrada sempre mais evidente nos espíritos; cada vez mais, o amor divino aquecerá os

corações. Através de uma luta longa e estafante, a nave da Igreja de Cristo atravessará o grande oceano da vida dos povos; os mártires sacrificar-se-ão pela idéia e o primeiro movimento se elaborara e atuará, completando-se no pormenor, cada vez mais exatamente, o grande projeto de Cristo; lançar-se-ão, laboriosamente, as bases colossais de uma nova civilização, que transformará o mundo desde os seus alicerces. Cristo foi uma semente. Mas que mundos uma semente contém! Uma semente é, como a palavra de Cristo, uma concentração poderosa de forças, capaz de realizá-las lentamente, germinando e crescendo.

Cristo não destruiu: continuou e fecundou. Arrancou o homem de um plano de vida para transportá-lo a outro, mais alto. A Sua revolução esta sempre presente. No fundo, não é senão a maturação lenta e fatal das leis da vida, sendo, por isso, parte integrante do plano orgânico do funcionamento e desenvolvimento do universo. O contraste entre as forças do bem e as forças do mal, o choque entre o espírito e a matéria — são lutas compreendidas num mais vasto equilíbrio, são momentâneo cansaço da evolução, desordem contida e **utilmente** enquadrada numa ordem maior. Era necessária uma intervenção enérgica de força excepcional, para desviar e renovar tão decisivamente o curso da História. Para arrancar a prisão da carne o prisioneiro da matéria, aquela luz tinha de possuir a potência do raio. No entanto, naquela força o equilíbrio não se perturba, a fusão é lenta, a obra se completa em ordem. E é esta a sua maior expressão: a força contida na doçura. A carícia de Cristo traz em si o gesto do criador dos mundos. O mesmo tremendo Deus de Moisés sabe evolucionar Sua manifestação e proporcionar Sua expressão no relativo. Era chegada a hora de abrir as portas da verdade e Cristo a arranca do mistério dos templos para a luz do Sol: toma pela mão o homem guiado pela revelação e o conduz mais adiante. Rasga-se o véu do templo. E hoje continua acompanhando o homem, que pesquisa através da ciência, porque a própria ciência não pode deixar de revelar, cada vez mais evidentemente, a Sua verdade. Esta presente na intuição do gênio, no heroísmo do santo, na revelação, que é contínua. Pois Ele está acima de todas as ascensões humanas.

XI

A REDENÇÃO

O mistério da redenção é um mistério de dor e de amor. Para compreender, voltemos aos conceitos fundamentais. Já examinamos em outro livro³³ o fenômeno estupendo da anulação da dor através da evolução. A dor é o cansaço da ascensão, que laboriosamente leva a felicidade, que assim deve ser conquistada. Mas, se a dor faz a evolução, a evolução anula progressivamente a dor. Então, a anulação da dor se processa através da dor. Com seu exemplo, Cristo nos veio mostrar estes profundos aspectos da Lei. A dor é uma característica de determinada fase de nossa evolução, em que funciona necessariamente como agente de transformação; desaparece quando preenchida a sua finalidade, apenas seja alcançado um alto plano de vida. A dor é uma condição de vida inerente à matéria, durante a fase humana. Na desmaterialização do ser essa condição

³³ A Grande Síntese, cap. LXXXI A Função da Dor - (N. do A)

desaparece. A dor é uma dissonância que vem reabsorvida na harmonização; é uma densidade que se vaporiza na espiritualização. Cristo veio ensinar o caminho da superação da dor, através da dor e da espiritualização. Antes de Cristo a dor era feroz, terrível, sem piedade. Cristo fez dela a via mestra da ascensão, da liberdade, da redenção. Fez dela uma força amiga, indispensável para a conquista do nosso bem e da nossa felicidade. A fera inimiga suavizou-se, domesticou-se, é útil colaboradora: a coisa temida e maldita se faz santa e amada e nós a apertamos ao coração como um salva-vidas. Cristo derrubou e refez a concepção humana, fazendo do vencido um santo, um herói, um vencedor. Cristo desceu e se fez presente e sensível no fundo das almas que sofrem, irmanando-se com elas no Seu amor, tomando própria a sua dor, a cada dia, justamente como o fez sobre a cruz.

É um maravilhoso fenômeno que estou experimentando, este do superamento da dor, que Cristo ensina. É lógico que a dor, sendo um instrumento de ascensão, se destaque do **eu** quando a ascensão é terminada. É necessário, na ordem do universo, que a dor caia quando for superada a função evolutiva de prova e de lição. Quando tivermos compreendido tudo e com isso houvermos esgotado sua função de escola e de expiação equilibradora na ordem dos impulsos morais, então, ela cai, como as outras ilusões da vida. Então, não só não se verificam mais, por haver sido alcançada a medida do débito, as condições exteriores da dor, porque um assunto inútil aos escopos do bem está fora de equilíbrio (trata-se de equilíbrios automáticos ingênitos da Lei), mas advém um fato novo. Mesmo que a dor permaneça como fato exterior, advém por evolução uma tão profunda transformação de personalidade, que ela lhe escapa. A evolução, levando-a a uma fase nova, deu-lhe um novo modo de ser no qual a dor não repercute com as mesmas reações do nível humano; em outros termos, a ascensão levou o espírito a tal grau de harmonização (amor divino), que não existe mais dissonância que tenha força para a penetrar e alterar. Então, mesmo que permaneçam idênticas as condições ambientes, o choque daquela força não encontra mais impulsos antagônicos nem reações contra as quais se assanhe por sua expansão — e desaparece sem resistência. O instrumento receptivo mudou e bastou esta mudança de natureza, para que se transformasse completamente a gama de suas ressonâncias. Superpõe-se à consciência uma opacidade de audição; o espírito não responde senão àquela ordem de vibrações e a surdez naquele plano é substituída por um poder receptivo no plano mais alto do amor. O fato positivo e o fato negativo convergem para o amortecimento progressivo da sensação penosa da dor, na sensação gloriosa do amor. A mutilação do desejo e a compressão do sofrimento se transformam, então, na multiplicação e expansão do amor: a dor se muda em felicidade. Agora, a dor é amor, nisto se afirma e jamais se encontra a si mesma. junta-se a Cristo, ao amor que Ele nos trouxe — compreende e alcança a Sua redenção.

Grande e maravilhosa lei de equilíbrio e de justiça esta pela qual a dor, quando cumpriu sua função de levar a alma até a superação da animalidade — se afasta em silêncio! Quanto é sábia a lei de Deus, na qual o mal é confinado e submetido aos fins do bem; o sofrimento é justo e frutífero; a dor é condição de felicidade! Ela é uma força fechada no seu plano, da qual não se pode fugir; a liberdade só é possível subindo-se. A dor não pode atuar além do limite circunscrito pela Lei, onde se deve esgotar sua função de prova e formação da alma. Mais no alto não existe senão a dor do justo, que é coisa santa, livre, é missão, martírio, triunfo e sobretudo, amor.

O drama da paixão de Cristo, ponto culminante de sua descida, tocou estes pontos culminantes da vida humana, o núcleo central da lei no momento humano. Cristo nos revelou, na sua ação, o mistério desta reabsorção da dor em amor. Devo discorrer sobre estes problemas

porque são eles a substância da obra do Cristo. Olhemos, porém, mais profundamente. Ele não veio apenas para ensinar. Veio também para pagar. Não somente para mostrar-nos o princípio da expiação necessária, mas para sofrer, Ele próprio, com Seu tormento, esta expiação. Ele não veio apenas para fazer-nos compreender pela palavra e pelo exemplo, este maravilhoso fenômeno que descrevi, do anulamento da dor, sua espiritualização e o rearmar-se de suas dissonâncias na harmonia do amor. Cristo não desceu apenas para ensinar-nos a possibilidade de uma libertação. Colocou-se no centro do fenômeno e o viveu. No centro da dor humana, que fez Sua. No centro da dissonância, para reabsorvê-la dolorosamente na harmonização do Seu amor. Fez sua a escravidão humana e teve que, com trabalho e sofrimento humano, conseguir a libertação. Fazer-se homem é imergir completamente, até o fundo, no plano humano, em sua atmosfera, em suas debilidades, em suas sensações; em sua iniquidade. Significa fazer própria essa iniquidade e por ela ter de responder, em Seu nome, diante da Lei de Deus. Assim, Cristo se fez culpado, em Sua Pessoa, pelas iniquidades humanas, devendo expiá-las.

O que aturde e assombra nossa compreensão nessa descida do Cristo é este aprofundamento de divindade na imundície da carne humana.

Somente se sabendo que Ele é Deus e é homem, pode-se compreender a vertiginosa grandeza desse ato e que tremenda força é, por isso, o amor divino.

Que necessidade poderia ter o Santo dos Santos de passar pelos caminhos da dor? Não por Si, decerto. Ele era perfeito. Não tinha necessidade de purificação, de ascensão ou de redenção. Mas, isso se tornou uma necessidade fatal, apenas Ele se fundiu na natureza humana. Toda carne e todo sangue parece terem ascendido com Ele, após Seu martírio de carne e de sangue, eternamente enobrecidos por esse contato.

Muitos dizem: Por que o tormento dilacerante da Cruz se Ele era Deus, o Todo-Poderoso?

Eles não compreendem que aquela dor é a sombra das culpas humanas que, sem essa expiação, não poderiam ser neutralizadas.

Cristo não quis, diante do povo que Lhe pedia o milagre, salvar-se e descer da Cruz. Não poderia fazê-lo, diante do Pai, que Ele representava. Não o poderia, perante a Lei, que Ele personificava.

Aceito o cálice, estreitados os liames, a paixão era um redemoinho de forças em movimento em que o Verbo se expressava. Cristo agia no coração da Lei e, com o arbítrio, se a violasse, teria negado a Si Mesmo.

O povo que estava ao pé da cruz não compreendera esta fatalidade de paixão, esta inviolabilidade de princípios e como Quem a quisera, não poderia renegá-la. **“Salvou os outros e não se pode salvar a Si mesmo!”** - diziam. **“Se é o rei de Israel que desça agora da cruz, e nós acreditaremos n'Ele!”** O povo, que era o mundo, imaginava ser Cristo um homem que deveria pensar em si mesmo. Se o supunham um Deus, era no sentido de deus humano, cujo principal fim e uso do próprio poder seriam em sentido egoístico. No vértice de sua paixão, Cristo não existia para si. Da Cruz, olhava o mundo dividido por um abismo de incompreensão. O mundo imagina um Deus e uma lei à sua semelhança, não ainda perfeitos, que admitem modificação, retoques, arbítrio; confunde liberdade com licença, poder com abuso — e não imagina que tudo isto desaparece quando se sobe. O mundo acredita que, como aqui em baixo, possam existir no Alto consciências isoladas e egoístas; que se substituam, segundo os caprichos, as ordens absolutas da Lei. E invoca o milagre como prova de poder, enquanto que o poder maior está na ordem.

Mas, este volume quer somente ser um ímpeto de fé e de paixão, um protesto de amor o veneração a Cristo; representa somente a primeira explosão de estados místicos na vida do autor. Aqui, nesse estado d'alma que, depois, será retomado e desenvolvido nos seus outros volumes, ele não quer, de nenhum modo, enfrentar o problema da essência do Cristo e da significação da Sua paixão e da redenção. Estes são problemas amplos que, para serem resolvidos, exigem uma preparação e uma explanação mais vastas. Serão considerados, com o maior amadurecimento que só se poderá alcançar nos últimos volumes da obra, somente nos quais estas questões poderão ser resolvidas definitivamente. Isto não se tornara possível senão numa explanação particular, em que todo o sistema ficará resolvido, especialmente no X volume: *Deus e Universo* e no último: *Cristo*.³⁴

XII

ASCESE DA ALMA

Assim inicia Cristo a ascese mística, a elevação das almas à unificação com Deus. Ele se faz o grande inspirador, o invisível impulsionador da vida espiritual; a evolução humana se ergue atrás d' Ele, para segui-Lo. Sem Ele, a vida não podia ter alcançado o plano místico — com Ele, prepara-se para alcançá-lo. A história do homem continua a ser escrito no grande livro da vida e inicia uma nova página: a página do amor. Uma nova síntese floresce do trabalho dos milênios, uma nova clarinada, emergindo da profundidade dos tempos, chama à colheita, no curso das civilizações instáveis e inquietas, a vida deslocada de seu eixo e muda o centro das atrações humanas. Os egoísmos se abrem, as consciências se dilatam, o irmanamento começa, a voz de Cristo ressoa de coração em coração num canto único que se funde e se eleva, respondendo à glória dos céus. O mundo inicia uma poderosa marcha para a realização do Reino de Deus, que não é dádiva gratuita à inércia humana, mas laboriosa conquista feita sob a inspiração de Cristo; a ascensão não é o cômodo desfrutar de méritos divinos, mas fusão humana em Sua paixão.

Caminha, caminha. Inicia-se o grande movimento. Cristo vai à frente, diante de todos, com o exemplo de Sua dor e de Seu amor, da cruz e da paixão uma luz que avança deixando atrás de si um rasto de esplendor. Por esta estrada luminosa o mundo caminha e segue. Cristo é

³⁴ Veja-se a nota do Prof. Ubaldi no final do cap. IX da II parte deste volume.

Convém acrescentar que os problemas referentes a natureza espiritual de Cristo, o Autor os expôs não somente no seu livro *Deus e Universo* (Cap. XIV - A Essência do Cristo), mas ainda em *O Sistema* e *Queda e Salvação*, que se lhe seguem e lhe são intimamente complementares. (N. do T)

um Sol esplendente que atrai a si as chamazinhas das almas humanas. D'Ele se desprende uma radiação de amor sob a qual revivem, se levantam, se acendem novas centelhas. É como o começo de um incêndio. E as pequenas chamas engrossam, sobem, sobem, até tocar o céu e unificam-se no esplendor do grande Sol central onde, reabsorvidas, se perdem.

Caminha, caminha. Cristo vai com Sua cruz, sempre diante de todos. Ele não tem propriedades, nem riquezas, nem poder humano. Ele é uma força nua, suspensa entre os horrores da terra e os esplendores do céu. Ele não está na História, mas é superior à História; não está encerrado no tempo, mas é senhor do tempo. Na sua realidade, ele é imaterializável e justamente por isto está vivo e presente. A sua realidade é interior, está nas palpitações e no tormento do nosso espírito. Justamente por isto, Ele está aqui conosco, entre nós, sensível para qualquer um que o saiba sentir. Ele está vivo e presente e o mundo (porque Ele não é feito de matéria) não O reconhece.

Ele é uma vibração. Sua casa está em nós — uma ressonância de pensamentos e de ações. Ele vai humildemente peregrinando de porta em porta, pedindo hospitalidade; vai batendo de coração em coração, implorando amor. E o mundo lhe diz: **"Quem és tu? Segue, não te conheço"**.

Caminha, caminha. Ouço chegar, sobre a onda do tempo, ecoando de século em século, esta nova voz de Deus, que traz a boa nova da bondade e do amor: pressentida, profetizada em Israel; alcançada, predicada, vivida no Messias e depois seguida e em atuação na Igreja. Ouço-a chegar, concentra-se como uma força na vinda de Cristo, fazer-se senhora dos equilíbrios do mundo e abrir-se depois em espirais em constante expansão projetando-se sobre a humanidade para iluminar-lhe a alma. O ritmo é contínuo, ligado a um chamado que vai de século em século, se propaga de geração em geração. Repete-se num ecoar de apelos e respostas, de palpitações e de ímpetos, de coração a coração; ouve-se, gradativamente, entre a terra e o céu, uma música imensa. De início, são vozes isoladas, invocações amarguradas e dispersas em paciente espera. Mas, as almas ouvem, atentas, esta nova palavra de amor. Uma força nova invadiu o mundo e se propaga. A ferocidade humana se adoça num estremecimento de ternura. Sob o beijo de Cristo, também a natureza muda a linguagem, até o Cântico das Criaturas, de São Francisco. A alma humana abre-se como uma corola e desabrocha ao cântico de Deus. Este canto ecoa e se dilata em mil ressonâncias, repercute e se multiplica até a última criatura, humilde e desprezada — propaga-se e inunda a terra. E a música das pequenas coisas aqui de baixo desenvolve-se e se repete nas ressonâncias grandiosas do céu, que se abriu para ouvir; sobe a paixão da alma e o amor do homem se unifica no amor de Deus. Esse canto atrai e arrebatava. Lentamente, da terra, a humanidade se ergue como uma maré que cresce e sobe em um único cântico de almas apaixonadas, que se funde e se perde na música do céu.

Caminha, caminha. Cristo adiante e atrás o mundo. Como é longa a estrada do Reino de Deus Quantos tropeçam e caem ao longo do caminho Quanto esforço de alma, para unir a terra ao céu! De início é apenas um pequeno grupo; poucos se põem corajosamente em marcha. É pesado o fardo da carne e muitos não podem movê-lo. Mas flameja com tamanho ardor a alma daqueles poucos, é tão ativa a irradiação do céu, ressoa tão harmoniosamente a boa nova, que até a matéria pouco a pouco se abala.

Aqueles poucos são canais abertos, vias de comunicação. A luz assim espanca as trevas, e um calafrio estranho penetra e anima a inerte densidade da terra. Cristo vai adiante e atrai todos após Si: está sempre em marcha, à frente, no caminho da ascensão. Ele tomou nas mãos o estandarte da evolução e disse: "**Sigam-me. Eu sou o futuro**". Poucos seres apenas, incompreendidos como o Mestre, seguem-no, sangrando e insultados. Mas Sua voz é tão doce e incomum que muitos, fascinados, se esforçam por ouvi-Lo e caminham juntos para compreender aquela estranha paz que o mundo não possui. Algumas palavras são ouvidas, algumas vibrações alcançadas ressoam na alma através da surda carapaça da carne. E o pequeno grupo de Cristo atrai e avoluma-se pouco a pouco, à medida que caminha. Algumas palavras ecoam e se repetem; novos ouvidos se põem a escutar; novas almas cansadas acorrem, implorantes. Juntam-se uns, e depois outros e a palavra multiplica a palavra, o exemplo multiplica o exemplo, a redenção multiplica a redenção, a ascensão multiplica as ascensões. A onda avoluma-se, o grupo se faz multidão, multidão imensa, incontável, até os confins do mundo. As estradas da vida se abrem. O carreiro estreito e espinhoso dilata-se e se eleva; vejo-o desaparecer no céu, como rasto luminoso de um bólido.

Eu sigo em último lugar, depois de todos. A cada passo, minha alma cai e tenta reerguer-se, peca e espera redimir-se, sofre, expia e sonha elevar-se; e tropeço, paro e recuo. Mas estas quedas me remergulam na humanidade, na vida de todos, me humilham e me irmanam aos humildes. É preciso que eu esteja ainda aqui em baixo, na minha imperfeição e no meu trabalho. Se caio, minha vista se ofusca, mas não posso viver na minha cegueira e sou constrangido a subir. Não posso viver sem a sensação de Cristo. Amor e dor, dor e amor Caminha, caminha, minha alma cansada. Mas um dia, sobre o áspero caminho de meus esforços, senti um passo junto ao meu, senti outro ombro aproximar-se do meu, levantar a minha cruz e transportá-la para mim. Desde então, não fiquei mais sozinho. Outro coração se debruçou sobre o meu, a dor tornou-se amor e mais ninguém poderá arrancar-me à indissolúvel aliança. No entanto, eu caí novamente e então desanimei por minha fraqueza e tive medo, por minha indignidade. Então, a Voz me disse: "**Não temas. Meu amor é mais forte que tua debilidade. Apoia a cabeça sobre meu peito e descansa**".



Desenho de Francesco Ubaldi (Franco Ubaldi)
Caminha, caminha. Cristo adiante e atrás o mundo. (Pag. 215)

Então, tornei a apanhar o Evangelho, para reler e recordar. Aquela Sua palavra doce e potente empurra-me como um forte vento que me leva longe, até Seu mundo, que não é este mundo. Releio lentamente aquela música vasta como o infinito e minha alma desce, de trecho a trecho, aos significados mais profundos da Sua palavra. Aquela música me acalma esta profundidade me sacia. Somente ali, encontro os espaços ilimitados que minha alma deseja. Aquela palavra doce é uma espada de fogo que me penetra a alma e a atravessa como o olhar de Deus; e a vibração mais harmônica que eu possa conceber no universo. Aquela palavra ressoa no meu coração como a harpa de um anjo e dissolve a dor. O meu espírito não tem ecos bastante profundos para exprimir a múltipla, imensa riqueza daquela vibração. Sinto-a alcançar-me, maravilhosa e me aterrorizo ao ouvi-la extinguir-se em minha sordidez. A vibração puríssima daquela onda em mim se distorce e deforma, recebe ressonâncias desarmônicas, e eu choro por mim e por minha opacidade terrível que tudo ofusca e deturpa.

Mas, com que direito ousou eu falar de Cristo? Como não compreendo o absurdo de tal intimidade, não ouço a rebelião do universo que diz: “Para trás, imundo! Não sentes o cheiro de tua baixeza?” Então, fujo, horrorizado de mim e torno a olhar de longe, do fundo da minha miséria, aquela beleza à qual já não ousou avizinhar-me. Não sei como a minha pena não se despedaça na violência desta minha sensação, no contraste da consciência de mim mesmo e a irresistível atração. Este tormento de forças me abate, me eleva, me anula e, no entanto, se faz próxima; me estraçalha e, no entanto, me acaricia. Não sei como o meu coração não se arreventa na exuberância da alegria, no ímpeto da paixão, quando aquela música ainda me arrebatava, me levanta, me conduz ao alto, a perder-me nos céus. Como sofro ao ver os cegos que afanosamente procuram o Cristo na História e doutamente discutem e tentam a reconstituição de sua figura entre as cinzas do tempo, enquanto que Ele está próximo e sensível. Ele ressurgiu, está vivo, caminha adiante de nós. Reabramos os olhos que O esqueceram e revê-Lo-emos.

Não! Nós não o vemos. Em vinte séculos de História, aquele perfume sutil esvaiu-se. Nossas mentes e nossos corações, à força de se friccionarem sobre esses conceitos, sujaram-se. Nossa ação contínua recobriu-os de escórias. O espírito foge da terra e quanto mais se fazem colossais as formas, menos aptas são para contê-lo. O grande edifício é um gigante que permanecerá mudo e vazio, prestes a desmoronar, se não vier a escorá-lo a única força verdadeira que o pode fazer: o espírito. Abandonemos os inúteis protelamentos humanos, a sagacidade da terra e do tempo! Se o espírito se vaporiza, fica um corpo sem alma; um cadáver em putrefação. Além das formas existe uma religião substancial, única que poderá resistir aos momentos terríveis. Existe uma substância íntima e vivificadora, a força única que tudo sustenta — um imponderável sem o qual desmoronam os mais suntuosos templos. Tudo é inútil peso morto, tudo é perigosa dispersão, se não houver um meio de acender e manter, nas almas, que são os verdadeiros templos o espírito do Evangelho. Não são as posições humanas e a sua consolidação que sustentam o edifício divino. A segurança, suprimindo a luta, suavizando à subida do Calvário, adormenta a capacidade de conquista. Cristo é uma força ativa e presente antes de tudo nas almas. Não pode ser destruído não pode ser oculto. Se o organismo que a exprime não mais a contém, ela renascerá noutro lugar. Quando esta flamejante e evanescente alma das formas se escapa, mesmo que para os olhos humanos esteja bem firmes, tudo está intimamente corrompido. Se a presença de Cristo não sustém, se o Divino tem de se afastar, então abre-se o abismo; e Cristo, humilde e simples, coloca-se em outra dimensão e continua em outro lugar o seu trabalho.

Então, quem és Tu, Cristo? Perguntei-o à minha dor, que tudo me ensinou, inclusive a reencontrar Deus, e ela me respondeu: **"Ele é o fraco a quem deves ajuda, o inimigo ao qual deves perdão, o pobre a quem te deves tu próprio Ele é paixão e renúncia, amor e ascensão. Ele é amplexo e elevação de alma — e anda pela Terra, dia a dia, procurando, implorando hospitalidade nos corações, porque o Dono do Mundo não tem casa nem teto e anda, qual peregrino, esmolando amor"**.

XIII

MINHA POSIÇÃO

Chegou o momento de dizer tudo sobre mim mesmo, até à última profundidade, de assumir a minha posição e a minha responsabilidade. Eu disse em páginas anteriores (**Segunda Parte - Cap. III – Dor**) como devia dizer toda a minha verdade, dar testemunho das minhas afirmações, com a palavra e com o exemplo, dar a certeza da idéia que possuo. E disse (**Segunda Parte - Cap. I - Em Marcha**) que a minha prudência seria vil se no momento decisivo me calasse ou não dissesse tudo. O meu último volume culminava, nas conclusões³⁵, na afirmativa de que *A Grande Síntese* é uma revelação conexa, em sua substância evangélica, ao desenvolvimento gradual, na Terra, do pensamento de Cristo, que é emanção contínua. Então, senti que também me movia sobre a linha da inspiração cristã e percebi com que imensa noúre estava em sintonia. Com isso, defini a significação daquela obra. Não nos limitemos à moldura, à veste editorial, à colocação humana. O conteúdo ultrapassa estes confins, resultantes apenas da necessidade do momento. Referi-me à gravidade da hora histórica, que justifica métodos excepcionais para a ressurreição de Cristo no mundo. Então, era cedo para dizer mais. Era necessária minha nova maturação, que aparece neste volume, para continuar; era necessário este novo testemunho, para que o leitor pudesse compreender melhor. E mesmo agora destruo as pontes atrás de mim, para que não me seja aberto senão um caminho: o de avançar.

Quanto eu disse de Cristo e sobretudo quanto direi nos últimos e mais intensos quadros que se seguem e uma confissão feita em termos tão sentidos, tão gravemente cheios de empenho diante de Deus, que não se pode admitir a mentira. O equilíbrio deste estudo exclui qualquer enfermidade de consciência. Nem tais afirmações se fazem com escopos humanos, porque elas representam um gravame terrível para quem assume por elas, como eu o faço, plena responsabilidade. Este é o testemunho que eu devo dar hoje, por absoluta ordem interior, da verdade de *A Grande Síntese*. A íntima ligação de minha alma com Cristo, aqui exposta, confirma hoje e revalida as minhas graves afirmações de ontem, num caminho de tenaz e inflexível coerência. É o testemunho de seu conteúdo cristão, motivo central no renovamento da civilização. Disse-o inequivocamente; é preciso que compreendam também em alguns de meus silêncios terrivelmente eloqüentes. A minha meta é construir; nunca me verão aqui acusar, agredir, demolir. O meu escopo é o bem, é unificar e não semear dissensões, irritações e antagonismos, polemizando. O meu método tem de ser, necessariamente, o método de Cristo — o sacrifício, o perdão, o amor. As dificuldades e os sabores são apenas para mim. A verdade vale por si, não por mim. A verdade é que tem valor, e não eu.

Mas, perguntar-me-ão que significa tudo isto, que e que eu desejo e aonde pretendo chegar. Não o sei precisamente, hoje. Certamente não se diz tudo quanto eu disse apenas para se lançar um livro. Sei apenas que atrás de mim há uma força imensa, à qual obedeco e sigo, sem saber, eu mesmo, dos futuros desenvolvimentos. Eu semeio, mas não colho. Devo ser inteiramente desligado do fruto do meu trabalho. A minha recompensa está em outro lugar, está apenas em Cristo e em Sua aproximação. Não aprendo o meu caminho humano senão dia a dia. Assim tem sido até agora. Não se me atribuam, portanto, perfeições e méritos, pois não os tenho e se faço

³⁵ **As Noúres**, cap. VI (Conclusões). (N. do A.)

alguma coisa — não é minha. E perguntar-me-ão: trata-se de um movimento? Tranqüilizem-se todos. Não é um movimento no sentido humano. O homem é muito apegado as suas distinções, divisões e organizações humanas, porque incluem interesses. Eu lhes deixo todas estas coisas que tanto lhes agradam e que para mim nada valem. Nada se muda do que é externo, porque o exterior não conta. Dir-se-á: é utopia. Não. As verdadeiras forças estão no Céu, as forças que renovam a Terra. Nós vimos e sentimos seu maravilhoso funcionamento. Um homem não pode realizar certos movimentos mesmo através de seu heroísmo e de seu martírio; eles despontam na hora histórica, no sangue das povos, no equilíbrio da civilização. Estas forças que tudo operam, se o quiserem, lançarão o homem além de sua própria vontade onde ele não saberia chegar, como um expoente que parece elevado mas que, substancialmente, pode ser insignificante. É um fato que certos movimentos substanciais do espírito não descem sobre a Terra, mas estão fora de qualquer recinto, entre o mundo e o Céu e nunca se desenvolveram valorizando categorias humanas. Não se cuida, pois, de qualquer propriedade: tudo é dirigido tão-somente pela força do espírito. O homem pensa por demais em corrupções. Por isso, não quero nem casas, nem sedes, nem cargos, nem a larga pestilência das organizações humanas. Nada que possa atrair os baixos instintos ou estimular as sempre rápidas reações dos impulsos inferiores do homem comum. Nenhuma fetidez de dinheiro que tanto atrai os ávidos e sombrios adutores.

Estes fogem, graças a Deus, em face de um prato onde não há senão fadiga, dor, paixão de espírito. Esta é a minha segurança.

Ai das crenças que não exalam somente o perfume da renúncia!

Esta é a minha força diante do mundo: a idéia pura e nua como desce do céu e atirada como semente ao vento, para que germine sob o impulso secreto das leis da vida. Só a imaterialidade é garantia de invulnerabilidade. A força da idéia que desenvolvi e sempre segui, não se desmente e confia só e sempre unicamente nela mesma. Atrás dela estão as forças do infinito, e elas me joeiraram tremendamente a princípio. Agora se desenvolvem, como verifico, com método e lógica.

O movimento é espiritual. A meta é um reino que não é da Terra: o Reino dos Céus. A forma é aristocrática: enfrenta a intelectualidade e a cultura, porque são a aberração do século. Não se tocam os estratos inferiores, mais densos e menos maduros para a compensação. Tudo desce, depois, automaticamente, por gravitação, na assimilação e também, ofuscando-se, na realização. Ficamos em uma atmosfera pura, pelo menos, no momento da gênese e da concepção. As forças substanciais não agem do exterior, mas vão diretas ao coração do homem; incrustam-se nas motivações e estas forças cósmicas estão aqui presentes, em ação. Aqui tudo é forte porque é imaterial; é indestrutível porque é imponderável. Quem está na matéria, se desejar destruir, encontra o vazio e não sabe o que agarrar. Quem está no espírito compreende e não pensa em destruir. Este é um germe tão espiritual que não toma forma humana; é a substância da fé, é um dinamismo puro que em toda parte cairá e em qualquer divisão humana poderá frutificar. É uma paixão de bondade que pode existir em cada casa, em cada instituição, em cada opinião; é um princípio de honestidade do qual cada autoridade não poderá senão se regozijar. É uma pureza e uma sinceridade em que cada alma se sentira renascer. É a luz de Deus que se dá a todos acima dos monopólios humanos: é pura destilação de força e bondade alcançada na fonte, antes que atinja a canalização e as impurezas humanas. Parece nada porque não desceu ainda à forma fixa e concreta. Flutua no ar como um perfume, como o orvalho ainda não denso. Mas este é o estado mais dinâmico, o estado da gênese. É o espírito do Evangelho que volta na sua esplêndida fase primordial. Ele nada possuía, senão mártires.

Na sua origem, o fogo do espírito era líquido e jorrava em abundância, das grandes crateras abertas. Hoje o homem está imerso na matéria; um século de ciência volatilizou o evanescente perfume do céu. Hoje recolhemos as últimas fagulhas semi-extintas e conservamo-las religiosamente nas lâmpadas acesas, cansado e pálido reflexo do incêndio original. Mas, isto não basta para desfazer as trevas que se tornam cada vez mais densas e ameaçadoras. Não basta o monumento das verdades escritas, conservadas num invólucro imponente que se formou através dos séculos. O espírito é uma força viva que habita no coração do homem. É uma força, não uma palavra escrita, e como força, se difunde e se exaure; não pode ser fechada no imóvel; extremamente móvel, ele se nutre de vida, é uma radiação que desce do Alto, e um calor que se dissipa se não se recebe continuamente novo calor para comunhão da alma com o Céu. **“Litera Occidit spiritus autem vivificat”**. (II, Cor. 3.6)³⁶. Muitas vezes nós trocamos o continente pelo conteúdo, tocamos o invólucro pensando tocar o fogo, mas em verdade ficamos frios. O hábito acostumou-nos á forma: ouvimos palavras incendiárias e permanecemos indiferentes. Que pesado fardo humano tem a Igreja de arrastar no seu caminho divino! Tanto esfregamos nossas almas impuras nas coisas santas que, em lugar de nos santificarmos, tornamos estas impuras. Abaixamos tudo ao nosso nível, a fim de podermos carregar tudo conosco, para nosso uso e consumo.

Mas a verdadeira fé é um incêndio que se situa com dificuldade no círculo das coisas humanas. É um perfume que não se pode fechar em frascos. É toda uma espontaneidade festiva e, se deve ser codificada em lei, é pela triste necessidade de ser adaptada à vida dos cegos. Esta fé é hoje necessária, necessária é esta erupção espontânea e direta das forças do Céu, necessária esta explosão de energias irrefreáveis como o raio e a tempestade. Pergunto que coisas poderia fazer um punhado de homens fortes, poderosos pela disciplina do espírito, armados desta psicologia heróica, dirigida à renovação da civilização — que coisas poderiam fazer diante da massa inerte, das maiorias jocosas e cegas que não procuram senão o prazer, sem paixão por ideais nem vontade de martírio, sem saber nada dos grandes desígnios da vida. É necessário, como para as plantas em cada estação, em cada encerramento de um ciclo de civilização, uma brotadura nova e fresca, que atinja diretamente as fontes da vida, e um flamejar de sol que amadureça a messe. Outrora, em tempos de calma, de inércia espiritual, era possível ficar calado e viver de acomodamentos — mas não hoje, quando o inimigo está às portas. Estamos diante do dilema: ou ressurgir no espírito, ou morrer na matéria. A História prepara uma tremenda convulsão de dor. É a voz de Deus para os surdos, é a via da redenção. É o batismo da tempestade que faz voltar a pureza; é paixão de alma que faz subir novamente. Não é destruição — é renovação.

Não temamos, Cristo se aproxima, não apenas como justiça, mas também como salvação. Nos séculos de tranqüilidade, também o céu fica tranqüilo. Mas nos momentos de tempestade, o céu se abre e entre os raios lança relâmpagos de luz. Quando os tempos estão maduros, uma ferida se abre na História e jorra sangue e linfa vitais, sem o que parece a humanidade não teria forças para continuar seu caminho. O inimigo está chegando ao centro da fortaleza. Cristo tem de recomeçar do princípio. Nos momentos supremos e decisivos, não resiste quem não for substancialmente forte e não estiver abastecido de espiritualidade, e não apenas de habilidades

³⁶ **“A letra mata, mas o espírito vivifica”**. Palavras do Apóstolo Paulo, em sua Carta aos Coríntios. (N. do T.)

humanas. Mas o mal, se destrói, também purifica e nas mãos de Deus é guiado para os limites do bem.

O mal é cego e não o sabe — mas o bem, que o guia, sabe-o. As tempestades reedificam e são bem-vindas.

Deus escolhe os Seus meios em toda parte mas bem raramente entre as fileiras oficiais, entre os poderosos e os sábios. Os pobres seres que se fazem admitir neste movimento, arriscam-se, a cada instante, a ficar pulverizados. Eles terão de fornecer sozinhos, sem apoio, o testemunho supremo de sua verdade. E esta não poderá pairar senão mais tarde, sobre um consenso de almas, que não se pode formar senão lentamente, por maturação e por vias interiores e só por experiência completa e quando a vida encerrar-se, isto é, quando aquele consenso não puder mais levar a quem agiu, nenhuma ajuda e nenhum conforto.

Mas também o Alto é avaro de auxílios, não dá sinais nem provas. Estas seriam uma espécie de patente de autorização para o exercício pacífico da própria missão. Não. Ele deve ser exposto a todos os ventos, golpeado por todos os assaltos. A sua alma deve ser atirada nua na poeira das estradas, onde todos possam pisá-la. Nada de posições protegidas e seguras que adormecem e ensoberbecem — mas humilhações, lutas, incerteza; não a alegria da colheita, mas a fadiga da sementeira.

Muito mais rude que o da Terra é o selo do Céu! Esta exceção, que é péssimo exemplo para a mediocridade ignorante, deve sofrer os mais severos controles, para que a estrada não seja escancarada pela rebelião e pelo erro. A lei é que, cada superação de normas não seja lícita senão quando se entra em normas humanamente mais rígidas, moralmente mais elevadas. Quem vive protegido pela autoridade, cedendo a esta o peso de sua responsabilidade, cairá por este caminho. Quem for escolhido, terá uma soma muito maior de deveres e apenas com a ajuda de Deus poderá resistir e vencer. Ele o sabe. Uma missão é um caminho que se restringe cada vez mais, às vezes até ao martírio. Ele o sabe e não foge. Ele deve dar testemunho. Se Deus não estiver próximo, tal caminho não se poderá percorrer. Só quem está ao lado de Deus concorda em arar semelhantes campos. Neste clima, nenhuma motivação humana resiste. O verdadeiro chamado se faz reconhecer pela ausência de qualquer motivo terreno, por um particular método de luta, por uma cor psíquica inconfundível. E só então ele corre e avança, quando os instintos humanos foram destruídos pela raiz e nenhuma outra coisa senão Deus pode estar nele. Tudo isto é uma peneiração cotidiana, é um controle contínuo de correspondência de capacidade, é um permanente exercício, é um equilíbrio de forças que levam a alma até aquele ponto de sua missão que ela é capaz de suportar, e não além, porque então ela seria abandonada e cairia.

Sinto, afinal, levantarem-se menores objeções as quais, ocupado com outros problemas, não tenho até agora considerado, mas que devo considerar Tudo isto, pode parecer, não é senão o **eu** humano que grita em mim, que se ensoberbece e se agita. Modéstia, modéstia O verdadeiro místico é sobretudo humilde e este é o livro do orgulho. Que é isto de subir à cátedra, podem dizer-me, e fazer vaidosas afirmações de altíssimos contatos de espírito, não provados pelos outros e que implicam numa gratuita posição de superioridade e autoridade decerto não aceitável pelos demais.

Pense-se, porém, no que é este livro. Ele é uma desesperada invocação a Deus, de uma alma que, vendo o que é o mundo, e o que o espera, oferece para salvá-lo, não tendo mais que dar — a si próprio. (**Ver capítulo XXVII PAIXÃO**). Mesmo que seja ameaçado de destruição. A psicologia comum dos críticos move-se em outro plano; não seria possível contentar a todas as pessoas e divergentes exigências. Mas aqui eu sinto bem diferente: sinto a que imensa incompreensão vou de encontro e, no entanto, não posso deter-me. Isso assinala o início do meu mais intenso sacrifício. Falo forte e alto, perturbo os que chegam, desfaço os acomodamentos, semeio o incêndio nos ânimos. Sou violento no espírito porque devo abalar e salvar. Não me iludo: devo pagar pelas minhas afirmativas. Antes morrer que pensar não possa mantê-las. Não são coisas que se afoguem no silêncio ou possam desaparecer na indiferença. Chegará a hora do testemunho ainda mais evidente, não já de palavra, mas de ação e de dor. O meu caminho se estreita, e não posso retroceder. A depuração deve ser severa e exigente na proporção da massa de afirmativas feitas. Qualquer um na terra tem o direito de enfrentar quem assim fala e diz-lhe: "Exijo provas". E eu devo estar pronto. E bem sei que a sociedade moderna, que evita o sangue, sabe triturar um homem de forma sutil muito mais dolorosa.

E diante deste pressentimento foi que senti não poder renunciar ao dever de dar testemunho de minha verdade. Não cumprir esse dever seria para mim trair minha missão. Não posso. E aqui estou para sofrer as conseqüências. Não há alternativa. Espiritualmente, o mundo já está em chamas. Não é lícito, neste momento, cruzar os braços e ficar como espectador, porque a tempestade vem para todos. Qualquer absentismo espiritual é hoje culpa e vilania. O mundo deve decidir e escolher seus valores, um princípio deve vencer. Os neutros serão arrastados e se tornarão servos. E as palavras que eu digo não poderiam ficar apenas nos altos céus mas distantes da universalidade. Devem descer, **também**, à forma precisa de luta e de conquista que o momento histórico impõe, momento de ação tremenda e decisiva. As palavras que eu digo devem saber precisar, no seio da universalidade evangélica, o pensamento que temos hoje o dever de lançar ao mundo, e neste pensamento **específico**, feito de vida, devo oferecer minha contribuição. E se este livro puder parecer um imperdoável ato de orgulho e de audácia, é justo que eu pague. Aqui estou para isso. Para mim, existe um outro prélio no céu, onde a terra não chega e estou a postos. Que os sonolentos sejam abalados. O sono é hoje a pior das posições.

Compreendo que, para quem vive no plano normal, no qual o movimento histórico é menos sensível, a minha atitude possa parecer, desde logo, exaltação, perigosa audácia, pretensão absurda, estranha megalomania, efeito de desmedido orgulho. Mas, eu não posso viver, na hora premente de hoje, de acordo com as medidas e as prudências humanas, que são proporcionais a fins humanos. Confesso, sim, que sinto tudo isto como um grande dever, um encargo de grande responsabilidade. Não se veja em tudo isto, e especialmente na unificação de que falei, uma posição elevada e de vantagem conquistada para sempre. Veja-se, ao invés, uma posição de trabalho na qual me devo manter a custo de uma contínua tensão de espírito e que posso perder apenas dela deixe de ser digno. A unificação não é um agigantamento do meu **eu** humano, coisa que tantos temem, mas é o eclipsar-se deste **eu** numa unidade maior. Não é auto-exaltação falar deste novo **eu** em que meu ser desaparece. Para mim é, ao contrário, um ato de suprema consagração. Examine-me e me confesso sem pretensão de infalibilidade. E isto é tudo o que sinto agora na minha consciência. Não tenho culpa se assim é, por sua natureza, para quantos o vivem, o fenômeno místico — se eu me encontro a vivê-lo agora e se isso está fora da experiência normal e além da compreensão.

Algumas coisas não se dizem — poderiam ainda objetar. Mas, eu tenho o dever de dar o exemplo, de devolver o que recebi, **de dar** aos outros a alegria conquistada, o dever de indicar o caminho e de testemunhar minha experiência. Tenho o dever, pesado e gravíssimo, mas necessário aos que dormem, de inquietar as consciências. Cumprido o dever, silêncio. O fenômeno, naturalmente, fica e vivíssimo, mas, acabada a necessidade de manifestá-lo para um fim benéfico aos outros, minha boca se fecha e tudo ficará fechado sob o selo do meu silêncio, simples fato pessoal presumível apenas por suas conseqüências. Mas, fazer-me compreender primeiro é hoje parte de meu dever. Era necessário explicar e esta sinceridade pode ser uma prova capaz de sacudir as almas. Não vejo outro meio de fazer isto. Que pode importar, ante a urgência da hora e a perfeição da meta, diante do bem de tantos, se para tudo isto um só se deva expor às críticas e ao sofrimento? À natureza humana normal repugna a idéia nua e abstrata. É necessário que essa idéia se materialize num ser que a vida aqui, lutando, sofrendo, testemunhando. O homem comum exige esta materialização para contra ela bater a cabeça — é preciso dar-lha. Eu, porém, tenho aqui a sensação humanamente penosa de uma pública confissão, a sensação da última espoliação da minha personalidade que assim não tem mais ângulos seus, nem segredos, nem refúgio, porque tudo deu, toda se expôs e toda, já agora, pertence aos outros.

Digo-o e repetirei para que também o leitor distraído perceba: por caridade, não se me atribua qualquer coisa de excepcional e de superior como homem. Nada seria mais falso e mais nocivo para o meu trabalho. Não se esqueça jamais o quão profundamente estou mergulhado nesta natureza humana, contra a qual tanto luto dia a dia. Faço uma declaração. Se não a quiserem compreender, a culpa não é minha. Não poderei, por isso, mudar o meu caminho. Faço de uma vez e para sempre esta bem clara distinção: não se me atribua nada de bom que eu possa fazer. Isso **não é meu**. Esta é a verdade. Atribuem-se-me, ao invés, todos os defeitos, as fraquezas, as culpas que possa ter o meu trabalho. Tudo isto, sim, é verdadeiramente meu.

XIV

MOMENTOS PSICOLÓGICOS

Devo completar o estudo do fenômeno também em seu aspecto religioso. Falando assim tão intensamente de Cristo, era inevitável referir-me à Sua Igreja. Minha ascese levou-me ao mais cristão dos misticismos. Eu mesmo devia alcançar o plano místico para poder compreender e afirmar estas conclusões. Os últimos trechos deste volume, que chamo momentos psicológicos, descreverão as minhas últimas realizações espirituais. Gostaria de me calar, mas a Voz me disse: **“Fale sempre mais claro e sempre mais forte”**. Em certos caminhos não é possível parar. Tenho olhado a Igreja com o mesmo ânimo respeitoso e reverente com que tenho olhado Cristo. Serei o último a levantar a voz contra ela. Mas, meu coração estremece pela gravidade das provas, pela proximidade do momento. O dilema é tremendo: ou reencontrar a força no espírito, conservando-a nua diante de Cristo qual Ele a fez, e somente tal pacto supremo respeitar no mundo, em contato com o Céu, — ou continuar consolidando as posições terrenas, perdendo,

então, a suprema e divina força e enfileirar-se, por coerência, no nível das forças humanas, limitadas e vulneráveis, quais o próprio homem.

Esta ao alcance da mão uma grandeza imensa, essencial, na nova civilização. Quem desejará valer-se dela³⁷? Trata-se não de salvar um organismo, mas de salvar o mundo que precisa de Cristo³⁸. Agita-se neste livro um conflito mundial trágico e iminente do qual dependerão os futuros milênios. Ai da Igreja visível da terra se dela se afastar a Igreja invisível de Deus! Há uma outra religião, mais profunda, dentro da religião, que supera todas as formas e sem a qual nenhuma religião é válida. É um sentimento universal que é a alma de todas as fés e que se faz sentir por sua verdade. Há uma religião de superfície, feita de práticas, formal, sancionada, forte, triunfante, organizada e em marcha como um exército. E há uma outra religião, sem clero, sem autoridade, pobre, sofredora, simples, forte apenas por uma fé imensa e vitoriosa no céu. Há um Cristo maior, que não esta só nas imagens e nos templos, mas em todo o lugar onde uma alma sofre e ascende. Há santuários também no coração do homem e momentos nos quais a alma pode falar diretamente com Deus. É necessário reafirmar este imponderável sem o qual nenhuma religião é religião. É necessário reviver como nós tempos em que as coisas do espírito estavam presentes e não chegavam como um eco longínquo das profundezas dos séculos: eram forças ainda incandescentes e destemidas, não resfriadas e cristalizadas. É necessário retornar à força virgem do primeiro Evangelho e do primeiro franciscanismo. Só assim se poderá enfrentar com esperança o futuro.

Neste sentimento culmina a catarse mística de minha alma. A minha ascese não é, portanto, fenômeno circunscrito ou ato fechado no meu egoísmo, mas se expande e se dobra sobre o mundo. A minha paixão demonstra que a metanóia³⁹ a que nos guia o Evangelho, o superamento e a reviravolta de valores que ele nos impõe, toda a sua revolução de espírito, não são utopia, como muitos acreditam, inexequível só porque não foi e não é sempre realizada segundo as praxes religiosas e sociais. Quem isto afirma é cego para o imponderável. A luz e o bem que eu recebo do Alto, tenho de devolver e vivo para isso. Por caridade, não se me entendam mal, dando qualquer valor à minha pessoa, que não tem nenhum, julgando capaz da mínima perfeição moral este pobre verme que eu sou. E isto também é verdade e devo

³⁷ O leitor considere com seriedade e imparcialidade as palavras seríssimas que se seguem no texto. A oferta foi feita sinceramente também à Igreja de Roma, para que a mesma se renovasse para o seu próprio bem. A resposta veio com a condenação do livro. Este foi escrito em 1938. O autor continuou oferecendo a sua obra de bem aos diversos grupos humanos, para a salvação do mundo. No fim, foi o Brasil, que a compreendeu e a aceitou, pondo-se assim na vanguarda. Infelizmente tudo se está preparando na História para que estas páginas proféticas se realizem. Mas, quando foram escritas, ninguém quis acreditar e foram rejeitadas. (N. do A.)

³⁸ Esclarecendo ainda mais e ampliando estes conceitos, o mesmo Autor escreveu *Profecias e Problemas Atuais*, publicados por esta Editora. (N. do T.)

³⁹ **Metanóia** - palavra de origem grega (metánoia) significando conversão, não apenas no sentido de arrependimento de erros e pecados, mas ainda, e bem significativamente, de "**mudança de espírito**", "**mudança de mente**". vejam-se Mt., 4:17; 21:30; II, Cor., 7:8 etc. Neste verdadeiro sentido evangélico o Autor usou a palavra metanóia no texto original: "... **la metanoia a cui ci guida il vangelo, il superamento e rovesciamento di valori che esso ci impone, tutta la sua rivoluzione di spirito...**" (N. do T.)

testemunhá-la. Eu não sou senão um vil e frágil instrumento colhido numa engrenagem gigantesca. O meu estribilho é este e eu o repito cada noite, ao fim do cansaço do dia: "**Senhor, eu sou o teu servo. Nada peço senão isto**".

Gradualmente chegamos bem longe das proporções estritamente científicas em que este estudo começou.

Durante o trajeto apareceram na minha consciência momentos culminantes, de mais evidente sensação, de mais intensa emoção. Isolei-os e aqui os exponho sucessivamente porque no desenvolvimento deste trabalho teriam desfeito o desenvolvimento lógico da argumentação. São visões diferentes, mas exprimem sempre o mesmo caminho da minha ascensão. São, talvez, o exemplo de uma arte nova, baseada numa psicologia científico-espiritual nova.

Aqui termino o meu trabalho. Os quadros se desenvolveram sem comentários, num crescendo insistente no qual quem não crê e não sente, mas só observa e raciocina, poderá ver o desenvolvimento do fenômeno como foi colocado no princípio, em seu aspecto científico. Estes quadros, depois de terem atravessado diversos níveis espirituais e planos de consciência, e os mais contrastantes momentos do meu subconsciente e do meu superconsciente, depois de se terem desenvolvido em diversas perspectivas da realidade interior do imponderável, explodiram numa visão suprema: "**Paixão**", o último grito em que minha voz se apaga. Esse quadro é realidade vivida. Quem quiser me acoimar de louco, releia a parte científica, onde a esta minha interrupção dei sólidas bases.

Tal é o meu ponto de chegada, hoje. Amanhã, não sei. A verdade é que minha vida caminha. Quem me seguiu até agora o sabe. Mas, os desenvolvimentos mais altos estão hoje acima do que posso conceber. Cristo é uma beleza tão completa, uma grandeza tão vasta, um conceito tão conclusivo, uma perfeição tão absoluta - que não é possível supera-la e imaginar além. É a saciedade do desejo, o último término da mente e do coração. A Sua figura não tem sombras para serem esbatidas; é um infinito e a ele nada se pode juntar, nem se pode superar. Mas justamente porque é um infinito, não tem pausas nem fim, e nunca se acaba de percorrê-lo. A vida, que não se encerra nunca, será para mim uma eterna imersão naquela profundidade sem limites.

XV

IRMÃO FRANCISCO

Peregrinei por toda esta minha terra úmbrica e além de seus confins, corri no encaço de suas subterrâneas descendências, ressurgidas em terras limítrofes. Nestas me detive longamente, para me encontrar a mim mesmo. Nos seus silêncios austeros e sublimes, minha alma viveu sua mais intensa maturação. Os horizontes altíssimos de suas montanhas me deram a sensação de Deus.

Peregrinei por toda esta terra franciscana de Assis à irmã Gubbio; do Subásio ao Alverne; da Porciúncula a Greccio. Andei apaixonadamente interrogando as antigas pedras, para que me contassem o segredo de sua história. Estreitei-as ao coração, banhei-as de lágrimas. E falei: Dizei-me, vós que o vistes, o São Francisco humilde e pobre, recordais? Não é possível que um hálito de seu imenso respiro não tenha ficado em vós também; não é possível que o seu abrasante amor não vos tenha percorrido com uma vibração tão poderosa, que até agora não permaneça e que deveis comunicar-me. Não ouvistes? E por que não falais?

Falai, imensos horizontes, narraí-me os êxtases, os trabalhos, as penas daquele coração. De torrão em torrão andei invocando a longínqua lembrança Pedi aos declives inundados de sol, as selvosas montanhas, às veredas, às humildes casinhas, às capelinhas perdidas, aos doces recantos do campo — sempre à espera de uma arcana revelação Interior que me dissessem: é aqui, foi aqui, não vês? Aqui está a pequena figura do Santo, queimando, consumida pela sua paixão; não ouves a sua voz harmoniosa e persuasiva que fala da perfeita alegria? Escuta⁴⁰:

“Certa vez, vindo São Francisco, de Perugia para Santa Maria dos Anjos, em tempo de inverno, em companhia do Irmão Leão, um frio muito intenso o atormentava. Chamou, nesse momento, o Irmão Leão, que ia mais à frente, e assim lhe falou: Ó Irmão Leão, ainda que os Irmãos Menores dessem no mundo inteiro grande exemplo de santidade e boa edificação, não obstante, escreve e toma cuidadosa nota, que **nisso não está a perfeita alegria**. E caminhando um pouco mais, São Francisco o chamou pela segunda vez: Ó Irmão Leão, ainda que o Irmão Menor restitua a vista aos cegos, cure os paralíticos, expulse os demônios, faça os surdos ouvirem, os coxos caminharem e os mudos falarem e, o que é muito mais, ressuscitasse um morto de quatro dias: escreve que **não está nisso a perfeita alegria**. E andando um pouco mais, S. Francisco em voz alta, falou: Ó Irmão Leão, se o Irmão Menor soubesse todas as línguas, ciências e escrituras, e se soubesse profetizar, revelando não somente coisas futuras, mas até mesmo os segredos das consciências e dos homens, escreve que **não está nisso a perfeita alegria**. (...) E continuando a assim falar pelo espaço de duas milhas, o Irmão Leão, muitíssimo admirado lhe perguntou: Pai, peço-te, da parte de Deus, que me digas **onde está a perfeita alegria**. E São Francisco lhe respondeu: Quando chegarmos a Santa Maria dos Anjos, inteiramente molhados pela chuva e enregelados pelo frio, enlameados e atormentados pela fome e batermos à porta do convento e o porteiro chegar irado e disser: Quem sois vós? — e nós respondermos: Somos dois de vossos irmãos — e ele disser: Não falais a verdade Sois dois malandros que andais enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres Fora daqui! — e não nos abrir a porta e deixar-nos de fora, exposto à neve e à chuva, com frio e com fome, até à noite; então, se suportarmos pacientemente tantas injúrias, crueldades e rejeições, sem nos perturbarmos e sem murmurações contra ele, se com humildade e caridade pensarmos que aquele porteiro verdadeiramente nos conheça e que Deus o fez falar contra nós, o Irmão Leão, escreve que **nisto está a perfeita alegria**. E se nós continuarmos a bater à porta e se ele sair perturbado e nos expulsar, como vadios importunos, com insultos e bofetadas, dizendo: Ide embora daqui, ladrõesinhos miseráveis, ide para o albergue porque aqui não tereis comida nem abrigo; se isso suportarmos pacientemente, com satisfação e com amor, ó Irmão Leão, escreve que **nisto está a**

⁴⁰ De I Fioretti de San Francesco, cap. VII. (N. do A.)
Em algumas edições, inclusive a italiana de **Rizzoli**, a narrativa se encontra no cap. VIII. (N. do T.)

perfeita alegria. E se nos, constrangidos pela fome, pelo frio e pela noite, bater-mos e chamarmos de novo, e pedirmos pelo amor de Deus, com muitas lágrimas, que nos abra a porta e nos deixe entrar; e se o porteiro mais escandalizado disser: — Esses são velhacos importunos, dar-lhes-ei o que merecem, — e sair com um nodoso bordão, agarrar-nos pelo capuz, atirar-nos ao chão, revolver-nos na neve, golpear-nos com aquele bordão, nó por nó: se nós suportarmos todas estas coisas com paciência e contentamento, pensando nos sofrimentos de Cristo bendito, e que tudo devemos suportar pelo Seu amor, ó Irmão Leão, escreve que **nisto está a perfeita alegria.** (....)”

* * *

Estava frio, no entanto fazia tanto calor no coração! Estava escuro e no entanto resplandecia tanta luz na alma! A tormenta era rigorosa lá fora, mas Deus cantava tão forte do interior!

Escuta, escuta! Não ouves a voz das profundezas? Sim. O Subásio é o mesmo e lá em baixo Assis descansa; em torno, a coroa das colinas úmbricas. São os mesmos, os declives cheios de bosques de Greccio, a vista na direção de Rieti e Fonte Colombo; os mesmos os reflexos escuros e profundos do lago de Piediluco e os perfis de seus grandes montes severos. Os mesmos, os vastos silêncios do Trasimeno imenso. Ouço um bater de remo, no lento caminhar de praia em praia e aí reencontro minha alma, que caminha sem nunca descansar. Vem da terra o eco daquele passo bendito de Francisco, que sigo sem alcançar. Interrogo as ressonâncias íntimas e ouço, admirado, um murmúrio humilde na mais secreta palpitação de meu coração.

Dizei-me, forças da vida, por que não guardastes um sinal do meteoro que por aqui passou, perdendo-se nas transparências do céu; dizei-me, criaturas irmãs que comigo atravessais a vida, nenhum longínquo eco retorna no timbre de vossas vibrações, se tanto ímpeto de paixão vos imprimiu o canto do Irmão Francisco? No entanto, na música da criação ouço ir e vir a harmonia evanescente daquele cântico de Deus que em vós se fundiu quando por aqui passou a alma do Santo. Vós, então, ecoastes, compreendestes e respondestes, cantastes em coro a grande sinfonia que ele entoava, a sinfonia do amor divino.

Dai-me de novo aquele canto, é o cântico de Deus. Criaturas irmãs, ajudai-me a subir, a vibrar, a sentir. Aquele canto arrebatará minha alma deste barulho infernal, para longe da terra, para sempre.

Então, num imenso e profundo silêncio, ecoa mansamente a música divina. Cada forma de existência emite uma nota. Oro na minha prece ouço Deus como um canto imenso e sublime que emana de todas as criaturas. Cantam todas as expressões de Deus, a terra e o céu, a luz e a vida, a ordem e o pensamento. A minha alma se torna bem pequenina, mas emite harmonia e a cada nota, sintonizo gradualmente; a ressonância me invade, a vibração me eleva, o arrebatamento me conduz. Já não sou eu, mas uma harpa na qual ressoa o Universo. E uma prece na qual se cala. E a união com Deus.

Das profundidades do tempo e do espaço, ouço esta voz potente de Deus, que me leva a alma num turbilhão. Ouço a sinfonia dos vastíssimos horizontes, a luminosidade dos céus, as harmonias da vida, a voz do mundo, cantando: Cristo! Cristo! Cristo! Assim grita a História: Cristo esperado, Cristo presente, Cristo operante no coração da civilização. Cristo, repete-me a

beleza da arte, a profundidade da sabedoria, a vitória da bondade, a grandeza do espírito. Esse canto se dilata e me penetra. Cada nota ecoou em mim e lentamente, das humildes às grandes vozes. Minha alma apertou e sorveu em si a estupenda vibração e, acompanhando esta harmonia, subiu com o canto. Cristo! — me repete todo o universo. Cristo sinto chegar, resplandecente, dos céus, tão vertiginosamente alto e belo como sonho que devia ter sido no ardor de Francisco na suprema consagração do Alverne.

XVI

VISÃO DA CATEDRAL GÓTICA

Um dia senti o meu destino como um feixe de forças convergentes e ascendentes e o reencontrei na força e musicalidade arquitetônica da catedral gótica. As arcadas, sempre se restringindo mais para o vão da porta, exprimem as linhas de concentração do externo para o interior. E eu entrara jovem no templo austero da solidão do pensamento. Lá fora, era para mim estridor e sofrimento e já não podia tornar a gozar as fáceis alegrias do mundo exterior. E desde jovem me acostumei a respirar aquela atmosfera severa, saturada de conceitos profundos. Meus olhos aprenderam a ver na mística penumbra e se alentaram das luzes esplendentes do Alto, que convidavam a subir. O meu olhar embalou-se na música harmoniosa das arquiteturas, no sonho diáfano dos místicos vitrais, na doçura das imagens das coisas eternas e santas. Assim, a minha alma se desafeiçoou, lentamente, da terra e abriu-se toda à visão de Deus. E, como no templo gótico, foi também no meu destino, uma convergência de linhas de força, que me levou acima, acima, ao longo da nave central, até onde a estrutura do edifício abre seus braços em forma de cruz. Levou-me até à culminância sonora da sinfonia arquitetônica na qual explode o grito do Cristo moribundo, lá em cima, no centro do templo onde, sobre o altar-mor, aquele grito se repete no sacrifício da missa. Tenho vivido, naquele anelo de forças convergentes para o Alto, constrangido a um concatenamento compacto como uma fuga de Bach. Arrastei-me ao longo da nave central, deixando atrás de mim um rasto de sangue. Mas, chegando ao grande altar do centro, minha alma recolheu o grito de Cristo agonizante, e estreitou-se, num abraço que não terá mais fim, àquela cabeça reclinada. Andava em torno de mim o hálito da pedra ascendente. Nas harmonias das últimas luzes, no vago palpitar dos espaços supremos do templo, no indefinido do último sonho, despedaçou-se a abóbada e em mim apareceu o pensamento de Deus. Meu corpo ficou lá em baixo, unido a cruz. Mas, minha alma fugiu para sempre na glória dos céus.

XVII

PROFETISMO

Hoje subi as alturas do tempo e dos horizontes longínquos ouço emergir ressonâncias profundas, atraídas a mim por uma sintonia de pensamento imposta pelo momento presente da vida do mundo. Ouço o cântico poderoso da História que vai e volta, repete-se em ciclos titânicos, lentamente em ascensão, em quedas, em ressurreições, num renascimento sempre mais alto de vida, no qual, entretanto, sempre reponta o passado. Em ondas, nascem e morrem, vêm e vão as civilizações sobre o grande mar do tempo. São elas as palpitações da progressiva idéia de Deus, que vai sempre em rumo a sua realização.

Tudo isto ressoa em mim, torna-se uma vibração minha e nela mergulho. E então o vórtice me agarra e me transporta num turbilhão onde ouço os sonidos invocadores da vida. Ouço o encaço das horas, o iminente precipitar dos equilíbrios, a tempestade furiosa as portas — ouço a voz de Deus que anuncia a maturidade do tempo. Gritam os sinais interiores, despercebidos pelos cegos da hora, fechados no cálculo do momento. Sob os céus da História aparecem as procelárias anunciadoras, acordam as consciências mais prontas, sentinelas da vida, e lançam o grito de alarme; levantam-se as vozes admoestadoras e caem como pérolas da magnificência dos céus, antes de cada calamidade.

Ouço um rufar profundo, cadenciado, incessante; ouço o passo do tempo, que avança com ritmo fatal, qual massa fatal, imensa de lava que desce sem pressa e tudo submerge. Onde estão os ombros para segurá-la, os peitos para enfrentá-la? Os tempos são graves e o céu luta ao lado da terra. Não se vive, já, apenas de pão, de números, de riqueza, de poder humano. Poderão as forças do espírito não estarem presentes apenas porque um século de materialismo as negou? As atitudes do pensamento humano não podem desordenar a lei de Deus. E sempre, cada vez que o homem violou os divinos equilíbrios do justo e do bom, a reação justa da Lei se fez sentir. Que levantem, portanto, a cabeça os que dormem. Já não estamos no momento de explicar e demonstrar. Aquele trabalho está pronto. É o momento do choque físico e tangível, que a todos abala e a todos arrasta.

Deus nos ama. É necessário alertar os surdos, os inertes, amansar os rebeldes. É necessário que o mundo aprenda de novo a orar, que na humilhação e na desventura se irmane e reencontre o seu Deus, que foi esquecido. Deus é um caminho de paixão e de amor que se percorre em silêncio no próprio coração; é uma consagração real de si mesmo, é um humilde abraço de irmão a irmão, para se ajudarem reciprocamente ao longo do caminho espinhoso das ascensões humanas.

Nada tema quem tem Cristo no coração. A tempestade purificará. Voarão longe os ouropéis ao vento furioso e a imaterialidade do espírito, só ela, resistirá e sobreviverá. Cairá o humano para que Cristo resplandeça mais alto e mais verdadeiro.

Oséias, Oséias, profeta de Israel! Parece-me ouvir a tua voz superar a barreira do tempo e alcançar-me: "Deus é amor" Esta tua grande palavra, anunciadora de Cristo, que ninguém, nem mesmo Moisés antes de ti havia dito e que tem sustentado a humanidade por milênios, foi o novíssimo verbo eclodido de teu coração de mártir. A dor te fez profeta e profeta de amor.

Vejo-vos todos enfileirados em vosso trabalho, profetas de Israel. Ouço-vos a todos fundidos naquela linguagem imensa na qual ressoam a terra e o céu. Tempos em que a palavra do alto descia palpitante e o homem vivia aliado com Deus. Tempos em que a alma se elevava até alcançar o céu! Que grandeza, este contínuo contato com Deus! Ele parece afastado de nós; entre tanta ciência e sabedoria, parece que perdemos a idéia d'Ele. Ele não esta mais presente em nossas ações nem nos eventos da História. Calculam-se todas as forças, menos a suprema; em todas as posições da vida, não se pensa nunca no impulso maior, que é Deus.

Ouçó Isaías: "um resíduo se converte", isto e: uma semente permanece. Podemos hoje repetir suas palavras, que são um pressentimento do Reino de Deus, prometido por Cristo e que o mundo espera: "... os seres não farão dano nem mal, pois que a terra será plena da consciência de Deus, como a água cobre o fundo do mar".

Não. Deus não é um elemento preterível na vida do indivíduo e dos povos. Deve ser sentido, próximo, e o é, somente quando se merece. Só um Deus que esteja na alma, domina as paixões, guia as ações, faz fremir o coração — só este Deus é vida. Portanto, e necessária a desventura para que o espírito atire fora o manto e se apresente de novo nu diante de Deus? Que importa a forma quando nós, na substância, sacrificamos a Moloque e só a admiração de seu fausto está em nosso coração? Então, também nos templos suntuosos Deus se cala porque se afastou de nossa alma. E Deus se vai e fala em outra parte, aos humildes, aos cansados viandantes do ideal, que estão sempre a caminho, como São Francisco, golpeados por todos e sozinhos com Deus.

Então, o destino bate às portas da História, tocam as trombetas anunciadoras, os profetas ressurgem, porque o mundo desperta. Quem ouve e compreende entre tantas vozes falsas e confusas? Devemos então, repetir o fatal "Dies irae dies illa"⁴¹ ainda hoje vivo na arte, na liturgia, na música, o Dies irae do profeta Sofonias?⁴² De que será feito este povo-resíduo que será semente da futura civilização? Será um povo não visto hoje, como era o primeiro grupo de soldados de Cristo na grandeza romana, um povo feito de humildes e piedosos, que hoje sofrem, sentem e esperam. E de que servirá ao mundo a força sem o direito, o poder sem a justiça, a ciência sem a consciência? Ai de quem usar a espada, porque morrerá pela espada. A ordem ética despedaçada trará destruição.

Como se ora de outro modo quando o destino ameaça e a dor golpeia, diferente de quando tudo é tranqüilo, o céu parece assegurado, a vizinhança de Deus garantida pela autoridade da terra! Mas, a fé é tempestade e não um trono de glória; é tormento de ascensão, não aquiescência passiva. É um dinamismo incessante, tremendo, um espasmo de alma á procura de Deus.

⁴¹ "Dies irae dies illa...": "O dia da cólera (justiça), aquele (terrível) dia...". Primeiros versos de um hino medieval de Frei Tomás de Celano, discípulo e primeiro biógrafo de S. Francisco de Assis. É uma evocação do dia do Juízo Final — informa Paulo Rónai - e faz parte do ofício dos mortos. (N. do T.)

⁴² Considera-se o hino de Celano inspirado no profeta Sofonias: "Está próximo o grande dia de Iavé! "Dia de angústia e de tribulação (...)" (Sofonias, 1:14-18, 2:1.3). (N. do T.)

Queria gritar com Jeremias: "Oh! o meu peito, o meu peito! Que sofrimento terrível! Oh! o meu coração! Como se sobressalta! Não posso ficar quieto, porque minha alma ouviu o som da trombeta, o grito da guerra!"

Jeremias, que todo se plasmou segundo Oséias, por reviver-lhe todo o amor e toda a dor; Jeremias, a mais alta e pura expressão do Profetismo hebraico! Queria repetir seus conceitos, que exprimem a essência das religiões, ou seja, a superioridade da substância sobre a forma, de um coração puro sobre as ações exteriores. Melhor: "... os pagãos que observam com verdadeira fidelidade e com perfeita devoção a sua religião falsa e insensata — eles são em verdade mais agradáveis a Deus, do que vós, que possuís o verdadeiro Deus mas o esqueceis e lhes sois desobedientes". E Jeremias, que ousara dizer tão graves palavras, morreu em terra estranha, lapidado por seu próprio povo!

Mas Jeremias falou também as portas do exílio babilônico, que transformou o povo de Israel e a sua religião, joeirando grão por grão, separando o bom do mau, o essencial do supérfluo. Nas grandes curvas da História, a terra tem de ser dolorosamente revolvida até o mais profundo, para estar preparada para as novas germinações. E o exílio na dor purificou Israel até que subsistiu apenas aquele resíduo, aquela semente de que falou Isaias. E os ciclos retornam e a História se repete. Entre as labaredas de Jerusalém destruída eram despedaçadas também as velhas formas, mas o espírito que estava no profetismo e não pudera ser queimado, sobreviveu. O Estado estava destruído e a religião separou-se dele, ficou leve, como liberada e pôde elevar-se de novo e viver mais no alto; até que Ezequiel foi ao seu povo para lhe ensinar o amor de irmão para irmão e a força dos vínculos espirituais que sabem fundir as almas, formando e mantendo a unidade ideal acima de qualquer forma e contra qualquer ataque material.

Como na sua grande visão da nova Jerusalém, aflora hoje nos espíritos um vago pressentimento da nova civilização do terceiro milênio, na qual a Igreja será verdadeiramente poderosa e invencível, porque feita apenas de espírito.

Oh! que tremendo trabalho este nascer, viver e morrer, para renascer, reviver, remorrer — este dever de evoluir para levantar-se das quedas, para redimir-se na dor, para liberar-se e retornar ao espírito!

Voltamos as fontes, a virgindade das origens, à pureza da primeira nascente. Surge a eterna visão que abalou Zacarias. E a História pulsa e palpita pelos mesmos eternos movimentos que a empurram laboriosamente para a frente. O mal triunfa abertamente e os puros de coração, que sofrem inclinados sobre os sulcos, enquanto regam com o seu suor a nova sementeira, olham e dizem: "Onde está o nosso Deus de justiça, se os malvados são felizes e os violentos têm sucesso?" Mas, eles não sabem quanto a dor é fecunda. Tudo germina, banhado por linfa divina. Só assim nascem as coisas grandes e fortes que resistem as ventanias e desafiam os séculos, enquanto as criações do mal são pó que tornarão ao pó, lançadas longe pelo turbilhão do tempo. Quem semeia pelos caminhos do bem, semeia e segue, porque a semente germina, contendo já na trajetória do seu movimento, a sua lei de vida e a disciplina de seu desenvolvimento.

Esta idéia da presença de Deus no destino do homem e dos povos, esta idéia que emerge de cada página da Bíblia, idéia que percorre e une todo o profetismo de Israel, não é um absurdo,

ainda que hoje seja um anacronismo. É a idéia fundamental que rege a vida e essa idéia não morreu.

É a idéia-eixo em torno da qual o mundo gira: Deus e homem, homem e Deus. É a própria música do espírito que do profetismo israelita se prolonga no misticismo cristão, como o mesmo contato com Deus. É a mesma conquista de espírito que se efetua, é sempre o mesmo problema que se agita e vive, — o das ascensões humanas.

Esta idéia da presença de Deus no destino do homem e dos povos, esta idéia que emerge de cada página da Bíblia, idéia que percorre e une todo o profetismo de Israel, não é um absurdo, ainda que hoje seja um anacronismo. É a idéia fundamental que rege a vida e essa idéia não morreu.

É a idéia-eixo em torno da qual o mundo gira: Deus e homem, homem e Deus. É a própria música do espírito que do profetismo israelita se prolonga no misticismo cristão, como o mesmo contato com Deus. É a mesma conquista de espírito que se efetua, é sempre o mesmo problema que se agita e vive, — o das ascensões humanas.

XVIII

OS ASSALTOS

Um dia, em que meu espírito estava prostrado, pela demasiada intensidade de sua vida e jazia abatido pelo cansaço da carne, um espírito malvado, um semblante de Satanás, veio ao meu encontro com o olhar oblíquo, riu-me na face e sussurrou ao meu ouvido: "Palhaço!" Era mentiroso e parecia ter escolhido astutamente este momento para me colher em falta, tentando triunfar de minha fraqueza. Sentia-se forte, mas falava com a pressa do ladrão que rouba, que sabe ser breve a hora propícia que não volta depressa.

As forças mais baixas, apenas caía a tensão da ascese e se abra uma brecha na alma — podem surgir, por lei de equilíbrio. Eu estava prostrado e triste. O céu estava fechado e este era o conforto. "Palhaço" — ouvi repetir-me. "Onde está a tua força de espírito, o infinito, a harmonia da criação, a presença da Lei? Se és amigo de Deus, por que não desce Deus para te confortar?" O escárnio atroz dançava sobre o meu sofrimento. Estas são as horas tétricas nas quais os vastos horizontes se fecham, o céu permanece inacessível à percepção, torna-se irreal e se evade no nada.

Então, o espírito do mal lançou-me ao rosto o seu hálito fétido e me disse: "Palhaço!" O mundo esplendoroso do espírito está longe. A carne está ali, cansada e grita seu tormento. Nos meus ouvidos não há senão o ruído da derrocada de minha alma abatida. Atiro-me ao solo. Não sei mais orar.

Estes são momentos medonhos na vida de quem luta por um ideal. Formam-se na alma vácuos imensos e silêncios terríveis; passam-se horas de solidão e desolação nas quais o eu mais profundo se ausenta, deixando a alma cega e agonizante. O relâmpago da intuição me abandona, tenho medo daquela coragem que antes tudo ousava; a minha fronte está no chão e se lacera contra a pedra. É a revolta das forças biológicas, a desforra, a derrota de uma hora. Que esta acontecendo no íntimo? Por que Deus me abandona? Porque eu sei que naqueles silêncios sem nome e sem esperança estão os trajetos subterrâneos do caminho das ascensões; sei que destas anulações ressurgem as grandes massas túrgidas de pensamento e de paixão, emerge o vórtice maravilhoso onde esplendem todas as luzes. É no fundo desses abatimentos, quando a alma vive suas horas mais atroz, que ela ouve a primeira nota de onde nascera a criação. Pois que fé e concepção jorram destes espasmos de alma que, para despedir centelhas, deve se atirar contra os penhascos ásperos e cortantes. Os meus pensamentos são gotas de sangue espremidas de um tormento interior onde minha alma se debate para fazer nascer a concepção. Esta floração de escritos é martírio e holocausto de cada dia. Cada afirmação espiritual é um pedaço de carne deixado sobre as sarças do caminho. Caminhar e sangrar é a vida do pensamento. Produção contínua significa sofrimento contínuo.

Existem momentos em que a realidade brutal da vida, o mundo das imperiosas necessidades retoma a direção e recorda asperamente ao espírito livre a sua escravidão — que é a verdade do momento. A matéria tem as suas desforras, as suas vinganças tremendas. Reinam, então, as trevas, a mentira triunfa, o sarcasmo sorri, a incompreensão alarga-se. E o ignorante, o falso, o malvado que tem na mão os meios materiais, enfrentam-nos, gritando: "Dinheiro! Dinheiro! Eu sou o poder! Quem reina sou eu!" E então a terra é, em verdade, um deserto sem esperança. A fonte seca, o canto emudece. As lágrimas caem sobre o solo seco e o egoísmo humano bebe avidamente a dor alheia. A idéia se dispersa ao vento, a fé dúbia escapa. E ele, o herói do pensamento e do amor, fica abandonado e só. Só, com os olhos arregalados na escuridão, onde a luz de seu sonho se apagou. Só, com o coração despedaçado ao qual do alto já não chega o amor; só, com a mente arruinada, onde o canto dos céus já não tem ressonância.

Era muito linda a embriaguez do sonho e a felicidade de imolar-se longe da terra. Vai, alma cansada, pela deserta terra, sem esperança. Deus te olha, mas o teu castigo é não vê-Lo mais. Deus te ajuda, mas o teu martírio é não o saber. Deus te ama, mas, teu tormento é não O sentir. Tua lira partiu-se. Em, teu coração há uma derrota de paixão que ia não sabe chorar. Aquele olhar cintilante de pensamento e de bondade abaixou-se, humilhado. Aquele gesto estendido em ato de amor abateu-se, envilecido. Aquela cabeça que concebeu os mais altos conceitos da vida esta coroada de espinhos.

Não o conforteis. É a sua hora. As trevas se apressam em exauri-la; a dor se apressa em polir aquela alma com seus golpes maiores. Apressai-vos, forças do mal, porque estais encerradas no tempo que vos segue e vos destrói. O espírito se cala e se atemoriza, mas vós vos exauris. Ele se concentra, atrai a si as energias da vida e adquire forças com o vosso assalto. Acumula-se a reação e esta próxima a hora em que explodirá seu grito, para dilacerar as trevas e reencontrar a luz.

O espírito é um anjo que desceu de seus céus esplendentes sobre a terra. Para amar, tornou-se inerte e deixou longe, já não sabe onde, todas as armas de sua defesa e aparece, fragrante como uma flor, bom como uma criancinha. E chega ao inferno terrestre. Um riso de escárnio o

recebe, um vento de tempestade dá o primeiro golpe naquela fragilidade de sensitivo. O doce canto que ele trazia consigo, cessa, destruído. É preciso aprender a canta-lo aqui em baixo, no inferno terrestre. Aqui reina a matéria, plena de força, armada de esperteza, conhecedora de estratégias, atenta para colher o espírito em falta. Sabe as passagens, as armadilhas, a mentira que disfarça, a zombaria que abate, a traição que mata. O primeiro encontro é brutal. A fera responde: "Não sou teu semelhante, odeio-te, não quero luz. És uma criatura do céu descida cá em baixo? Pois bem, és tu o estrangeiro, não eu. Aceita as leis do meu mundo. Aqui reina a força; guarda tua justiça, aqui ela não serve. Aqui reina a mentira, guarda a tua verdade, que também não serve. Aqui se maldiz e se odeia, portanto, guarda a tua bondade e o teu amor. Que queres, louco ridículo? Teu Evangelho é loucura. Nós temos uma lei. É feroz, mas é nossa. Não aceitamos a tua. Some-te, estrangeiro! Insistes? Nós te destruiremos".

Mas o anjo avança. Começou a luta, mas ele está acostumado a sofrer. Então, o ataque muda. A matéria veste-se de adulação e mentira, a ferocidade se esconde e reaparece sorridente de graça. O terreno se faz mais pérfido. O anjo avança num mundo de aparências inconsistentes e mutáveis, de formas falazes. Vai colher uma flor e colhe um escárnio; acredita estar contemplando a verdade e é uma máscara que se desprende, gargalhando. Cada ser tem duas faces; mostra a falsa e esconde a verdadeira. É um mundo irreal, no qual tudo foge e se desfaz; é uma dança macabra de esqueletos doidos que acreditam ser sábios e lindos. É o triunfo dos ouropéis, um perfume que recende mal, um beijo que morde, urna carícia que mata, um mundo de luzes falsas, onde tudo são trevas e silêncio.

Mas, o espírito avança. A força não o venceu e a mentira não o vence. Vê a cor real da vida e deseja lenir o sofrimento de que ela é feita. Vê ouro e fome, exércitos e cruces, poder e sangue. São poderosas as ordens do deus prazer! O mundo pede-lhe amor falso; é feito de forças inferiores, mas deseja realizar-se a si mesmo. E a luta continua. Satanás se disfarça em seus infinitos semblantes e muda de tática. Vejo-o voltar e não me diz "Palhaço". Está razoável e ladino. Diz-me: "Reflete, deixa a utopia, depressa. A vida é bela e é preciso gozá-la". É lento e paciente o cerco da lisonja. É uma imaginação interior; nasce inadvertida nas raízes do desejo. Insinua-se enganosa, por toda parte. Parece nada e já envolve o espírito em seus tentáculos. E quando este percebe, já está preso e aprisionado. Insinuação prudente, de gesto lento, de mil braços de polvo, aperta acariciando num longo sufocamento. Age com cautela e tem fascínio, como a serpente. Assim se forma o sorvedouro onde se submerge o mundo.

A luta continua. Pobre de minha alma! Tem sede e não deve beber: a fonte esta poluída. Tem fome e não deve comer: o alimento está envenenado. Esta exausta e não pode repousar: o terreno é malseguro.

Mas, muda ainda a aparência de Satanás. O meu ventre está satisfeito. Que beatitude! Inércia de espírito, toda a sua vibração neutralizada numa pausa de calma. A animalidade domina, o jogo da vida reduziu-se aos planos mais baixos, a consciência interior cochila satisfeita no equilíbrio das funções primárias, na felicidade do bruto. As tempestades estão longe. Que alegria, finalmente, repousar! Quantos ventres satisfeitos vão pela vida, acreditando serem tudo, felizes apenas por estarem cheios. Pequenas almas situadas no ventre! O ventre deseja, opina, escolhe — beatitude de carne saciada. Conheci também isto, a espera de que o leão despertasse, rompes-se a inércia com o seu rugido e tornasse a mergulhar o olhar nos céus.

O espírito avança, mas também o inimigo caminha e penetra na fortaleza da mente. A fé desagrega-se na dúvida. Terei eu lutado e sofrido tanto em vão? O pó das coisas não cobrirá todas as minhas fadigas? Investi todo o meu capital de pensamento e atividade no Evangelho. Para esta inversão dos valores humanos perdi as vantagens positivas, tangíveis, reconhecidas. E, afinal, se fosse ilusão? Arrastei-me assim toda a vida, humanamente destruído, e só por um sonho? E se o espírito me traísse? Onde está Cristo, se eu não o vejo? Por que jamais um sinal de evidência? Onde está esse mundo que ninguém percebe e que todos os fatos negam? Por que, por que acreditar? Que desilusão tremenda recolher quimeras! E esse mundo é tão pronto a se desvanecer, e eu aconselhei e sofri na realidade — e a última compensação será a derrota! "Tolo, não confies — diz Satanás. Por que crer? Era uma quimera, e agora és um vencido. Mereceste. Rebelate, libera-te, derruba e destrói o edifício das ilusões. Salva, pelo menos, as últimas horas. Goza. Não te deixes trair para sempre. Esta é a vida, não vês? Não há outra vida senão esta. A minha alegria está aqui, o céu está longe".

Mas o espírito avança. E então, depois do ataque do escárnio, da dor, da necessidade, da força, da mentira, do gozo, da inércia, da dúvida, — desfere-se o assalto do desespero. Sinto-o aproximar-se sob a forma de um fantasma e sinto terror. Adensam-se as trevas em torno da minha alma. Estou cego e mudo em poder da tormenta. Penetra-me um choque diabólico de todo meu ser e a minha alma mergulha no inferno. É uma precipitação involutiva de plano em plano, uma perda de luz, de leveza, sempre mais para baixo, num invólucro sempre mais denso. O assalto agarrou-me, aperta-me em seus tentáculos, arrasta-me de sorvedouro em sorvedouro, mutilando-me, sufocando-me. O inimigo rompeu as cadeias e está em mim para me torturar. É a sua hora, a hora das trevas, a hora tétrica de sua vingança. Atira-se contra mim. Minha alma debate-se em seus tentáculos. Vãos os dias arrastados no duro e necessário trabalho, vão as noites sem repouso, vão o tempo que me deixa arruinado. As trevas me destroçam. Preciso correr e não posso andar. Tenho que fugir e estou amarrado. Petrifico-me numa dor muda, negra, sem lágrimas, sem esperança. Ignoro Deus, entorpeço-me, estou perdido.

Então a minha sensibilidade se torna um porto aberto a todos os ádvenas. Mil forças barônticas aparecem, tremendas e confusas; mil faces se desenham no raio de minha consciência. Sou levado numa esteira de tormenta que me atravessa o espírito.

Depois, quando a força do mal está saciada de todos os seus assaltos, em todos os seus aspectos, ouço-a fugir, zombando, feliz de sua esplêndida chacoteação.

XIX

TENTAÇÃO

Quanto mais a alma sobe, tanto mais é agredida pelas forças do mal. A lei do equilíbrio contém suas reações. Quanto mais sofreres e mais subires, mais subirás e mais serás tentado, porém, mais forte serás, também, para vencer.

Estas forças adquirem figura concreta: Satanás. É a imagem do homem quando o mal se apossa dele; a força se personifica em nós quando somos malvados. Ele é, portanto, real e próximo. É uma vibração presente em nossa consciência. Está entre nós, dentro de nós.

Aparece também nos grandes místicos o momento secreto e terrível, no qual o grande sonho sentido no ardor da fé se decompõe num caos horrendo. É a desforra da baixeza, a hora das trevas. E o Getsêmani, é a zombaria da loucura embriagada e triunfante que se diverte com o martírio do santo.

Esse insulto é Satanás. É uma força baixa, brutal, enorme, negra, imersa na inconsciência. E uma investida estúpida e feroz: explode, desafoga-se, esgota-se, extingue-se e pára, estupidamente, sem ter alcançado a meta, sem nada ter compreendido de si.

Tenho vivido estas lutas. Então a alma se sente oscilar à beira de um abismo, que abre as fauces para tragá-la. O grande sonho realizado no tormento de cada dia parece ameaçar ruína.

* * *

Começa a luta. O inimigo desce dentro de mim e toma lugar em meu coração.

Sou eu ou é ele? Quem ó que nega e quem é que afirma, dentro de mim? Como me posso cindir assim, entre a minha alegria e o meu tormento, entre o triunfo e a derrota, entre a minha ascensão e a minha abjeção?

Dentro de mim se reúnem as forças do bem e do mal. Sou aquelas e estas: duas metades de mim mesmo se digladiam horrivelmente.

Começou a luta e em ambos os lados recebo feridas profundas.

"Tu me traíste", diz em mim o homem ao espírito. Sê maldito, traidor de minha vida".

"Estou exausto — diz o espírito. Não sou mais, não vejo mais. Senhor, tem piedade de mim".

A minha alma se arrasta, perseguida pelo inferno terrestre. A realidade de todos me insulta e me repudia. "Idiota", dizem-me. A multidão repete: "Louco, morre. Bem o mereces".

Meu corpo tem fome, está cansado. A fonte de meus cantos estancou na garganta seca. O mundo me diz: "Morre". No entanto, foi por sua dor que eu ouvi, me comovi e me entreguei.

Peço auxílio. Motejando, Satanás murmura: "Se estás ao lado de Deus, pede-lhe que te salve e te levante".

Mas, tudo permanece indiferente do lado de fora. Portanto, eu estou errado e os outros é que têm razão.

Levanto, então, os olhos e grito: "Senhor!" E o céu se abre e uma voz que desce do Alto diz: "Acalma-te, filho!"

Então, encontro força para dizer: "**Vade retro, Satana!**"⁴³ E o mal se afasta.

* * *

No entanto, Satanás volta. Minha mente duvida e o mundo grita ainda: "Louco! O teu ideal é absurdo. Não é aqui neste mundo que se pode realizar. Onde está o homem de que falas? Onde esta a punição profetizada, a justiça de Deus? Utopias. No mal, o mundo caminha mais alegremente que nunca. Vai, tolo, caminha sozinho. O mundo sabe divertir-se sem ti".

"Duvidas? Então, invoca teu Deus para que te ilumine, para que desencadeie a tempestade saneadora, para que refaça o homem. O mundo conhece o seu caminho e não precisa de ti".

E em verdade, o mundo caminha e não pede salvação.

Grito, então: "Senhor, ajuda-me! Eu me perco!"

Que posso fazer só e cansado contra o mal organizado e poderoso, rápido e tenaz? E o céu se abre e uma luz desce do Alto e escreve no meu coração: "Acalma-te, filho!"

Então, reencontro a luz e posso dizer: "Vai-te, Satanás". E ele se vai.

* * *

Satanás, porém, volta ainda. Meu coração é um deserto. Cada amor humano secou-se dentro dele. Estou só e desamparado. Tenho frio. Primeiro, gritou a fome do corpo e eu venci. Depois gritou a sede da mente e eu venci. Agora, grita a paixão do coração e não sei vencer.

E o mundo me diz: Louco! Quem queres que responda ao teu amor? Caminha, caminha. O mundo sabe bem amar sem ti. O teu coração geme? Pois bem, invoca o teu Deus. Ele que te responda, que te satisfaça e demonstre aos homens o Seu amor.

E vejo o mundo indiferente correr unicamente para suas paixões.

Então, elevo o coração para o alto e grito: "Senhor, amo-Te!" E o céu se abre e uma palpitação desce do alto, freme dentro do meu coração e aí canta: "paz, filho!"

⁴³ "**Vai-te, Satanás**" ou "**Retira-te, Satanás**". — Na tradução latina do Evangelho encontram-se estas palavras, dirigidas por Jesus a Simão Pedro, quando este O censurou por haver anunciado aos discípulos Sua grande rejeição, Sua morte e ressurreição. (**Marcos**, 8:31-33). Encontra-se também expressão semelhante na narrativa da Tentação (**Mateus**, 4:9,10). (N. do T.)

Então, eu reencontro o amor, lanço a Satanás um olhar ardente e digo-lhe: "Vai-te, Satanás, para sempre, porque eu venci. Unido a mim, em meu coração, está o meu Deus. As tuas forças não prevalecerão" E Satanás foge precipitadamente, vencido.

O meu corpo, a minha mente, o meu coração não puderam renegar Deus. O caminho da dor era o verdadeiro.

XX

INFERNO

Do longínquo passado de minha involução, pelo oceano infinito do tempo, uma onda desprende-se, veio ao meu encontro, envolvendo-me ameaçadora. Agrediu-me e me submergiu.

Era uma força real, um impulso por mim uma vez enxertado no meu destino, emergindo do meu passado, da animalidade ainda não vencida.

Senhor, não soube nem quis vencer as forças do mal.

O meu coração, que era Teu, eu o atirei ao mar. E então a onda me engoliu e me aprofundei no abismo.

O archote de meu amor apagou-se. As águas negras me envolveram; as ondas se amontoaram sobre minha cabeça; a desolação me penetrou até o fundo da alma.

O sorvedouro imenso me apanhou, envolveu-me e eu fui mergulhado até às raízes das montanhas.

As algas se enroscaram em torno de mim, fecharam minha boca, impediram-me de respirar e o mar, sobre mim, tornou a fechar-se para sempre.

Da profundidade do abismo a minha voz não pode mais chegar até meu Senhor. Estou petrificado de horror. Meu desespero e sem esperança. Minha ai ma se desfaz

Que horrível não poder mais dizer: "Senhor. Senhor!"

Mas, eu o mereci. Ele deve punir-me. Sinto apenas a justiça, não mais o amor. Morro porque não posso mais vê-lo. Entre mim e Deus há um abismo que não sei mais superar.

Já não sei orar, não ousou invocá-Lo Aqui estou, só, nas profundezas do meu inferno.

Onde está o meu Senhor? Procuro-o, mas estou cego e nem o saberia mais ver. Estou surdo, não o saberia ouvir. Estou mudo, despedaçou-se a lira do meu canto. Estou morto, no entanto, estou vivo e gostaria de poder morrer.

Conheci Deus e perdi-O. A minha alma é um estrondo de desespero.

Inferno, inferno, aniquila-me em tuas espirais, destrói minha alma, para que tenha fim o meu desespero.

XXI

QUEDA DE ALMA

Que aconteceu comigo? Eu era feliz, dono da luz e da força do espírito; dominava um panorama imenso, era livre e soberano — e daquela luminosa altura fui precipitado a um mar de trevas.

Volto a mim cansado, aturdido, nauseado de mim e da vida.

Que torpor nos membros! O dinamismo do espírito desvaneceu-se, não ficou em mim senão a matéria preguiçosa e inerte. já não sei arrastá-la. Sou pedra entre pedras, abandonada na estrada.

Há um frio de morte nas minhas vísceras. Nos ossos sinto sensação de vazio. Coleio pela terra viscosa, envolto em lodo. Em meu coração há o sentido da minha inutilidade.

Senhor, enxota-me. Eu o mereço.

Eu estava na glória de tua luz quando uma lisonja vã, tenaz, traidora, cheia de atrativos, como um polvo, avizinhou-se de mim lentamente, me estreitou com uma carícia; depois, estreitou-me mais fortemente, paralisou-me cada movimento de defesa e me venceu. Quando eu quis reagir era tarde. Levou-me arrastado, cego, mudo, aturdido, amarrado, para as profundezas

O cansaço me venceu, diminuiu a tensão da subida; a matéria, pronta para a vingança, se apossou de mim.

Deus meu! Como estou triste sem Ti!

Porque, afinal, o veneno doce e traidor exauriu a sua virulência, o espírito começou a se reerguer e só agora vi meu depauperamento.

Não tenho mais coragem de orar, já não tenho força para ascender, não tenho mais esperança para agir. Aqui em baixo, o meu belo sonho é uma zombaria. Cristo é um absurdo, porque aqui reina uma verdade feita de estridor de luta e de egoísmo. Aqui não existe a paz de alma. Aqui tudo insulta meu passado. O ideal pelo qual vivi e tudo dei é considerado um ideal de loucura. Reabre os olhos em uma luz tão turva que é quase apagada, obstruída por zonas e nesgas imensas de opacidade. Uma confusão de forças caóticas contorce em mim, numa dissonância penosa, a divina harmonia da vida. Vejo essas forças se entrelaçarem em deformações horrendas que me ferem com seus ângulos pungentes, saltos ásperos e desordenados, impulsos de luta e rebelião. Elas dançam em torno de mim em vértices vertiginosos que me envolvem numa sensação de espasmo, com emissão feroz de gritos desesperados, lá onde havia cantos harmoniosos e paz cheia de alegria. Essas forças deslizam ao longo de um declive sempre mais íngreme, projetadas para medonhas profundidades abismais e lá em baixo as trevas se tornam sólidas a tal ponto que nenhuma espada flamejante de luz as poderá despedaçar. E o vértice é aberto e ativo; uma vez presas as almas em suas espirais, a sua atração as atira para o abismo tenebroso. É um vértice de forças no qual se precipita um fluxo palpitante de almas a urrarem desesperadas, agarradas ao seu desespero.

No terror dessa visão, o meu espírito desperta e, pelo terror, recupero a força para tornar a subir, tenso, à atmosfera rarefeita de que tombei.

Desperta e, enquanto luta, para retomar a subida, ainda o eco dos motejos o segue: "Tolo, tolo! Não vês que enquanto dás, todos os outros só pretendem tomar? E quando tiveres dado tudo, estarás só e ludibriado. Sim, escarnecido ante a terra e ante o céu que, quando quer, fecha suas portas também para aquele que muito lutou e sofreu".

Mas a ascensão está iniciada e recebe forças de seu próprio impulso e o eco dos gritos selvagens de insultos perde-se sempre mais longe, encoberto pelo canto das harmonias dominantes.

Minha alma retomou sua ascensão, reencontrou a tensa o, atingiu a sua atmosfera, onde brilha a mais alta verdade do Evangelho e o eco já não repete o rugido selvagem do egoísmo que insulta — mas repete o canto que diz: **“Dá e receberás, ama e serás amado, perdoa e serás perdoado”**.

Cheguei. Estou numa aurora iridescente de luzes. Em Deus tudo resplandece numa alegria infinita, repousa numa harmonia suprema. A minha alma reencontrou a sua paz.

Estes não são sonhos, nem fantasias de poeta. São forças vivas em ação entre as quais me movimentei, e que me abateram e me reergueram; são realidades, imponderáveis embora, mas nem por isso menos verdadeiras e atuais.

É verdadeiro este drama que minha alma viveu, que a destruiu e a regenerou, que sempre a frustrou, para que ela conhecesse o terror da treva sem esperanças.

XXII

MEA CULPA

Pequei, Senhor. Mea culpa, mea culpa⁴⁴.

Outrora, sorriam em mim, com o Teu sorriso, o céu e a terra. Agora, tudo se me afigura tétrico, melancólico e deserto; perdi toda luz e toda ressonância em minha desolação.

Morro, porque não posso viver sem Ti, Senhor.

Da profundidade de minha culpa, já não ousou erguer o olhar, nem sei tão pouco dirigir-Te minha prece.

Gela-se-me a alma, agora que já não me aquece Tua luz.

Sou desprezível. Sei que Te traí e Te reneguei.

Agora, ia não tenho nada para ofertar-Te, a não ser minha culpa.

Pronto estava o espírito para seguir-Te e ascender contigo. Mas, a carne recalcitrante quis volver ao lodo.

Ela me acorrentou em baixo e me venceu. Não tive forças para arrastá-la.

Horroriza-me a minha baixeza, porque ainda estas junto a mim e me olhas.

Olhas-me, como sempre, com um olhar feito de amor. Penetra-me a alma esse doce olhar de perda o e, todavia, mais do que qualquer exprobração, ele me aniquila.

Sobre o coração experimento o peso imenso do remorso de quem traiu seu mais doce amigo.

Ofendo-Te e Tu me acaricias; insulto-Te e Tu me perdoas; abandono-Te e volves a buscar-me.

Não te aproximes, Senhor. Não sou digno de implorar perdão. Não sou digno, Senhor.

Naquele tempo, Tu vieste ao meu encontro e me disseste: Tenho necessidade de tua alma. E eu, então te disse: Senhor, toma-me a alma.

⁴⁴ “**A culpa é minha, a culpa é minha**”. Primeiras palavras de uma antiga oração da Igreja, o “**Confiteor**” (“**Confesso-me**”): o orante reconhece, diante de Deus, seu pecado, culpa ou responsabilidade (N. do T.)

No entanto, ela está maculada de culpas. Não te repugna descer sobre tal esterqueira?

Amo-te, disseste-me. E retomaste-me a alma repleta de torpezas, curaste-a com Teu amor. Só Tu, só Tu, Senhor, podias fazê-lo, não eu.

Outra coisa não possuo, nem outra criatura posso tornar-me.

Toma-me a alma, toma-me a vida. Ela Te pertence até o último respiro.

XXIII

CÂNTICO DA UNIFICAÇÃO

Ouçó a voz de Deus cantar pelo universo; escuto os seres que respondem, num cântico sem fim.

Vejo a luz de Deus difundir-se e dar vida; vejo os seres nutrirem-se de seu reflexo e progredirem em fileiras sem fim.

Sinto palpitar no Infinito o ritmo da ordem divina; ouço ressoarem, de esfera a esfera, as harmonias da criação.

Extasio-me na música das coisas divinas; a Verdade desceu até minha alma.

O centro de minha vida retraiu-se para a profundidade, aí onde Deus a todos espera.

Superei os confins do ser, caídos jazem todos os véus. Atingi o derradeiro termo das ascensões humanas.

Rasgou-se o firmamento e Tu, Senhor, sublime, apareceste nos céus e enato, prostrei-me para adorar-Te.

Tu me arrebataste e eu, que Te reencontrei, vou entoando um cântico, de céu a céu.

Perdi, no entanto, a consciência de mim mesmo. Tu és tudo: eu estou em Ti e Tu estás em mim.

Em Ti, o nada que sou torna-se no tudo que Tu és. Ele se identifica em mim e eu me identifico n'Ele.

Para lá do mutável, alcancei o Imutável; para lá do relativo, atingi o Absoluto; para lá da diversidade, toquei a Unidade.

Perdi o senso da separatividade. Realizou-se em mim o mistério da unificação.

Já não me envolvo nas espirais da dor, porque Teu amor a venceu, Teu amor me redimiu.

Apoderou-se de mim, Senhor, Tua vontade e não sei distinguir-me, nem resistir.

Teu pensamento desceu a mim e já não sei pensar senão em Ti.

Venceu-me o Teu amor e já não sei amar senão a Ti.

Morri e depois ressuscitei. Pois que Tu vives em mim, eu revivo em Ti.

Tua mão, Senhor, a tudo sondou e revolveu na profundidade de meu coração, para tudo reconstruir. Tu Te colocaste no centro de mim mesmo, para aí procederes como dono.

Minha alegria consiste em abandonar-me em Ti, em não mais separar do Teu o meu minúsculo ser.

Sou transparente à Tua luz, que me invade por inteiro.

Vivo no ritmo da Tua ordem, que inteiramente vibra em mim.

Nutro-me de Beleza e da Verdade em que Tu fulges; Teu amor me sacia.

Estou em Teu regaço, ó Senhor, e já não quero reencontrar-me.

Contemplo o desígnio do universo, ausculto o respiro da criação, sinto em mim mesmo a ressonância de Teu pensamento.

Revelaste-me a urdidura divina de amor que rege os seres e neles Te reencontro; somos todos obreiros de um vasto organismo, abertos no afã de retornar a Ti.

Subir, subir, eis o cântico do universo. Teu amor a todos nos estreita, como irmãos.

Vivo da Tua Lei, porquanto em mim esta a palpitação de Teu pensamento e de Tua vontade.

Na profundidade de minha alma reside Tua paz.

XXIV

BEM-AVENTURANÇAS

Que importa se ganhei ou perdi, se estou bem ou mal, se sou rico ou pobre, amado ou amaldiçoado, se Tu estas aqui, Senhor, e eu não me encontro mais sozinho, e Tu estás ao meu lado e me animas?

Que importa riqueza ou miséria exterior, se dentro de mim canta a magnificência do universo?

Que importa se nada mais possuo, se sou desprezado e ignoro meu amanhã, se atingi a fonte das coisas eternas?

Faz frio, mas eu me abraso porque me queima o Teu amor.

Esta escuro, mas eu enxergo porque me ilumina a Tua luz.

Tudo é silêncio, mas eu escuto a doce música da Tua voz.

Minha carne perdeu as forças no caminho do dever, mas meu espírito exulta.

Estão vazios meus sentidos, mas esta saciada minha alma.

De Ti esta cheio o universo e eu Te possuo.

Acorrei, criaturas irmãs! vinde alegrar-vos comigo; ajudai-me a cantar o cântico do divino amor!

Escutai: muitos, muitos anos estive sozinho, mas agora esta comigo o meu Senhor.

Muitos, muitos caminhos percorri, mas agora cheguei.

Muito, muito tenho lutado e sofrido procurando; agora achei e sou feliz.

Onde está meu desespero? Não mais o encontro.

Onde estão os espinhos dolorosos do meu tormento? Não vejo senão rosas...

Onde o rugir das forças desencadeadas do mal?

Vinde escutar. Canta dentro de mim a música da criação.

Vinde, ajudai a alegrar-me; não tenho forças para ser tão feliz!

Vinde, achegai-vos a mim, criaturas de Deus, auxiliai-me a cantar, a orar, a amar.

Compreendi o milagre. Eu estava encerrado num castelo de dor e o castelo desmoronou-se. Eu era cego e agora enxergo. Era surdo e agora ouço. Meu coração estava comprimido em mordaca de ferro e a mordaca despedaçou-se. Estava imerso num mar de gelo e agora me acho envolto num incêndio de amor.

Sobre minha frente descansou o beijo do Eterno e eu ressuscitei.

Basta, Senhor! Reprime o êxtase do meu coração, que se despedaça...

Faz-me ainda sofrer, somente para que eu aprenda a amar-Te mais intensamente ainda!...

XXV

CÂNTICO DA MORTE E DO AMOR

Desfere-se o derradeiro cântico da vida.

És bom e grande, ó meu Senhor. Tenho-Te concebido em Tua infinita potência, no estupendo dinamismo do universo. Sinto, no entanto, que tudo em mim se acha exausto e já não sei senão isto: morro e amo-Te.

Ouçó, como um grito dentro da noite, todo o turbilhão de meu corpo que não quer morrer. Elevo-me; porém, para Ti e digo: Senhor, sustém minha alma, sinto-me fatigado.

Para chegar a Ti Senhor, dilacerei minhas vestes sobre as sarças e as perdi ao longo do caminho: deixei, sobre os seixos da estrada, minha carne em farrapos e verti todo o meu sangue. Cobri-me de poeira e desfiz-me através de longa fadiga. Já não tenho lágrimas para chorar, nem voz para invocar-Te, nem forças para andar e para sofrer.

Enfrentei as forças titânicas da vida, para superá-las. Elas se rebelaram e fizeram de mim um farrapo. Tremi na solidão das noites de insônia; arrastei-me das vias de meu dever, de unhas e cotovelos, quando os pés já me sangravam. Tenho vivido para sofrer e tenho sofrido para amar-Te. Acreditei em Ti, sem que jamais pudesse ter direito ao sinal exterior, que persuade os sentidos. Amei-Te perdidamente, sem jamais poder experimentar a alegria do amor correspondido.

O último esforço da minha vida consiste em alçar meu coração para confiá-lo ao Teu seio, ó Senhor. É minha última dádiva.

* * *

Perdoa, Senhor, minha ânsia. Fraca é minha carne e atroz é a sua tempestade.

Sobe de minhas vísceras uma tristeza de morte; despedaçados se acham meus membros, submerge-me uma amargura inominável. Prostra-se-me a alma na luta extrema.

Ergue, Senhor, a criatura que Te invoca.

No limiar da morte, busco-Te com um olhar, para que me salve Tua vista.

Já Te vejo, esplendente, no fundo de minha dor e já ouço a voz de Tua ressurreição.

Morre-me o corpo e na profundidade da minha alma Tu cantas; no fundo de minha agonia física entoa-se o cântico da vida maior. Ele ressoa pelos céus, nas noites cintilantes. A fronde, no poente, sussurra-o para a fronde; a criatura, em carícias, transmite-o à criatura irmã e a onda repete-o para a onda, através dos mares ilimitados. Celebram-nos as luzes que cruzam o firmamento, propaga-o o raio tonante, irradiam-no os sóis e nele retumba e esplende o universo sem confins. O cântico sobe das coisas para mim, dilata-se na minha agonia, triunfa na minha morte.

É a minha vida nova. Deus de potência e de amor enfim, eu Te sinto. Jaz desfeito o meu corpo, minha alma, porém, chegou a Ti. Finalmente, no grande cântico do universo todo, ouço a voz do amor que responde: "Criatura minha, amo-te".

XXVI

PAIXÃO

Assis, Quinta-feira Santa, 1937

Peregrino de dor e de paixão, eu me aproximo de Ti, Senhor.

Despedaçaste todos os meus afetos humanos; um a um; quiseste que somente o Teu amor permanecesse.

E quando o meu coração caiu por terra, ensangüentado, na estrada poeirenta, pisado por todos, Tu então o recolheste e me disseste: "Eu sou o teu amor. Somente a mim podes amaria.

Em mordança de ferro comprimiste minha paixão; quando ela desejava explodir no mundo, Tu lhe fechaste todas as portas e a lançaste dentro de mim, para que, nessa constrição, se tornasse mais profundo e mais potente o seu lume e ardesse num incêndio sempre maior, e no íntimo inflamasse, chamejando até encontrar-Te, Senhor.

Dosaste o meu tormento, proporcionaste asfixia lenta, quiseste que eu me aproximasse de Ti por minha busca e por esforço meu.

Agora compreendo que ao Teu amor divino eu não poderia chegar senão pela dilaceração de todo amor humano.

A Ti não se chega senão pela tempestade, porque és o turbilhão e o poder, és a essência da força.

Sinto que a chama do Teu incêndio se aproxima e lança labaredas sobre mim. De repente, uma delas me toca e se enrodilha minha alma, aperta-a e agarra-a para atrai-la a si, no centro do incêndio.



(“O Gólgota” de E. Longoni) Aproxima-se a hora santa em que Tu, Senhor, na Tua agonia, lançaste ao mundo o grito da redenção e do amor.

Afrouxa, em seguida, a pressão e me deixa recair nas coisas humanas, para retomar-me depois, outra vez, ainda outra, sempre mais forte.

Aquele incêndio me espera e eu nele cairei.

* * *

É a Semana da Paixão e aproxima-se a hora santa em que Tu, Senhor, na Tua agonia, lançaste ao mundo o grito da redenção e do amor.

Nestes dias espadelaste minha alma para que também eu vivesse a tua paixão de dor e de amor.

Sobre minha sensibilidade, vibrando e ressoando, passaram o choque brutal e o insulto feroz, e nela se hospedaram, submergindo-se com alegria na minha dor torturante.

Tu estavas presente e próximo, mas, por desgraça minha, eu não o senti.

A nova dor, porém reergueu até Ti minha sensação e nas profundezas do meu desgarre eu Te reencontrei, assim como tantas vezes eu Te perdi e na minha prostração vieste ao meu encontro e de novo me apareceste.

Que desejas de mim, Senhor?

* * *

Chego a Assis, ao anoitecer da Quinta-feira Santa. Sete velas e mais sete, em duas ordens bem visíveis, ardem, solitárias, na basílica de Francisco.¹

Apagam-se lentamente, uma a uma, com um salmodiar longo e triste, em que chora a Igreja e o mundo suplica; lá fora, tristemente, o dia se extingue, filtrando sua agonia através dos históricos vitrais.

A sinfonia de liturgia, de luzes, de pranto, canta concorde uma lenta sonolência de morte em que se extingue a agonia da paixão.

Quando, porém, com a derradeira luz do dia se apaga a última vela, o último canto do salmo explode tão trágico e dilacerante, interrompido pelo triste batido das vergas no solo,² que minha alma tempestuosa se abate, porque então ouço em mim gritar a dor do mundo que, súplice, chora com o Cristo que morre.

¹ Nessa basílica giottesca celebra-se, nas tardes de Quarta e Quinta-feira Santas, ao crepúsculo, o "Ofício das Trevas", extremamente sugestivo pelo ambiente artístico, a liturgia e o canto solene, e sobretudo pela quase ausência de assistentes, que, pela sua distraída incompreensão, sempre perturbam. (N. do A.)

² Refere-se o escritor a um rito litúrgico da Semana Santa. Ao traduzir "Passione", não entendendo esse trecho, recebi do Prof. Ubaldi a explicação do mesmo, em carta de 3 de maio de 1950. É um rito da Igreja em que se representa a Paixão de Cristo, de que faz parte a cena da flagelação ("scena deile battiture"), quando o Senhor foi preso a uma coluna e açoitado com varas. No rito, as vergas, longas e delgadas, batem no solo, exprimindo as flagelações impostas a Cristo. "Isso, — escreve-me o Prof. Pietro — produz um efeito lúgubre e triste. Naquela cena eu senti em mim a dor de Cristo flagelado pelas vergas". (N. do T.)

Já é noite. Ensombram-se os vitrais luminosos. Tudo está apagado nos altares nus. A Igreja, que nesta hora agasalha a dor de um Deus e a dor do homem, depôs seus ouropéis e se abate desnuda aos pés de Cristo.

Nesse ar triste, mas calmo; nessa atmosfera de dor, grande, mas consciente e resignada, escuto o clamor das multidões distantes, que não querem e não sabem sofrer; sinto o espasmo das marés humanas que a dor e a paixão perseguem e atormentam.

Minha alma treme.

Jaz abatida ao pé da cruz e olha, no alto, o drama de um Deus agonizante por amor. Somente o seu olhar me dá força para viver.

Vivo o Teu tormento, meu Senhor. Subi Contigo até a cruz; Tua dor é minha dor. Agonizo e morro Contigo.

Desejaria invocar piedade para todos, mas não tenho coragem. Não tens mais sangue para dar; morres nu e amaldiçoado e és inocente. Que posso pedir-Te mais por amor do homem?

Eu o sei: dar-me-ás ainda lacerações tremendas; mas, a cada novo rasgar-se de minha carne, eu Te direi: "Por amor de Ti, Senhor".

E quando, já sem forças, cair, e vir chegar até mim a carícia sedutora das coisas humanas, minha alma deverá recusar qualquer repouso ou conforto e dizer: "Por amor de Ti, Senhor".

Flagela diariamente meu espírito, para que ele seja desperto e pronto, ao Teu comando.

Com a minha renúncia alimentarei todo dia a chama de meu amor por Ti.

Não! Não é renúncia, não é dor: é expansão e alegria. "É por amor de mim, Senhor".

Que posso eu fazer? Agora, é inútil resistir. Precipito-me em Ti, Senhor; as órbitas se comprimem vertiginosamente; a maturação prossegue no mundo e em mim por caminhos opostos.

A hora é intensa para todos. Não se pode detê-la. Preparada, já há tempo, precipita-se. Eu temo olhar.

* * *

O cerco se aperta. O drama da Paixão de Cristo se faz intenso dentro de mim; o drama das tempestades humanas acossa quem está lá fora.

Desço à cripta e me abato aos pés do túmulo de Francisco.

Apossa-se de mim, plenamente, o espírito do lugar, tão forte que me lança por terra. Apoio sobre a pedra desnuda a fronte em chamas, para acalmar a febre e abrandar o incêndio.

Conduziste-me até aqui. Para que? Que queres de mim, Senhor?

Começo a balbuciar: "Toma minha alma".

Estou à espera, vibrando, em tensão, sem palavras.

Recordo. Já me disseste numa hora de trevas: "Segue-me, segue-me".

Paira sobre mim algo de grave e de grande que eu não sei. Sinto solene a hora. Estás perto de mim, é Cristo, eu Te sinto. Francisco é uma força viva, vibrando daquele túmulo, e me contempla e me ajuda.

Algo de potente, de imenso, quer subir das profundezas de meu coração e não pode. É intenso demais para suas forças. A idéia se agita, comprime-se para explodir, busca a palavra que a expresse, que a engaste em sua última forma.

Finalmente, emerge a voz e minha alma grita: "Senhor! Eu Te seguirei até à cruz!"

Então, sinto dentro de mim, a cantar: "Tu estás no centro de meu coração".

Minha alma, liquiefeita em lágrimas de júbilo de amor e de paixão, prostra-se, sem forças.

Naquele instante, porém, ressoa do alto, do templo superior³, da igreja baixa pintada por Giotto, no cântico que salmodia até ao vértice de sua paixão, ressoa, como raio a ecoar toda a explosão do meu tormento, condensando minha tempestade, ressoa, no clamor da música e das vergas batendo no solo, o grito derradeiro do Cristo que morre.

Esse grito me atinge e me fere. Alguma coisa se dilacera em mim; abre-se uma fenda em minha alma.

O extremo apelo me convoca: é o lamento do Cristo, é a dor do mundo, é uma convergência, em mim, de forças superiores e inferiores; sinto minha alma fugir-me, arrebatada num vértice de forças titânicas, sinto a Voz instar dentro de mim e repito: "Senhor, seguir-Te-ei até à cruz".

Estou esmagado pelo peso de uma promessa solene.

* * *

Torno a subir à igreja média, pintada por Giotto.

Apaga-se a última vela. É noite. Ouço ainda mais perto, dentro de mim, a repetir-se, o grito do Cristo a morrer.

Ele aqui está, no momento, presente.

³ A basílica de São Francisco é composta de três igrejas superpostas. A cena se passa na igreja do meio e na cripta que está em baixo, onde se encontra o túmulo do Santo. (N. do A.)

Rasga-se, então, ante meus olhos, a visão da Terra e do Céu.

O Céu chora a agonia e a paixão de amor de um Deus, a Terra treme, convulsa, no pressentimento de um vendaval sem nome.

O drama do homem e o drama de Deus se conjugam nesta hora suprema de paixão.

Olho, atemorizado. Vejo um turbilhão de forças que se projeta para a Terra e vejo a Terra sacudida, agitada, submersa num mar de sangue.

É a hora tétrica da paixão do mundo. E parece sem esperança. O cerco estreita-se cada vez mais; bem depressa estará fechado e tarde será para escapar à compressão.

A mão do Eterno empunha o destino do mundo; estão prontas a desencadear-se as forças para o choque fatal. Esta próxima a hora das trevas, do mal triunfante, da prova suprema. Feliz quem não for vivo, então, sobre a terra.

O amor de Deus deve retrair-se um momento, para que a justiça seja feita e o destino, desejado pelo homem, se cumpra.

Há algum tempo, eu já disse — preparai-vos, preparai-vos — e não ouvistes. Em breve, será demasiado tarde.

O drama está próximo, eu o sinto, torna-se meu, toco-o, ressoa desesperadamente no mais íntimo de meu espírito.

Repito: "Toma, Senhor, minha alma".

E três vezes repito: "Senhor, ofereço-te a mim mesmo pela salvação do mundo".

"Seguir-Te-ei até à cruz".

Três vezes repito e sinto que Tu, Cristo, me escutas me aceitas e que estou unido à Tua paixão.

Compreendo que me guiaste até aqui, ao templo de São Francisco, para que, sobre Seu túmulo, próximo Dele, eu Te repetisse esta nova promessa, solene, decisiva, após a primeira, após cinco anos de duro caminhar.

Compreendo que Tu esperavas esta minha nova dação, porque agora um peregrinar mais áspero se inicia e um esforço mais árduo me espera.

O cântico cessou depois de seu último paroxismo.

Todas as luzes se apagaram. O templo está em silêncio, no escuro.

Minha alma atinge, junto à alma de Cristo no Getsêmani, sua última desolação.

Abala-me o último estalido das vergas batendo no solo.

Naquele instante, verdadeiramente senti a terra tremer.

* * *

Como era belo contemplar, lá fora, antes do ocaso, sobre o doce e extenso vale úmbrico e os reflexos do Tescio⁴, os pinheiros ondeando ao vento, contra os diáfanos esplendores da distância!

E, mais tarde, a lua cheia surgindo do Subásio⁵, a mole do templo, irreal entre pálidas luzes, e a imensa campina adormecida.

Hora de doces colóquios de espírito com a alma do criado, no intenso pressentimento de primavera. Hora de ternas recordações para mim, nesta doce terra de Assis, onde tão profundamente tenho vivido e que tanto tenho amado. Hora em que o Céu e a Terra refletem, amigos, um sorriso comum e se estreitam num fraterno amplexo.

Parecem em paz, mas é aparência do momento.

Vive dentro de mim a visão da realidade

Eu senti verdadeiramente a Terra tremer.

F I M

⁴ Torrente das proximidades de Assis. (N. do A.)

⁵ O monte Subásio, aos pés do qual está edificada Assis. (N. do T.)